

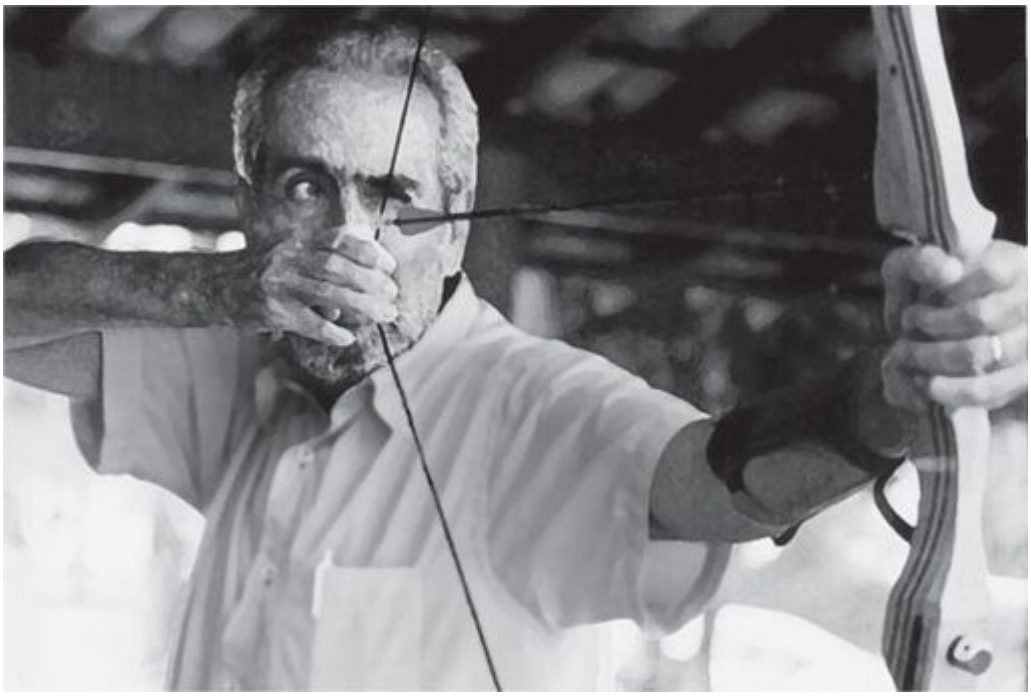
OS BRIDGERTONS – 5

Julia Quinn

PARA SIR PHILLIP, COM AMOR



Para Sir Phillip, com Amor



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *To Sir Phillip, with Love*
Copyright © 2003 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Viviane Diniz

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Carolina Rodrigues e Clarissa Peixoto

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: paisagem: Quentin Bargate/Loop Images/Corbis/Latinstock;
mulher: Richard Jenkins

conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64p

Quinn, Julia, 1970-
Para Sir Phillip, com amor [recurso eletrônico] / Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. - São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: To Sir Phillip, with love
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-8041-363-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título.

CDD: 813
14-18278 CDU: 821.111(73)-3

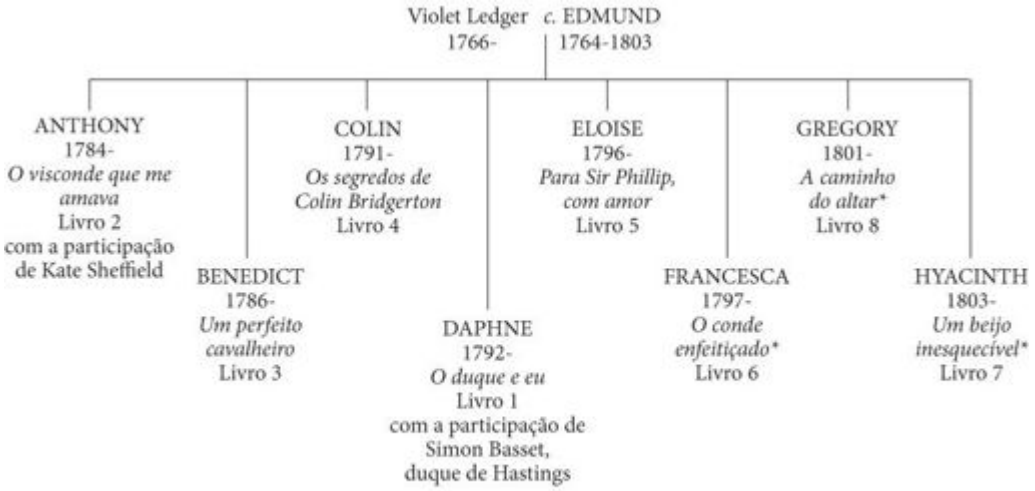
Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Stefanie e Randall Hargreaves.
Vocês abriram sua casa,
nos mostraram sua cidade,
guardaram nossas coisas,
e, ao chegarmos,
encontramos, nos esperando,
uma cesta de iguarias na varanda.

E, quando precisei muito de alguém,
sabia exatamente para quem ligar.

E também para Paul,
desta vez Porque.
Na verdade, é sempre Porque.

Árvore genealógica da família Bridgerton



* Títulos provisórios

Prólogo

Fevereiro de 1823
Gloucestershire, Inglaterra

~

Era realmente irônico que tivesse acontecido em um dia tão ensolarado.

O primeiro dia de sol em… o quê? Seis semanas inteiras de céu nublado, acompanhado de ocasionais rajadas de chuva ou neve fraca. Até Phillip, que se achava imune aos caprichos do tempo, sentiu seu espírito mais leve, seu sorriso mais aberto. Ele saíra – tivera de sair. Ninguém poderia continuar dentro de casa em um dia de sol tão esplêndido como aquele.

Principalmente no meio de um inverno tão cinzento.

Mesmo agora, mais de um mês depois do ocorrido, ele ainda não podia acreditar que o sol tivera a ousadia de provocá-lo.

E como pudera ser tão cego de não esperar isso? Vivia com Marina desde o casamento deles. Tivera oito longos anos para conhecer a mulher. Devia ter imaginado. E, para falar a verdade…

Bem, para falar a verdade, ele *tinha* imaginado. Só não quisera admitir. Talvez estivesse só tentando se iludir, até mesmo se proteger. Tentando se esconder do óbvio, esperando que, se não pensasse a respeito, aquilo nunca fosse acontecer.

Mas aconteceu. E em um dia ensolarado, para piorar. Deus com certeza tinha um senso de humor estranho.

Olhou para seu copo de uísque, que estava inexplicavelmente vazio. Devia ter tomado a maldita bebida, e ainda assim não lembrava. Não se sentia embriagado, pelo menos não tanto quanto deveria estar. Ou tanto quanto gostaria.

Pela janela, olhou para o sol, que já estava baixo no horizonte. Aquele tinha sido mais um dia ensolarado, o que provavelmente explicava sua

enorme melancolia. Pelo menos era o que ele esperava. Queria uma explicação – precisava de uma – para aquele cansaço terrível que parecia tomar conta de si.

A melancolia o apavorava. Mais do que qualquer coisa. Mais do que o fogo, mais do que a guerra, mais do que o próprio inferno. A ideia de se afundar na tristeza, de ser como *ela*…

Marina tinha sido uma pessoa melancólica. Fora assim a vida inteira, ou ao menos desde que os dois se conheceram. Ele não conseguia se lembrar do som da risada dela e, para ser sincero, não tinha nem certeza de um dia ter chegado a ouvi-lo.

Era um dia de sol e…

Ele fechou os olhos com força, sem saber se aquilo instigaria a lembrança ou a afastaria.

Era um dia de sol e…

~

– Estava achando que nunca mais sentiria esse calor de novo, não é mesmo, Sir Phillip?

Philip Crane virou o rosto para a luz, fechando os olhos e deixando que o sol o aquecesse.

– Está perfeito – murmurou ele. – Ou estaria, se não fosse esse frio maldito.

Miles Carter, seu secretário, riu.

– Não está tão frio assim. O lago nem congelou este ano. Só umas partes aqui e ali.

Com relutância, Philip se afastou do sol e abriu os olhos.

– Mas não é a primavera.

– Se estava esperando a primavera, senhor, talvez devesse ter consultado o calendário.

Philip olhou meio de lado para ele.

– Eu por acaso lhe pago para ser tão impertinente?

– Sim. E generosamente.

Philip riu por dentro enquanto os dois aproveitavam um pouco mais o calor do sol.

– Achei que não se importasse com os dias nublados – disse Miles, só para puxar assunto, quando voltaram a caminhar, seguindo em direção à estufa de Phillip.

– Não me importo – retrucou Phillip, dando passos longos com a desenvoltura de um atleta nato. – Mas não é por isso que não prefiro o sol. – Ele parou e pensou por um instante. – Lembre-se de pedir a Millsby que leve as crianças para dar uma volta hoje. Elas vão precisar de casacos, chapéus, luvas e todas essas coisas, é claro, mas têm de pegar um pouco de sol no rosto. Já ficaram confinadas por muito tempo.

– Assim como todos nós – murmurou Miles.

Phillip riu.

– É verdade. – Olhou então, por cima do ombro, para a estufa. Ele provavelmente deveria ir cuidar da correspondência, mas também precisava examinar algumas sementes e, na verdade, poderia muito bem tratar de seus assuntos com Miles dali a cerca de uma hora. – Vá falar com a babá. Podemos conversar mais tarde. Afinal, você detesta mesmo a estufa.

– Não nesta época do ano – disse Miles. – O calor é muito bem-vindo.

Phillip arqueou a sobrancelha enquanto inclinava a cabeça em direção a Romney Hall.

– Você está dizendo que a casa dos meus antepassados é cheia de correntes de ar?

– Todas as casas antigas são cheias de correntes de ar.

– Isso é verdade – disse Phillip, com um sorriso.

Gostava de Miles. Contratara-o havia seis meses para ajudá-lo com a papelada e todos os detalhes sobre a administração de sua pequena propriedade, que pareciam se acumular. Miles era muito bom. Jovem, mas competente. E seu senso de humor sarcástico com certeza era bem-vindo em uma casa onde nunca se ouviam muitas risadas. Os criados jamais se atreveriam a fazer piadas com Phillip, e Marina… Bem, era desnecessário dizer que ela não costumava rir nem brincar.

As crianças às vezes faziam Phillip rir, mas era um tipo diferente de humor e, além disso, na maioria das ocasiões ele não sabia o que lhes dizer. Até tentava, mas se sentia um bocado estranho perto dos filhos – muito grande, muito forte, se é que isso era possível. Assim, acabava enxotando-os, mandando-lhes voltar para a babá.

Era mais fácil assim.

– Vá logo resolver isso, então – falou Phillip, pedindo que Miles cuidasse de uma tarefa que provavelmente ele mesmo deveria fazer.

Ainda não tinha visto os filhos naquele dia e achava que deveria procurá-los, mas não queria estragar o dia dizendo-lhes algo severo, o que parecia acontecer sempre.

Iria se encontrar com eles durante seu passeio com a babá. Era uma boa ideia. E então poderia apontar alguma planta e falar com eles sobre ela, e tudo continuaria perfeitamente simples e tranquilo.

Phillip entrou em sua estufa e fechou a porta, sorvendo o ar agradável e úmido. Tinha estudado botânica em Cambridge e se formado entre os primeiros da turma. Na verdade, provavelmente teria seguido a vida acadêmica se seu irmão mais velho não tivesse morrido em Waterloo, deixando para Phillip o papel de proprietário de terras e aristocrata rural.

Achava que podia ter sido pior. Afinal, podia ser um proprietário de terras e aristocrata da cidade. Pelo menos ali tinha a chance de dar seguimento às suas atividades botânicas com relativa tranquilidade.

Inclinou-se sobre a bancada de trabalho para examinar seu último projeto – a tentativa de criar uma variedade de ervilha que tivesse um desenvolvimento maior dentro da vagem. Por enquanto ainda não havia tido sucesso. O último lote, além de ter murchado, também ficara amarelo, o que estava muito longe de ser o resultado esperado.

Phillip franziu a testa, depois abriu um sorriso discreto enquanto seguia para os fundos da estufa para reunir seu material. Nunca sofria muito quando seus experimentos não alcançavam o resultado esperado. Em sua opinião, a necessidade nunca fora a mãe da invenção.

Acidentes. Eram quase sempre acidentes. Nenhum cientista admitiria, é claro, mas a maioria das grandes invenções acontecia quando alguém estava tentando resolver um problema completamente diferente.

Deu uma risada enquanto afastava as ervilhas murchas para o lado. Naquele ritmo, iria descobrir a cura para a gota até o final do ano.

De volta ao trabalho. De volta ao trabalho. Curvou-se sobre suas amostras de sementes e examinou-as com cuidado. Só precisava da semente certa para…

Ele levantou a cabeça e olhou para fora através do vidro recém-limpo. Uma movimentação pelo campo chamou sua atenção. Um vulto em vermelho.

Vermelho. Phillip riu sozinho, balançando a cabeça. Devia ser Marina. Vermelho era sua cor preferida, algo que ele sempre achara estranho. Qualquer um que passasse algum tempo com ela acharia que sua preferência seria algo mais escuro, mais sombrio.

Acompanhou a esposa com o olhar até ela desaparecer no bosque, então voltou ao trabalho. Era raro Marina se aventurar do lado de fora. Ultimamente ela mal chegava a sair do abrigo de seu quarto. Phillip ficou feliz por vê-la ao ar livre, sob o sol. Talvez isso melhorasse seu ânimo. Não por completo, é claro. Ele achava que nem o sol era capaz disso. Mas talvez um dia quente e ensolarado pudesse tirá-la de casa por algumas horas, colocar um sorriso discreto em seu rosto.

Deus sabia que isso faria bem às crianças. Elas iam até o quarto da mãe para vê-la quase todas as noites, mas não era o suficiente.

E Phillip sabia que não podia compensar essa ausência.

Suspirou e sentiu uma onda de culpa invadi-lo. Tinha consciência de que não era o pai de que os filhos precisavam. Tentava se convencer de estar fazendo o melhor que podia, de que estava se saindo bem na única meta que tinha como pai – *não* ser como o próprio pai.

Mas sabia muito bem que não era o bastante.

Afastou-se da bancada com movimentos decididos. As sementes podiam esperar. Seus filhos também, mas isso não queria dizer que deveriam. Era ele quem devia passear com os dois, não a babá, que não tinha ideia da diferença entre uma árvore caducifólia e uma conífera, e provavelmente lhes diria que uma rosa era uma margarida e…

Olhou pela janela mais uma vez, lembrando-se de que estavam em fevereiro. Seria difícil a babá encontrar alguma flor com aquele clima, mas ainda assim isso não era desculpa. De todas as atividades que ele podia fazer com os filhos, aquela era a única em que era bom de verdade, e não devia se esquivar da responsabilidade.

Saiu a passos largos da estufa, mas de repente parou, sem ter percorrido sequer um terço do caminho até Romney Hall. Se estava indo buscar as crianças, deveria levá-las para ver a mãe. Elas ansiavam pela companhia de Marina, mesmo quando ela não fazia mais do que dar um tapinha em suas cabeças. Sim, os três iriam atrás de Marina. Isso seria ainda melhor do que uma caminhada pelo campo.

Mas ele sabia por experiência própria que não podia fazer suposições sobre o estado de espírito da mulher. Só porque ela havia se aventurado a

sair não significava que estaria se sentindo bem. E ele detestava quando os filhos a viam deprimida.

Então, Phillip virou e seguiu em direção ao bosque no qual tinha visto Marina desaparecer alguns minutos antes. Caminhava praticamente duas vezes mais rápido do que ela e não demoraria para alcançá-la e checar como ela estava. Podia voltar ao quarto das crianças antes que elas saíssem com a babá.

Andou por entre as árvores, sem dificuldade para seguir o rastro da esposa. O chão estava úmido e ela devia estar com botas pesadas, porque suas pegadas tinham ficado nitidamente marcadas na terra, seguindo pelo declive suave e para fora do bosque, e entrando depois em uma área gramada.

– Droga – resmungou Phillip, a voz quase inaudível em razão do vento que aumentava à sua volta.

Era impossível ver as pegadas dela na grama. Ele protegeu os olhos do sol com a mão e se esforçou para enxergar à distância, procurando algum sinal de vermelho.

Nada perto da cabana abandonada, nada no campo de grãos experimentais, nem na imensa pedra que ele passara tantas horas escalando quando criança. Virou então para o norte, estreitando os olhos, quando finalmente a viu. Ela seguia em direção ao lago.

O lago.

Phillip entreabriu os lábios quando viu que ela caminhava a passos lentos para a beira d'água. Ele não ficou paralisado; foi mais como se tivesse… saído de seu corpo… enquanto sua mente absorvia a estranha cena. Marina não costumava nadar. Phillip nem tinha certeza se ela sabia fazê-lo. Achava que ela já devia ter ouvido falar sobre o lago no terreno da propriedade, mas, na verdade, nunca soube se ela já tinha ido até lá durante os oito anos de casamento. Começou a andar em direção a ela, os pés de alguma forma reconhecendo o que sua mente se recusava a aceitar. Quando Marina entrou na parte rasa, ele acelerou o passo, ainda muito distante para fazer qualquer outra coisa que não fosse gritar por ela.

Mas, se Marina o ouviu, não o demonstrou, apenas continuou sua caminhada lenta e decidida em direção à parte mais funda.

– Marina! – berrou Phillip, saindo em disparada. Ainda estava longe, mesmo correndo o mais rápido que podia. – Marina!

Ela chegou ao pedaço em que o fundo do lago sofria um declive acentuado e desapareceu de repente sob a superfície escura, a capa vermelha flutuando por apenas alguns segundos antes de ser sugada atrás dela.

Phillip gritou o nome da mulher de novo, mesmo sabendo que ela não podia mais ouvi-lo. Ele desceu a colina que levava até o lago derrapando e tropeçando, e teve presença de espírito suficiente apenas para arrancar o casaco e as botas antes de mergulhar desesperado na água enregelante. Marina estava embaixo d'água não fazia nem um minuto. Phillip sabia que provavelmente não tinha dado tempo de ela se afogar, mas cada segundo que demorava para encontrá-la deixava a mulher um segundo mais perto da morte.

Ele já tinha nadado naquele lago inúmeras vezes e sabia a localização exata do declive. Chegou até lá com braçadas rápidas e regulares, mal percebendo a resistência da água em suas roupas pesadas.

Podia encontrá-la. *Tinha* de encontrá-la, antes que fosse tarde demais.

Mergulhou fundo, esquadrinhando a água turva. Marina devia ter revolvido a areia do fundo, e com certeza ele também, porque o sedimento fino girava em volta dele em um redemoinho que lhe dificultava a visão.

Mas Marina acabou sendo salva graças a seu curioso gosto para cores. Quando viu o vermelho da capa flutuando na água como uma pipa lânguida, Phillip deu um impulso para chegar até lá. A esposa não lutou enquanto ele a puxava para cima. Na verdade, ela já tinha perdido a consciência e não era mais que um peso morto em seus braços.

Os dois chegaram à superfície e Phillip ofegou várias vezes para encher os pulmões, que queimavam. Por alguns instantes, ele não conseguiu fazer nada além de respirar, seu corpo percebendo que primeiro tinha de se salvar antes de pensar em ajudar outra pessoa. Então ele a levou em direção à terra, tomando o cuidado de manter o rosto dela fora d'água, embora Marina não parecesse respirar.

Por fim, chegaram à margem, e ele a arrastou para a estreita faixa de terra e pedras que separava a água da grama. Com movimentos desesperados, tentou ver se Marina estava respirando, mas não sentiu nenhum ar saindo de seus lábios.

Não sabia o que fazer, nunca pensara que teria de salvar alguém do afogamento algum dia. Então optou pelo que parecia mais razoável: colocou-a no colo, com o rosto para baixo, e bateu com força em suas costas.

A princípio nada aconteceu, mas após o quarto golpe ela tossiu e uma água escura jorrou de sua boca.

Ele a virou depressa.

– Marina? – chamou com urgência, dando-lhe tapinhas de leve no rosto. – Marina?

Ela tossiu de novo, o corpo sacudido por tremores espasmódicos. Então começou a inspirar com força, os pulmões forçando-a a viver, ainda que sua alma quisesse outra coisa.

– Marina – disse Phillip, a voz trêmula de alívio. – Graças a Deus.

Ele não a amava, nunca a amara de verdade, mas ela era sua esposa, a mãe de seus filhos. E, lá no fundo, por baixo da inabalável fachada de dor e desespero, era também uma boa pessoa. Ele podia não amá-la, mas não queria que morresse.

Marina piscou, os olhos desfocados. E então finalmente pareceu perceber onde estava, quem ele era, e sussurrou:

– Não.

– Preciso levá-la de volta para casa – disse ele com rispidez, surpreso ao notar como tinha ficado irritado com aquela única palavra.

Não.

Como ela se atrevia a se opor a que ele a salvasse? Iria desistir de viver só porque estava *triste*? Sua melancolia pesava mais do que os dois filhos deles? Na balança da vida, seu estado de espírito era mais importante do que o fato de os dois precisarem de uma mãe?

– Vou levá-la para casa – disparou ele, erguendo-a nos braços sem muita delicadeza.

Ela agora já respirava e obviamente raciocinava com mais clareza, por mais confusa que fosse sua mente. Não havia por que tratá-la como uma flor frágil.

– Não – pediu Marina, chorando baixinho. – Por favor, não. Eu não quero… Eu não…

– Você vai para casa – declarou ele, subindo a colina com dificuldade, sem se importar com o vento que gelava suas roupas ou com o solo pedregoso que machucava seus pés descalços.

– Eu não posso – sussurrou ela, com o que parecia ser suas últimas forças.

E, enquanto carregava seu fardo para casa, Phillip só pensava em como aquelas palavras eram apropriadas.

Eu não posso.

De certo modo, aquilo parecia resumir toda a vida dela.

~

Quando anoiteceu, ficou claro que a febre talvez pudesse fazer o que o lago não havia conseguido.

Phillip carregara Marina para casa o mais rápido possível e, com a ajuda da Sra. Hurley, a governanta, tirara as roupas geladas dela e tentara aquecê-la com o edredom de pluma de ganso que era a peça mais importante do enxoval de Marina quando os dois haviam se casado.

– O que aconteceu? – perguntara a Sra. Hurley, ofegante de preocupação, quando ele entrou cambaleando pela porta da cozinha.

Ele não quisera usar a entrada principal, onde podia ser visto pelos filhos. Além disso, a porta da cozinha ficava uns 20 metros mais perto.

– Ela caiu no lago – dissera Phillip rispidamente.

A Sra. Hurley olhara para ele com um misto de desconfiança e compreensão, e ele percebeu que ela sabia a verdade. Ela trabalhava para os Cranes desde o casamento deles e conhecia bem o temperamento da patroa.

A governanta o enxotara do quarto assim que os dois colocaram Marina na cama, insistindo que ele trocasse as próprias roupas antes que também ficasse doente. Phillip voltara depois para ficar ao lado da esposa. Aquele era seu lugar como marido, pensou, cheio de culpa, um lugar que evitara nos últimos anos.

Era deprimente ficar perto de Marina. *Difícil*.

Mas aquela não era hora de fugir das obrigações, então ele ficou sentado junto à sua cabeceira durante o dia inteiro e noite adentro. Enxugava a testa dela quando Marina começava a suar e tentava fazê-la tomar um pouco de caldo morno quando estava serena.

Phillip lhe dizia para lutar, mesmo sabendo que ela não daria ouvido às suas palavras.

Três dias depois, ela morreu.

Era o que Marina queria, mas isso não serviu de consolo a Phillip quando ele teve de encarar os filhos gêmeos, que tinham acabado de fazer 7 anos, para explicar que sua mãe se fora. Sentou-se no quarto deles, com sua altura e seu corpo grande demais para qualquer uma das cadeiras de criança

que havia ali. Mas ele se sentou assim mesmo, todo torto, e olhou bem nos olhos dos dois enquanto tentava fazer com que as palavras saíssem.

As crianças falaram pouco, o que não era comum. Mas não pareciam surpresas, o que Phillip achou desconcertante.

– Eu… sinto muito – desabafou ele, quando chegou ao fim do discurso.

Phillip os amava tanto, e tinha falhado com os dois de tantas maneiras… Mal sabia como ser um pai, como é que poderia assumir também o papel de mãe?

– Não é culpa sua – disse Oliver, os olhos castanhos fitando os do pai com uma intensidade perturbadora. – Ela caiu no lago, não foi? Você não a empurrou.

Phillip só assentiu, sem saber como responder.

– Ela está feliz agora? – perguntou Amanda, baixinho.

– Acho que sim – retrucou Phillip. – Ela vai poder ver vocês o tempo todo lá do céu, então deve estar feliz.

Os gêmeos pareceram pensar sobre aquilo por um instante.

– Espero que ela esteja feliz – disse Oliver por fim, a voz mais decidida do que sua expressão. – Talvez ela não chore mais agora.

Phillip sentiu a respiração presa na garganta. Não sabia que os filhos ouviam os choros de Marina. Ela parecia mergulhar fundo na tristeza apenas quando já era bem tarde. O quarto das crianças ficava exatamente em cima do dela, mas ele sempre achara que os dois já deviam estar dormido quando a mãe começava a chorar.

Amanda balançou a cabecinha loira, concordando.

– Se mamãe está feliz, então fico feliz que ela tenha ido embora – falou.

– Ela não foi embora – interrompeu Oliver. – Ela morreu.

– Não, ela foi embora – insistiu Amanda.

– Dá no mesmo – disse Phillip sem rodeios, desejando ter outra coisa para lhes dizer que não fosse a verdade. – Mas acho que ela está feliz agora.

E, de certo modo, isso também era verdade. Afinal, era o que Marina queria. Talvez fosse o desejo dela o tempo todo.

Amanda e Oliver ficaram em silêncio por um longo tempo, os olhos focados no chão enquanto balançavam as pernas de cima da cama de Oliver. Os dois pareciam tão pequenos, sentados numa cama que era claramente alta demais para eles. Phillip franziu a sobrancelha. Como ele nunca tinha notado aquilo antes? Eles não deviam ter camas mais baixas? E se caíssem durante o sono?

Ou talvez já fossem grandes demais para isso. Talvez já não caíssem mais da cama. Talvez nunca tivessem caído.

Talvez ele fosse mesmo um pai terrível. Talvez devesse saber essas coisas.

Talvez… talvez… Fechou os olhos e suspirou. Talvez ele devesse parar de pensar tanto e simplesmente tentar fazer o melhor possível e ser feliz com isso.

– Você vai embora? – perguntou Amanda, levantando a cabeça.

Ele fitou-a nos olhos, tão azuis, tão parecidos com os da mãe.

– Não – sussurrou Phillip com firmeza, ajoelhando-se diante dela e segurando suas mãozinhas, que pareciam tão pequenas nas dele, tão frágeis. – Não – repetiu. – Não vou embora. Não vou embora nunca…

~

Phillip olhou para seu copo de uísque. Estava vazio de novo. Engraçado como um copo de uísque podia continuar se esvaziando mesmo depois de enchido quatro vezes.

Ele destestava recordar o que havia acontecido. Não sabia qual era a pior parte: o mergulho ou o instante em que a Sra. Hurley se virara para ele e dissera "Ela se foi".

Ou seus filhos, a tristeza em seus rostos, o medo em seus olhos.

Levou o copo aos lábios e bebeu o último gole. Decidiu que a pior parte com certeza eram as crianças. Ele lhes dissera que nunca as deixaria, e não fizera isso – não faria –, mas sua simples presença não era suficiente. Os dois precisavam de mais. Precisavam de alguém que soubesse ser pai, que soubesse como falar com eles, que os entendesse, que fizesse com que se comportassem.

E como ele não podia lhes arrumar outro pai, acreditava que devia pensar em encontrar uma mãe para eles. Era muito cedo, claro. Phillip não podia se casar de novo até que o tradicional período de luto terminasse, mas isso não significava que não podia procurar.

Suspirou, afundando no assento. Ele precisava de uma esposa. Praticamente qualquer uma serviria. Não se preocupava em como ela seria. Nem com a sua situação financeira. Também não precisava ser alguém que soubesse fazer contas de cabeça, falar francês ou cavalgar.

Ela só precisava ser feliz.

Será que isso era pedir muito em uma esposa? Um sorriso, pelo menos uma vez por dia? Talvez até mesmo uma gargalhada?

E ela precisava amar os filhos dele. Ou pelo menos fingir tão bem que os dois nunca soubessem a diferença.

Não era pedir muito, era?

– Sir Phillip?

Phillip levantou os olhos, maldizendo-se por ter deixado a porta do escritório entreaberta. Miles Carter, seu secretário, estava com a cabeça para dentro da sala.

– O que foi?

– Uma carta, senhor – disse o homem, andando até ele para lhe entregar um envelope. – De Londres.

Phillip olhou para o envelope em sua mão e ergueu as sobrancelhas diante da caligrafia claramente feminina. Dispensou Miles com um aceno de cabeça, pegou o abridor de cartas e passou-o sob a cera. Lá dentro, uma única folha. Phillip esfregou o papel entre os dedos. Era de qualidade excelente. Caro. Pesado, também, um claro sinal de que a remetente não precisava economizar para reduzir os custos de envio.

Então, virou a carta e começou a ler:

Bruton Street, 5

Londres

Sir Phillip Crane,

Escrevo para lhe oferecer os pêsames pela perda de sua esposa, minha querida prima Marina. Embora tenham se passado muitos anos desde que a vi pela última vez, lembro-me dela com carinho, e fiquei muito triste ao saber de seu falecimento.

Por favor, não deixe de me escrever se houver qualquer coisa que eu possa fazer para aliviar sua dor neste momento difícil.

Atenciosamente,
Srta. Eloise Bridgerton

Phillip esfregou os olhos. Bridgerton… Bridgerton. Marina tinha primos da família Bridgerton? Devia ter, já que uma deles havia lhe mandado uma carta.

Suspirou, então se surpreendeu ao estender a mão para pegar os papéis e a pena. Tinha recebido muito poucas cartas de condolências desde a morte de Marina. Parecia que a maioria de seus amigos e parentes a havia esquecido depois do casamento. E ele não achava que devesse ficar chateado, ou até mesmo surpreso. Ela mal saía do quarto. Era fácil esquecer alguém que nunca era visto.

A Srta. Bridgerton merecia uma resposta. Era uma questão de educação, e mesmo que não fosse (e Phillip tinha certeza de que não conhecia todas as regras de etiqueta ligadas à morte da esposa de alguém), ainda assim parecia o certo a fazer.

Então, com um suspiro cansado, levou a pena ao papel.

CAPÍTULO 1

Maio de 1824
No meio da noite, em algum lugar na estrada
entre Londres e Gloucestershire

~

Cara Srta. Bridgerton,

Obrigado por sua gentil mensagem a respeito da perda de minha esposa. Foi atencioso de sua parte dedicar um tempo para escrever a um cavalheiro que nem mesmo conhece. Eu lhe ofereço esta flor prensada como agradecimento. É apenas um beijo-de-freira (Silene coronaria), *mas eles alegram os campos aqui em Gloucestershire e parecem ter chegado mais cedo este ano*.

Era a flor preferida de Marina.

Cordialmente,
Sir Phillip Crane

Eloise Bridgerton alisou a folha de papel amassada de tanto ser lida em seu colo. Havia pouca luz para ver as palavras, mesmo com a lua cheia brilhando pelas janelas da carruagem, mas isso não importava. Já sabia o texto inteiro de cor e a delicada flor prensada, em tom de rosa arroxeado, estava protegida entre as páginas de um livro que Eloise pegara na biblioteca do irmão.

Ela não tinha ficado tão surpresa ao receber a resposta de Sir Phillip. Era o que ditavam as boas maneiras, embora até mesmo a mãe de Eloise, com certeza a árbitra suprema dos bons costumes, dissesse que a filha levava suas correspondências um pouco a sério demais.

Era comum, claro, que as damas da posição de Eloise passassem várias horas por semana redigindo cartas, mas havia muito tempo que a jovem criara o hábito de passar várias horas *por dia* escrevendo-as. Ela adorava se corresponder com outras pessoas, principalmente com aquelas que não encontrava havia anos (gostava de imaginar a surpresa delas ao abrir o envelope), então sacava seu papel e sua pena em quase todas as ocasiões – nascimentos, mortes, qualquer tipo de acontecimento que merecesse parabéns ou condolências.

Ela não sabia ao certo por que tinha esse costume, mas passava tanto tempo escrevendo para os seus irmãos que não estivessem em Londres que lhe parecia muito fácil redigir um pequeno texto para qualquer parente distante, sentada à sua escrivaninha.

E embora todos os destinatários mandassem uma mensagem curta em resposta – ela era uma Bridgerton, e ninguém queria ofender um Bridgerton –, nunca ninguém tinha incluído um presente, mesmo que fosse tão humilde quanto uma flor prensada.

Eloise fechou os olhos, lembrando-se das delicadas pétalas róseas. Era difícil imaginar um homem manuseando uma flor tão frágil. Seus quatro irmãos eram todos homens grandes e fortes, com ombros largos e mãos enormes, que com certeza destruiriam a pobre flor num segundo.

A resposta de Sir Phillip a deixara intrigada, sobretudo pelo uso do latim, e ela imediatamente escrevera sua resposta.

Caro Sir Phillip,

Muito obrigada pela encantadora flor prensada. Foi uma linda surpresa quando ela caiu do envelope, além de uma preciosa lembrança da querida Marina.

Não pude deixar de notar sua intimidade com o nome científico da flor. O senhor é botânico?

Cordialmente,
Srta. Eloise Bridgerton

Tinha sido sorrateiro da parte dela terminar a carta com uma pergunta. Agora o pobre homem seria forçado a responder de novo.

E ele não a desapontou. Depois de apenas dez dias, Eloise recebeu sua réplica.

Cara Srta. Bridgerton,

De fato, sou botânico, formado em Cambridge, embora no momento não esteja ligado a nenhuma universidade ou comissão científica. Realizo experimentos aqui em Romney Hall, em minha própria estufa.
A senhorita também é uma entusiasta da ciência?

Cordialmente,
Sir Phillip Crane

Aquela troca de cartas tinha algo de muito empolgante. Talvez fosse apenas o fato de encontrar alguém com quem não tinha nenhum parentesco interessado de fato em manter um diálogo escrito. O que quer que fosse, Eloise respondeu no mesmo instante.

Caro Sir Phillip,

Ah, céus, não. Não tenho nenhuma inclinação à ciência, embora seja boa em fazer contas. Interesso-me mais pela área de humanas. Creio que tenha notado que gosto de escrever cartas.

Sua amiga,
Eloise Bridgerton

Ela não estava muito segura se devia assinar com uma saudação tão informal, mas decidiu arriscar. Sir Phillip obviamente estava gostando da troca de correspondências tanto quanto ela, ou também não teria terminado a carta com uma pergunta.

A resposta chegou duas semanas depois.

Minha querida Srta. Bridgerton,

O que temos é mesmo um tipo de amizade, não é? Confesso que me sinto meio isolado aqui no campo, e se uma pessoa não pode ter um rosto

sorridente à sua frente no café da manhã, então deveria ao menos poder receber uma carta gentil de vez em quando, concorda?

Estou lhe mandando outra flor. Esta é uma Geranium pratense, *mais conhecida como gerânio*.

Com carinho,
Phillip Crane

Eloise se lembrava bem daquele dia. Sentou-se na cadeira que ficava perto da janela do seu quarto e observou a flor roxa cuidadosamente prensada pelo que pareceu uma eternidade. Será que ele estava tentando *cortejá-la*? Por correspondência?

E então um dia ela recebeu uma carta bem diferente das outras.

Minha querida Srta. Bridgerton,

Temos nos correspondido já há um bom tempo e, embora nunca tenhamos sido formalmente apresentados, tenho a impressão de já conhecê-la. Espero que sinta o mesmo.

Perdoe-me se estou sendo muito atrevido, mas escrevo para convidá-la a vir a Romney Hall. Tenho esperança de que, após algum tempo, possamos descobrir que iremos nos entender e a senhorita aceite ser minha esposa.

É claro que a senhorita terá uma acompanhante. Se aceitar meu convite, tomarei providências imediatas para trazer minha tia viúva para Romney Hall.

Espero que pense com carinho em minha proposta.

Afetuosamente,
Phillip Crane

Eloise no mesmo instante guardou a carta em uma gaveta, sem nem conseguir entender seu pedido. Ele queria se casar com alguém que nem *conhecia*?

Não, para ser justa, isso não era inteiramente verdade. Eles se conheciam, sim. Tinham dito mais um ao outro em um ano de correspondências do que muitos maridos e esposas durante todo um casamento.

Mas, ainda assim, nunca tinham *se encontrado*.

Eloise pensou em todos os pedidos de casamento que recusara ao longo dos anos. Quantos tinham sido? No mínimo seis. E ela já nem se lembrava direito por que dissera não a alguns deles. Na verdade, não havia nenhuma razão em particular, exceto pelo fato de não terem sido…

Perfeitos.

Será que era esperar muito?

Ela balançou a cabeça, sabendo que parecia tola e mimada. Não, ela não precisava de ninguém perfeito. Só precisava de alguém perfeito *para ela*.

Sabia o que as senhoras da sociedade diziam a seu respeito. Que era exigente demais, que não passava de uma tola. E que acabaria solteirona – não, elas não falavam mais isso. Falavam que ela já *era* uma solteirona, o que era verdade. Ninguém chegava aos 28 anos sem ouvir esse tipo de comentário sussurrado às suas costas.

Ou bem na sua cara.

Mas o engraçado era que Eloise não se importava com sua situação. Ou pelo menos não até bem recentemente.

Nunca lhe ocorrera que seria uma solteirona para sempre. Além disso, ela gostava bastante de sua vida. Tinha a família mais maravilhosa que alguém podia imaginar – sete irmãos e irmãs ao todo, cujos nomes seguiam a ordem alfabética. Isso significava que ela, com a letra E, era uma das do meio: tinha quatro irmãos mais velhos e três mais novos. Sua mãe era incrível, e tinha até parado de perturbá-la dizendo que ela devia se casar. Eloise ocupava um lugar de destaque na sociedade; os Bridgertons eram adorados e respeitados (e às vezes temidos) por todos, e a jovem tinha uma personalidade tão radiante e incontrolável que todos gostavam de sua companhia, sendo ela solteirona ou não.

Mas nos últimos tempos…

Ela suspirou, sentindo-se de súbito mais velha do que seus 28 anos. Ultimamente não vinha se sentindo tão radiante. Tinha começado a pensar que talvez aquelas velhinhas rabugentas estivessem certas e que ela *não iria* encontrar um marido. Talvez estivesse sendo exigente demais, muito determinada a seguir o exemplo de seus irmãos e irmã mais velhos, que tinham achado um amor sincero e profundo (mesmo que as coisas não tivessem necessariamente dado certo desde o início).

Talvez um casamento baseado em respeito mútuo e companheirismo fosse melhor do que nada.

Mas era difícil conversar sobre esses sentimentos com alguém. Sua mãe passara tantos anos encorajando-a a arrumar um marido… Por mais que Eloise a adorasse, seria difícil agora admitir sua derrota e dizer que deveria tê-la ouvido. Seus irmãos também não ajudariam muito. Anthony, o mais velho, provavelmente tomaria para si a responsabilidade de selecionar o companheiro apropriado e depois intimidaria o pobre homem até sua submissão. Benedict era um sonhador e, além disso, agora quase nunca ia a Londres, preferindo a tranquilidade do campo. Quanto a Colin… Bem, essa já era outra história, que merecia um capítulo à parte.

Eloise achava que deveria ter conversado com Daphne, mas, toda vez que ia vê-la, a irmã mais velha estava tão absurdamente *feliz*, tão completamente apaixonada pelo marido e pela vida de mãe de quatro filhos… Como alguém assim poderia oferecer algum conselho útil a uma pessoa na posição de Eloise? E Francesca parecia a meio mundo de distância, lá na Escócia. Além disso, Eloise não achava justo importuná-la com suas aflições tolas. Afinal, Francesca tinha ficado viúva aos 23 anos, pelo amor de Deus. Os medos e preocupações de Eloise pareciam completamente sem importância diante disso.

E talvez tivesse sido por todas essas coisas que sua troca de cartas com Sir Phillip se tornara um prazer permeado de culpa. Os Bridgertons eram uma família grande, barulhenta e escandalosa. Era quase impossível manter qualquer coisa em segredo, principalmente de suas irmãs – a caçula, Hyacinth, poderia ter vencido a guerra contra Napoleão na metade do tempo se Sua Majestade tivesse pensado em recrutá-la para o serviço de espionagem.

Sir Phillip era, à sua própria e estranha maneira, dela. A única coisa que nunca tivera de dividir com ninguém. As cartas dele estavam amarradas todas juntas com uma fita roxa, escondidas no fundo da gaveta do meio de sua escrivaninha, sob a pilha de papéis que ela usava para escrever suas muitas cartas.

Ele era seu segredo. *Seu*.

E, como nunca o havia conhecido pessoalmente, pudera criá-lo em sua cabeça, usando as correspondências como base e depois montando o resto de acordo com o que achava interessante. Se existia mesmo um homem perfeito, com certeza era o Sir Phillip Crane da sua imaginação.

E agora ele queria se encontrar com ela? *Conhecê-la?* Estava maluco? Queria arruinar o que parecia ser a corte perfeita?

Mas então o impossível acontecera. Penelope Featherington, a melhor amiga de Eloise por quase doze anos, havia se casado. E mais: com *Colin*. Irmão de Eloise!

Se a lua tivesse, de repente, caído do céu em seu quintal, Eloise não teria ficado mais surpresa.

Ela estava feliz pela amiga. De verdade. E pelo irmão também. Eles eram provavelmente as duas pessoas de quem mais gostava em todo o mundo, e estava radiante por ver que os dois haviam encontrado a felicidade. Ninguém merecia isso mais do que os dois.

O que não queria dizer que o casamento deles não tinha deixado um buraco em sua vida.

Quando visualizava sua vida como solteirona e tentava se convencer de que era o que realmente queria, Penelope estava sempre junto a ela, igualmente solteirona. Era aceitável – quase ousado, até – ter 28 anos e ser solteira desde que Penelope também estivesse na mesma situação. Não que não *quisesse* que a amiga encontrasse um marido, só que aquilo nunca parecera nem um pouco provável. *Eloise* sabia que Penelope era maravilhosa, gentil, inteligente e brilhante, mas os cavalheiros da alta sociedade nunca pareceram notar. Em todos os anos em que Penelope frequentara a sociedade – onze ao todo –, ela nunca havia recebido nem um pedido de casamento. Nem uma mínima demonstração de interesse.

De certo modo, Eloise acreditava que ela não iria a lugar algum, que continuaria a ser o que era… antes de tudo, sua amiga. Sua companheira na vida de solteirona.

E a pior parte – a que deixava Eloise arrasada de culpa – era que ela nunca tinha parado para pensar como Penelope se sentiria caso *ela* se casasse primeiro, o que, na verdade, sempre achou que fosse acontecer.

Mas agora Penelope tinha Colin, e Eloise podia ver que encontrar seu companheiro era algo maravilhoso. E ela estava sozinha. Sozinha em meio a uma Londres cheia de gente, em meio a uma família grande e amorosa.

Era difícil imaginar um lugar mais solitário.

De repente, a proposta ousada de Sir Phillip – escondida no final de sua pilha de cartas amarradas, no fundo da gaveta do meio, e trancada em um cofre recém-adquirido, para que Eloise não ficasse tentada a ler a carta um monte de vezes por dia – parecia, bem, um pouco mais intrigante.

Na verdade, tornava-se mais intrigante a cada dia, à medida que ela ficava mais impaciente, mais insatisfeita com a vida que tinha de admitir que

escolhera.

E então um dia, depois de ter ido visitar Penelope e ser informada pelo mordomo – em um tom que até Eloise sabia o que significava – de que o Sr. e a Sra. Bridgerton não podiam receber visitas naquele momento, ela tomou uma decisão. Estava na hora de assumir o controle de sua vida, decidir seu destino, em vez de comparecer a um baile atrás do outro na vã esperança de que o homem perfeito fosse se materializar diante dela, mesmo que nunca houvesse ninguém novo em Londres e que, após uma década inteira frequentando a alta sociedade, já conhecesse todo mundo.

Disse a si mesma que isso não significava que *tinha* de se casar com Sir Phillip; estaria simplesmente investigando o que parecia ser uma excelente possibilidade. Se eles não se entendessem, não precisariam se casar, afinal, ela não lhe prometera nada.

E se havia uma coisa marcante a respeito de Eloise era que, quando ela tomava uma decisão, agia com rapidez. Não, ponderou ela com uma demonstração impressionante (em sua opinião, pelo menos) de honestidade; havia *duas* coisas marcantes em suas ações – ela gostava de agir com rapidez e era persistente. Penelope uma vez dissera que ela parecia um cachorro agarrado a um osso.

E Penelope não estava brincando.

Quando Eloise cismava com uma ideia, nem mesmo toda a força da família Bridgerton era capaz de demovê-la de seu objetivo. (E os Bridgertons constituíam uma força muito poderosa.) Provavelmente era pura sorte que seus objetivos e os de sua família nunca tivessem entrado em conflito antes, ao menos não com relação a algo importante.

Eloise sabia que eles jamais permitiriam que saísse às cegas para se encontrar com um homem que nunca vira. Anthony provavelmente exigiria que Sir Phillip viesse a Londres para conhecer toda a família de uma vez, e Eloise não podia imaginar nenhuma outra situação capaz de assustar mais um possível pretendente. Os homens que já haviam se interessado por ela pelo menos estavam familiarizados com o cenário londrino e sabiam onde estavam se metendo. O pobre Sir Phillip, que – segundo suas próprias cartas – não colocava os pés em Londres desde os tempos de escola, e nunca vivera em meio à sociedade, com certeza iria cair numa emboscada.

Então sua única opção era viajar até Gloucestershire, e, como percebeu depois de pensar por alguns dias no assunto, teria de fazer isso em segredo. Se sua família soubesse de seus planos, sem dúvida a proibiria de ir. Eloise

era uma oponente incrível, e talvez até vencesse no final, mas seria uma batalha longa e difícil. Sem falar que, se permitissem que ela fosse, após uma batalha demorada ou não, insistiriam em mandar pelo menos duas pessoas de sua família para acompanhá-la.

Eloise estremeceu. Essas duas pessoas provavelmente seriam sua mãe e Hyacinth.

E, Deus do céu, ninguém poderia se apaixonar com aquelas duas por perto. Ninguém conseguiria nem mesmo construir um relacionamento simples, mas duradouro, o que Eloise achava que obteria com a viagem.

Decidiu, então, que fugiria durante o baile de sua irmã Daphne. Seria um grande acontecimento, com muitos convidados e a dose certa de alvoroço e confusão para garantir que sua ausência passasse despercebida por umas boas seis horas, talvez mais. Sua mãe sempre insistia para que fossem pontuais – ou até mesmo chegassem adiantados – quando um membro da família oferecia algum evento social, então com certeza chegariam à casa de Daphne no máximo às oito horas. Se ela escapasse logo no início e o baile fosse até de madrugada… bem, seria quase de manhã quando alguém percebesse que havia saído, e ela já estaria a meio caminho de Gloucestershire. Se não a meio caminho, pelo menos longe o bastante para assegurar que não fosse fácil seguir seu rastro.

No fim das contas, executar seu plano acabou sendo de uma simplicidade espantosa. Toda sua família se distraiu com um grande anúncio que Colin planejava fazer, então ela só precisou dizer que iria à sala de estar das mulheres, sair pelos fundos e caminhar a curta distância até o quintal de sua casa, onde tinha escondido suas bolsas. De lá, só precisou andar até a esquina, onde uma carruagem contratada a esperava.

Se ela soubesse que seria tão fácil ir atrás de seu caminho no mundo, teria feito isso muitos anos antes.

E agora ali estava, seguindo em direção a Gloucestershire, ao seu destino, acreditava – ou esperava, ainda não sabia bem –, com nada além de algumas mudas de roupa e uma pilha de cartas escritas para ela por um homem que nunca tinha visto.

Um homem que esperava poder amar.

Era emocionante.

Não, era assustador.

Era, ponderou, provavelmente a coisa mais imprudente que já fizera na vida, e precisava admitir que já tinha tomado algumas decisões bastante

tolas.

Ou poderia ser sua única chance de felicidade.

Eloise fez uma careta. Estava começando a fantasiar. Isso era um mau sinal. Tinha de embarcar naquela aventura com toda a natureza prática e o pragmatismo com os quais sempre tentara tomar suas decisões. Ainda dava tempo de voltar. O que, de fato, ela sabia sobre aquele homem? Ele lhe dissera muitas coisas durante aquele ano em que se corresponderam…

Sir Phillip tinha 30 anos, dois a mais que ela.

Tinha estudado botânica em Cambridge.

Havia sido marido de Marina, uma prima de quarto grau, por oito anos, o que significava que ele tinha 21 anos quando se casou.

Seus cabelos eram castanhos.

Ele tinha todos os dentes.

Era baronete.

Morava em Romney Hall, uma construção de pedra do século XVIII perto de Tetbury, Gloucestershire.

Gostava de ler tratados científicos e livros de poesia, mas não romances e, definitivamente, nenhum trabalho de filosofia.

Apreciava a chuva.

Sua cor preferida era o verde.

Nunca tinha saído da Inglaterra.

Não gostava de peixe.

Eloise tentou conter uma gargalhada nervosa. Ele não gostava de *peixe*? Era isso que sabia a respeito dele?

– Com certeza uma base sólida para um casamento – murmurou para si mesma, tentando ignorar o pânico em sua voz.

E o que ele sabia sobre ela? O que poderia tê-lo levado a propor casamento a uma completa estranha?

Ela tentou se lembrar do que tinha dito em suas diversas cartas…

Tinha 28 anos.

Tinha cabelos castanhos e todos os dentes.

Seus olhos eram acinzentados.

Ela vinha de uma família grande e amorosa.

Um de seus irmãos era visconde.

Seu pai tinha morrido quando ela era apenas uma criança, de maneira incompreensível, por um simples ferrão de abelha.

Tinha a tendência de falar demais. (Por Deus, havia mesmo contado isso para ele?)

Gostava de ler livros de poesia e romances, mas com certeza nenhum tratado científico ou trabalhos de filosofia.

Tinha viajado para a Escócia, mas só.

Sua cor preferida era roxo.

Não gostava de carne de carneiro e, definitivamente, detestava morcela.

Outra risada nervosa irrompeu de seus lábios. Com essas características, pensou sem nem uma ponta de sarcasmo, ela parecia mesmo um ótimo partido.

Olhou pela janela, como se isso pudesse lhe dar alguma indicação de sua localização na estrada que ia de Londres a Tetbury.

Via passar uma colina verdejante após a outra, todas iguais, e, até onde sabia, podia estar no País de Gales.

Franziu a testa, olhou para o papel em seu colo e dobrou novamente a carta de Sir Phillip. Devolveu-a ao amarrado de cartas em sua valise e tamborilou os dedos nas coxas em um gesto nervoso.

Tinha razão para estar nervosa.

Afinal, havia deixado sua casa e tudo o que lhe era familiar.

Estava cruzando metade da Inglaterra e ninguém sabia.

Ninguém.

Nem mesmo Sir Phillip.

Porque, em sua pressa para sair de Londres, tinha deixado de lhe contar que estava indo. Bem, não é que tivesse exatamente *esquecido*. Na verdade, meio que… adiara a tarefa até ser tarde demais.

Se ela lhe contasse, estaria comprometida com o plano. Daquela forma, ainda poderia voltar atrás a qualquer momento. Tentara se convencer de que decidira isso porque gostava de ter opções em aberto, mas a verdade é que estava tão assustada que temera perder a coragem.

Além disso, fora Sir Phillip quem pedira o encontro. Ele ficaria feliz em vê-la.

Não ficaria?

~

Phillip se levantou da cama e abriu as cortinas de seu quarto, revelando outro dia perfeito e ensolarado.

Perfeito.

Caminhou em silêncio até o quarto de vestir para escolher a roupa, pois havia muito tempo dispensara os criados que cuidavam dessa tarefa. Ele não sabia explicar, mas, desde a morte de Marina, não queria mais nenhuma movimentação de pessoas abrindo as cortinas em seu quarto e escolhendo o que iria vestir.

Tinha demitido até mesmo Miles Carter, que tanto tentara ser seu amigo após o falecimento de Marina. Mas de alguma forma o jovem secretário só o fazia se sentir pior, então ele o dispensara com seis meses de pagamento e uma magnífica carta de referência.

Havia passado seu casamento com Marina desejando ter alguém com quem conversar, uma vez que ela fora sempre tão ausente, mas, agora que ela morrera, ele só queria ficar sozinho.

Achava que devia ter falado algo sobre isso em uma de suas muitas cartas à misteriosa Eloise Bridgerton, porque enviara sua proposta *não de um casamento imediato, mas talvez um relacionamento que levasse a isso* um mês antes, e o silêncio da parte dela era avassalador, sobretudo tendo em vista que ela respondia às suas cartas com encantadora vivacidade.

Ele franziu a testa. A misteriosa Eloise Bridgerton não era de fato *tão* misteriosa. Em suas cartas, ela parecia bem franca, honesta, além de ter uma personalidade incrivelmente radiante, o que, no fim das contas, era tudo o que Phillip esperava de uma esposa dessa vez.

Pegou uma camisa; pretendia passar a maior parte do dia na estufa, sujo de terra até os cotovelos. Estava bastante decepcionado que a Srta. Bridgerton obviamente tivesse achado que ele era algum lunático que devia ser evitado a todo custo. Ela parecera a solução perfeita para seus problemas. Phillip precisava desesperadamente de uma mãe para Amanda e Oliver, mas eles tinham crescido tão indisciplináveis que não conseguia imaginar nenhuma mulher disposta a se casar com ele e ficando presa àqueles dois diabinhos pela vida inteira (ou pelo menos até que chegassem à maioridade).

Mas a Srta. Bridgerton tinha 28 anos; já era uma solteirona. E, se vinha se correspondendo com um completo desconhecido havia mais de um ano, com certeza devia estar um pouco desesperada. Será que não aproveitaria a

chance de arrumar um marido? Ele tinha uma casa, uma fortuna respeitável e apenas 30 anos. O que mais ela poderia querer?

Phillip resmungou algumas frases irritadas enquanto enfiava as pernas em suas ásperas calças de lã. Era óbvio que ela queria *algo mais* ou teria tido pelo menos a cortesia de responder declinando da proposta.

BUM!

Phillip olhou para o teto e fez uma careta. Romney Hall era uma casa antiga, sólida e muito bem construída, e, se ouvia um barulho no teto, então seus filhos tinham derrubado (empurrado? atirado?) alguma coisa muito grande.

BUM!

Ele se encolheu. Essa última pancada parecia ter sido pior. Mas a babá estava lá em cima com as crianças, e sempre lidava melhor com os dois do que ele. Se conseguisse calçar as botas em menos de um minuto, poderia sair de casa antes que eles causassem muito mais danos, e então seria possível fingir que nada daquilo estava acontecendo.

Pegou uma das botas. Sim, era uma ótima ideia. Se não pudesse ouvir, não se preocuparia.

Acabou de se arrumar a uma velocidade impressionante e saiu depressa para o corredor, caminhando rapidamente até a escada.

– Sir Phillip! Sir Phillip!

Droga. Seu mordomo estava atrás dele.

Phillip fingiu não ouvir.

– *Sir Phillip!*

– Droga – resmungou.

Não havia como ignorar aquele grito a não ser que estivesse disposto a aturar os empregados à sua volta, preocupados com sua aparente perda de audição.

– Sim? – disse ele, virando-se lentamente. – O que foi, Gunning?

– Sir Phillip – retrucou Gunning, depois pigarreou. – Temos visita.

– Visita? – ecoou Phillip. – Foi essa a fonte do… humm…

– Barulho? – completou Gunning, prestativo.

– Sim.

– Não. – O mordomo pigarreou de novo. – A fonte do barulho são seus filhos.

– Sei – murmurou Phillip. – Bobagem minha pensar outra coisa.

– Não acredito que tenham quebrado nada, senhor.

– Então é um alívio e uma novidade.

– É verdade, senhor, mas, como falei, temos outro assunto importante: a visita.

Phillip resmungou. Quem poderia aparecer àquela hora da manhã? Eles não costumavam receber visitas nem nos horários habituais.

Gunning esboçou um sorriso, mas dava para ver que estava fora de forma.

– Costumávamos receber visitas, o senhor lembra?

Aquele era o problema com os mordomos que trabalhavam para a família desde antes de você nascer. Adoravam um sarcasmo.

– Quem é a visita?

– Não tenho certeza, senhor.

– Não tem certeza? – perguntou Phillip, incrédulo.

– Eu não perguntei.

– Mas não é isso que os mordomos devem fazer?

– Perguntar, senhor?

– Sim – respondeu Phillip, pensando se Gunning estava tentando ver até que ponto o rosto de seu patrão podia ficar vermelho antes de ele cair no chão em meio a um ataque apoplético.

– Pensei em deixar que o senhor perguntasse.

– Pensou em deixar que eu perguntasse – afirmou Phillip, percebendo quão inútil era fazer perguntas.

– Sim, senhor. Afinal, ela está aqui para vê-lo.

– Assim como todas as nossas visitas e isso nunca impediu você de descobrir quem eram.

– Bem, na verdade, senhor…

– Tenho certeza de que… – tentou interromper Phillip.

– Nós não temos mais o costume de receber visitas, senhor – concluiu Gunning, vencendo a batalha.

Phillip abriu a boca para salientar que *sim*, recebiam visitas, e que havia uma lá embaixo naquele exato instante, mas de que adiantava?

– Está bem – falou, profundamente irritado. – Vou descer.

O rosto de Gunning se iluminou.

– Ótimo, senhor.

Phillip olhou para o mordomo, chocado.

– Você está bem, Gunning?

– Sim, senhor. Por que pergunta?

Não parecia educado dizer que o sorriso largo deixava Gunning um pouco parecido com um cavalo, então Phillip apenas resmungou:

– Não é nada.

E desceu a escada.

Uma visita? Quem poderia ser? Ninguém vinha à sua casa havia quase um ano, desde que os vizinhos tinham deixado de fazer suas aparições obrigatórias para oferecer os pêsames. Ele achava que não podia culpá-los por se manterem afastados; na última vez em que um deles fora vê-lo, Oliver e Amanda tinham lambuzado as cadeiras com geleia de morango.

Lady Winslet tinha ido embora num acesso de raiva que ultrapassava qualquer coisa que Phillip considerasse saudável para uma mulher da sua idade.

Ele franziu a testa quando chegou ao pé da escada e seguiu em direção ao saguão. Era uma mulher, não era? Gunning não dissera que a visita era uma mulher?

Mas, droga, quem…?

Ele parou de repente, chegando a tropeçar.

Porque a mulher parada em seu hall era jovem e muito bonita, e, quando ela levantou o rosto para olhar para ele, Phillip notou que a moça tinha os olhos acinzentados mais encantadoramente lindos que já vira.

Ele poderia se afogar naqueles olhos. E, como era de imaginar, Phillip nunca pensava na palavra *afogar* de forma leviana.

CAPÍTULO 2

… e, tenho certeza de que não ficará surpreso em saber, falei demais. Simplesmente não conseguia parar de falar, mas acho que é o que costumo fazer quando estou nervosa. Só espero ter menos razões para ficar nervosa com o passar dos anos.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão Colin,
quando foi apresentada à sociedade de Londres

Então ela abriu a boca.

– Sir Phillip? – falou, e, antes que ele tivesse sequer a chance de balançar a cabeça para confirmar, ela emendou, na velocidade de um raio: – Peço mil desculpas por aparecer assim de forma tão inesperada, mas realmente não tinha opção e, para ser sincera, se eu tivesse mandado avisar, é provável que a carta só chegasse depois de mim, o que a tornaria meio irrelevante, como sei que irá concordar, e…

Phillip piscou, certo de que deveria estar acompanhando o que ela dizia, mas já sem conseguir identificar onde uma palavra terminava e a outra começava.

– … uma longa viagem, e como eu não pude dormir, peço que me desculpe pela minha aparência e…

Ela estava deixando Phillip tonto. Seria falta de educação se ele se sentasse?

– … não trouxe muita coisa, mas não tive escolha, e…

Aquilo claramente tinha ido longe demais, sem nenhum sinal, na verdade, de que iria terminar. Se ele a deixasse falar mais uma palavra que fosse, tinha certeza de que aquilo afetaria seu ouvido interno, ou talvez ela desmaiasse por falta de ar e batesse a cabeça no chão. De um jeito ou de outro, um dos dois se machucaria e acabaria com uma dor debilitante.

– Madame – disse ele, e pigarreou.

Se ela o ouviu, não demonstrou. Em vez disso, falou algo sobre a carruagem que ao que tudo indicava a levara até sua porta.

– Madame – repetiu ele, um pouco mais alto dessa vez.

– … mas então eu… – Ela levantou o rosto, piscando aqueles olhos acinzentados devastadores para ele e, por um instante, Phillip ficou tonto. – Sim?

Agora que tinha a atenção dela, ele parecia ter esquecido o que queria dizer.

– Humm… quem *é* você? – perguntou.

Ela o encarou por uns bons cinco segundos, depois entreabriu os lábios, surpresa, e por fim respondeu:

– Eloise Bridgerton, é claro.

~

Eloise tinha quase certeza de que estava falando demais, e *sabia* que estava falando muito rápido, mas fazia isso quando estava nervosa, e, apesar de se orgulhar de raramente ficar nervosa, aquela parecia uma ocasião mais do que apropriada para tal. Além do mais, Sir Phillip – se era mesmo ele o homem grande como um urso parado à sua frente – não era *de forma alguma* o que ela esperara.

– *Você* é Eloise Bridgerton?

Ela olhou para o rosto boquiaberto dele e sentiu os primeiros sinais de irritação.

– Mas é claro. Quem mais eu poderia ser?

– Não posso nem imaginar.

– Você me convidou – ressaltou ela.

– E você não respondeu ao meu convite – rebateu ele.

Eloise engoliu em seco. Nisso ele tinha razão. Razão demais, até, se quisesse ser justa, o que ela não queria. Não por ora, pelo menos.

– Não tive a oportunidade – disse ela de forma evasiva. Então, quando a expressão dele deixou claro que isso não era explicação suficiente, acrescentou: – Como mencionei antes.

Ele a encarou por um bom tempo, os olhos escuros inescrutáveis. Então finalmente, quando ela já começava a se sentir desconfortável, retrucou:

– Não entendi uma palavra do que falou.

Ela sentiu a boca abrir de… surpresa? Não, irritação.

– Você não estava ouvindo? – perguntou.

– Eu *tentei*.

Eloise contraiu os lábios.

– Muito bem – falou, contando até cinco em sua cabeça, em latim, antes de completar: – Queira me desculpar. Sinto muito por ter vindo sem avisar. Foi terrivelmente indelicado de minha parte.

Ele ficou em silêncio por três segundos completos – Eloise contou – antes de dizer:

– Aceito suas desculpas.

Ela pigarreou.

– E, é claro – continuou ele, tossindo e olhando em volta como se procurasse alguém que pudesse salvá-lo dela –, estou muito feliz em tê-la aqui.

Provavelmente não seria educado destacar que Sir Phillip parecia *tudo* menos feliz, então Eloise ficou ali parada, olhando para o rosto dele enquanto tentava pensar no que *poderia* dizer sem insultá-lo.

Achava lamentável que logo ela, que em geral tinha algo a dizer em qualquer situação, não conseguisse pensar em nada.

Por sorte, ele impediu que aquele silêncio constrangedor tomasse proporções monumentais, perguntando:

– Essa é toda a sua bagagem?

Eloise endireitou os ombros, feliz por mudarem de assunto para um mais trivial.

– Sim, eu não…

Ela se interrompeu. Precisava mesmo lhe contar que tinha saído às escondidas de casa no meio da noite? Aquilo não parecia contar muitos pontos a seu favor, ou de sua família. Ela não sabia ao certo por que, mas não queria que ele descobrisse que havia fugido. Tinha a nítida impressão de que Sir Phillip a faria pegar suas coisas e voltar para Londres imediatamente se soubesse a verdade. E, embora por enquanto não parecesse que teria o romance e a felicidade que imaginara, ela ainda não estava preparada para desistir.

Sobretudo porque isso significaria voltar correndo para sua família com o rabo entre as pernas.

– Sim, é tudo o que tenho – afirmou ela.

– Bom. Eu, hã… – Ele olhou em volta de novo, dessa vez com certo desespero, o que Eloise não considerou nem um pouco lisonjeiro. – Gunning! – gritou.

O mordomo apareceu tão depressa que só podia estar escutando atrás da porta.

– Sim, senhor?

– Nós… hã… precisamos preparar um quarto para a Srta. Bridgerton.

– Já fiz isso – retrucou Gunning.

As bochechas de Sir Phillip ficaram levemente coradas.

– Que bom – grunhiu ele. – Ela vai ficar aqui por… – Olhou para Eloise na expectativa da resposta.

– Duas semanas – disse ela, esperando que fosse o tempo adequado.

– Duas semanas – reiterou Sir Phillip como se o mordomo não a tivesse ouvido. – Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para deixá-la à vontade, é claro.

– É claro – concordou o mordomo.

– Ótimo – disse Sir Phillip, parecendo ainda um pouco desconfortável com toda a situação.

Ou, se não exatamente desconfortável, talvez cansado, o que era ainda pior.

Eloise estava decepcionada. Imaginara que Sir Phillip fosse um homem charmoso e desenvolto, como seu irmão Colin, que tinha um sorriso espirituoso e sempre sabia o que dizer em qualquer situação, fosse estranha ou não.

Sir Phillip, por outro lado, parecia preferir estar em qualquer outro lugar que não ali, o que Eloise não considerava nada encorajador, já que estava ali com ele. Ela achava que ele devia ao menos tentar se esforçar um pouco para conhecê-la melhor e decidir se ela daria uma boa esposa.

Seus esforços precisariam ser muito bons, porque, se era verdade que a primeira impressão é a que fica, ela duvidava muito de que um dia fosse achar que *Sir Phillip* daria um bom marido.

Eloise sorriu para ele com os dentes cerrados.

– Você gostaria de se sentar? – perguntou Sir Phillip de repente.

– Adoraria, obrigada.

Ele olhou em volta com o rosto inexpressivo, dando a Eloise a impressão de que mal conhecia a própria casa.

– Por aqui… – murmurou ele, indicando uma porta no fim do corredor. – A sala de estar.

Gunning tossiu.

Phillip olhou para ele de cara feia.

– Talvez o senhor queira pedir um lanche – sugeriu o mordomo.

– Hã, sim, é claro – disse Phillip, pigarreando. – É claro. Hã, talvez…

– Uma bandeja de chá? – sugeriu Gunning. – Com bolinhos?

– Ótimo – resmungou o outro.

– Ou quem sabe, se a Srta. Bridgerton estiver com fome, eu possa mandar preparar um café da manhã completo – continuou o mordomo.

Phillip olhou para Eloise.

– Por mim, bolinhos estão ótimos – disse ela, embora *estivesse* com fome.

Eloise deixou que Sir Phillip lhe desse o braço e a conduzisse à sala de estar, onde se sentou em um sofá coberto por seda azul listrada. O cômodo estava limpo e arrumado, mas a mobília parecia bastante velha. A casa toda parecia um pouco descuidada, como se o proprietário tivesse ficado sem dinheiro, ou apenas não se importasse.

Eloise acreditava mais na segunda opção. Até achava possível Sir Phillip estar com dificuldades finaceiras, mas o terreno da propriedade era lindo e bem cuidado, e ela vira o bastante da estufa para perceber que se encontrava em excelentes condições. Dado que Sir Phillip era botânico, isso com certeza explicava a atenção dada à área externa enquanto o interior da casa era deixado de lado.

Ele claramente precisava de uma esposa.

Eloise pousou as mãos no colo, então viu Sir Phillip se sentar à sua frente, espremendo o corpo enorme em uma cadeira que obviamente tinha sido feita para alguém bem menor que ele.

Ele parecia muito desconfortável (e Eloise tinha irmãos suficientes para reconhecer os sinais), como se quisesse praguejar, mas ela concluiu que a culpa era dele mesmo por ter escolhido aquela cadeira. Então sorriu de maneira educada e encorajadora, esperando que ele puxasse algum assunto.

Ele pigarreou.

Ela se inclinou para a frente.

Ele pigarreou de novo.

Ela tossiu.

Ele pigarreou pela terceira vez.

– Gostaria de um pouco de chá? – perguntou Eloise por fim, não suportando a ideia de ouvir mais uma vez aquele som vindo da garganta dele.

Ele olhou para ela agradecido, embora ela não tivesse certeza se tinha sido pela sugestão do chá ou por ela ter misericordiosamente quebrado o silêncio.

– Sim, adoraria – respondeu.

Eloise abriu a boca para falar, então lembrou que estava na casa *dele* e que não fazia sentido lhe oferecer chá. Sem falar que ele também deveria ter se lembrado disso.

– Certo – disse ela. – Bem, tenho certeza de que logo chegará.

– Sim – concordou ele, remexendo-se no assento.

– Sinto muito por ter vindo sem avisar – murmurou ela, embora já tivesse dito isso.

Mas *precisava* falar alguma coisa. Sir Phillip podia estar acostumado àquelas pausas estranhas, mas Eloise era do tipo que gostava de preencher qualquer silêncio.

– Está tudo bem – disse ele.

– Na verdade, não está, não – replicou ela. – Foi terrivelmente mal-educado de minha parte, e peço desculpas.

Ele parecia espantado com toda aquela sinceridade.

– Obrigado – murmurou. – Não é problema algum, eu lhe garanto. Eu só fiquei…

– Surpreso?

– Sim.

Ela assentiu.

– Bem, qualquer um teria ficado. Eu devia ter pensado nisso e lamento muito mesmo pelo incoveniente.

Ele abriu a boca, mas depois a fechou e olhou pela janela.

– Está fazendo sol – comentou.

– É, está – concordou Eloise, achando aquilo meio óbvio.

Ele deu de ombros.

– Mas acho que vai chover à noite.

Ela não sabia ao certo o que responder, então apenas fez que sim com a cabeça, observando-o com discrição enquanto ele ainda olhava fixamente pela janela. Sir Phillip era maior do que havia imaginado, e tinha uma aparência mais rústica, menos urbana. As cartas dele eram tão charmosas e

bem escritas que ela o imaginara mais elegante… Mais esguio, talvez, com certeza nem um pouco gordo, mas menos musculoso. Ele parecia um trabalhador braçal, sobretudo com aquelas calças simples e a camisa sem gravata. E apesar de ele ter lhe dito que seus cabelos eram castanhos, ela sempre os imaginara louro-escuros, parecendo um poeta (não sabia por que sempre imaginava poetas louros). Mas os cabelos de Phillip eram exatamente como ele descrevera – castanhos bem escuros, quase pretos, na verdade, com um ondulado meio rebelde. Seus olhos eram da mesma cor, completamente indecifráveis.

Ela franziu a testa. Detestava pessoas que não conseguia decifrar de imediato.

– Você viajou a noite toda? – perguntou ele, educado.

– Sim.

– Deve estar cansada.

Ela assentiu.

– Estou, bastante.

Ele se levantou, indicando galantemente a porta.

– Você prefere descansar? Não quero prendê-la aqui se preferir dormir.

Eloise estava exausta, mas também com uma fome imensa.

– Eu gostaria de comer alguma coisa primeiro, e então ficarei feliz em aceitar sua hospitalidade e descansar um pouco.

Ele fez que sim e começou a se sentar, tentando se encaixar de novo na cadeira ridiculamente pequena, mas acabou resmungando algo baixinho e depois se dirigiu a ela de maneira um pouco mais inteligível:

– Com a sua licença. – E se mudou para outra cadeira, maior. – Pronto – disse, quando já havia se acomodado.

Eloise apenas assentiu, perguntando a si mesma se já tinha vivido situação mais estranha.

Ele pigarreou.

– Hã… Você fez boa viagem?

– Fiz, sim – respondeu ela, reconhecendo a tentativa dele de manter uma conversa. Um bom comentário merecia outro, então ela fez sua contribuição: – Você tem uma linda casa.

Ele ergueu a sobrancelha ao ouvir isso, olhando para ela de um jeito que dizia que não acreditava nem um pouco em seu falso elogio.

– Os jardins são magníficos – acrescentou ela com rapidez.

Quem poderia imaginar que ele realmente sabia que seus móveis estavam meio velhos? Os homens nunca notavam essas coisas.

– Obrigado – disse ele. – Sou botânico, como você sabe, então passo boa parte do tempo ao ar livre.

– Você planejava trabalhar lá fora hoje?

Ele balançou a cabeça em uma afirmativa.

Eloise abriu um sorriso hesitante.

– Sinto muito por ter atrapalhado seus planos.

– Não foi nada, fique tranquila.

– Mas…

– Você realmente não precisa se desculpar de novo – interrompeu ele. – Por nada.

Então seguiu-se mais uma vez aquele silêncio constrangedor e os dois olharam com ansiedade para a porta, esperando Gunning voltar com a salvação em forma de uma bandeja de chá.

Eloise tamborilava os dedos no sofá de um jeito que sua mãe teria considerado bastante rude. Olhou para Sir Phillip e ficou de certa forma feliz em ver que ele fazia o mesmo. Então ele notou que Eloise o observava e abriu um meio sorriso irritante ao perceber os dedos impacientes dela.

Eloise parou na mesma hora.

Olhou para ele, silenciosamente desafiando-o – implorando? – a *falar* alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele não disse nada.

Aquilo estava matando Eloise. Ela precisava quebrar o silêncio. Aquilo não era natural. Era estranho demais. As pessoas deviam *falar*.

Ela abriu a boca, movida por um desespero que não entendeu direito.

– Eu…

Mas antes que pudesse continuar com uma frase que elaboraria à medida que falasse, um grito terrível cortou o ar.

Ela ficou de pé num pulo.

– O que foi…

– Meus filhos – disse Sir Phillip, deixando escapar um suspiro desanimado.

– Você tem *filhos*?

Ele notou que ela estava de pé e se levantou também, cansado.

– É claro.

Ela olhou para ele boquiaberta.

– Você nunca disse que tinha filhos.

Phillip estreitou os olhos.

– Isso é um problema? – perguntou, com rispidez.

– É claro que não! – exclamou ela, furiosa. – Adoro crianças. Tenho mais sobrinhos do que posso contar, e garanto a você que sou a tia *preferida* deles. Mas isso não justifica o fato de você não ter mencionado a existência dos seus filhos.

– Não é possível – disse ele, balançando a cabeça. – Você deve ter ignorado a parte em que falei deles.

Ela deu um tranco com a cabeça para trás tão de repente que por pouco não quebrou o pescoço.

– Isso não é o tipo de coisa que eu ignoraria – retrucou ela com altivez.

Ele deu de ombros, claramente desconsiderando seu protesto.

– Você nunca falou deles, e posso provar – disse Eloise.

Ele cruzou os braços, lançando-lhe um olhar de incredulidade.

Ela caminhou até a porta.

– Cadê minha valise?

– Exatamente onde você a deixou, imagino – disse ele, observando-a com uma expressão condescendente. – Ou já no seu quarto, o que é mais provável. Meus criados não são *tão* negligentes.

Ela fechou a cara.

– Tenho todas as cartas que você me mandou, e posso lhe garantir que nenhuma delas contém as palavras "meus filhos".

Phillip entreabriu os lábios, surpreso.

– Você guardou minhas cartas?

– É claro. Você não guardou as minhas?

Phillip nunca entendera as mulheres e em vários momentos desejava deixar de lado o pensamento científico corrente e declará-las uma espécie completamente diferente. Aceitava o fato de quase nunca saber o que devia lhes dizer, mas dessa vez até ele percebeu que tinha cometido um erro gravíssimo.

– Tenho certeza de que guardei algumas delas – arriscou.

Ela cerrou os lábios em uma linha fina de irritação.

– A maioria delas, quero dizer – acrescentou ele com rapidez.

Eloise parecia revoltada. Como ele estava percebendo, ela tinha um temperamento forte.

– Não é que eu tenha jogado as cartas fora – disse ele, tentando sair daquele poço sem fundo. – Só não sei exatamente onde as guardei.

Ele observou com interesse Eloise recuperar o controle, depois soltar o ar brevemente. Os olhos dela, no entanto, continuavam cinzentos como um dia de tempestade.

– Muito bem – falou a jovem. – Isso não tem importância.

Era também sua opinião, pensou Phillip, mas até mesmo ele era inteligente o suficiente para não falar isso.

Além disso, o tom de Eloise deixava bem claro que, para ela, aquilo tinha importância, sim. Muita.

Outro grito rompeu o ar, seguido por um estrondo ressonante. Phillip se encolheu. Parecia um móvel batendo no chão.

Eloise olhou para o teto, como se esperasse que o gesso começasse a cair rodopiando a qualquer momento.

– Você não deveria ir ver se eles estão bem? – perguntou ela.

Sim, ele deveria, mas, por tudo o que era mais sagrado, não queria. Quando os gêmeos saíam do controle, ninguém podia detê-los, o que, acreditava Phillip, era a definição de "sair do controle". Em geral era mais fácil deixar que fizessem o que queriam até esgotarem suas forças (o que não costumava demorar muito) e lidar com eles depois. Provavelmente não era a atitude mais benéfica, e com certeza nada que qualquer outro pai recomendaria, mas a energia de um homem para lidar com duas crianças de 8 anos tinha limites, e ele temia que a sua tivesse se esgotado uns seis meses antes.

– Sir Phillip? – chamou Eloise.

Ele expirou, cansado.

– Você tem razão, é claro.

Sem dúvida não seria adequado parecer um pai desinteressado diante da Srta. Bridgerton, que ele tentava cortejar, ainda que de maneira tão desajeitada, esperando que ela pudesse se tornar a mãe dos dois pestinhas que naquele momento tentavam destruir a sua casa.

– Queira me dar licença – disse ele, enquanto saía para o corredor. – Oliver! – gritou. – Amanda!

Ele não tinha certeza, mas pensou ter ouvido a Srta. Bridgerton conter o riso, horrorizada.

A irritação tomou conta dele, e Phillip fuzilou-a com o olhar, mesmo sabendo que não devia. Pelo visto, ela achava que podia fazer um trabalho

melhor com aqueles dois diabinhos.

Ele caminhou a passos largos até a escada e gritou de novo os nomes dos gêmeos. Pensando bem, talvez não devesse ser tão severo. Afinal, esperava – não, pedia a Deus com todo o seu fervor – que Eloise Bridgerton pudesse justamente fazer um trabalho melhor com as crianças.

Se ela fosse capaz de ensiná-los a se comportar melhor, ele até beijaria o chão onde ela pisasse.

Oliver e Amanda apareceram na escada e desceram os degraus nem um pouco sem graça.

– O que foi isso? – perguntou Phillip.

– Isso o quê? – replicou Oliver de maneira atrevida.

– O barulho – insistiu Phillip.

– Foi a Amanda – disse Oliver.

– Sim, fui eu – confirmou ela.

Phillip esperou maiores esclarecimentos e, quando entendeu que nenhum dos dois colaboraria, acrescentou:

– E por que Amanda estava gritando?

– Era um sapo – explicou ela.

– Um sapo.

Ela assentiu.

– Isso. Na minha cama.

– Sei – retrucou Phillip. – Você tem alguma ideia de como ele foi parar lá?

– Eu que coloquei – replicou Amanda.

Phillip desviou os olhos de Oliver, a quem dirigira a pergunta, e voltou-se de novo para Amanda.

– Você colocou um sapo na sua cama?

Ela fez que sim.

Por quê, por quê, *por quê*? Phillip pigarreou.

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Porque eu quis.

Phillip, incrédulo, sentiu seu queixo se projetar à frente.

– Porque quis?

– Isso.

– Colocar um sapo na sua cama?

– Eu estava tentando criar girinos – explicou ela.

– *Na sua cama?*

– Parecia quente e aconchegante.

– Eu ajudei – interpôs Oliver.

– Disso eu não tinha dúvida – disse Phillip com a voz severa. – Mas por que você gritou?

– Eu não gritei – retrucou Oliver, indignado. – Foi a Amanda.

– Eu estava perguntando a ela! – exclamou Phillip, mal resistindo ao impulso de atirar os braços para o alto, derrotado, e se retirar para a estufa.

– O senhor estava olhando para mim – argumentou Oliver. E então, como se seu pai fosse obtuso demais para entender, acrescentou: – Quando fez a pergunta.

Phillip respirou fundo antes de transformar suas feições no que esperava ser uma expressão paciente e se dirigiu de novo a Amanda.

– Por que você gritou, *Amanda*?

Ela deu de ombros.

– Eu esqueci que tinha colocado o sapo lá.

– Achei que ela fosse *morrer*! – intrometeu-se Oliver, dramaticamente.

Phillip decidiu não comentar a declaração.

– Pensei que tínhamos combinado que vocês não podiam trazer sapos para dentro de casa – falou, cruzando os braços e encarando os filhos com seu olhar mais severo.

– Não, você falou que não podíamos trazer *rãs* – disse Oliver, apoiado por Amanda, que assentia com veemência.

– Nenhum tipo de anfíbio – disparou Phillip.

– Mas e se um deles estiver morrendo? – perguntou Amanda, os lindos olhos azuis se enchendo de lágrimas.

– Nem assim.

– Mas…

– Vocês podem cuidar dele lá fora.

– E se ele estiver com muito, muito frio e só precisar dos meus cuidados e de uma cama quente?

– Espera-se que sapos sejam muito, muito frios – rebateu Phillip. – É por isso que são anfíbios.

– Mas e se…

– *Não!* – gritou ele. – Nada de rãs, sapos, grilos, gafanhotos ou qualquer outro tipo de animal dentro de casa!

Amanda começou a arfar.

– Mas… mas… mas…

Phillip deu um longo suspiro. Nunca sabia o que dizer aos filhos, e agora parecia que Amanda ia se dissolver em uma poça de lágrimas.

– Pelo amor de… – Ele se controlou bem a tempo e suavizou a voz. – O que foi, Amanda?

Ela ofegou e então soluçou.

– E a Bessie?

Phillip procurou em volta, sem sucesso, uma parede em que se apoiar.

– É claro que eu não pretendia incluir nossa querida cachorra nisso.

– Bem, o senhor poderia ter explicado melhor – disse Amanda, fungando e parecendo surpreendente e suspeitamente recomposta. – O senhor me deixou muito triste.

Phillip trincou os dentes.

– Me desculpe por isso.

Ela assentiu como se fosse uma rainha.

Phillip gemeu. Quando foi que os gêmeos tinham começado a ganhar as discussões? Com certeza um homem de seu tamanho e intelecto (pelo menos era o que ele gostava de pensar) devia ser capaz de lidar com duas crianças de 8 anos.

Mas não, mais uma vez, apesar de suas melhores intenções, ele havia perdido totalmente o controle da conversa e agora estava, na verdade, pedindo desculpas a eles.

Nada o fazia se sentir mais fracassado.

– Está bem, então – falou, ansioso para acabar com aquilo. – Podem ir. Estou muito ocupado.

Os dois ficaram ali parados por um instante, piscando os olhos arregalados para ele.

– O dia todo? – perguntou Oliver, por fim.

– O dia todo? – ecoou Phillip.

Do que o diabinho estava falando?

– Você vai estar ocupado o dia todo? – disse Oliver.

– Sim, vou – respondeu Phillip bruscamente.

– E se fizéssemos um passeio ao ar livre? – sugeriu Amanda.

– Não posso – retrucou Phillip, mesmo que parte dele quisesse.

O problema era que os gêmeos o exasperavam tanto que acabariam fazendo com que perdesse a paciência. E não havia nada que ele detestasse mais do que isso.

– Podemos ajudá-lo na estufa – disse Oliver.

Ou, mais provavelmente, destruí-la.

– Não – decretou Phillip.

Ele achava, do fundo do coração, que não seria capaz de se controlar se os dois destruíssem seu trabalho.

– Mas…

– Não posso – disparou ele, odiando o tom de sua voz.

– Mas…

– E quem são esses? – disse uma voz que vinha de trás dele.

Phillip se virou. Era Eloise Bridgerton, metendo o nariz onde com certeza não tinha sido chamada, e isso depois de chegar a sua casa sem avisar.

– Como? – disse Phillip a ela, sem se preocupar em disfarçar a irritação em sua voz.

Ela o ignorou e olhou para os gêmeos.

– Quem são vocês? – indagou ela.

– Quem é você? – perguntou Oliver.

Amanda estreitou os olhos até eles se transformarem em duas fendas.

Phillip se permitiu abrir o primeiro sorriso sincero da manhã e cruzou os braços. Sim, queria ver como a Srta. Bridgerton lidaria com aquilo.

– Eu sou a Srta. Bridgerton – disse ela.

– Não é nossa nova professora, é? – perguntou Oliver, desconfiado, com um tom de malícia na voz.

– Por Deus, não – retrucou ela. – O que aconteceu com sua última professora?

Phillip tossiu. Alto.

Os gêmeos entenderam o recado.

– Hã, nada – disse Oliver.

A Srta. Bridgerton não parecia nem um pouco convencida pelo ar de falsa inocência dos gêmeos, mas sensatamente decidiu não insistir e disse apenas:

– Sou hóspede de vocês.

Os gêmeos pensaram naquilo por um instante, então Amanda falou:

– Nós não queremos nenhum hóspede.

– Não *precisamos* de nenhum hóspede – acrescentou Oliver em seguida.

– Crianças! – advertiu Phillip, sem querer realmente ficar do lado da Srta. Bridgerton após ela ter sido tão intrometida, mas sem ter outra escolha.

Não podia deixar os filhos serem tão rudes.

Os gêmeos cruzaram os braços ao mesmo tempo para mostrar que estavam ignorando a Srta. Bridgerton.

– Já chega! – esbravejou Phillip. – Peçam desculpas à Srta. Bridgerton agora mesmo.

Eles a encararam com ar rebelde.

– Agora! – urrou ele.

– Desculpe – resmungaram os dois, mas sua falsa sinceridade não estava enganando ninguém.

– Voltem já para o quarto – ordenou Phillip severamente.

Eles saíram como soldados orgulhosos, com a cabeça erguida. Seria uma visão já bem impressionante se Amanda não tivesse se virado no pé da escada e colocado a língua para fora.

– Amanda! – gritou ele, andando a passos largos atrás da filha.

Ela subiu as escadas rápido como uma raposa.

Phillip ficou imóvel por alguns instantes, os punhos cerrados e trêmulos. Pelo menos uma vez – *uma vez*! –, ele gostaria que os filhos se comportassem, obedecessem, não respondessem a uma pergunta com outra pergunta, fossem educados com as visistas, não mostrassem a língua e…

Pelo menos uma vez, ele gostaria de sentir que era um bom pai, que sabia o que estava fazendo.

E de não ter levantado a voz. Detestava quando levantava a voz, odiava o medo que acreditava ver nos olhos deles, ainda que brevemente.

Detestava as lembranças que isso trazia.

– Sir Phillip?

A Srta. Bridgerton. Droga, ele quase tinha esquecido que ela estava ali. Virou-se para ela.

– Sim? – falou, mortificado por ela ter testemunhado sua humilhação.

O que, é claro, fazia com que ficasse irritado com ela.

– Seu mordomo trouxe a bandeja de chá – disse a jovem, indicando a sala de estar.

Ele assentiu brevemente. Precisava sair. Ficar longe de seus filhos e da mulher que vira o pai terrível que ele era. Havia começado a chover, mas ele não se importava.

– Bom apetite – falou. – Nos vemos depois que você descansar.

E então saiu depressa pela porta a caminho da estufa, onde poderia ficar sozinho com aqueles seres que não falavam, não se comportavam mal nem

se intrometiam nos assuntos dos outros: suas plantas.

CAPÍTULO 3

… você vai entender por que não pude aceitar o pedido de casamento dele. Ele era grosseiro demais e tinha um temperamento péssimo. Eu quero me casar com um homem agradável e atencioso, que me trate como uma rainha. Ou, pelo menos, como uma princesa. Tenho certeza de que não é pedir muito.

– de Eloise Bridgerton para sua querida amiga
Penelope Featherington, enviada por mensageiro após
Eloise receber o primeiro pedido de casamento

Ao entardecer, Eloise estava quase convencida de que tinha cometido um erro terrível.

E, para falar a verdade, só não estava totalmente convencida porque a única coisa que detestava mais do que cometer erros era admitir isso. Então tentava se manter firme e decidida e fingir que aquela situação horrível poderia acabar se resolvendo.

Ela ficara surpresa – boquiaberta, até – quando Sir Phillip se despedira de repente sem dizer nada além de "Bom apetite" e então saíra pisando forte pela porta. Tinha viajado por meia Inglaterra por causa de um convite *dele*, e ele a deixara sozinha na sala de estar meia hora depois de ela ter chegado?

Ela não esperava que ele fosse se apaixonar à primeira vista e cair de joelhos prometendo devoção eterna, mas acreditava que mereceria mais do que apenas "Quem é você?" e "Bom apetite".

Ou talvez realmente *esperasse* que ele fosse se apaixonar à primeira vista. Construíra um sonho baseado na imagem daquele homem – uma imagem que agora sabia não ser verdadeira. Em sua cabeça, ela o transformara no homem perfeito, e doía demais perceber que imperfeito era pouco para defini-lo.

E o pior era que a única culpada era ela. Sir Phillip nunca inventara coisas a seu respeito nas cartas (embora ela ainda achasse que ele deveria ter falado dos filhos, especialmente antes de propor casamento).

Os sonhos dela não passavam disso: sonhos. Ilusões, coisas que criara. Se ele não era quem esperara, a culpa era só dela. Vinha ansiando por algo que nem mesmo existia.

E deveria saber que isso iria acontecer.

Além disso, ele não parecia ser um bom pai, o que era um dos pontos mais negativos que alguém podia receber na avaliação dela.

Não, não estava sendo justa. Não devia julgá-lo assim tão rápido com relação a isso. As crianças não pareciam maltratadas ou malnutridas nem nada do gênero, mas Sir Phillip com certeza não fazia ideia de como cuidar delas. Tinha lidado com os filhos de maneira totalmente equivocada naquela manhã, e estava claro, pelo modo como os dois se comportaram, que o relacionamento deles era no mínimo distante.

Por Deus, eles tinham quase implorado para o pai passar o dia com eles. Qualquer criança que recebesse atenção suficiente dos pais jamais agiria assim. Eloise e os irmãos tinham passado metade da infância tentando evitar os pais, afinal a falta de supervisão é bem mais favorável às travessuras.

Seu pai fora uma pessoa incrível. Ela só tinha 7 anos quando ele morreu, mas se lembrava bem dele: das histórias que inventava na hora de dormir às caminhadas que fazia pelos campos de Kent – às vezes com todos os Bridgertons a reboque, às vezes com apenas um filho sortudo escolhido para passar um tempo especial a sós com o pai.

Tinha notado com toda a clareza que, se não fosse por sua sugestão, Sir Phillip não teria ido ver por que os filhos estavam gritando e derrubando os móveis. Teria simplesmente permitido que os dois fizessem o que quisessem. Ou, mais precisamente, teria deixado que outra pessoa cuidasse deles. Ao final da conversa, estava bem óbvio que a meta principal de Sir Phillip era evitar os meninos.

O que Eloise não aprovava nem um pouco.

Ela se forçou a levantar da cama, mesmo estando morta de cansada. Toda vez que se deitava, acabava meio sem ar, com aquela terrível sensação que antecedia não só as lágrimas, mas os soluços que faziam o corpo todo estremecer. Se não se levantasse e fizesse alguma coisa, não conseguiria se controlar.

E não poderia suportar conviver consigo mesma se chorasse.

Abriu a janela com força, ainda que o clima continuasse cinzento e chuvoso lá fora. Não estava ventando, então a chuva não entraria, e ela realmente precisava de um pouco de ar fresco. O golpe do vento frio no rosto poderia não fazê-la se sentir melhor, mas com certeza não seria prejudicial.

Da sua janela avistava a estufa de Sir Phillip. Achava que era lá que ele devia estar, já que não o ouvira pela casa, pisando forte ou gritando com os filhos. O vidro estava embaçado e a única coisa que via era uma cortina verde indistinta – suas amadas plantas, acreditava ela. Que tipo de homem era aquele, que preferia plantas a pessoas? Sem dúvida ninguém que apreciasse uma boa conversa.

Sentiu os ombros caírem de desânimo. Eloise tinha passado metade da vida em busca de uma boa conversa.

E, se ele gostava de ser um eremita, por que tinha se dado o trabalho de responder a suas cartas? Ele tinha se empenhado tanto quanto ela para manterem a correspondência. Sem falar no pedido de casamento. Se ele não queria companhia, não deveria tê-la convidado para ir até ali.

Eloise respirou fundo algumas vezes e então se forçou a se endireitar. Não sabia o que iria fazer pelo resto do dia. Já tinha cochilado, e a exaustão logo dera lugar à tristeza. E ninguém tinha ido chamá-la para o almoço ou lhe informar sobre qualquer outro plano que pudesse se estender a ela enquanto hóspede da casa.

Se continuasse naquele quarto ligeiramente frio e sombrio, iria enlouquecer. Ou acabaria caindo no choro, esquecida, o que era algo que não tolerava que os outros fizessem, que dirá ela mesma.

Não havia razão para não explorar um pouco a casa, não é mesmo? E talvez encontrasse alguma coisa para comer no caminho. Tinha devorado os quatro bolinhos da bandeja de chá naquela manhã, com toda a manteiga e geleia que pôde passar respeitando os limites da educação, mas ainda estava faminta. Faria qualquer coisa por um sanduíche de presunto.

Mudou de roupa e colocou um vestido de musselina alaranjado que era bonito e feminino, sem babados em excesso. E o mais importante: era fácil de colocar e tirar, sem dúvida um fator crítico quando se foge de casa sem uma camareira.

Em uma rápida olhada no espelho, viu que estava, se não deslumbrante, pelo menos apresentável, então saiu do quarto.

Foi imediatamente confrontada pelos gêmeos, que pareciam ter ficado sentados ali aguardando por horas.

– Boa tarde – falou Eloise, esperando que os dois ficassem de pé. – Que gentileza virem me cumprimentar.

– Não viemos *cumprimentá-la* – disparou Amanda, gemendo quando Oliver lhe deu um cutucão na altura das costelas.

– Não? – perguntou Eloise, tentando parecer surpresa. – Então estão aqui para me levar à sala de jantar? Devo confessar que estou faminta.

– Não – disse Oliver, cruzando os braços.

– Ah, também não? – retrucou Eloise, fingindo parar para pensar. – Deixem-me adivinhar. Vocês estão aqui para me levar ao quarto de vocês e me mostrar os seus brinquedos.

– Não – responderam os dois em uníssono.

– Então deve ser para me mostrar a casa. É bem grande e eu posso me perder.

– Não.

– Não? Vocês não iriam querer que eu me perdesse, não é?

– Não – falou Amanda. – Quer dizer, sim!

Eloise fingiu não entender.

– Vocês querem que eu me perca?

Amanda assentiu. Oliver apenas cruzou os braços com mais firmeza e a fulminou com um olhar zangado.

– Hum. Isso é interessante, mas não explica a presença de vocês aqui na porta do meu quarto, não é? Eu dificilmente me perderia na companhia dos dois.

Os dois entreabriram os lábios, confusos e surpresos.

– Vocês sabem andar pela casa, não sabem?

– É claro – resmungou Oliver.

– Não somos bebês – completou Amanda.

– Não, estou vendo que não – disse Eloise, fazendo um atencioso sinal de concordância com a cabeça. – Afinal, bebês não poderiam ficar sozinhos esperando na porta do meu quarto. Estariam muito ocupados com suas fraldas, mamadeiras e tudo mais.

Eles não tiveram nada a acrescentar a esse comentário.

– O pai de vocês sabe que estão aqui?

– Ele está ocupado.

– Muito ocupado.

– Ele é um homem muito ocupado.

– Ocupado demais para dar atenção a *você*.

Eloise observou e ouviu com interesse os gêmeos dispararem suas declarações rápidos como um raio, fazendo questão de demonstrar como Sir Phillip era ocupado.

– Então o que estão me dizendo é que seu pai não tem tempo – atalhou Eloise.

Eles a encararam, momentaneamente espantados por sua maneira tranquila de recontar o que estava acontecendo, então assentiram.

– Mas isso ainda não explica a presença de vocês aqui – continuou Eloise, pensativa. – Porque eu não acho que seu pai tenha mandado vocês aqui no lugar dele… – Ela esperou os dois balançarem a cabeça em uma negativa, depois acrescentou: – A não ser… Já sei! – exclamou numa voz animada, permitindo-se rir em pensamento de sua esperteza. Tinha nove sobrinhos. Sabia *exatamente* como falar com crianças. – Vocês estão aqui para me contar que têm poderes mágicos e podem prever o tempo.

– Não – retrucaram eles, mas Eloise ouviu uma risadinha.

– Não? Ah, que pena, porque esse chuvisco constante é terrível, não acham?

– Não – disse Amanda vigorosamente. – Nosso pai gosta da chuva, e nós também.

– Ele gosta da chuva? – perguntou Eloise, surpresa. – Que estranho.

– Não é, não – rebateu Oliver, a postura defensiva. – Meu pai não é estranho. Ele é perfeito. Não fale mal dele.

– Não falei mal dele – replicou Eloise, perguntando-se o que estava acontecendo ali.

A princípio, achara que os gêmeos tinham aparecido ali só para afugentá-la. Provavelmente tinham ouvido que o pai pensava em se casar com ela e não queriam uma madrasta, ainda mais levando em consideração as histórias que a criada contara a Eloise sobre a sucessão de professoras que passavam por poucas e boas e não paravam na casa.

Mas, se essa fosse toda a verdade, eles não iriam querer que ela pensasse que havia algo errado com Sir Phillip? Se queriam que ela fosse embora, não estariam tentando convencê-la de que ele seria um péssimo marido?

– Garanto que não quero mal a nenhum de vocês – disse Eloise. – Na verdade, mal conheço seu pai.

– Se deixar nosso pai triste, eu vou… eu vou…

Eloise viu o rosto do pobre garotinho ficar vermelho de frustração enquanto ele buscava as palavras para sua ameaça. Com cuidado, ela se agachou devagar ao seu lado até ficar com o rosto na mesma altura do dele e disse:

– Oliver, eu prometo que não estou aqui para deixar o seu pai triste. – Como ele não respondeu, Eloise se virou para a irmã gêmea do menino: – Amanda?

– Você tem que ir embora – disparou Amanda, os braços cruzados com tanta força que seu rosto estava ficando vermelho. – Não queremos você aqui.

– Bem, eu não vou a lugar algum pelo menos por uma semana – disse Eloise, mantendo a voz firme.

As crianças precisavam de compreensão, e provavelmente de muito amor, mas também de um pouco de disciplina e uma clara ideia de quem estava no comando.

Então, sem que ela percebesse, Oliver se atirou para a frente e a empurrou com força no peito.

Como estava agachada, seu equilíbrio era precário. Eloise caiu, aterrissou deselegantemente sobre o traseiro e rolou para trás de forma que os gêmeos puderam ver suas anáguas.

– Bem – declarou ela, levantando-se e cruzando os braços enquanto olhava com ar severo para eles. Os dois tinham dado vários passos para trás e a encaravam com um misto de alegria e horror, como se não pudessem acreditar que um deles tinha tido a coragem de derrubá-la. – Isso não foi nada prudente.

– Você vai nos bater? – perguntou Oliver.

Sua voz era desafiadora, mas havia uma ponta de medo também, como se alguém já *tivesse* batido neles antes.

– É claro que não – disse Eloise rapidamente. – Não acho certo bater em crianças. Não acho certo bater em ninguém.

A não ser em pessoas que batem em crianças, acrescentou para si mesma.

Eles pareceram de certa forma aliviados ao ouvir isso.

– Mas devo lembrar que você me bateu primeiro – continuou Eloise.

– Eu *empurrei* você – corrigiu ele.

Eloise deu um pequeno gemido. Devia ter previsto aquela resposta.

– Se não quer que as pessoas batam em você, deve seguir a mesma filosofia.

– A Regra de Ouro – falou Amanda.

– Exatamente – concordou Eloise com um sorriso largo.

Ela duvidava que tivesse mudado o curso da vida deles com uma pequena lição, mas apesar de tudo era bom acreditar que fizera os dois pararem um pouco para pensar.

– Isso não quer dizer que você deveria ir para casa? – indagou Amanda, com expressão reflexiva.

Eloise sentiu seu pequeno momento de euforia desmoronar. E tentou imaginar que salto de lógica Amanda estava prestes a dar para explicar por que Eloise deveria ser banida para a Amazônia.

– Nós estamos em casa – disse Amanda, soando excessivamente arrogante para uma criança de sua idade. Ou talvez ela fosse arrogante como *só* uma criança de sua idade poderia ser. – Então você deveria ir para a sua casa.

– As coisas não funcionam assim – retrucou Eloise, com rispidez.

– Funcionam, sim – insistiu Amanda, assentindo com um pequeno gesto presunçoso. – Aja com os outros da maneira que gostaria que agissem com você. *Nós* não fomos à sua casa, então você não deveria vir à nossa.

– Você é muito inteligente, sabia? – falou Eloise.

Amanda parecia querer assentir com a cabeça, mas claramente desconfiava demais do elogio para aceitá-lo.

Eloise se curvou para ficar cara a cara com os dois.

– Mas eu também sou – disse ela com uma voz muito séria e um pouco desafiadora.

Espantados, eles encararam boquiabertos e com os olhos arregalados aquela pessoa tão diferente de qualquer adulto que já tinham conhecido.

– Estamos entendidos? – perguntou Eloise, empertigando-se e alisando a saia de maneira propositalmente casual.

Os dois não falaram nada, então ela decidiu responder por eles.

– Ótimo. Agora vocês poderiam me mostrar onde fica a sala de jantar? Estou faminta.

– Temos aula – disse Oliver.

– Ah, têm? – indagou Eloise, arqueando as sobrancelhas. – Que interessante. Então podem ir agora mesmo. Ou vão acabar se atrasando depois de terem passado tanto tempo plantados em frente à minha porta.

– Como você sabe…

Antes de terminar a pergunta, Amanda foi interrompida por um cutucão de Oliver em sua costela.

– Tenho sete irmãos – respondeu Eloise, concluindo que a pergunta não finalizada de Amanda merecia uma resposta. – Sou especialista nessas estratégias de guerra.

Mas, quando os gêmeos saíram depressa pelo corredor, Eloise mordeu o lábio inferior, apreensiva. Tinha a sensação de que não deveria ter encerrado a conversa daquele jeito. Ela praticamente desafiara Oliver e Amanda a encontrarem uma maneira de expulsá-la da casa.

E apesar de estar certa de que não conseguiriam – afinal de contas, ela era uma Bridgerton, e tinha muito mais fibra do que aqueles dois sequer pensavam que fosse possível –, ficou com a nítida impressão de que iriam se dedicar de corpo e alma a esse projeto.

Eloise estremeceu. Enguias na cama, cabelo mergulhado em tinta, geleia nas cadeiras. Tinha passado por tudo isso em diferentes momentos da vida e não gostaria nem um pouco de reviver as experiências, muito menos nas mãos de duas crianças vinte anos mais novas do que ela.

Suspirou, pensando em que tinha se metido. Era melhor encontrar Sir Phillip e ver se os dois se entenderiam. Porque se fosse mesmo embora em uma ou duas semanas e nunca mais voltasse a ver nenhum dos Cranes, não tinha certeza se queria passar pela provação de aturar camundongos e aranhas ou sal no açucareiro.

Seu estômago roncou. Não sabia se era por ter pensando em sal ou em açúcar, mas definitivamente estava na hora de arrumar alguma coisa para comer. E melhor que fosse logo, antes que os gêmeos tivessem a chance de descobrir como envenenar sua comida.

~

Phillip sabia que tinha errado feio. Mas, também, aquela louca não havia nem avisado que viria. Se ao menos tivesse lhe dado alguma indicação, ele poderia ter se preparado, pensado em algumas coisas poéticas para dizer. Ela achava mesmo que ele tinha escrito todas aquelas cartas sem pensar exaustivamente em cada palavra? Ele nunca enviara o primeiro rascunho de nenhuma de suas correspondências, embora sempre os escrevesse em seu

melhor papel, esperando que, daquela vez, pudesse concluir o texto na primeira tentativa.

Droga, se ela tivesse avisado, ele poderia até ter pensado em um ou outro gesto romântico. Como flores, por exemplo. Essa era uma ótima ideia. Se havia alguma coisa em que ele era bom, era em flores.

Mas em vez disso ela havia simplesmente aparecido à sua porta, como se saída de um sonho, e ele tinha estragado tudo.

E não ajudava em nada o fato de a Srta. Bridgerton *não* ser o que ele esperara.

Pelo amor de Deus, ela era uma solteirona de 28 anos. Não era para ser nada atraente. Podia até ter cara de cavalo. Mas, em vez disso, era…

Bem, ele não tinha muita certeza de como descrevê-la. Não era exatamente bonita, mas, ainda assim, estonteante, com cabelos castanhos e olhos do mais claro e vivo tom de cinza. Era o tipo de mulher cujas expressões a tornavam bela. Havia inteligência em seus olhos, curiosidade na maneira como ela inclinava a cabeça de lado. Suas feições eram únicas, quase exóticas, com o rosto em formato de coração e o sorriso largo.

Não que Phillip tivesse conseguido ver muito o tal sorriso. A falta de charme dele não tinha lhe dado muita chance.

Enfiou as mãos em uma pilha de terra úmida, tirou um pouco e colocou em um pequeno vaso de argila, sem comprimi-la, para que as raízes crescessem melhor. Mas o que ele iria fazer agora? Tinha apostado suas fichas em uma miragem da Srta. Eloise Bridgerton, baseada nas cartas que ela lhe enviara no último ano. Não tinha tempo (nem, para falar a verdade, disposição) de cortejar uma possível mãe para os gêmeos, então parecera perfeito (sem falar que era quase fácil) cortejá-la através das cartas.

Sem dúvida uma mulher prestes a fazer 30 anos e que ainda não estava casada ficaria feliz em receber um pedido de casamento. Ele não achava que ela fosse aceitar a proposta sem conhecê-lo, é claro, e não estava preparado para assumir formalmente a ideia antes de conhecê-la também. Mas esperava que ela fosse alguém que estivesse pelo menos um pouco desesperada para arrumar um marido.

Em vez disso, Eloise chegara ali toda jovem, bonita, inteligente e autoconfiante, mas, por Deus, *por que* uma mulher como aquela iria querer se casar com alguém que nem conhecia? Sem falar no fato de se prender a uma propriedade rural no ponto mais remoto de Gloucestershire. Phillip podia não entender nada de roupas, mas até mesmo ele podia ver que as

dela eram benfeitas e muito provavelmente da última moda. Com certeza, ela esperaria viagens a Londres, uma vida social ativa, amigos.

Claro que não encontraria nada disso ali em Romney Hall.

Parecia quase inútil sequer tentar conhecê-la melhor. Ela não iria ficar mesmo, e ele seria um tolo de alimentar esperanças.

Phillip resmungou, depois praguejou também. Agora teria de cortejar outra mulher. Maldição, agora teria de *encontrar* outra mulher para cortejar, o que seria quase tão difícil quanto. Ninguém na região iria nem sequer olhar para ele. Todas as mulheres solteiras sabiam sobre os gêmeos e não havia nenhuma disposta a assumir a responsabilidade de cuidar de seus pestinhas.

Ele depositara todas as esperanças na Srta. Bridgerton, e agora pelo visto teria que desistir dela também.

Arriou o vaso com força demais em uma prateleira e se encolheu quando o barulho ecoou pela estufa.

Com um suspiro alto, mergulhou as mãos enlameadas em um balde cheio de água já suja. Ele tinha sido rude naquela manhã. Ainda estava irritado por ter perdido seu tempo com a ida dela até ali – ou, se ainda não tinha perdido, com certeza estava perto disso, uma vez que ela provavelmente não iria embora naquela noite ainda.

Mas isso não justificava seu comportamento. Não era culpa dela se ele não conseguia controlar os próprios filhos, e com certeza não era culpa dela que isso sempre o deixasse de mau humor.

Limpou a mão numa toalha que deixava junto à porta e saiu andando depressa em direção à casa, sob a chuva fina. Já devia ser a hora do almoço, e não faria mal algum sentar-se com ela à mesa para uma conversa educada.

Além disso, ela estava *ali*. Depois de todo o empenho dele com as cartas, parecia besteira não tentar ver se os dois se davam bem o suficiente para se casarem. Só um idiota deixaria que ela fizesse as malas e fosse embora sem sequer saber se eles se entenderiam.

Não era provável que ela fosse ficar, mas não era impossível, calculou ele, e deveria pelo menos fazer um teste.

Entrou em casa após limpar os pés no tapete que a governanta costumava deixar ali fora para ele, perto da entrada lateral. Estava todo sujo e desarrumado como sempre ficava quando trabalhava na estufa, e seus empregados já tinham se acostumado a vê-lo naquele estado, mas imaginava que deveria se limpar antes de procurar a Srta. Bridgerton e convidá-la para

almoçar. Ela era de Londres e com certeza não iria querer se sentar à mesa com alguém que não estivesse perfeitamente bem-arrumado.

Phillip cortou caminho pela cozinha e, enquanto passava por lá, cumprimentou uma empregada que lavava cenouras em uma vasilha com água. A escada dos criados ficava logo depois da outra porta e…

– Srta. Bridgerton! – exclamou ele, surpreso. Ela parecia incrivelmente à vontade empoleirada em um banco e já estava na metade de um enorme sanduíche de presunto. – O que está fazendo aqui?

– Sir Phillip – disse ela, inclinando a cabeça para cumprimentá-lo.

– Você não precisa comer na cozinha – falou Phillip, irritado com a Srta. Bridgerton apenas por ela não estar onde ele imaginava que estaria.

Isso e o fato de que ele pretendia trocar de roupa antes do almoço – preocupação que em geral não tinha – somente por causa dela, e ela acabara vendo o estado em que ele se encontrava.

– Eu sei – retrucou ela, inclinando a cabeça para o lado e piscando aqueles devastadores olhos acinzentados. – Mas eu estava atrás de companhia e de comida, e este parecia o lugar perfeito para encontrar os dois.

Aquilo tinha sido um insulto? Ele não sabia direito, e a expressão dela parecia inocente, então ele decidiu ignorar e disse:

– Eu estava indo trocar de roupa para convidá-la para almoçar.

– Adoraria terminar meu sanduíche na sala do café da manhã, se quiser se juntar a mim – disse Eloise. – Tenho certeza de que a Sra. Smith não vai se importar de fazer outro sanduíche para você. Este aqui está uma delícia. – Ela olhou para a cozinheira. – Sra. Smith?

– Não será trabalho algum, Srta. Bridgerton – retrucou a cozinheira, deixando Phillip quase boquiaberto.

Tinha sido o tom de voz mais cordial que ele já ouvira sair dos lábios dela.

Eloise levantou do banco e pegou o prato.

– Vamos? – falou a Phillip. – Não tenho nenhuma objeção a seus trajes.

Antes mesmo de perceber que não tinha concordado com a sugestão dela, Phillip se viu na sala de café da manhã, sentado à sua frente, em uma pequena mesa redonda que ele usava com mais frequência do que a comprida e solitária mesa da sala de jantar. Uma empregada levara o serviço de chá da Srta. Bridgerton e, depois de perguntar se ele queria um pouco, a própria Eloise lhe preparou habilmente uma xícara.

Isso lhe provocou uma sensação um tanto perturbadora. Ela o manipulara de forma primorosa para atender aos próprios propósitos, e de alguma forma não parecia importar o fato de que *ele* pretendera convidá-la para almoçar exatamente daquela maneira. Ele gostava de pensar que estava, pelo menos em teoria, no comando de sua casa.

– Estive com seus filhos mais cedo – comentou Eloise, levando a xícara aos lábios.

– Sim, eu estava lá – replicou ele, contente por ela ter iniciado a conversa.

Assim ele não precisava se preocupar com isso.

– Não, depois disso – retrucou ela.

Ele lhe lançou um olhar de interrogação.

– Eles estavam me esperando na porta do meu quarto – explicou ela.

Uma sensação horrível começou a revirar e agitar o estômago de Phillip. Os dois a esperavam… como? Com um saco de rãs vivas? Com um saco de rãs *mortas*? Seus filhos nunca tinham sido gentis com as professoras, e ele não achava que seriam muito mais benevolentes com uma convidada que estava ali obviamente no papel de possível madrasta.

Ele tossiu.

– Pelo visto, você sobreviveu ao encontro.

– Ah, sim – disse ela. – Chegamos a uma espécie de acordo.

– Uma espécie de acordo? – ecoou ele, olhando para ela com cautela.

Ela fez um gesto para descartar o assunto e continuou mastigando.

– Você não precisa se preocupar comigo.

– E preciso me preocupar com meus filhos?

Ela olhou para ele com um sorriso inescrutável.

– É claro que não.

– Muito bem. – Phillip pegou o sanduíche que tinha sido colocado à sua frente e deu uma boa mordida. Depois de engolir, fitou-a nos olhos e disse: – Queira me desculpar pela recepção de hoje de manhã. Sei que não fui nada gentil.

Ela assentiu regiamente.

– E eu peço desculpas por chegar sem avisar. Foi muito mal-educado de minha parte.

Ele assentiu.

– Mas você, ao contrário de mim, já se desculpou por isso hoje de manhã.

Ela lhe ofereceu um sorriso sincero e ele sentiu o coração dar um pulo. Santo Deus, quando Eloise sorria, o rosto inteiro dela se transformava. Durante todo o tempo em que se corresponderam, ele nunca sonhara que ela poderia deixá-lo sem ar.

– Obrigada – murmurou ela, as bochechas corando de leve. – Isso foi muito gentil de sua parte.

Phillip pigarreou e se remexeu desconfortavelmente na cadeira. O que havia de errado com ele, para ficar menos à vontade quando ela sorria do que quando demonstrava desagrado?

– Certo – disse Phillip, tossindo mais uma vez para disfarçar a rouquidão na voz. – Agora que já resolvemos isso, talvez possamos falar sobre o motivo pelo qual você veio até aqui.

Eloise abaixou o sanduíche e o encarou com evidente surpresa. Obviamente não esperava que ele fosse ser tão direto.

– Você estava interessado em se casar – disse ela.

– E você está? – rebateu ele.

– Eu estou aqui – respondeu ela simplesmente.

Ele olhou para Eloise de modo avaliador, os olhos buscando os dela, até ela se remexer sem graça na cadeira.

– Você não é como eu imaginava, Srta. Bridgerton.

– Dadas as circunstâncias, eu não acharia inapropriado se você me chamasse pelo primeiro nome – disse ela. – E você também não é como eu imaginava.

Ele se reclinou na cadeira, olhando para ela com um sorriso discreto.

– E o que você imaginava?

– O que *você* imaginava? – retrucou ela.

Eloise percebeu pelo olhar de Phillip que ele sabia que ela evitara sua pergunta.

– Eu não imaginava que você fosse tão bonita.

Eloise se encolheu um pouco ao ouvir o elogio inesperado. Não estava muito arrumada naquela manhã, e, mesmo que estivesse… bem, ela nunca fora considerada uma das damas mais bonitas da alta sociedade. As mulheres da família Bridgerton eram sempre tidas como atraentes, radiantes e elegantes. Ela e suas irmãs eram populares, e todas tinham recebido mais do que um pedido de casamento, mas os homens pareciam gostar delas por *gostar*, não por ficarem extasiados por sua beleza.

– Eu… hã… – Ela sentiu o rosto corar, o que a deixou morta de vergonha e, consequentemente, fez suas bochechas ficarem ainda mais vermelhas. – Obrigada.

Ele assentiu de maneira cortês.

– Não sei ao certo por que minha aparência o surpreendeu – disse Eloise, bastante irritada consigo mesma pela reação que o elogio lhe provocara.

Céus, até parecia que ela nunca recebera um elogio. Mas ele continuou só lá parado, *olhando* para ela. Olhando *fixamente*, e…

Ela estremeceu.

E não havia nenhuma corrente de ar. Era possível alguém tremer por sentir muito… *calor*?

– Você escreveu dizendo que era uma solteirona – falou ele. – Deve haver alguma razão para nunca ter se casado.

– Não foi por falta de pedidos – retrucou ela, sentindo-se compelida a informá-lo.

– É claro que não – disse Phillip, inclinando a cabeça na direção dela de maneira elogiosa. – Mas não consigo evitar a curiosidade de querer saber por que uma mulher como você iria recorrer a… bem… a mim.

Eloise olhou para ele com toda a atenção pela primeira vez desde que chegara ali. Ele era bem bonito, de uma maneira rústica e ligeiramente desleixada. Seus cabelos escuros imploravam por um bom corte, e a pele mostrava sinais de um leve bronzeado, o que era impressionante considerando-se que não havia tido muitos dias de sol nos últimos meses. Ele era alto e musculoso, e estava sentado em sua cadeira com uma graça despreocupada e atlética, esparramado de um jeito que seria considerado inadmissível em uma sala de estar em Londres.

E seu olhar dizia que ele não ligava muito para o fato de seus modos não estarem de acordo com o que era esperado pela sociedade. Não era o mesmo tipo de atitude arrogante que ela via com tanta frequência entre os jovens de seu meio. Conhecera muitos homens assim, que faziam questão de desafiar as convenções, mas se esforçavam tanto para que todos vissem como eram ousados e arrojados que arruinavam todo o efeito.

Já com Sir Phillip era diferente. Eloise podia apostar que nunca lhe passara pela cabeça se estava ou não sentado de maneira apropriada, e com certeza jamais se preocupara em garantir que as pessoas soubessem que ele não se importava.

Isso fez Eloise pensar se aquilo mostrava que ele era uma pessoa realmente autoconfiante, e, se era, por que precisava recorrer a *ela*? Porque, pelo que já vira dele, tirando o comportamento rude daquela manhã, Sir Phillip não deveria ter muito trabalho para encontrar uma esposa.

– Eu estou aqui – disse ela, lembrando-se por fim de que ele havia lhe feito uma pergunta – porque, após recusar *vários* pedidos, descobri que ainda quero me casar. – Ela sabia que uma pessoa melhor teria sido mais modesta e não se empenharia tanto em enfatizar a palavra "vários", mas não pôde evitar. – Suas cartas pareciam mostrar que você era um bom candidato. Então não seria inteligente deixar de vir conhecê-lo para ver se era mesmo verdade.

Ele assentiu.

– Muito prático de sua parte.

– E quanto a você? – rebateu ela. – Foi você quem falou primeiro em casamento. Por que simplesmente não procurou uma esposa entre as mulheres daqui?

Ele ficou calado por um instante, olhando para Eloise como se não pudesse acreditar que ela não houvesse descoberto a razão sozinha.

– Você conheceu os meus filhos – respondeu ele, por fim.

Eloise quase se engasgou com o pedaço de sanduíche que tinha começado a mastigar.

– O que disse?

– Os meus filhos – falou Phillip. – Você já esteve com eles. Duas vezes, pelo que me contou.

– Sim, mas o que… – Eloise arregalou os olhos. – Ah, não, não me diga que eles afugentaram todas as possíveis esposas da região.

Ele a encarou com um olhar amargo.

– A maioria das mulheres daqui se recusa até mesmo a ser considerada como uma possível esposa.

– Eles não são tão ruins assim – comentou ela em tom zombeteiro.

– Eles precisam de uma mãe – disse Phillip, sem rodeios.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Tenho certeza de que você é capaz de pensar em uma maneira mais romântica de me convencer a ser sua esposa.

Phillip suspirou com ar cansado, passando a mão pelo cabelo já desgrenhado.

– Srta. Bridgerton – disse ele, e depois se corrigiu: – Eloise. Vou ser honesto com você, porque não tenho energia nem paciência para palavras românticas e elegantes ou histórias inteligentemente construídas. Preciso de uma esposa. Meus filhos precisam de uma mãe. Convidei-a até aqui para ver se aceitaria assumir esse papel, e se nós dois nos daríamos bem.

– Qual deles? – sussurrou ela.

Ele fechou as mãos, os nós dos dedos roçando a toalha da mesa. O que havia com as mulheres? Elas falavam em algum tipo de *código*?

– Qual deles… o quê? – perguntou Phillip, revelando a impaciência em sua voz.

– Qual desses papéis você quer que eu assuma? – esclareceu ela, a voz ainda tranquila. – O de esposa ou o de mãe?

– Os dois – respondeu ele. – Eu diria que isso era óbvio.

– Qual deles você quer *mais*?

Phillip olhou para ela por um bom tempo, sabendo que aquela era uma pergunta importante, que talvez marcasse o fim daquela corte pouco usual. Por fim, apenas deu de ombros desamparadamente e disse:

– Sinto muito, mas não sei como separar os dois.

Ela assentiu, a expressão séria.

– Entendo – murmurou. – Imagino que esteja certo.

Phillip, que nem notara que estava prendendo a respiração, soltou o ar em um suspiro demorado. De algum jeito – só Deus sabia como –, ele tinha respondido corretamente. Ou, pelo menos, não incorretamente.

Eloise se remexeu um pouco na cadeira, então indicou o sanduíche pela metade no prato dele.

– Vamos continuar a nossa refeição? – sugeriu ela. – Você passou a manhã toda na estufa. Com certeza estará faminto.

Phillip fez que sim e deu uma mordida, sentindo-se de repente bastante feliz com sua vida. Ele ainda não sabia se a Srta. Bridgerton iria concordar em se tornar Lady Crane, mas, se aceitasse…

Bem, ele não achava que teria qualquer objeção a isso.

Mas cortejá-la não seria tão fácil quanto havia imaginado. Estava claro para Phillip que ele precisava mais dela do que o contrário. Ele tinha esperado que ela fosse uma solteirona desesperada, o que obviamente não era o caso, apesar da sua idade. Agora suspeitava que a Srta. Bridgerton tinha muitas opções na vida, e que ele era apenas uma delas.

Mas ainda assim algo devia tê-la compelido a sair de casa e viajar toda aquela distância até Gloucestershire. Se a vida dela em Londres fosse tão perfeita, por que, então, ela partira?

Mas, à medida que ele a observava à sua frente e via o rosto dela se transformar com um simples sorriso, percebia que sua razão para ter partido não importava.

Só tinha de conseguir fazê-la ficar.

CAPÍTULO 4

… sinto muito em saber que Caroline vem sofrendo de cólicas e deixando você maluca. E é claro que é lamentável que nem Amelia nem Belinda estejam felizes com a chegada dela. Mas você deve procurar ver pelo lado positivo, querida Daphne. Tudo isso seria muito mais difícil se você tivesse tido gêmeos.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a Duquesa de Hastings, um mês após o nascimento da terceira filha de Daphne

Phillip assobiava enquanto caminhava pelo corredor principal em direção à escada, demasiadamente feliz com sua vida. Tinha passado a maior parte da tarde na companhia da Srta. Bridgerton – não, *Eloise* –, e agora estava convencido de que ela seria uma ótima esposa. Sem dúvida a jovem era muito inteligente e, com todos aqueles irmãos (sem falar nos sobrinhos) de que lhe falara, com certeza saberia como lidar com Oliver e Amanda.

Além disso, pensou Phillip com um sorriso voraz, Eloise era bem bonita, e mais de uma vez naquela tarde se pegara olhando para ela, pensando em como seria tê-la em seus braços, se ela corresponderia ao seu beijo.

Seu corpo ficou rijo ao pensar nisso. Fazia muito tempo desde a última vez em que estivera com uma mulher. Tantos anos que ele nem conseguia se lembrar.

Mais anos, honestamente, do que qualquer homem admitiria.

Não tinha nem feito uso dos serviços oferecidos pelas criadas da taberna local, preferindo mulheres com a pele mais fresca de banho e, na verdade, não tão anônimas.

Ou talvez *mais* anônimas. Era provável que nenhuma daquelas criadas fosse deixar a região algum dia, e Phillip gostava muito de frequentar a taberna para arruinar isso esbarrando toda hora em mulheres com quem

tivesse se deitado uma vez, mas com as quais não queria nenhum envolvimento.

E antes da morte de Marina… bem, ele nunca sequer tinha considerado ser infiel a ela, apesar de não dividirem a cama desde que os gêmeos eram bem novos.

Ela ficara tão melancólica após o nascimento deles… Marina sempre parecera frágil e pensativa, mas só depois de ter Oliver e Amanda foi que mergulhou em seu próprio mundo de tristeza e desesperança. Tinha sido terrível para Phillip ver a vida por trás dos olhos dela ir se apagando aos poucos, dia após dia, até restar apenas uma monotonia lúgubre, a simples sombra de uma mulher que um dia existira.

Ele sabia que as mulheres não podiam ter relações logo após o parto, mas, mesmo depois que ela se recuperara, ele não conseguia nem pensar em exigir nada. Como alguém podia desejar uma mulher que parecia sempre a ponto de chorar?

Quando os gêmeos ficaram um pouco mais velhos, e Phillip achara – esperara, na verdade – que Marina estivesse melhorando, fora procurá-la em seu quarto.

Uma vez.

Ela não se recusara, mas também não participara de forma ativa. Ficara apenas lá deitada, sem fazer nada, a cabeça virada para o lado, os olhos abertos, quase sem piscar.

Era como se ela não estivesse presente.

Ele fora embora se sentindo sujo, moralmente corrompido, como se de alguma forma a tivesse violado, mesmo que ela nunca tivesse dito a palavra *não*.

E, depois disso, nunca mais a tocara.

Suas necessidades não eram tão grandes a ponto de precisar satisfazê-las com uma mulher que ficava deitada embaixo dele como um cadáver.

Phillip nunca mais quisera se sentir de novo como naquela última noite. Quando voltara ao seu quarto, na mesma hora vomitara todo o conteúdo do estômago, trêmulo e enojado consigo mesmo. Tinha se comportado como um animal, tentando desesperadamente provocar nela algum tipo – qualquer tipo – de reação. Quando isso se provara impossível, ficara furioso com ela e quisera puni-la.

E isso o horrorizara.

Fora bruto demais. Não achava que a havia machucado, mas não tinha sido gentil. E nunca mais quisera ver aquele seu lado de novo.

Mas Marina havia morrido.

Morrido.

E Eloise era diferente. Não tinha o menor jeito de quem ficaria triste assim do nada ou se trancaria no quarto, mal tocando na comida e chorando no travesseiro.

Eloise tinha fibra. Determinação.

Era *feliz*.

Se isso não era um bom critério para se escolher uma esposa, ele não sabia qual era.

Phillip parou no pé da escada para ver as horas em seu relógio de bolso. Dissera a Eloise que o jantar seria servido às sete e que a encontraria na porta do quarto para acompanhá-la até a sala. Não queria chegar cedo e parecer ansioso demais.

Por outro lado, também não queria se atrasar. Não seria nada bom fazê-la pensar que não estava interessado.

Fechou o relógio e revirou os olhos. Estava se comportando como um garoto inexperiente. Aquilo era ridículo. Ele era o senhor de sua casa e um grande cientista. Não devia ficar contando os minutos só para cair nas graças de uma mulher.

Mas, mesmo ao pensar nisso, abriu o relógio para dar mais uma olhada. Três minutos para as sete. Ótimo. Isso lhe daria tempo suficiente para subir a escada e encontrá-la na porta do quarto com exatamente um minuto de sobra.

Sorriu, sentindo a onda quente de desejo que o invadiu ao pensar nela com um vestido de noite. Esperava que fosse azul. Ela ficaria linda de azul.

Abriu ainda mais o sorriso. Ela ficaria linda sem nada.

~

Mas quando Phillip a encontrou no corredor, em frente ao quarto, o cabelo de Eloise estava branco.

Assim como o corpo todo dela.

Maldição.

– Oliver! – gritou ele. – Amanda!

– Ah, eles já foram embora há muito tempo – disparou Eloise, os olhos soltando faíscas.

Olhos que, ele não pôde deixar de notar, eram a única parte dela que não estava coberta por uma camada consideravelmente grossa de farinha.

Bom, ainda bem que ela fechara os olhos a tempo. Ele sempre admirara mulheres com reflexos rápidos.

– Srta. Bridgerton – disse Phillip, estendendo a mão para ajudá-la, mas recolhendo-a logo em seguida, ao notar que não havia *como* ajudá-la. – Não sei nem por onde começar a me…

– *Não* se desculpe por eles – rebateu ela.

– Certo. É claro. Mas eu lhe prometo… que vou…

Acabou interrompendo o que dizia. O olhar dela teria sido suficiente para silenciar o próprio Napoleão.

– Sir Phillip – falou Eloise, lenta e firmemente, como se prestes a se atirar para cima dele num frenesi furioso. – Como pode ver, ainda não estou pronta para o jantar.

Ele deu um passo para trás, obedecendo a seu instinto de autopreservação.

– Pelo visto, os gêmeos vieram visitá-la.

– Ah, sim – retrucou ela, com notável sarcasmo. – E depois fugiram. Aqueles covardezinhos não estão em parte alguma.

– Bem, eles não devem ter ido longe – ponderou Phillip, sem contrariar o merecido insulto aos seus filhos, enquanto tentava continuar a conversa como se ela não parecesse uma assombração horrível.

Achava que era sua melhor opção. Ou, pelo menos, uma em que ela não acabaria saltando em seu pescoço.

– Imagino que queiram ver o resultado do que aprontaram – disse ele, dando outro passo discreto para trás enquanto ela tossia, levantando uma nuvem de farinha. – Será que você não ouviu nenhuma risada quando a farinha caiu? Uma gargalhada, talvez?

Ela o fuzilou com o olhar.

– Certo – falou ele, recuando mais ainda.

– Foi difícil ouvir alguma coisa além do balde acertando minha cabeça – retrucou ela, tão tensa que ele pensou que seu maxilar poderia se deslocar.

– Droga – resmungou ele, seguindo o olhar dela até um grande balde de metal caído de lado no tapete, ainda com um pouco de farinha dentro. – Você se machucou?

Ela fez que não.

Phillip estendeu o braço e tomou o rosto dela nas mãos para verificar se havia algum galo ou hematoma.

– Sir Phillip! – gritou Eloise, tentando se desvencilhar. – Devo lhe pedir que…

– Fique quieta – ordenou ele, passando os polegares pela testa dela, tentando ver se havia alguma marca.

Foi um gesto bastante íntimo, que ele achou surpreendentemente agradável. Assim tão perto dele, Eloise parecia ter a altura ideal. Se ela estivesse limpa, talvez ele não tivesse resistido a se curvar e lhe dar um beijo suave na testa.

– Estou bem – resmungou ela, contorcendo-se para se livrar dele. – A farinha pesava mais do que o balde.

Phillip se abaixou e endireitou o balde, verificando seu peso. Era bem leve e não devia ter causado grandes danos, mas ainda assim não era o tipo de coisa que alguém gostaria que lhe acertasse a cabeça.

– Vou sobreviver, eu lhe garanto – disparou ela.

Ele pigarreou.

– Imagino que queira tomar um banho.

Ele *pensou* ouvi-la dizer "O que quero é ver aqueles dois pestinhas pendurados numa corda", mas as palavras dela saíram sussurradas, e só porque isso seria o que ele teria dito… bem, não significava que ela também fosse tão impiedosa.

– Vou mandar preparar um – disse ele rapidamente.

– Não se preocupe. A água do meu último banho ainda está na banheira.

Ele se encolheu. O senso de oportunidade de seus filhos não podia ter sido mais preciso.

– Mesmo assim – continuou ele apressadamente –, cuidarei para que aqueçam a água com mais alguns baldes.

Ele se encolheu de novo diante do olhar furioso dela. Péssima escolha de palavras.

– Vou providenciar isso agora mesmo – disse ele.

– Sim – retrucou ela, tensa. – Faça isso.

Ele seguiu a passos largos pelo corredor para dar a ordem a uma das empregadas, mas, no minuto em que fez a curva, viu que meia dúzia de criados olhavam boquiabertos para eles, e tinham, inclusive, feito uma

aposta sobre quanto tempo demoraria para Phillip esquentar o traseiro dos gêmeos.

Depois de mandar que todos voltassem ao trabalho e que preparassem um novo banho imediatamente, voltou para junto de Eloise. Ele já estava todo sujo de farinha, então não viu nenhum mal em segurar a mão dela.

– Sinto muito mesmo – murmurou Phillip, agora tentando não rir.

Sua reação no momento tinha sido ficar furioso, mas agora… bem, ela estava bastante ridícula.

Ela o fuzilou com o olhar, claramente notando sua mudança de humor.

No mesmo instante, Phillip assumiu um ar mais grave.

– Que tal você voltar para o quarto? – sugeriu.

– E onde eu iria me sentar? – disparou ela.

Eloise tinha razão. Era provável que estragasse qualquer coisa que tocasse, ou no mínimo o objeto teria que passar por uma limpeza completa.

– Então vou lhe fazer companhia – disse ele em um tom descontraído.

O olhar que ela lhe lançou deixou claro que não estava nem um pouco feliz.

– Certo – disse Phillip, tentando preencher o silêncio com algo que não fosse farinha. Olhou, então, para cima da porta, impressionado com a proeza dos gêmeos, apesar da infeliz consequência. – Fico imaginando como eles fizeram isso.

Ela o encarou boquiaberta.

– E isso tem alguma importância?

Ele viu que aquele não era o melhor tópico para uma conversa, mas continuou mesmo assim:

– Bem, certamente não desculpo as ações deles, mas sem dúvida foi um trabalho muito benfeito. Não sei onde prenderam o balde, e…

– Eles o apoiaram em cima da porta.

– Como sabe?

– Tenho sete irmãos – disse ela, sem dar importância ao assunto. – Você acha que nunca vi essa travessura antes? Eles abriram a porta só um pouquinho, e então apoiaram cuidadosamente o balde em cima dela.

– E você não ouviu os dois?

Eloise olhou furiosa para Phillip.

– Certo – disse ele, rápido. – Você estava no banho.

– Não acredito que queira insinuar que a culpa foi minha por não ter ouvido os dois.

– É claro que não – retrucou ele, mais do que depressa. A julgar pelo olhar assassino de Eloise, ele tinha certeza de que sua saúde e seu bem-estar dependiam diretamente da velocidade com que concordasse com ela. – Acho melhor deixar que você…

Haveria uma boa maneira de descrever o processo de uma pessoa se limpar de vários quilos de farinha?

– Vejo você no jantar? – perguntou ele, concluindo que uma mudança de assunto seria mais do que bem-vinda.

Eloise assentiu com a cabeça uma vez, brevemente. Não havia muito entusiasmo em seu gesto, mas Phillip calculou que devia estar feliz por ela não querer ir embora naquela noite.

– Direi à cozinheira que mantenha o jantar aquecido. E depois cuidarei para que os gêmeos sejam punidos.

– Não – disse Eloise, fazendo com que ele parasse de repente. – Deixe os dois comigo.

Phillip se virou devagar, um pouco alarmado com o tom de voz dela.

– O que exatamente você planeja fazer com eles?

– Com eles ou *a* eles?

Phillip nunca pensara que chegaria o dia em que uma mulher fosse assustá-lo, mas Deus era testemunha de que Eloise Bridgerton o deixara apavorado.

O brilho nos olhos dela era absolutamente diabólico.

– Srta. Bridgerton, permita-me perguntar uma coisa – disse ele, cruzando os braços. – O que você pretende fazer aos meus filhos?

– Estou considerando algumas opções.

Ele pensou um pouco a respeito, depois disse:

– Posso ter a certeza de que eles ainda estarão vivos pela manhã?

– Ah, sim – retrucou ela. – Vivos e com todos os membros intactos, eu lhe garanto.

Phillip a obsevou por alguns instantes, depois abriu um sorriso lento e satisfeito. Tinha a sensação de que a vingança de Eloise – qualquer que fosse – seria exatamente aquilo de que os gêmeos precisavam. Com certeza alguém com sete irmãos saberia causar estragos da maneira mais perspicaz, engenhosa e dissimulada possível.

– Muito bem, Srta. Bridgerton – falou, quase feliz por seus filhos terem derrubado um balde de farinha nela. – Eles são todos seus.

~

Uma hora mais tarde, pouco depois de ele e Eloise se sentarem para o jantar, os gritos começaram.

Phillip deixou cair a colher. Os berros de Amanda tinham um tom mais apavorado do que o normal.

Eloise nem mesmo hesitou enquanto levava uma colher de sopa de tartaruga à boca.

– Ela está bem – murmurou Eloise, limpando delicadamente os cantos dos lábios com o guardanapo.

Então ouviram o barulho de pequenos pés correndo no andar de cima, o que indicava que Amanda saía em disparada em direção à escada.

Phillip começou a se levantar.

– É melhor eu…

– Coloquei um peixe na cama dela – disse Eloise, não exatamente sorrindo, mas parecendo bastante satisfeita consigo mesma.

– Um peixe? – ecoou ele.

– Sim, um peixe bem grande.

O peixinho em que Phillip pensara logo se transformou num tubarão com dentes afiados, e ele se engasgou.

– Hã…? Onde você arrumou um peixe? – perguntou Phillip, sem conseguir evitar.

– A Sra. Smith – disse Eloise, como se a cozinheira dele distribuísse trutas enormes todos os dias da semana.

Phillip se forçou a voltar a sentar. Não iria sair correndo para salvar Amanda. Bem que queria, afinal também era impulsionado pelo peculiar instinto paternal, e, além disso, ela gritava como se o fogo do inferno a consumisse.

Mas sua filha tinha feito a própria cama, então agora devia se deitar na que a Srta. Bridgerton deixara malcheirosa para ela. Mergulhou a colher na sopa, ergueu-a alguns centímetros, depois parou.

– E o que você colocou na cama de Oliver?

– Nada.

Ele ergueu a sobrancelha em uma expressão de indagação.

– Isso o deixará na expectativa – explicou Eloise friamente.

Phillip inclinou a cabeça na direção dela, cumprimentando-a. Ela era boa.

– Você sabe que eles irão retaliar – disse Phillip, sentindo-se obrigado a alertá-la.

– Estarei pronta – afirmou ela, soando despreocupada. Então levantou o rosto e encarou-o direto nos olhos, deixando-o assustado por um momento. – Imagino que eles saibam que me convidou aqui com o propósito de me pedir em casamento.

– Nunca disse nada a eles.

– Não, não seria do seu feitio – murmurou ela.

Phillip olhou para Eloise irritado, sem saber se ela pretendera insultá-lo.

– Não vejo a necessidade de manter meus filhos informados sobre as minhas decisões pessoais.

Ela deu de ombros, um movimento suave que ele considerou enfurecedor.

– Srta. Bridgerton, não preciso dos seus conselhos sobre como criar meus filhos.

– Eu não disse uma palavra sobre o assunto, embora possa salientar que você parece bastante desesperado para encontrar uma mãe para eles, o que indica que precisa, *sim*, de ajuda.

– Até que aceite assumir esse papel, você pode guardar suas opiniões para si – disparou ele.

Eloise o encarou com um olhar gélido, depois voltou a atenção de novo para a sopa. Mas após apenas duas colheradas, olhou mais uma vez para ele de maneira desafiadora e disse:

– Eles precisam de disciplina.

– Você acha que eu não sei disso?

– Também precisam de amor.

– Eles têm amor.

– E atenção.

– Também têm isso.

– Mas precisam receber isso de *você*.

Phillip sabia que estava longe de ser um pai perfeito, mas nunca permitiria que outra pessoa dissesse isso.

– E suponho que tenha deduzido essa negligência vergonhosa durante as *doze horas* que passou aqui.

Ela bufou de desdém.

– Não precisei nem de doze horas para ouvir os dois hoje de manhã, implorando a você para passar uns poucos minutos com eles.

– Eles não fizeram nada disso – retorquiu Phillip, mas pôde sentir as pontas de suas orelhas ficando quentes, como sempre acontecia quando estava mentindo.

Não passava tempo suficiente com os filhos e estava envergonhado por ela ter percebido isso tão depressa.

– Eles praticamente imploraram que você não se ocupasse o *dia todo* – disparou ela. – Se passasse um pouco mais de tempo com eles…

– Você não sabe nada sobre os meus filhos – sibilou Phillip. – E não sabe nada sobre mim.

Eloise se levantou de repente.

– Isso é óbvio! – exclamou ela, seguindo em direção à porta.

– Espere! – chamou ele, levantando-se.

Droga. Como aquilo tinha acontecido? Cerca de uma hora antes ele estava convencido de que Eloise se tornaria sua esposa, e agora ela estava praticamente a caminho de Londres.

Soltou o ar, frustrado. Nada o tirava mais do sério do que seus filhos, ou discutir sobre eles. Ou, para ser mais preciso, discutir sobre suas falhas como pai.

– Me desculpe – falou, com sinceridade. Ou pelo menos com sinceridade suficiente para não querer que ela fosse embora. – Por favor. – Estendeu a mão. – Não vá.

– Não vou ser tratada como uma idiota.

– Se há uma coisa que aprendi nas doze horas desde que chegou – retrucou ele, repetindo intencionalmente as palavras que usara antes – é que você não é nenhuma idiota.

Ela o observou por mais alguns segundos, depois deu a mão a ele.

– Espere pelo menos até Amanda aparecer – pediu Phillip, sem se importar de dar a impressão de que estava implorando.

Ela ergueu as sobrancelhas de forma interrogativa.

– Com certeza vai querer saborear sua vitória – murmurou ele, depois acrescentou baixinho: – Sei que *eu* iria querer.

Eloise permitiu, então, que ele a conduzisse de volta ao seu lugar, mas tiveram apenas mais um minuto a sós antes que Amanda chegasse à sala gritando, a babá correndo atrás dela.

– Pai! – choramingou a menina, atirando-se em seu colo.

Phillip a abraçou desajeitadamente. Já havia algum tempo que não fazia isso, e tinha esquecido como era.

– Qual é o problema? – perguntou ele, acariciando suas costas.

Amanda afastou o rosto do pescoço dele e apontou um dedo trêmulo e furioso em direção a Eloise.

– *Ela* – disse Amanda, como se estivesse se referindo ao próprio diabo.

– A Srta. Bridgerton? – indagou Phillip.

– Ela colocou um peixe na minha cama!

– E você jogou farinha na cabeça dela, então eu diria que estão quites – retrucou ele severamente.

Amanda ficou boquiaberta.

– Mas você é meu pai!

– Sou.

– Deveria ficar do meu lado!

– Se você tivesse razão.

– Era um *peixe* – disse ela, soluçando.

– Dá para notar pelo cheiro. Imagino que vá querer tomar um banho.

– Não quero tomar banho! – exclamou ela. – Quero que você a castigue!

Phillip riu ao ouvir isso.

– Ela é meio grandinha para isso, não acha?

Amanda o encarou chocada, sem conseguir acreditar, e então, com o lábio inferior tremendo, disse:

– Você tem que mandá-la embora. *Agora!*

Phillip colocou Amanda no chão, bastante satisfeito com o desenrolar daquela situação. Talvez fosse a presença calma de Eloise, mas ele parecia mais paciente do que o normal. Não sentiu nenhum impulso de gritar com a filha ou de evitar o problema mandando-a para o quarto.

– Sinto muito, Amanda, mas a Srta. Bridgerton é minha convidada, não sua, e ela irá ficar pelo tempo que eu desejar.

Eloise pigarreou. Alto.

– *Ou* pelo tempo que ela quiser ficar – acrescentou Phillip.

Amanda contraiu o rosto, pensativa.

– Isso não quer dizer que você possa torturá-la para fazê-la querer ir embora – disse ele rapidamente.

– Mas…

– Nada de mas.

– Mas…

– O que eu acabei de dizer?

– Mas ela é *má*!

– Acho que ela é muito inteligente, e eu mesmo gostaria de ter colocado um peixe na sua cama meses atrás.

A menina recuou, horrorizada.

– Vá para o seu quarto, Amanda.

– Mas ele está fedendo.

– Você é a única culpada por isso.

– Mas a minha cama…

– Você vai ter que dormir no chão – replicou ele.

Com o rosto tremendo – o corpo todo tremendo, na verdade –, ela se arrastou em direção à porta.

– Mas… mas…

– Sim, Amanda? – perguntou ele, com um tom de voz que considerou impressionantemente calmo.

– Mas ela não fez nada contra o Oliver – sussurrou a garotinha. – Isso não foi justo. A farinha foi ideia dele.

Phillip ergueu as sobrancelhas.

– Bem, não foi *só* ideia minha – insistiu Amanda. – Planejamos tudo juntos.

Phillip deu uma risada.

– Se fosse você, eu não me preocuparia com Oliver, Amanda. Ou melhor, me preocuparia, *sim* – acrescentou ele, coçando o queixo com expressão pensativa. – Acredito que a Srta. Bridgerton tenha outros planos para ele.

Isso pareceu satisfazer a menina.

– Boa noite, pai – resmungou ela de um jeito que mal deu para entender.

E depois deixou que a babá a conduzisse para fora da sala.

Phillip voltou-se outra vez para a sopa, muito feliz consigo mesmo. Não conseguia se lembrar da última vez que saíra de uma discussão com os gêmeos achando que lidara perfeitamente com a situação. Levou a colher aos lábios e depois, ainda segurando-a, olhou para Eloise e disse:

– O pobre Oliver deve estar tremendo nas bases.

Ela parecia estar se esforçando para não rir.

– Ele não vai conseguir dormir.

Phillip concordou:

– Acho que não vai pregar o olho. E você deveria tomar cuidado. Aposto que ele vai colocar alguma armadilha na porta do quarto dele.

– Ah, não tenho nenhuma intenção de fazer alguma coisa com Oliver hoje – disse ela, acenando a mão de maneira alegre e displicente. – Isso seria muito óbvio. Prefiro o elemento surpresa.

– Sim – falou Phillip com uma risada. – Imaginei que seria o caso.

Eloise olhou para ele com uma expressão convencida.

– Cheguei a pensar em deixá-lo em agonia para sempre, mas isso não seria justo com Amanda.

Phillip estremeceu.

– Detesto peixe.

– Eu sei. Você me falou sobre isso nas cartas.

– Falei?

Ela fez que sim.

– Achei até estranho que a Sra. Smith tivesse algum na casa, mas imagino que os criados devam gostar.

Eles ficaram em silêncio, mas era uma quietude confortável, agradável. E, à medida que o jantar transcorria e os dois conversavam sobre nenhum assunto em particular, Phillip pensou que talvez o casamento não devesse ser tão difícil.

Com Marina, ele costumava se sentir pisando em ovos pela casa, com medo de que ela pudesse ter mais um acesso de melancolia, e sempre se decepcionava quando ela parecia se esconder da vida, por vezes quase sumindo.

Mas talvez o casamento devesse ser mais fácil do que aquilo. Talvez devesse ser assim. Agradável. Confortável.

Ele não conseguia lembrar quando tinha sido a última vez que conversara com alguém sobre os filhos, ou sobre a criação deles. Ele sempre carregara seus fardos sozinho, mesmo quando Marina era viva. A própria Marina tinha sido um fardo, e ele ainda lutava com a culpa pelo alívio que sentira quando ela se fora.

Mas Eloise…

Phillip olhou para a mulher à sua frente, que surgira de maneira tão inesperada em sua vida. O cabelo dela tinha um brilho quase vermelho à luz tremeluzente das velas, e seus olhos, quando ela percebia que ele a observava, reluziam cheios de vitalidade e um toque de travessura.

Como começava a perceber, ela era exatamente o que precisava. Inteligente, obstinada, levemente autoritária – essas não eram as qualidades que um homem costumava procurar em uma esposa, mas Phillip precisava

demais de alguém em Romney Hall que consertasse tudo em sua vida. Nada estava certo, desde a casa, passando pelos filhos, até a atmosfera meio sombria e silenciosa que costumava pairar por ali quando Marina estava viva e que infelizmente não se dissipara com a sua morte.

Phillip abriria mão de bom grado de parte de seus poderes de marido se arrumasse uma mulher que conseguisse endireitar tudo. Ficaria mais do que contente em desaparecer em sua estufa e deixá-la encarregada de todo o resto.

Será que Eloise Bridgerton estaria disposta a assumir esse papel?

Santo Deus, ele esperava que sim.

CAPÍTULO 5

… eu lhe imploro, mãe, você TEM que castigar a Daphne. NÃO É JUSTO que eu seja a única a ir para a cama sem pudim. E por uma semana inteira. Uma semana é muito tempo. Principalmente quando foi ~~tudo~~ quase tudo ideia da Daphne.

– bilhete de Eloise Bridgerton para sua mãe,
deixado na mesa de cabeceira de Violet Bridgerton
quando a menina tinha 10 anos

Era estranho, pensou Eloise, ver quanta coisa podia mudar em um único dia.

Porque agora, enquanto Sir Phillip a acompanhava pela casa, fingindo admirar a galeria de retratos, mas na verdade apenas prolongando o tempo que passavam juntos, ela pensava…

Ele pode vir a ser um ótimo marido, no final das contas.

Não era a maneira mais poética de expressar algo que deveria ser baseado em romantismo e paixão, mas a corte dos dois era bastante atípica, e, faltando apenas dois anos para o seu 30° aniversário, Eloise não podia se dar ao luxo de ser tão caprichosa.

Mas ainda assim havia algo…

À luz das velas, Sir Phillip parecia de alguma forma mais bonito, talvez até com um ar meio perigoso. As linhas rudes de seu rosto formavam ângulos e sombras sob a luz tremeluzente, dando-lhe uma aparência de escultura, quase como as estátuas que ela vira no Museu Britânico. E, quando ele se postava ao seu lado, a mão enorme colocada com possessividade em seu ombro, a presença dele parecia envolvê-la.

Era estranho, excitante e um pouquinho assustador.

Mas gratificante, também. Ela fizera uma coisa maluca ao fugir de casa no meio da noite esperando encontrar a felicidade com um homem que nunca vira. Era um alívio pensar que talvez tudo aquilo não tivesse sido um

engano completo, que talvez ela tivesse vencido a aposta que fizera com o destino.

Nada seria pior do que voltar constrangida para Londres, admitir seu fracasso e ter de explicar a toda a família a sua atitude.

Ela não iria gostar nem um pouco de reconhecer que errara, nem para si mesma nem para ninguém.

Mas principalmente para si mesma.

Sir Phillip tinha provado ser uma agradável companhia para o jantar, ainda que não fosse tão falante quanto as pessoas com quem estava acostumada.

E ele sem dúvida tinha senso de justiça, o que Eloise considerava essencial em qualquer marido. Havia aceitado bem – e até mesmo admirado – a estratégia de vingança que ela usara com Amanda. Muitos dos homens que Eloise conhecera em Londres teriam ficado horrorizados com o fato de uma dama bem-educada sequer pensar em recorrer a táticas tão peculiares.

E talvez, apenas talvez, aquilo pudesse dar certo. Casar-se com Sir Phillip parecia mesmo uma coisa precipitada quando parava para pensar de maneira lógica, mas ele não era exatamente um *completo* estranho, afinal vinham trocando cartas havia mais de um ano.

– Meu avô – disse Phillip com a voz serena, gesticulando em direção a um grande retrato.

– Ele era muito bonito – retrucou Eloise, mesmo sem conseguir ver direito com aquela luz fraca. Então indicou o retrato à direita. – É o seu pai?

Phillip assentiu uma vez rapidamente, a boca se estreitando, tensa.

– E cadê você? – perguntou ela, sentindo que ele não queria falar sobre o pai.

– Bem ali.

Ela seguiu sua indicação até um retrato de Phillip criança, talvez com uns 12 anos, posando ao lado de alguém que só podia ser seu irmão.

Seu irmão mais velho.

– O que houve com ele? – indagou Eloise, já que sabia que ele devia estar morto.

Se estivesse vivo, Phillip não teria herdado a casa ou o título de baronete.

– Waterloo – respondeu ele, sucintamente.

Eloise colocou a mão sobre a dele por impulso.

– Ah, sinto muito.

Por um instante, ela achou que Phillip não iria falar nada, mas ele acabou dizendo em voz baixa:

– Ninguém sentiu mais do que eu.

– Qual era o nome dele?

– George.

– Você devia ser bem jovem – comentou ela, tentando calcular que idade ele teria em 1815.

– Vinte e um anos. Meu pai morreu duas semanas depois.

Ela pensou a respeito. Aos 21, ela deveria estar casada, seguindo o exemplo de todas as jovens de sua posição. Era possível pensar que essa era a época em que se atingia a idade adulta, mas agora, para ela, uma pessoa de 21 anos parecia incrivelmente jovem e imatura, inocente demais para ter herdado um fardo que nunca achou que receberia.

– Marina era noiva dele.

Eloise expirou o ar e olhou para Phillip, deixando cair a mão que estava sobre a dele.

– Eu não sabia – falou.

Ele deu de ombros.

– Não importa. Você gostaria de ver o retrato dela?

– Sim – retrucou Eloise, percebendo que queria mesmo ver Marina.

As duas eram primas distantes, e havia anos desde a última vez que tinham se encontrado. Eloise se recordava do cabelo escuro e dos olhos claros – azuis, talvez –, mas era tudo. Ela e Marina tinham a mesma idade, então ficavam juntas nas reuniões de família, mas Eloise lembrava que nunca tinham tido muita coisa em comum. Mesmo quando eram pouco mais velhas que Amanda e Oliver, as diferenças entre as duas ficavam bem claras. Eloise fora uma criança agitada, que gostava de subir em árvores e escorregar por corrimões, sempre seguindo os irmãos mais velhos, implorando que a deixassem participar do que quer que estivessem fazendo.

Marina era mais quieta, sempre pensativa. Eloise tinha recordações de puxá-la pela mão, tentando fazê-la sair para brincar. Mas a prima preferia ficar sentada e ler um livro.

Certa vez, no entanto, observando-a, Eloise ficara convencida de que Marina nunca passara da página 32.

Era algo estranho de lembrar, mas aos 9 anos ela achara aquilo espantoso: por que alguém iria preferir ficar dentro de casa com um livro enquanto o sol brilhava lá fora, sem nem mesmo lê-lo? Eloise passara o resto

da visita sussurrando com sua irmã Francesca, tentando entender o que Marina estava fazendo com aquele livro.

– Você se lembra dela? – perguntou Phillip.

– Só um pouco – retrucou Eloise, sem saber direito por que não queria compartilhar sua lembrança com ele.

E, de qualquer forma, dissera a verdade. Aquela era a única recordação que tinha de Marina.

Eloise deixou Phillip conduzi-la até o retrato de Marina. Ela havia sido pintada sentada, em um tipo de otomana, com a saia do vestido vermelho-escuro habilmente arrumada à sua volta. Amanda, um pouco mais nova, estava em seu colo, e Oliver ao seu lado, numa daquelas poses em que os garotos são sempre forçados a ficar. Os dois estavam muito sérios, como se fossem adultos em miniatura.

– Ela era linda – disse Eloise.

Phillip ficou olhando para a imagem da falecida esposa e depois, quase como se aquilo exigisse uma grande força de vontade, virou a cabeça e se afastou.

Será que ele a amara? Será que ainda a amava?

Marina deveria ter sido desposada pelo irmão dele, então tudo parecia indicar que Phillip acabara se casando com ela por obrigação.

Mas isso não queria dizer que não a amava. Talvez fosse apaixonado por ela enquanto era noiva de seu irmão. Ou talvez tivesse se apaixonado por ela depois do casamento.

Eloise o observou discretamente enquanto ele encarava com o olhar vazio uma pintura na parede. Havia emoção no rosto dele quando vira o retrato de Marina. Eloise não sabia ao certo o que Phillip sentira por ela, mas ainda havia alguma coisa. Fazia apenas um ano, afinal. Um ano pode marcar o período oficial de luto, mas não era muito tempo para superar a morte de alguém querido.

Então ele se virou e, quando seus olhos encontraram os dela, Eloise percebeu que ficara admirando-o, hipnotizada pelos traços de seu rosto. Entreabriu os lábios, surpresa, e quis desviar o olhar, sentindo que devia corar e gaguejar por ter sido flagrada, mas por algum motivo não conseguiu. Só ficou lá paralisada, ofegante, enquanto um estranho calor se espalhava por seu corpo.

Phillip estava a quase 5 metros dela, no mínimo, e parecia que estavam se tocando.

– Eloise? – sussurrou ele, ou pelo menos foi o que ela pensou ter ouvido.

Viu os lábios dele formarem seu nome mais do que de fato ouviu sua voz.

E então, de alguma forma, o momento passou. Talvez tenha sido o sussurro dele, ou o zumbido do vento lá fora. O fato é que Eloise enfim conseguiu se mover… pensar… e logo virou de volta para o retrato de Marina, fixando firmemente o olhar no rosto sereno de sua falecida prima.

– As crianças devem sentir falta dela – falou, notando que precisava dizer alguma coisa, qualquer coisa, que reiniciasse a conversa e restaurasse sua compostura.

Por um instante, Phillip não respondeu. Depois, por fim:

– Sim, eles sentiam falta dela havia um bom tempo.

Eloise achou que era uma forma bem estranha de se expressar.

– Eu os entendo – disse ela. – Eu era bem nova quando meu pai morreu.

Phillip olhou para ela.

– Não sabia.

Ela deu de ombros.

– Não falo muito sobre isso. Já aconteceu há muitos anos.

Ele voltou para o lado dela, os passos lentos e metódicos.

– Você levou muito tempo para se recuperar?

– Não sei se é possível se recuperar de algo assim – retrucou ela. – Completamente, quero dizer. Mas não, não penso nele todos os dias, se é o que você quer saber.

Eloise virou de costas para o retrato de Marina. Percebeu que vinha olhando de forma fixa para ele já havia um bom tempo e estava começando a se sentir estranhamente intrusiva.

– Acho que foi mais difícil para os meus irmãos mais velhos – continuou. – Anthony, que é o primeiro filho e já era um rapaz quando aconteceu, foi o que teve mais dificuldade em aceitar. Eles eram muito próximos. E minha mãe, é claro. – Ela olhou para ele. – Meus pais se amavam muito.

– Como ela reagiu à morte dele?

– Bem, a princípio chorou muito, mas tenho certeza de que não queria que nós percebêssemos, porque ela sempre chorava em seu quarto, à noite, quando achava que já estávamos todos dormindo. Não deve ter sido nada fácil passar por aquilo com sete filhos.

– Achei que vocês fossem oito.

– Hyacinth ainda não tinha nascido. Acho que minha mãe estava grávida de oito meses.

– Meu Deus – sussurrou ele.

Pelo menos era o que Eloise acreditava ter ouvido.

Meu Deus mesmo. Ela não fazia ideia de como sua mãe tinha conseguido.

– Foi muito inesperado – disse ela. – Meu pai foi picado por uma abelha. Uma abelha. Dá para imaginar? Ele foi picado por uma abelha, e então… Bem, não quero aborrecê-lo com os detalhes. Vamos sair daqui? Já está muito escuro para ver os retratos.

Era mentira, é claro. *Estava* muito escuro, mas Eloise não ligava minimamente para isso. Falar sobre a morte do pai sempre a fazia se sentir um pouco estranha, e ela não queria ficar ali rodeada por retratos de pessoas mortas.

– Eu gostaria de ver sua estufa – disse ela.

– Agora?

Colocado daquela forma, parecia mesmo um pedido esquisito.

– Amanhã, então, quando estiver mais claro – retrucou ela.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso discreto.

– Podemos ir agora.

– Mas não vamos conseguir ver nada.

– Não vamos conseguir ver tudo – corrigiu ele. – Mas a lua está brilhando, e podemos levar um lampião.

Ela olhou pela janela, indecisa.

– Está frio.

– Você pode levar um casaco. – Ele se inclinou para a frente com um brilho nos olhos. – Não está com medo, está?

– É claro que não! – exclamou ela, sabendo que ele queria instigá-la, mas caindo na provocação mesmo assim.

Phillip arqueou a sobrancelha de maneira desafiadora.

– Vou lhe provar que sou a mulher mais corajosa que irá conhecer em toda a sua vida.

– Tenho certeza disso – murmurou ele.

– Agora você está sendo condescendente.

Ele apenas riu.

– Muito bem, mostre o caminho – disse ela bravamente.

~

– Está tão quente! – exclamou Eloise quando Phillip fechou a porta da estufa.

– Na verdade, em geral é mais quente do que isso – disse ele. – O vidro permite que o sol aqueça o ar, mas, exceto por esta manhã, os últimos dias têm sido bastante nublados.

Quando não conseguia dormir, Phillip costumava ir à noite até a estufa, onde trabalhava com a ajuda da luz de um lampião. E, antes de ficar viúvo, fazia isso para manter-se ocupado e não pensar em entrar no quarto de Marina.

Mas ele nunca pedira a ninguém que o acompanhasse até lá no escuro. Mesmo durante o dia, Phillip quase sempre trabalhava sozinho. Agora via tudo pelos olhos de Eloise – a magia no modo como o luar perolado projetava sombras através das folhas. Durante o dia, uma caminhada pela estufa não era muito diferente de um passeio por qualquer área verde da Inglaterra, a não ser pela rara samambaia ou a bromélia importada.

Mas àquela hora, com o véu da noite pregando peças nos olhos, era como se estivessem em alguma floresta escondida e secreta, em que a magia e a surpresa podiam espreitar a cada curva.

– O que é isso? – perguntou Eloise, observando oito pequenos vasos de argila dispostos lado a lado em sua bancada de trabalho.

Phillip caminhou até ela, imensamente satisfeito por sua curiosidade, que parecia sincera. A maioria das pessoas apenas fingia interesse, ou nem sequer se importava em fingir e tentava escapar logo dali.

– É um experimento em que venho trabalhando… com ervilhas – explicou ele.

– Do tipo que nós comemos?

– Sim. Estou tentando criar uma variedade que irá se desenvolver mais, ainda dentro da vagem.

Ela olhou para os vasos. Não havia nada brotando ainda. Ele só tinha plantado as sementes uma semana antes.

– Que curioso – murmurou Eloise. – Não tinha ideia de que alguém pudesse fazer isso.

– Eu também não faço ideia se alguém pode – admitiu ele. – Estou tentando há um ano.

– Sem sucesso? Como deve ser frustrante.

– Tive algum sucesso, só não tanto quanto gostaria.

– Tentei cultivar rosas uma vez – contou ela. – Todas morreram.

– Cultivar rosas é mais difícil do que a maioria das pessoas pensa.

Ela contraiu ligeiramente os lábios.

– Notei que você tem muitas delas.

– Tenho um jardineiro.

– Um botânico que tem um jardineiro?

Ele já ouvira aquele questionamento muitas vezes.

– Não é diferente de uma modista que tem uma costureira.

Eloise pensou sobre aquilo por um instante, depois continuou andando pela estufa, parando para ver várias plantas, repreendendo-o por não acompanhá-la com o lampião.

– Você está um pouco mandona hoje – comentou ele.

Ela se virou, viu que ele ria, ainda que discretamente, e abriu um sorriso travesso.

– Prefiro ser chamada de "gerenciadora".

– Uma mulher que gosta de administrar, hã?

– Fico surpresa que não tenha percebido isso nas minhas cartas.

– Por que acha que a convidei? – rebateu ele.

– Você queria alguém para administrar sua vida? – perguntou ela por sobre o ombro enquanto se afastava dele de maneira provocante.

Ele queria alguém para cuidar dos filhos, mas aquela não parecia a melhor hora para falar deles. Não quando ela olhava para ele como se…

Como se quisesse ser beijada.

Phillip deu dois passos lentos e predadores em direção a ela antes mesmo de perceber o que estava fazendo.

– O que é isso? – quis saber Eloise, apontando para alguma coisa.

– Uma planta.

– Sei que é uma planta – disse ela com uma gargalhada. – Se eu…

Mas então ela olhou para cima, viu o brilho nos olhos dele e se calou.

– Posso beijá-la? – perguntou Phillip.

Ele teria parado se ela respondesse que não, mas não lhe deu muita chance disso, porque antes que ela pudesse falar qualquer coisa, diminuiu a distância entre os dois.

– Posso? – repetiu ele, tão perto que suas palavras entraram como um sussurro pelos lábios dela.

Eloise fez que sim, um movimento discreto, mas firme, e ele roçou sua boca na dela de maneira suave, delicada, como se deve beijar uma mulher com quem se pretende casar.

Ela então levou as mãos ao pescoço de Phillip e… que Deus lhe ajudasse, mas ele queria mais.

Muito mais.

Ele intensificou o beijo, ignorando o ar surpreso de Eloise quando abriu os lábios dela com sua língua. Mas isso ainda não era o que ele queria. O que desejava mesmo era o calor e a vitalidade dela por todo seu corpo, em volta e através dele, infundindo-o.

Phillip envolveu-a com os braços, colocando uma das mãos no alto das costas de Eloise, enquanto a outra procurava ousadamente a curva exuberante do traseiro dela. Ele pressionou o corpo contra o dela, com força, sem se preocupar se ela iria sentir a evidência de seu desejo. Já fazia tanto tempo… Mas que droga, muito tempo mesmo, e ela parecia tão doce e macia em seus braços…

Ele a queria.

Queria-a por inteiro, mas, mesmo com a mente enevoada pela paixão, sabia que isso seria impossível naquela noite, então estava determinado a aproveitar o que podia, que era senti-la em seus braços, o calor dela correndo por todo o seu corpo.

E ela correspondia. A princípio de maneira hesitante, como se não soubesse bem o que estava fazendo, mas depois com grande ardor, deixando escapar, baixinho, sons inocentemente sedutores.

Aquilo o deixou maluco. *Ela* o estava deixando maluco.

– Eloise, Eloise – murmurou ele, a voz rouca de desejo.

Mergulhou uma das mãos no cabelo dela até afrouxar-lhe o penteado e uma grossa mecha castanha se soltar, formando um arabesco sedutor em seu seio. Levou os lábios ao pescoço de Eloise, provando-lhe a pele, exultando quando ela se curvou para trás, dando-lhe mais acesso. E então, bem quando ele começou a se abaixar, os joelhos se dobrando enquanto os lábios percorriam o colo dela, Eloise fez força para se soltar.

– Sinto muito – disse ela de repente, as mãos correndo para o decote do vestido, embora não estivesse nem um pouco fora do lugar.

– Eu não – disse ele, atrevidamente.

Eloise arregalou os olhos diante de tanta sinceridade. Ele não se importou. Nunca fora muito bom com as palavras, e talvez fosse melhor que

ela soubesse disso logo, antes que fizessem algo mais definitivo.

E então ela o surpreendeu:

– Foi só uma maneira de falar.

– Como?

– Eu disse que sinto muito, mas na verdade não sinto. Foi apenas um jeito de falar.

Ela soava impressionantemente tranquila, quase professoral, para uma mulher que tinha acabado de ser beijada de maneira tão intensa.

– As pessoas dizem coisas assim o tempo todo apenas para preencher o silêncio – continuou ela.

Phillip começava a perceber que Eloise não era o tipo de mulher que gostava de silêncio.

– É como quando…

Ele a beijou novamente.

– Sir Phillip!

– Às vezes o silêncio é uma coisa boa – disse ele, com um sorriso satisfeito.

Ela ficou boquiaberta.

– Está dizendo que eu falo demais?

Ele deu de ombros, divertindo-se muito em provocá-la.

– Para sua informação, tenho falado *muito* menos aqui do que em casa.

– Isso é difícil de imaginar.

– Sir Phillip!

– Shh – fez ele, estendendo a mão para segurar a dela. Ela puxou o braço e ele a tomou de novo, dessa vez com mais firmeza. – Estamos precisando de um pouco de barulho por aqui.

~

Eloise acordou no dia seguinte como se ainda estivesse em um sonho. Não esperara que ele fosse beijá-la.

E não esperara que fosse gostar tanto.

Seu estômago roncou alto e ela decidiu descer para a sala de café da manhã. Não tinha a menor ideia se Sir Phillip estaria lá. Será que ele acordava cedo? Ou gostava de ficar na cama até o meio-dia? Parecia tolo não

saber essas coisas sobre ele quando estava pensando seriamente em casamento.

E se ele estivesse lá, esperando-a junto a um prato de ovos cozidos, o que ela lhe diria? O que se diz a um homem depois de ele ter enfiado a língua na sua orelha?

Não importava que tivesse sido uma língua maravilhosa. Ainda assim, era algo bastante escandaloso.

E se ela chegasse lá e mal conseguisse dizer "Bom dia"? Ele acharia isso muito engraçado, depois de ter implicado com ela na noite anterior por causa de sua loquacidade.

Esse pensamento quase a fez rir. Ela, que podia falar horas sobre nada em particular, e que inclusive fazia isso com bastante frequência, não sabia direito o que iria dizer quando visse Sir Phillip Crane.

Ele a beijara. E isso mudava tudo.

Atravessou o quarto e conferiu se a porta estava bem fechada antes de abri-la. Não achava que Oliver e Amanda fossem tentar o mesmo truque de novo, mas nunca se sabe. Não gostava nem um pouco de pensar em outro banho de farinha. Ou coisa pior. Após o incidente do peixe, eles provavelmente pensariam em algo líquido. Líquido e malcheiroso.

Ela saiu no corredor cantarolando baixinho e virou à direita para chegar à escada. O dia parecia promissor, o sol despontava por entre as nuvens quando ela olhara pela janela, e…

– Ai!

O grito rasgou o ar enquanto ela mergulhava para a frente, o pé preso em algo esticado de lado a lado no corredor. Ela nem mesmo teve chance de recuperar o equilíbrio: vinha andando tão rápido, como era seu costume, que, quando caiu, foi com tudo.

Não teve tempo nem sequer de usar as mãos para aparar a queda.

As lágrimas arderam em seus olhos. Seu queixo parecia em chamas. A lateral dele, pelo menos. Ela só havia conseguido mover ligeiramente a cabeça para o lado antes de desabar.

Eloise gemeu algo incoerente, o tipo de som que alguém faz quando se machuca tanto que não consegue se conter. E ficou lá esperando que a dor diminuísse, tentando se convencer de que tinha sido como dar uma topada com o dedão: ele lateja impiedosamente por alguns segundos e então, quando a surpresa passa, resta apenas uma dor um pouco incômoda.

Mas ela continuava sentindo a pancada arder. Em seu queixo, na lateral da cabeça, no joelho e nos quadris.

Parecia que tinha levado uma surra.

Devagar e com grande esforço, conseguiu se apoiar nas mãos e nos joelhos e depois se sentar. Recostou-se na parede e levou a mão à bochecha, inspirando rapidamente para tentar controlar a dor.

– Eloise!

Phillip. Ela nem fez força para olhar para cima; não queria sair de sua posição encolhida.

– Eloise, meu Deus – disse ele, subindo os últimos degraus de três em três para chegar até ela. – O que aconteceu?

– Eu caí.

Não queria choramingar, mas as palavras acabaram saindo chorosas mesmo assim.

Com uma delicadeza que parecia incomum a um homem daquele tamanho, ele pegou a mão de Eloise e afastou-a do rosto dela.

As palavras que disse em seguida não costumavam ser pronunciadas na presença dela:

– Você precisa colocar um pedaço de carne nisso aí.

Ela olhou para ele com os olhos marejados.

– Estou com algum hematoma?

Ele assentiu, com raiva.

– Acho que vai ficar com um olho roxo. Ainda é cedo para dizer.

Ela tentou sorrir, passar um ar confiante, mas não conseguiu.

– Está doendo muito? – perguntou ele, com ternura.

Ela fez que sim, imaginando por que o som da voz dele a fazia querer chorar ainda mais. Isso a lembrou de quando era pequena e caíra de uma árvore. Torcera o tornozelo gravemente, mas de algum jeito conseguira não chorar até voltar para casa.

Então bastara um olhar de sua mãe para ela começar a soluçar.

Phillip tocou seu rosto com cuidado, fechando a cara quando ela se encolheu.

– Vou ficar bem – garantiu Eloise.

E iria mesmo. Em alguns dias.

– O que aconteceu?

Era claro que ela sabia exatamente o que tinha acontecido. Havia algo esticado no corredor que havia sido colocado ali para fazê-la tropeçar e cair.

E não era preciso ser muito inteligente para saber quem fizera aquilo.

Mas Eloise não queria colocar os gêmeos em apuros. Pelo menos não do tipo em que estariam quando Sir Phillip pusesse as mãos neles. Achava com toda a sinceridade que eles não tinham pretendido causar um estrago tão grande.

Mas Sir Phillip já tinha encontrado o barbante fino esticado no caminho, preso nas pernas de duas mesas que haviam sido arrastadas para o meio do corredor quando ela tropeçara.

Eloise viu quando ele se ajoelhou, pegou o barbante e enrolou-o em volta dos dedos. Então olhou para ela não de maneira indagadora, mas como quem constata a amarga verdade.

– Eu não vi – disse Eloise, ainda que isso estivesse óbvio.

Phillip não desviou os olhos dela, mas seus dedos continuaram enrolando o barbante até esticá-lo tanto a ponto de arrebentar.

Eloise prendeu a respiração. Aquela cena era quase assustadora. Phillip não pareceu perceber que tinha rompido o barbante, nem se dar conta de sua força.

Ou da força de sua raiva.

– Sir Phillip – sussurrou ela, mas ele nem chegou a ouvi-la.

– Oliver! – gritou. – Amanda!

– Tenho certeza de que eles não pretendiam me machucar – falou Eloise, sem saber direito por que os defendia.

Os gêmeos a haviam machucado, isso era verdade, mas tinha a sensação de que o próprio sofrimento seria consideravelmente menos doloroso do que qualquer castigo imposto a eles pelo pai.

– Não me interessa o que eles pretendiam – rebateu Phillip. – Veja só como você veio parar perto da escada. E se tivesse caído?

Eloise olhou para os degraus. Estava próxima deles, mas não tão perto que pudesse ter caído.

– Não acho…

– Eles terão que pagar por isso – disse ele, a voz baixa e implacável vibrando de raiva.

– Vou ficar bem – garantiu Eloise, percebendo que a dor atordoante já dava lugar a uma mais branda.

Mas ainda doía, o bastante para que ela deixasse escapar um gemido quando Sir Phillip a levantou em seus braços.

E a fúria dele só aumentou.

– Vou colocá-la na cama – falou, a voz direta e rouca.

Eloise não contestou.

Uma empregada apareceu no patamar da escada e ficou aflita quando viu o hematoma, já mais escuro, no rosto de Eloise.

– Arranje alguma coisa para que eu cuide disso – ordenou Sir Phillip. – Um pedaço de carne. Qualquer coisa.

A empregada fez que sim e saiu depressa enquanto Phillip carregava Eloise até o quarto dela.

– Você se machucou em mais algum lugar?

– No quadril – admitiu ela quando ele a deitou por cima das cobertas. – E no cotovelo.

Phillip assentiu amargamente.

– Você acha que quebrou alguma coisa?

– Não! – exclamou ela com rapidez. – Não, eu…

– Vou precisar checar mesmo assim – disse ele, ignorando os protestos de Eloise enquanto examinava seu braço com delicadeza.

– Sir Phillip, eu…

– Meus filhos quase a mataram – interrompeu ele, sem nenhum vestígio de humor nos olhos. – Acho que você poderia deixar de me chamar de *sir*.

Eloise engoliu em seco enquanto ele atravessava o quarto até a porta, com passadas longas e fortes.

– Traga os gêmeos aqui agora mesmo – ordenou Phillip, provavelmente para algum criado à espera no corredor.

Eloise não acreditava que os gêmeos não tivessem ouvido o grito que ele dera antes, mas também não podia culpá-los por tentar adiar a hora do juízo final nas mãos do pai.

– Phillip, deixe que eu cuido deles – pediu ela, tentando atraí-lo de volta para o quarto com o som de sua voz. – Fui eu que me machuquei, e…

– Eles são meus filhos, e eu irei puni-los – rebateu ele com severidade. – Deus sabe que os dois estão pedindo por isso há muito tempo.

Eloise olhava para Phillip cada vez mais assustada. Ele praticamente tremia de raiva e, embora ela mesma fosse ficar satisfeita em dar umas boas palmadas nas crianças, achava que ele não devia aplicar nenhum castigo naquele estado.

– Eles feriram você – disse Phillip, a voz baixa. – Não posso aceitar isso.

– Vou ficar bem – garantiu ela, de novo. – Daqui a alguns dias não vou nem…

– Não é essa a questão – disse ele, bruscamente. – Se eu tivesse… – Ele parou e tentou outra vez: – Se eu não tivesse…

Parou de novo, sem palavras, e se recostou na parede, a cabeça para trás, olhando para o teto, como se procurasse alguma coisa… O quê, Eloise não tinha como saber. Respostas, imaginou ela. Como se alguém pudesse encontrá-las só de olhar para cima.

Phillip, então, se virou, fitou-a com ar triste, e Eloise viu em seu rosto algo pelo qual não esperava.

E foi então que ela percebeu. Toda aquela raiva na voz dele, no corpo trêmulo, nada daquilo era direcionado às crianças. Não inteiramente, pelo menos.

A expressão no rosto dele, o vazio em seus olhos… era ódio por si mesmo.

Ele não culpava os filhos.

Ele *se* culpava.

CAPÍTULO 6

… não deveria ter deixado que ele a beijasse. Quem sabe que liberdades ele tentará tomar na próxima vez em que vocês se encontrarem? Mas acho que o que está feito, está feito. Então só me resta perguntar: Foi bom?

– bilhete de Eloise Bridgerton para sua irmã Francesca, passado por baixo da porta do quarto dela na noite em que Francesca conheceu o Conde de Kilmartin, com quem se casaria dois meses depois

Quando as crianças entraram no quarto, meio arrastadas e meio empurradas pela babá, Phillip se forçou a ficar onde estava, junto à parede, com medo de que começasse a bater nos dois sem parar se fosse até eles.

E com mais medo ainda de não se arrepender quando tivesse acabado.

Então, só cruzou os braços e encarou-os, deixando que se encolhessem diante da força de sua fúria, enquanto tentava descobrir que drogas de palavras deveria dizer.

Por fim, Oliver falou, com a voz trêmula:

– Pai?

Phillip disse a única coisa que lhe veio à mente, a única que parecia importar:

– Vocês estão vendo a Srta. Bridgerton?

Os gêmeos assentiram, sem olhar direito para ela. Pelo menos não para o rosto, que começava a ficar roxo em volta do olho.

– Vocês notaram algo de estranho nela?

Eles não falaram nada, fazendo o quarto mergulhar em silêncio até uma empregada aparecer na porta e chamar:

– Sir?

Phillip indicou com um aceno de cabeça que a viu chegar, então foi depressa pegar o pedaço de carne que ela levara para o olho de Eloise.

– Com fome? – disparou ele para os filhos. Quando viu que não iam responder, continuou: – Que bom. Porque, infelizmente, nenhum de nós vai comer este pedaço de carne, não é mesmo?

Atravessou o quarto em direção à cama, então se sentou com cuidado ao lado de Eloise.

– Aqui está – disse, ainda com muita raiva para disfarçar a irritação na voz.

Ignorou as tentativas de Eloise de ajudar e colocou o pedaço de carne no olho dela, cobrindo-o com um pano para não ter de sujar os dedos enquanto o mantinha no lugar.

Quando terminou, foi até onde os gêmeos estavam encolhidos e parou em frente a eles, os braços cruzados. E esperou.

– Olhem para mim – ordenou Phillip ao ver que nenhum dos dois despregava os olhos do chão.

Quando levantaram o rosto, ele percebeu o pavor em seus olhos e se sentiu mal, mas não sabia de que outra forma poderia agir.

– Não queríamos machucá-la – sussurrou Amanda.

– Ah, não queriam? – disparou ele com uma fúria palpável. Sua voz era fria, mas o rosto mostrava claramente sua raiva, e até Eloise se encolheu na cama. – Vocês não acharam que ela poderia se machucar quando tropeçasse no barbante? – continuou, o sarcasmo lhe conferindo um ar controlado que era ainda mais assustador. – Ou talvez vocês tenham percebido, com razão, que o barbante em si provavelmente não causaria nenhum dano, mas não ocorreu aos dois que ela pudesse se machucar quando de fato caísse.

Eles não falaram nada.

Phillip olhou para Eloise, que tinha afastado o pedaço de carne do rosto e o tocava com cuidado. O hematoma dela parecia piorar a cada minuto.

Os gêmeos precisavam entender que não poderiam continuar a fazer essas coisas. Tinham que aprender que deviam tratar as pessoas com mais respeito. Aprender…

Phillip praguejou em voz baixa. Precisavam aprender *alguma coisa*.

Inclinou a cabeça em direção à porta.

– Venham comigo, os dois. – Caminhou até o corredor, depois virou de volta para eles e disparou: – Agora.

E, à medida que os conduzia para fora do quarto, rezava para conseguir se controlar.

~

Eloise tentou não ficar escutando, mas não conseguiu deixar de aguçar os ouvidos. Não sabia aonde Phillip estava levando os filhos – podia ser para o quarto ao lado, para o quarto deles, ou lá para fora. Mas uma coisa era certa: eles iriam ser castigados.

E, embora achasse que devessem *mesmo* ser punidos – o que haviam feito era indesculpável, e sem dúvida já tinham idade suficiente para perceber isso –, não pôde evitar sentir uma estranha preocupação em relação a eles. Os dois pareciam apavorados quando Phillip os levara dali, e ainda havia aquela lembrança incômoda do dia anterior, quando Oliver perguntara de repente: "Você vai nos bater?"

Ele se encolhera na hora, como se esperasse apanhar.

Sir Phillip com certeza não… Não, isso era impossível, pensou Eloise. Uma coisa era dar umas palmadas nos filhos em uma situação como aquela, mas sem dúvida ele não tinha o costume de bater nas crianças.

Ela não podia ter se equivocado. Deixara aquele homem beijá-la na noite anterior, e tinha até mesmo retribuído o beijo. Com certeza ela teria notado que havia algo de errado, e percebido uma crueldade interior, se Phillip fosse do tipo que batia nos filhos.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Oliver e Amanda entraram um atrás do outro, tristes e com os olhos vermelhos. Sir Phillip vinha logo depois, obrigando os filhos a não andarem a passos de lesma.

As crianças arrastaram os pés até a cabeceira da cama e Eloise virou a cabeça para poder vê-los melhor.

– Queremos pedir desculpas, Srta. Bridgerton – resmungaram eles.

– Mais alto – ordenou o pai com a voz ríspida.

– Queremos pedir desculpas.

Eloise assentiu para eles.

– Isso não vai acontecer de novo – acrescentou Amanda.

– Fico aliviada em ouvir isso – disse Eloise.

Phillip pigarreou.

– Nosso pai falou que devemos compensá-la – falou Oliver.

– Hã…

Eloise não sabia muito bem como eles pretendiam fazer isso.

– Você gosta de doces? – perguntou Amanda.

Eloise olhou para ela, piscando, confusa.

– Doces?

A menina assentiu com a cabeça.

– Bem, gosto. Acho que todo mundo gosta.

– Tenho uma caixa de drops de limão que guardei por meses. Você pode ficar com eles.

Eloise engoliu em seco ao ver a expressão torturada de Amanda. Havia algo de errado com aquelas crianças. Ou, se não com elas, então com a maneira como eram tratadas. Havia algo de errado em suas vidas. Com todos os sobrinhos que tinha, Eloise já vira várias crianças felizes para saber disso.

– Está tudo bem, Amanda – disse ela, o coração apertado. – Você pode ficar com os drops.

– Mas temos que lhe dar alguma coisa – retrucou Amanda, com um olhar temeroso para o pai.

Eloise já ia falar que aquilo não era necessário, mas então, enquanto observava o rosto de Amanda, percebeu que era, sim. Em parte, é claro, porque Sir Phillip obviamente insistira nisso, e Eloise não iria questionar sua autoridade dizendo o contrário. Mas também porque os gêmeos precisavam entender o conceito de reparar os erros cometidos.

– Muito bem – disse Eloise. – Vocês podem me dar uma tarde.

– Uma tarde?

– Sim. Quando eu estiver melhor, você e seu irmão podem me dar uma tarde. Ainda não vi muita coisa aqui em Romney Hall, e imagino que conheçam cada centímetro da casa e do terreno. Vocês poderiam me mostrar o lugar. Desde que, é claro, prometam não me pregar nenhuma peça – acrescentou ela, porque valorizava demais sua saúde e seu bem-estar.

– Nenhuma – concordou Amanda depressa, balançando a cabeça com sinceridade. – Eu prometo.

– Oliver – rosnou Phillip quando o filho não respondeu rápido o bastante.

– Não lhe pregaremos nenhuma peça nessa tarde – resmungou Oliver.

Phillip atravessou o quarto a passos largos e agarrou o filho pelo colarinho.

– Nunca! – exclamou Oliver, com a voz abafada. – Eu prometo! Vamos deixar a Srta. Bridgerton completamente sossegada no canto dela.

– Não completamente, eu espero – disse ela, encarando Phillip e esperando que ele interpretasse seu olhar de forma correta como a deixa

para dispensar as crianças. – Afinal, vocês me devem uma tarde.

Amanda abriu um sorriso hesitante, mas Oliver continuou de cara fechada.

– Podem ir – falou Phillip, e as crianças saíram depressa pela porta aberta.

Os dois adultos permaneceram em silêncio por um minuto inteiro depois que Oliver e Amanda se foram, olhando para a porta com expressões vazias e cansadas. Eloise se sentia esgotada e temerosa, como se tivesse sido jogada em meio a uma situação que não entendia muito bem.

Uma risada nervosa quase escapou de seus lábios. No que ela estava pensando? Era *claro* que tinha sido jogada em meio a uma situação que não entendia muito bem e estaria mentindo para si mesma se dissesse que sabia o que fazer.

Phillip se aproximou da cama, mas parou de repente com uma postura bem formal.

– Como você está? – perguntou.

– Se eu não me livrar logo deste pedaço de carne, posso até passar mal – disse ela com toda a sinceridade.

Ele pegou o prato em que a carne tinha sido levada e estendeu para ela. Eloise colocou ali o bife, fazendo uma careta.

– Eu gostaria de lavar o rosto – falou. – Esse cheiro é insuportável.

Ele assentiu.

– Primeiro, deixe-me ver o seu olho.

– Você tem muita experiência nisso? – perguntou ela, contemplando o teto quando ele pediu que olhasse para cima.

– Alguma. – Phillip pressionou delicadamente o sulco da maçã do rosto dela com o polegar. – Olhe para a direita.

Eloise obedeceu.

– Alguma?

– Lutei boxe na universidade.

– Você era bom?

Ele virou a cabeça dela para o lado.

– Olhe para a esquerda. Bom o suficiente.

– Como assim, bom o *suficiente*?

– Feche o olho.

– Como assim, bom o suficiente? – insistiu ela.

– Você não está fechando o olho.

Ela fechou os dois, porque sempre que piscava apenas um olho acabava comprimindo-o demais.

– Quer me responder?

Eloise não podia vê-lo, mas sentiu que ele parou por um instante.

– Alguém já lhe disse que você sabe ser teimosa?

– O tempo todo. É meu único defeito.

Ela notou, pela respiração dele, que Phillip sorria.

– O único, é?

– O único que vale a pena comentar.

Eloise abriu os olhos.

– Você não respondeu à minha pergunta.

– Já até esqueci qual era.

Ela abriu a boca para repetir, mas percebeu que Phillip só queria provocá-la, então fez uma careta para ele.

– Feche o olho de novo – pediu ele. – Ainda não terminei. – Quando ela obedeceu, acrescentou: – *Bom o suficiente* significa que eu nunca tinha de lutar se não quisesse.

– Mas você não era o campeão – conjecturou ela.

– Pode abrir o olho agora.

Eloise abriu, então piscou quando percebeu como ele estava perto.

Phillip se afastou.

– Não, não era.

– Por que não?

Ele deu de ombros.

– Eu não me importava muito com isso.

– Como está? – perguntou ela.

– Seu olho?

Eloise fez que sim.

– Acho que já fizemos de tudo para deter o hematoma.

– Não achei que tivesse batido o olho – disse ela, deixando escapar um suspiro frustrado. – Quando eu caí… Pensei que tivesse acertado a bochecha.

– Você não precisa bater com o olho para que a área fique roxa. Dá para ver que esta foi a parte que atingiu o chão. – Ele tocou a maçã do rosto dela, bem onde Eloise havia batido quando caiu, mas foi tão delicado que ela não sentiu nenhuma dor. – E esta área é perto o suficiente para que a hemorragia chegue até o olho.

Ela gemeu.

– Vou ficar horrível por semanas.

– Talvez não dure semanas.

– Eu tenho irmãos – afirmou Eloise, olhando para ele com um jeito de quem sabia do que estava falando. – Já vi olhos roxos antes. Uma vez, Benedict levou dois meses para se recuperar por completo.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Phillip.

– Meu outro irmão – retrucou ela ironicamente.

– Não precisa dizer mais nada. Também tive um irmão.

– Criaturas animalescas, todos eles – murmurou ela.

Mas havia amor em sua voz ao dizer isso.

– O seu provavelmente não vai demorar tanto – disse Phillip, ajudando Eloise a se levantar para que pudesse ir até o jarro e a bacia de lavar o rosto.

– Mas pode ser que sim.

Phillip concordou, depois, enquanto ela jogava água no rosto para tirar o cheiro da carne, falou:

– Precisamos lhe arrumar uma acompanhante.

Ela ficou paralisada.

– Eu tinha esquecido.

– Eu não – retrucou ele, vários segundos depois.

Eloise pegou uma toalha e enxugou o rosto.

– Sinto muito. A culpa é minha, é claro. Você disse na carta que arrumaria uma acompanhante. Em minha pressa de sair de Londres, acabei esquecendo que você precisaria de tempo para cuidar dessas coisas.

Phillip a observava com atenção, perguntando-se se ela havia percebido que deixara escapar mais do que provavelmente pretendia. Era difícil imaginar que uma mulher como Eloise – franca, alegre e tão falante – tivesse segredos, mas ela não havia falado quase nada sobre suas razões para ir a Gloucestershire.

Só lhe contara que procurava um marido, mas Phillip suspeitava que seus motivos tinham a ver tanto com o que ela deixara para trás em Londres quanto com o que esperava encontrar ali no campo.

E agora dissera *em minha pressa*.

Por que havia saído tão apressada? O que acontecera por lá?

– Já entrei em contato com minha tia-avó – disse ele, ajudando-a a voltar para a cama, embora Eloise claramente quisesse fazer isso sozinha. – Mandei uma carta na manhã em que você apareceu. Mas duvido que ela consiga

chegar aqui antes de quinta. Ela mora perto, em Dorset, mas não é do tipo capaz de sair de casa num piscar de olhos. Sei que vai querer algum tempo para arrumar as malas e cuidar de todas as coisas que as mulheres precisam fazer – concluiu ele, acenando com a mão como quem não dá muita importância.

Eloise fez que sim, a expressão séria.

– São só quatro dias. E você tem vários criados. Também não estamos sozinhos no meio do nada.

– Apesar disso, sua reputação pode ficar seriamente comprometida se as pessoas souberem de sua visita.

Ela soltou o ar demoradamente, depois deu de ombros em um gesto fatalista.

– Bem, não há muito que eu possa fazer quanto a isso agora. – Então apontou para o olho roxo. – Se voltasse, minha aparência geraria mais comentários do que o fato de eu ter vindo para cá.

Ele assentiu devagar, mostrando que concordava, ainda que sua mente já vagasse em outras direções. Haveria uma razão para o fato de ela parecer tão despreocupada com a própria reputação? Ele não tinha vivido muito tempo em sociedade, mas, pelo que lembrava, as damas solteiras, independentemente da idade, sempre se preocupavam com isso.

Seria possível que a reputação de Eloise já estivesse arruinada antes do dia em que chegara à sua porta?

E, o que era mais importante, ele se importava?

Phillip franziu a testa, ainda incapaz de responder à última pergunta. Sabia o que queria – ou melhor, *do que precisava* – em uma esposa, e que isso tinha pouco a ver com pureza, castidade e todos os outros ideais que jovens damas de respeito deveriam personificar.

Precisava de alguém que começasse a agir e tornasse a sua vida mais fácil e descomplicada. Alguém que administrasse sua casa e criasse seus filhos. Ficara muito feliz em descobrir que Eloise era uma mulher por quem se sentia bastante atraído, mas mesmo que ela fosse feia… bem, ele se casaria tranquilamente com uma mulher feia desde que ela fosse prática, eficiente e boa com crianças.

Mas, se tudo isso era verdade, por que ele ficava aborrecido ao pensar que Eloise podia ter tido um amante?

Não, não exatamente aborrecido. Phillip não conseguia achar a palavra adequada para o que sentia. Talvez irritado, como alguém fica em relação a

uma pedra no sapato ou uma leve queimadura de sol.

Era a sensação de que alguma coisa não estava certa. Não catastroficamente errada, mas não… *certa*.

Ele observou Eloise se recostar nos travesseiros.

– Quer que eu saia para você poder descansar? – perguntou.

Ela suspirou.

– Acho que sim, embora eu não esteja cansada. Dolorida, mas não cansada. Ainda não são nem oito da manhã.

Ele olhou para o relógio em uma prateleira.

– Já são nove.

– Oito, nove – disse ela, dando de ombros. – Não importa, ainda é cedo. – Então olhou ansiosa pela janela. – E enfim não está chovendo.

– Você preferiria se sentar no jardim? – perguntou ele.

– Eu preferiria *caminhar* no jardim – retrucou ela energicamente –, mas meu quadril está doendo um pouco. Acho que eu deveria tentar repousar por um dia.

– Mais do que um dia – disse ele com ar severo.

– Reconheço que você está certo, mas sei que não vou conseguir.

Phillip sorriu. Ela não era o tipo de mulher que preferiria passar os dias sentada em uma sala de estar, bordando, costurando ou qualquer coisa que as mulheres costumassem fazer com linhas e agulhas.

Olhou para Eloise e viu que ela se remexia, impaciente. Ela não era o tipo de mulher que chegaria a preferir passar os dias sentada quieta, ponto final.

– Você gostaria de levar um livro? – perguntou ele.

Os olhos dela se anuviaram de decepção. Phillip sabia que não era aquilo que Eloise esperava. Ela queria que ele ficasse com ela no jardim. E Deus sabia que parte dele também desejava isso, mas algo lhe dizia que devia se afastar, quase como uma medida de autopreservação. Ainda se sentia desestabilizado, completamente constrangido por ter precisado bater nos filhos.

Parecia que a cada duas semanas eles faziam algo que exigisse castigo, e Phillip não sabia o que mais podia fazer. Aquilo não o deixava nem um pouco satisfeito. Detestava – na verdade, odiava – ter de puni-los, e toda vez tinha a impressão de que ia vomitar, mas como deveria agir quando os dois se comportavam mal daquele jeito? Ele tentava deixar as pequenas coisas de lado, mas como poderia não fazer nada se eles tinham colado o cabelo da

professora nos lençóis enquanto ela dormia? Ou quando quebraram uma prateleira inteira de vasos de terracota em sua estufa? Ambos disseram que tinha sido um acidente, mas Phillip sabia que não era bem assim. E o que viu no olhar deles quando alegaram inocência deixou claro que nem mesmo os dois achavam que o pai acreditaria neles.

Quando essas coisas aconteciam, ele os disciplinava da única maneira que sabia, embora até o momento tivesse conseguido evitar usar outra coisa que não fosse sua mão. E isso quando chegava a fazer alguma coisa. Na metade das vezes – mais da metade, na verdade –, Phillip era tão dominado pelas lembranças do estilo de disciplina de seu pai que apenas se afastava, tremendo e suando, horrorizado pela maneira como sua mão coçava para bater no traseiro dos dois.

Tinha medo de estar sendo muito tolerante. E provavelmente estava, já que as crianças não pareciam melhorar em nada. Dizia a si mesmo que precisava ser mais severo, e uma vez chegara até a ir aos estábulos para pegar o chicote…

Estremeceu ao se lembrar disso. Havia sido após o incidente com a cola, quando foi preciso cortar o cabelo da Srta. Lockhart para soltá-la, e ele ficara incrivelmente irritado. Tomado pela fúria, tudo o que queria era puni-los, fazê-los se comportarem e ensinar-lhes a serem boas pessoas, então pegara o chicote…

Mas Phillip sentira o chicote queimar em sua mão e o largara, horrorizado, com medo do que se tornaria se chegasse mesmo a usá-lo.

As crianças ficaram impunes por um dia inteiro. Phillip saíra em disparada para a estufa, tremendo de desgosto, odiando-se pelo que quase tinha feito.

E pelo que era incapaz de fazer.

Tornar os filhos pessoas melhores.

Ele não sabia como ser um pai para eles. Isso estava bem claro. Não sabia como, e talvez não tivesse nascido para isso. Talvez alguns homens viessem ao mundo sabendo o que dizer e como agir e outros simplesmente não conseguissem se sair bem, não importando quanto tentassem.

Talvez fosse necessário ter tido um bom pai para saber ser um.

O que o deixava sem nenhuma chance.

E agora ali estava ele, tentando compensar os próprios defeitos com Eloise Bridgerton. Talvez ele pudesse enfim deixar de se sentir tão culpado

por ser um péssimo pai se conseguisse ao menos arrumar uma boa mãe para eles.

Mas nada nunca era tão simples quanto se desejava, e Eloise, em um só dia, tinha conseguido virar a vida dele de cabeça para baixo. Phillip nunca esperara que pudesse desejá-la, pelo menos não com a intensidade que sentia toda vez que olhava furtivamente para ela. E quando ele a vira caída no chão… Por que o medo fora a primeira coisa que lhe passara pela cabeça?

Medo pelo bem-estar dela, e, para ser sincero, medo de que os gêmeos pudessem tê-la convencido a ir embora.

Quando a pobre Srta. Lockhart ficara presa à cama, a primeira reação de Phillip fora sentir raiva dos filhos. Com Eloise, mal tinha parado para pensar neles até ter certeza de que ela não estava gravemente ferida.

Phillip não planejara gostar dela. Só pensara em encontrar uma boa mãe para os seus filhos. E agora não sabia o que fazer com aquele sentimento.

Por isso, embora uma manhã no jardim com a Srta. Bridgerton pudesse parecer o paraíso, por algum motivo ele não conseguia se permitir aquele prazer.

Precisava de algum tempo sozinho. Precisava pensar. Ou melhor, *não* pensar, já que pensar só o deixava irritado e confuso. Precisava enfiar as mãos na terra, podar algumas plantas e se desligar até sua mente deixar de girar com todos os seus problemas.

Ele precisava fugir.

E, se aquilo fazia dele um covarde, tudo bem.

CAPÍTULO 7

… nunca estive tão entediada em toda a minha vida. Colin, você precisa voltar para casa. Tudo aqui fica insuportavelmente maçante sem você, e acho que não consigo aguentar tanto tédio por nem mais um instante. Por favor, volte, porque vejo que já começo a me repetir, e nada pode ser mais enfadonho do que isso.

– carta de Eloise Bridgerton para seu irmão Colin
durante a quinta temporada dela como debutante, enviada
(mas nunca recebida) quando Colin viajava pela Dinamarca

Eloise passou o dia todo no jardim, em uma espreguiçadeira tão extraordinariamente confortável que ela estava convencida de que havia sido importada da Itália, uma vez que, por tudo o que já tinha visto, nem a Inglaterra nem a França tinham a menor ideia de como fabricar móveis confortáveis.

Não que ela passasse muito tempo ponderando sobre a construção de cadeiras e sofás, mas, presa ali sozinha no jardim de Romney Hall, não tinha muito mais em que pensar.

Não, nada mesmo. Nem uma só coisa em que pensar a não ser na espreguiçadeira confortável na qual se alongava, e talvez no fato de que Sir Phillip era um grosseirão por deixá-la abandonada o dia todo depois que seus dois monstrinhos – cuja existência, acrescentou ela em seus pensamentos, ele nunca fora capaz de revelar nas cartas que enviara – tinham lhe deixado com o olho roxo.

Era um dia perfeito, com o céu azul e uma brisa suave, e Eloise não tinha uma única coisa em que pensar.

Ela nunca ficara tão entediada em toda a sua vida.

Não era da sua natureza ficar sentada quieta vendo as nuvens passando pelo céu. Preferiria mil vezes estar ali fora *fazendo* alguma coisa –

caminhando, observando uma cerca viva, qualquer coisa que não fosse ficar plantada na cadeira, olhando à toa para o horizonte.

Ou, se *tivesse* de ficar ali, que pelo menos fosse na companhia de alguém. Acreditava que as nuvens pareceriam mais interessantes se ela não estivesse tão solitária, se houvesse alguém a quem pudesse dizer: *Minha nossa, aquela ali parece muito um coelho, você não acha?*

Mas não, ela havia sido abandonada. Sir Phillip estava na estufa – ela podia ver o lugar dali, e até mesmo ele se movendo de um lado para outro de vez em quando – e, por mais que ela quisesse se levantar e ir até lá, mesmo que não fosse por outra razão que não o fato de que as plantas deviam ser mais interessantes do que as malditas nuvens, não iria lhe dar a satisfação de ir atrás dele.

Não após ter sido rejeitada de forma tão abrupta. Por Deus, o homem havia praticamente fugido dela. Tinha sido tudo muito estranho. Eloise achava que os dois estavam se entendendo bem e então, de repente, Sir Phillip inventara uma desculpa de que precisava trabalhar e saíra correndo do quarto, como se ela tivesse alguma doença.

Que homem detestável.

Ela pegou o livro que tinha escolhido na biblioteca e segurou-o de maneira decidida em frente ao rosto. Conseguiria ler o maldito livro dessa vez nem que isso a matasse.

Sim, pensara a mesma coisa nas últimas quatro vezes em que o pegara. Nunca conseguia terminar uma única frase – um parágrafo, quando se esforçava muito – antes que sua mente vagasse, o texto ficasse fora de foco e, desnecessário dizer, não fosse lido.

Eloise achava que era bem feito para ela, por ter ficado tão irritada com Sir Phillip a ponto de não prestar atenção na biblioteca e acabar pegando o primeiro livro que tinha encontrado.

A botânica das samambaias? No que estava pensando?

E, o que era ainda pior, se Sir Phillip a visse com aquele livro acharia que ela o escolhera porque queria aprender mais sobre os interesses dele.

Eloise piscou, surpresa, ao perceber que chegara ao fim da página. Não se lembrava de uma única frase e, na verdade, perguntava-se se seus olhos tinham apenas corrido pelas palavras sem lerem de fato o texto.

Aquilo era ridículo. Jogou o livro de lado e se levantou, depois deu alguns passos para testar quanto seus quadris doíam. Abriu um sorriso satisfeito ao perceber que a dor não estava mais tão forte – não passava de

um simples desconforto –, então caminhou até o exuberante emaranhado de roseiras ao norte e curvou-se para cheirar os botões. Ainda estavam bem fechados – afinal, era o começo da estação –, mas talvez tivessem algum cheiro e…

– *O que você pensa que está fazendo?*

Eloise mal conseguiu evitar cair em cima da roseira enquanto se virava.

– Sir Phillip – falou, como se não fosse completamente óbvio.

Ele parecia irado.

– Você deveria estar sentada.

– Eu estava sentada.

– Então deveria *continuar* sentada.

Ela achou que a verdade seria uma ótima explicação.

– Eu estava entediada.

Sir Phillip olhou para a espreguiçadeira ao longe.

– Você não pegou um livro na biblioteca?

Ela deu de ombros.

– Terminei de ler.

Ele ergueu a sobrancelha, obviamente sem acreditar.

Eloise devolveu a expressão, arqueando a própria sobrancelha.

– Bem, você precisa se sentar – disse ele com rispidez.

– Estou ótima – afirmou ela, batendo de leve nos quadris. – Quase não sinto mais dor.

Sir Phillip a encarou durante algum tempo, impaciente, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não soubesse o quê. Devia ter saído às pressas da estufa, porque estava bem sujo, com terra nos braços, sob todas as unhas e na blusa inteira. Ele estava um horror, pelo menos segundo os padrões londrinos aos quais Eloise crescera acostumada, mas havia algo quase atraente nele, algo primitivo e rústico em vê-lo ali olhando irritado para ela.

– Não posso trabalhar se tiver que me preocupar com você – resmungou Sir Phillip.

– Então não trabalhe – retrucou ela, achando a solução muito óbvia.

– Estou no meio de algo – murmurou ele, parecendo uma criança emburrada, na opinião de Eloise.

– Então eu o acompanho – disse ela, passando por Sir Phillip em direção à estufa.

Sério, como ele esperava ver se os dois se entenderiam se não ficassem nenhum tempo juntos?

Ele estendeu o braço para segurá-la, mas então se lembrou da mão coberta de terra.

– Srta. Bridgerton – falou severamente –, você não…

– Não está precisando de ajuda? – interrompeu ela.

– Não – respondeu ele num tom que não lhe dava chance de insistir no assunto.

– Sir Phillip, posso lhe fazer uma pergunta? – disparou ela, perdendo por completo a paciência.

Então, visivelmente aturdido pela repentina mudança no rumo da conversa, ele assentiu uma única vez, de forma breve, como os homens costumam fazer quando ficam irritados e querem fingir que estão no comando.

– Você é o mesmo homem da noite passada?

Ele olhou para Eloise como se ela fosse uma lunática.

– Como?

Ela procurou resistir à vontade de cruzar os braços e continuou:

– O homem com quem estive ontem à noite, aquele que jantou comigo e depois me levou para conhecer a casa e a estufa, me *impressionou*, e, na verdade, pareceu gostar muito da minha companhia, por mais surpreendente que seja.

Ele não fez nada além de encará-la por vários segundos, depois murmurou:

– Eu gostei muito da sua companhia.

– Então por que fiquei sentada sozinha no jardim durante três horas?

– Não foram três horas.

– Não importa quanto tempo…

– Foram 45 *minutos* – disse ele.

– Seja como for…

– *Foi* assim.

– Bem… – limitou-se a dizer ela, desconfiada de que Sir Phillip pudesse estar certo, o que era meio desconcertante.

Bem parecia ser a única coisa que poderia dizer sem lhe provocar um constrangimento ainda maior.

– Srta. Bridgerton – disse ele, a secura da voz um lembrete de que ainda na noite anterior a chamara de Eloise.

E a beijara.

– Como você deve ter imaginado, o episódio desta manhã com meus filhos me deixou de péssimo humor. Só pensei em poupá-la disso.

– Entendo – retrucou ela, impressionada com o tom altivo da própria voz.

– Que bom.

Só que Eloise tinha quase certeza de que *entendia* mesmo o que estava acontecendo. E que ele estava mentindo. Sim, era verdade que seus filhos o haviam deixado de mau humor, mas havia algo além disso.

– Vou deixá-lo trabalhar, então – disse ela, fazendo um gesto em direção à estufa para deixar claro que o estava dispensando.

Sir Phillip olhou para ela com ar desconfiado.

– E o que planeja fazer?

– Acho que vou escrever umas cartas e sair para dar uma volta.

– Você *não* vai sair para dar uma volta – resmungou ele.

Assim até parecia que ele se importava *mesmo* com ela, pensou Eloise.

– Sir Phillip, posso lhe garantir que estou perfeitamente bem. Tenho certeza de que pareço bem pior do que me sinto.

– É melhor mesmo que esteja melhor do que parece – murmurou ele.

Eloise encarou-o irritada. Afinal, um olho roxo não passava de um problema temporário, então ele não precisava *lembrá-la* de que estava horrível.

– Vou ficar fora do seu caminho. É isso que importa, certo? – falou.

Uma veia começou a pulsar na têmpora dele, deixando Eloise imensamente satisfeita.

– Vá – disse ela.

E, vendo que Sir Phillip não saía, virou-se e passou por um portão para outra parte do jardim.

– Pare agora mesmo – ordenou ele, diminuindo a distância entre os dois com um único passo. – Você *não* pode sair para caminhar.

Eloise pensou em perguntar se ele pretendia amarrá-la, mas se conteve, com medo de que ele pudesse gostar da ideia.

– Sir Phillip, não vejo como… Ai!

Ele resmungou alguma coisa sobre mulheres tolas (usando um adjetivo que Eloise achou consideravelmente menos cortês), pegou-a nos braços, caminhou a passos largos até a espreguiçadeira e jogou-a sem a menor cerimônia de volta em cima da almofada.

– Fique aí – ordenou.

Eloise gaguejou, irritada, tentando encontrar a voz após aquela exibição inacreditável de arrogância:

– Você não pode…

– Meu Deus, mulher, você acabaria com a paciência até de um santo.

Ela o fuzilou com o olhar.

– O que a faria ficar quieta aqui sentada? – perguntou ele, cansado e sem paciência.

– Não consigo pensar em nada – respondeu ela, com sinceridade.

– Está bem – disse ele, projetando o queixo à frente. – Caminhe por toda a região, se quiser. Nade até a França.

– Daqui de Gloucestershire? – indagou ela, contraindo os lábios.

– Se alguém pode descobrir uma maneira de fazer isso, com certeza é você. Tenha um bom dia, Srta. Bridgerton.

E então saiu pisando com força, deixando Eloise exatamente onde ela estava dez minutos antes: sentada na espreguiçadeira, tão surpresa pela partida repentina dele que acabou se esquecendo de que pretendia se levantar e sair.

~

Se Phillip ainda não estivesse convencido de que tinha feito papel de idiota mais cedo naquele dia, o bilhete de Eloise informando-lhe de que pretendia jantar no quarto naquela noite deixava isso bem claro.

E considerando-se que ela reclamara a tarde toda de que não tinha companhia, sua decisão de ficar sozinha era, de fato, um grande insulto.

Ele comeu só, em silêncio, como fizera durante tantos meses. Anos, na verdade, uma vez que Marina, quando viva, raramente deixava o quarto para jantar. Seria de imaginar que ele já tivesse se acostumado, mas se sentiu inquieto e desconfortável, sem conseguir se desligar da presença dos criados, que sabiam que a Srta. Bridgerton havia rejeitado sua companhia.

Phillip resmungava sozinho enquanto mastigava seu bife. Sabia que as pessoas em geral ignoravam os criados no dia a dia, como se eles nem existissem ou como se fossem de uma espécie totalmente diferente. E, apesar de ter de admitir que não se interessava muito pelas vidas deles fora de Romney Hall, isso não mudava o fato de que eles se interessavam pela sua, e ele detestava ser alvo de fofoca.

O que sem dúvida aconteceria naquela noite, quando se reunissem para jantar no cômodo junto à cozinha.

Ele deu uma grande mordida no pão. Esperava que tivessem de comer aquele maldito peixe que Eloise colocara na cama de Amanda.

Depois da sopa e da salada, Phillip já estava satisfeito, mas comeu também a salada, a galinha e o pudim, porque sempre havia a chance de Eloise mudar de ideia e se juntar a ele. Não parecia provável, uma vez que era muito teimosa, mas, se ela decidisse ceder um pouco, ele queria estar presente quando isso acontecesse.

Quando ficou claro que ele estava só se iludindo, pensou em ir até o quarto dela, mas mesmo ali no campo isso seria muito inapropriado. Além do mais, duvidava que ela quisesse vê-lo.

Bem, isso não era exatamente verdade. Ele achava que ela até *queria* vê-lo, desde que estivesse disposto a adotar uma postura humilde e se desculpar. Mas mesmo que ele não chegasse a dizer que sentia muito, ir até lá já seria o mesmo que aceitar uma derrota humilhante.

O que não era, aliás, a pior coisa do mundo, considerando-se que Phillip estava disposto a se jogar aos pés de Eloise e implorar que se casasse com ele se ela aceitasse criar os seus filhos apesar de ele ter estragado tudo naquela tarde… e naquela manhã também, para ser sincero.

Mas querer cortejar uma mulher não significava que a pessoa de fato saiba o que fazer.

Seu irmão é que tinha nascido com todo o charme e elegância, e sempre sabia o que dizer e como agir. George nunca teria nem notado que os criados o encaravam como se fossem falar dele dez minutos depois e, na verdade, isso era irrelevante, porque tudo o que diziam a seu respeito era sempre algo como: "O senhor George é mesmo um tratante." Isso acompanhado de um sorriso e o rosto vermelho de vergonha, é claro.

Phillip, por outro lado, sempre fora mais quieto, mais pensativo, e sem dúvida menos adequado para o papel de pai e senhor da propriedade. Sempre planejara deixar Romney Hall sem nunca olhar para trás, pelo menos enquanto o pai ainda era vivo. George estava para se casar com Marina e ter meia dúzia de filhos perfeitos, e Phillip seria o tio mal-humorado e ligeiramente excêntrico que vivia em Cambridge e passava todo o tempo em sua estufa, realizando experimentos que ninguém mais entendia ou, na verdade, com os quais ninguém se importava.

Era assim que deveria ser, mas tudo mudara em um campo de batalha na Bélgica.

A Inglaterra vencera a guerra, mas isso não tinha sido um grande consolo para Phillip quando seu pai o arrastara de volta a Gloucestershire, determinado a transformá-lo num herdeiro adequado.

Determinado a transformá-lo em George, que sempre fora seu preferido.

E então seu pai falecera. Bem na frente de Phillip, o coração dele cedera em meio a um acesso violento de fúria, certamente agravado pelo fato de que seu filho agora era grande demais para ser colocado no colo e surrado com um remo.

E Phillip se tornou Sir Phillip, com todos os direitos e deveres de um baronete.

Direitos e deveres que ele nunca, nunca desejara.

Amava os filhos mais do que a própria vida, então achava que estava feliz com as coisas que acabaram acontecendo, mas ainda sentia como se estivesse fazendo tudo errado. Romney Hall ia bem – Phillip introduzira várias técnicas novas de agricultura que aprendera na universidade, e a produção dava lucro pela primeira vez desde… bem, Phillip não sabia desde quando. Eles com certeza não tinham ganhado nenhum dinheiro enquanto seu pai era vivo.

Mas terras eram apenas terras. Seus filhos eram seres humanos, de carne e osso, e a cada dia ele ficava mais convencido de que não estava agindo de forma correta em relação a eles. A cada dia os dois apresentavam problemas piores (o que o apavorava, já que ele não conseguia pensar no que poderia ser pior do que o cabelo colado da Srta. Lockhart ou o olho roxo de Eloise), e Phillip não tinha ideia do que fazer. Sempre que tentava conversar com eles, parecia dizer a coisa errada. Ou fazer a coisa errada. Ou não fazer nada, por causa do medo de perder a cabeça.

Menos naquela única vez. O jantar na noite anterior com Eloise e Amanda. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, tinha lidado *perfeitamente* bem com a filha. A presença de Eloise de alguma forma o acalmara e lhe conferira uma clareza de pensamento que em geral não tinha quando se tratava dos filhos. Ele havia conseguido ver a graça daquela história, ao contrário das outras vezes, em que só enxergava a própria frustração.

O que era outra razão para fazer com que Eloise ficasse e se casasse com ele. E também outra razão para ele não procurá-la naquela noite, tentando se

desculpar.

Ele não se importaria de se humilhar. Mas, que droga, faria o que fosse preciso.

Só não queria tornar a situação ainda pior do que já estava.

~

Eloise levantou bem cedo na manhã seguinte, o que não era nenhuma surpresa, já que tinha ido se deitar às oito e meia na noite anterior. Tinha se arrependido do seu exílio autoimposto tão logo enviara o bilhete a Sir Phillip informando-o de sua decisão de fazer a ceia no quarto.

Ficara profundamente irritada com ele e deixara a raiva dominar seus pensamentos. A verdade era que detestava comer sozinha, odiava se sentar sozinha a uma mesa sem nada para fazer além de encarar a comida e pensar em quantas mordidas seriam necessárias para acabar com uma batata. Até mesmo Sir Phillip em seus piores dias de mau humor seria melhor do que nada.

Além disso, ainda não estava convencida de que eles não iriam se entender, e jantar longe dele não lhe ajudaria a descobrir mais nada sobre sua personalidade e seu temperamento.

Ele podia ser bem ranzinza às vezes, mas quando sorria… Eloise de repente entendeu ao que todas aquelas jovens se referiam quando falavam empolgadas sobre o sorriso de seu irmão Colin (que Eloise achava bastante comum, afinal de contas era *só* o Colin).

Mas, quando Sir Phillip sorria, ele se transformava. Seus olhos escuros adquiriam um brilho travesso, cheio de humor e malícia, como se ele soubesse algo que ela desconhecia. Mas não era isso que fazia seu coração disparar. Afinal, Eloise era uma Bridgerton. Já tinha visto diversos brilhos travessos em olhares e se orgulhava de ser imune a eles.

Quando Sir Phillip a fitava e sorria, fazia isso com um ar de timidez, como se não estivesse acostumado a sorrir para uma mulher. E Eloise achava que ele poderia vir a gostar dela se todas as peças se encaixassem da maneira certa. Mesmo que ele nunca a amasse, iria admirá-la e reconhecer seu valor.

E era por isso que ela ainda não estava preparada para fazer as malas e ir embora, apesar do comportamento rude dele no dia anterior.

Eloise desceu até a sala de café da manhã com o estômago roncando e descobriu que Sir Phillip já tinha estado ali. Ela tentou não desanimar. Isso não queria dizer que ele estava tentando evitá-la. Afinal, era perfeitamente possível que Sir Phillip tivesse achado que ela não tinha o hábito de acordar cedo e decidido, então, não esperá-la.

Mas, quando deu uma olhada na estufa e viu que estava vazia, ficou frustrada e resolver procurar outra companhia.

Oliver e Amanda lhe deviam uma tarde, não era? Eloise subiu decidida a escada. Não havia razão para que não pudessem mudar o combinado para a parte da manhã.

~

– Você quer ir nadar? – indagou Oliver, olhando para ela como se achasse que era maluca.

– Quero – respondeu Eloise, assentindo com a cabeça. – Vocês não?

– Não – disse ele.

– Eu quero – falou Amanda, animada, dando língua para o irmão quando ele olhou para ela com raiva. – Adoro nadar, e Oliver também. Ele só está muito zangado com você para admitir.

– Acho que eles não deveriam ir – interrompeu a babá, uma mulher com ar muito severo cuja idade ela não conseguia determinar.

– Bobagem – retrucou Eloise, indiferente, antipatizando com a mulher logo de saída. Ela parecia do tipo que puxava orelhas e batia nas mãos das crianças. – O dia está surpreendentemente quente e um pouco de exercício fará bem para a saúde deles.

– Mesmo assim… – disse a babá, a voz mal-humorada demonstrando sua irritação por ter a autoridade desafiada.

– Vou aproveitar para lhes ensinar algumas coisas durante o passeio – continuou Eloise, empregando o tom de voz que sua mãe usava quando queria deixar claro que não aceitaria nenhuma discussão. – Eles estão sem professora no momento, não é?

– Estão, esses dois monstrinhos colaram…

Eloise logo a interrompeu, certa de que não queria saber o que eles tinham feito com a última professora:

– Qualquer que tenha sido a razão para ela ir embora, deve estar sendo um fardo enorme para você assumir esses dois papéis nas últimas semanas.

– Meses – corrigiu a babá, amargamente.

– Pior ainda – concordou Eloise. – Você bem que merece uma manhã de folga, não é?

– Bem, eu queria mesmo dar uma passada na cidade…

– Então está decidido. – Eloise olhou para as crianças e se permitiu um pequeno instante de comemoração pelo que estava fazendo. Os gêmeos a fitaram espantados. – Pode ir – disse para a babá, apressando-a a sair do quarto. – Aproveite sua manhã.

Ela fechou a porta atrás da mulher ainda perplexa e se virou para encarar as crianças.

– Você é muito esperta – comentou Amanda, entusiasmada.

Nem mesmo Oliver pôde deixar de concordar, assentindo com a cabeça.

– Eu detesto a babá Edwards – falou Amanda.

– É claro que não detesta – disse Eloise, sem muita convicção.

Ela mesma não havia gostado muito da mulher.

– Detestamos, sim – afirmou Oliver. – Ela é terrível.

Amanda assentiu.

– Eu queria que a babá Millsby voltasse, mas ela teve de nos deixar para ir cuidar da mãe. Ela está doente – explicou Amanda.

– A mãe dela, não a babá Millsby – esclareceu Oliver.

– Há quanto tempo a babá Edwards está trabalhando aqui? – perguntou Eloise.

– Há cinco meses – retrucou Amanda, aborrecida. – Cinco longos meses.

– Bom, tenho certeza que ela não é tão má assim – disse Eloise.

Quando ia continuar a falar, Oliver a interrompeu:

– Ah, é, sim.

Eloise não queria falar mal de outro adulto, sobretudo de um que precisava ter autoridade sobre as crianças, então mudou de assunto:

– Mas isso não importa agora, não é mesmo? Porque agora vocês vão ficar comigo.

Amanda estendeu a mão timidamente e pegou a de Eloise.

– Eu gosto de você – disse ela.

– Também gosto de você – respondeu Eloise, surpresa com as lágrimas que se formavam em seus olhos.

Oliver ficou em silêncio, mas Eloise não se sentiu ofendida. Algumas pessoas levam mais tempo para gostar de alguém do que outras. Além disso, aquelas crianças tinham o direito de serem desconfiadas. Afinal, sua mãe as deixara. É claro que havia sido em razão de sua morte, mas os dois eram pequenos. Só conseguiam pensar que a amavam e que ela se fora.

Eloise se lembrava bem dos meses logo após a morte do pai. Ela se agarrava à mãe sempre que tinha chance, dizendo a si mesma que, se a mantivesse por perto (ou ainda melhor, se segurasse a mão dela), ela não poderia ir embora também.

Não era de admirar que aquelas crianças não gostassem da nova babá. Provavelmente tinham sido cuidadas pela babá Millsby desde que haviam nascido, e perdê-la pouco depois da morte de Marina devia ter sido duplamente difícil.

– Sinto muito por termos deixado você com esse olho roxo – disse Amanda.

Eloise apertou a mão dela.

– Parece pior do que é de fato.

– Parece horrível – admitiu Oliver, seu pequeno rosto começando a mostrar sinais de remorso.

– Sim, mas já estou me acostumando com esta aparência. Acho que pareço um soldado que esteve em uma batalha… e venceu!

– Não parece que você venceu – comentou Oliver, repuxando um dos cantos da boca de maneira cética.

– Que bobagem. É claro que venci. Qualquer um que volta para casa depois de uma batalha é porque venceu.

– Isso quer dizer que o tio George perdeu? – quis saber Amanda.

– O irmão do seu pai?

Amanda fez que sim.

– Ele morreu antes de nós nascermos.

Eloise se perguntou se os dois sabiam que sua mãe a princípio iria se casar com ele. Provavelmente não.

– Seu tio foi um herói – disse ela, de maneira respeitosa.

– Mas não nosso pai – acrescentou Oliver.

– Seu pai não pôde ir à guerra porque tinha muitas responsabilidades aqui – explicou Eloise. – Mas essa é uma conversa muita séria para uma manhã tão agradável, não acham? Devíamos estar lá fora nadando e nos divertindo.

Os gêmeos logo se deixaram contagiar pelo entusiasmo dela e num piscar de olhos já tinham colocado seus trajes de banho e os três atravessavam os campos em direção ao lago.

– Precisamos praticar aritmética! – exclamou Eloise, enquanto os dois seguiam depressa à frente.

E, para sua surpresa, praticaram mesmo. Quem poderia pensar que todos aqueles números e contas seriam tão divertidos?

CAPÍTULO 8

… como você é feliz por estar na escola… Nós, meninas, temos uma professora nova que é o tormento em forma de gente. Ela fala sobre contas da hora de acordar até o momento de dormir. A pobre Hyacinth agora começa a chorar sempre que ouve a palavra "sete". (Embora eu confesse que não entendo por que os números de um a seis não provocam essa mesma reação.) Não sei o que devemos fazer. Mergulhar o cabelo dela em tinta, creio eu. (O da Srta. Haversham, quero dizer, não o de Hyacinth, embora eu não descarte essa ideia.)

– de Eloise Bridgerton para o irmão Gregory,
durante o primeiro período dele como aluno de Eton

Quando Phillip voltou do jardim de rosas, ficou surpreso ao se deparar com a casa silenciosa e vazia. Era raro não ouvir o som de uma mesa derrubada ou de um grito de revolta.

As crianças obviamente não estavam lá, pensou ele, parando para saborear o silêncio. A babá devia ter levado os dois para dar uma volta.

E Eloise ainda devia estar na cama, embora, pensando bem, já fossem quase dez horas e ela não parecesse ser do tipo que fica o dia inteiro embaixo das cobertas.

Phillip olhou para as rosas em sua mão. Passara uma hora escolhendo as flores perfeitas. Romney Hall ostentava três jardins de rosas, e ele tivera de caminhar até o mais distante para encontrar as variedades que floresciam primeiro. Então as colhera com toda a atenção, cortando-as no ponto exato para promover o florescimento, e depois meticulosamente arrancara cada espinho.

De flores, ele entendia. Entendia ainda mais de plantas, mas alguma coisa lhe dizia que Eloise não acharia nada romântico receber uma braçada de hera de presente.

Foi até a sala de café da manhã esperando ver a refeição pronta aguardando por Eloise, mas encontrou o aparador vazio e limpo, o que indicava que o café já havia terminado. Phillip franziu a testa e ficou lá parado no meio da sala por um instante, tentando pensar no que fazer em seguida. Estava claro que Eloise já tinha levantado e tomado o desjejum, mas onde poderia estar?

Naquele instante, uma criada entrou com um espanador e um pano. Ao ver Phillip, curvou-se ligeiramente em um cumprimento.

– Vou precisar de um vaso para estas flores – disse ele.

Esperava entregá-las direto para Eloise, mas não estava disposto a segurá-las a manhã toda enquanto a procurava.

A criada assentiu com a cabeça e começou a se retirar, mas ele a deteve, perguntando:

– Ah, e você por acaso sabe onde a Srta. Bridgerton pode estar? Notei que a mesa do café já foi retirada.

– Ela saiu, Sir Phillip – disse a criada. – Com as crianças.

Phillip piscou, surpreso.

– Saiu com Oliver e Amanda? Por vontade própria?

A criada confirmou.

– Interessante. – Ele suspirou, tentando não imaginar a cena. – Espero que eles não a matem.

A criada pareceu assustada.

– O que disse, senhor?

– Eu estava só brincando… hã… Mary?

Ele não pretendia terminar a frase com entonação de pergunta, mas a verdade era que não tinha muita certeza do nome dela.

Ela assentiu de um jeito que o deixou em dúvida se tinha acertado o nome ou se estava apenas sendo educada.

– Você saberia me dizer aonde eles foram? – perguntou ele.

– Para o lago, imagino. Acho que foram nadar.

Phillip sentiu o corpo gelar.

– Nadar? – repetiu ele, a voz parecendo distante e vazia aos seus ouvidos.

– Sim. As crianças estavam com roupas de banho.

Nadar. Meu Deus.

Durante um ano ele evitara aquele lago, sempre escolhendo o caminho mais longo, só para não ter de vê-lo. E tinha proibido os filhos de irem até lá.

Não tinha?

Ele dissera à babá Millsby que não os deixasse chegar perto da água, mas será que havia se lembrado de falar o mesmo para a babá Edwards?

Saiu, então, em disparada, deixando as rosas espalhadas pelo chão.

~

– O último a chegar é uma tartaruga! – gritou Oliver, entrando na água a toda a velocidade e rindo quando ela chegou à sua cintura e ele foi forçado a desacelerar.

– Não sou uma tartaruga. *Você* é uma tartaruga! – gritou Amanda em resposta enquanto entrava esguichando água na parte mais rasa.

– Você é uma tartaruga *podre*!

– Bem, você é uma tartaruga *morta*!

Eloise riu enquanto caminhava com dificuldade pela água a poucos metros de Amanda. Não tinha levado um traje de banho – como poderia imaginar que precisaria de um? –, então amarrara a saia e a anágua, deixando os joelhos à mostra. Estava expondo muito as pernas, mas isso não tinha muita importância na companhia de duas crianças de 8 anos.

Além disso, eles estavam se divertindo muito atormentando um ao outro para sequer olhar para ela.

Os gêmeos tinham se aproximado dela durante a caminhada até o lago, rindo e conversando o tempo todo, e Eloise se perguntou se eles não precisavam só de um pouco de atenção. Tinham perdido a mãe, o relacionamento deles com o pai era na melhor das hipóteses distante e até sua amada babá os deixara. Ainda bem que tinham um ao outro.

E, talvez, até ela.

Eloise mordeu o lábio, sem saber se deveria deixar que seus pensamentos fossem nessa direção. Ainda não havia decidido se queria se casar com Sir Phillip, e, por mais que aquelas duas crianças parecessem precisar dela, não podia tomar sua decisão baseada em Oliver e Amanda.

Ela não iria se casar com *eles*.

– Não vão para o fundo! – gritou ela, percebendo que Oliver se afastava lentamente.

Ele olhou com aquela cara que os meninos fazem quando acham que estão sendo superprotegidos, mas Eloise notou que ele deu dois passos largos em direção à margem.

– Você devia entrar mais um pouco, Srta. Bridgerton – sugeriu Amanda, sentando-se no fundo do lago e depois gritando: – Ai! Está frio!

– Por que você se sentou, então? – perguntou Oliver. – Já sabia que estava frio.

– Sim, mas meus pés já tinham se acostumado – retrucou ela, abraçando o corpo. – Já não parecia mais tão frio.

– Não se preocupe, seu traseiro vai se acostumar logo também – falou ele, com um sorriso atrevido.

– Oliver – disse Eloise severamente, mas tinha certeza de que havia estragado tudo ao sorrir.

– Ele está certo! – exclamou Amanda, virando-se para Eloise com uma expressão surpresa. – Já não estou mais sentindo o meu traseiro.

– Não sei muito bem se isso é uma coisa boa – disse Eloise.

– Você devia nadar – atiçou Oliver. – Ou pelo menos ir até onde Amanda está. Você mal molhou os pés.

– Não estou com meu traje de banho – argumentou Eloise, mesmo já tendo explicado isso para eles um monte de vezes.

– Acho que você não sabe nadar – disse ele.

– Posso lhe garantir que sei nadar muito bem *e* que você não vai conseguir me fazer demonstrar isso usando meu terceiro melhor vestido – rebateu ela.

Amanda olhou para Eloise e piscou algumas vezes.

– Gostaria de ver os dois melhores. Esse vestido é lindo.

– Muito obrigada, Amanda – disse ela, perguntando-se quem escolhia as roupas da menina. A rabugenta da babá Edwards, provavelmente. Não havia nada de errado com o que Amanda vestia, mas Eloise podia apostar que ninguém nunca lhe dera a chance de se divertir escolhendo os próprios trajes. Então sorriu e acrescentou: – Se quiser fazer compras qualquer hora dessas, seria um prazer levá-la comigo.

– Ah, eu adoraria! – exclamou Amanda, ansiosa. – Mais do que tudo. Obrigada!

– Garotas… – comentou Oliver, com desdém.

– Você ficará feliz por nós um dia – observou Eloise.

– Hã?

Ela apenas balançou a cabeça, sorrindo. Isso só aconteceria quando ele começasse a pensar que as garotas serviam para alguma coisa além de fazer tranças nos cabelos umas da outras.

Oliver deu de ombros e voltou a bater na água com a palma da mão no ângulo certo para espirrar o máximo possível na irmã.

– Pare com isso! – gritou Amanda.

Ele deu uma gargalhada e jogou mais água.

– Oliver!

Amanda se levantou e foi ameaçadoramente na direção dele. Então, quando viu que não conseguia avançar rápido andando, mergulhou e começou a nadar. Ele gritou, rindo, e nadou para longe, parando para respirar por tempo suficiente apenas para provocá-la.

– Vou pegar você! – rosnou a menina, interrompendo as braçadas para tentar avançar andando dentro d'água.

– Não se afastem muito! – gritou Eloise, mas dava para ver que não tinha muita importância.

Estava claro que os dois eram excelentes nadadores.

Se eles fossem como Eloise e seus irmãos, deviam nadar desde os 4 anos. As crianças Bridgertons haviam passado inúmeras horas brincando no lago perto da sua casa em Kent, durante o verão, embora tivessem deixado de nadar com tanta frequência após a morte do pai. Quando Edmund era vivo, a família passava a maior parte do tempo no campo, mas, depois que ele se fora, eles começaram a ficar mais na cidade. Eloise nunca descobrira se era porque sua mãe preferia a cidade ou simplesmente porque a casa deles no campo trazia muitas lembranças.

Eloise adorava Londres e com certeza gostava de morar lá, mas agora que estava ali em Gloucestershire, brincando no lago com duas crianças agitadas, percebeu quanto sentia falta da vida no campo.

Não que estivesse preparada para abrir mão da cidade e de todos os amigos e diversões que o lugar oferecia, mas começava a pensar que não precisava passar *tanto* tempo na capital.

Amanda enfim alcançou o irmão e se lançou em cima dele, fazendo com que os dois afundassem. Eloise observava com atenção. Podia ver mãos e pés rompendo a superfície a curtos intervalos de tempo até os dois subirem em busca de ar, rindo e arfando, jurando derrotarem um ao outro no que era claramente um combate muito importante.

– Tomem cuidado! – exclamou Eloise, mais porque sentiu que devia falar alguma coisa. Era estranho se encontrar na posição de um adulto que dá ordens; com seus sobrinhos, podia ser a tia divertida e tolerante. – Oliver! *Não* puxe o cabelo da sua irmã!

Ele parou, mas logo depois pegou Amanda pelo colarinho da roupa de banho e ela começou a se engasgar e tossir.

– Oliver! – berrou Eloise. – Pare com isso agora!

Ele obedeceu, o que a deixou feliz e surpresa, mas Amanda aproveitou o alívio temporário para pular em cima do irmão, afundando-o enquanto se sentava em suas costas.

– Amanda! – gritou Eloise.

A menina fingiu não ouvir.

Ah, droga, agora ela teria de se arrastar até lá para pôr um fim naquela brincadeira, e ficaria completamente ensopada.

– Amanda, pare com isso agora mesmo! – gritou, numa última tentativa de salvar o vestido e sua dignidade.

Amanda obedeceu, e Oliver se levantou, arfando, e disse:

– Amanda Crane, eu vou…

– Não, você não vai! – decretou Eloise. – Nenhum dos dois vai matar, aleijar, atacar ou até mesmo abraçar o outro por pelo menos meia hora.

Eles ficaram horrorizados só de Eloise ter mencionado a possibilidade de um abraço.

– Estamos entendidos? – indagou ela.

Os dois estavam completamente em silêncio, até que Amanda perguntou:

– E o que nós vamos fazer?

Boa pergunta. A maioria das lembranças que Eloise tinha de quando nadava envolvia as mesmas brincadeiras truculentas.

– Talvez seja melhor a gente esperar o corpo secar e descansar um pouco – disse ela.

Os dois pareceram detestar a ideia.

– Podíamos aproveitar esse tempo para estudar – propôs Eloise. – Talvez um pouco mais de aritmética. Prometi à babá Edwards que faríamos algo produtivo.

Os dois demonstraram o mesmo desânimo que haviam tido com a primeira sugestão.

– Muito bem – disse Eloise. – O que querem fazer, então?

– Não sei – resmungou Oliver, e foi apoiado por Amanda, que deu de ombros.

– Bem, não vejo nenhum sentido em ficarmos aqui sem fazer nada – falou Eloise, colocando as mãos nos quadris. – Além de ser muito chato, é

capaz de conge…

– *Saiam já do lago!*

Eloise se virou rapidamente, tão surpresa com o rugido furioso que escorregou em direção à água. Droga, lá se iam sua intenção de permanecer seca e seu vestido.

– Sir Phillip – disse ela, arfando, feliz por ter conseguido aparar a queda com as mãos e não ter chegado a sentar no chão.

Ainda assim, parte de sua roupa estava completamente encharcada.

– Saiam da água! – rosnou Phillip, entrando no lago com força e rapidez impressionantes.

– Sir Phillip – chamou Eloise, a voz alterada pela surpresa enquanto tentava se levantar. – O que…?

Mas ele já tinha agarrado os filhos, passando os braços pelo peito deles, e levava os dois até a margem. Eloise assistia a tudo estupefata e viu quando Phillip largou as crianças na grama de maneira não muito gentil.

– Eu disse a vocês para nunca, nunca chegarem perto do lago! – gritou ele, sacudindo os dois pelo ombro. – Vocês sabem que devem ficar longe daqui. Vocês…

Ele parou, obviamente abalado com alguma coisa e também porque precisava tomar fôlego.

– Mas isso foi no ano passado – protestou Oliver.

– E por acaso eu retirei a ordem?

– Não, mas pensei…

– Pensou errado – rebateu Phillip. – Agora voltem já para casa. Os dois.

As crianças perceberam nos olhos do pai que ele falava sério e subiram correndo a colina. Phillip ficou parado observando enquanto eles saíam depressa. Mas, assim que estavam longe o suficiente para não serem capazes de ouvir, virou-se para Eloise com uma expressão que a fez dar um passo para trás e disse:

– Mas o que foi que você pensou que estava fazendo?

Por um instante, ela não conseguiu dizer nada. A pergunta dele parecia ridícula demais para merecer uma resposta.

– Estava me divertindo um pouco – disse ela por fim, provavelmente de maneira um pouco mais desaforada do que devia.

– Não quero meus filhos perto do lago – disparou ele. – Deixei isso bem claro…

– Não para mim.

– Bem, você devia…

– Como eu poderia saber que você não queria que os dois entrassem na água? – perguntou ela, interrompendo-o antes que ele pudesse acusá-la de irresponsabilidade ou o que quer que fosse. – Eu disse à babá deles aonde nós iríamos *e* o que pretendíamos fazer, e ela não deu nenhuma indicação de que era proibido.

Ela podia ver no rosto de Phillip que ele não tinha nenhum argumento válido, o que o deixava ainda mais furioso. Homens… No dia em que aprendessem a admitir um erro virariam mulheres.

– O dia está quente – continuou ela, falando rápido como sempre fazia quando estava determinada a não perder uma discussão.

O que, no caso de Eloise, acontecia em qualquer discussão.

– Eu estava tentando melhorar as coisas, já que não me agrada nem um pouco a ideia de ter outro olho roxo – acrescentou ela.

Disse isso para fazê-lo se sentir culpado, e provavelmente funcionou, porque as bochechas de Phillip ficaram vermelhas e ele resmungou baixinho algo que parecia uma promessa de que aquilo não voltaria a acontecer.

Ela esperou alguns instantes para ver se ele diria mais alguma coisa, ou melhor, se diria algo razoavelmente inteligível, mas, como ele não fez nada além de olhar irritado para Eloise, ela continuou:

– Pensei que fazer algo *divertido* poderia trazer algum resultado. Deus sabe que essas crianças estão precisando de um pouco de alegria.

– Do que você está falando? – perguntou ele, a voz baixa e irritada.

– Nada – disse ela com rapidez. – Só que não vi nenhum mal em sairmos para nadar.

– Você os colocou em perigo.

– Perigo? – esbravejou ela. – Ao nadar?

Phillip não disse nada. Só a fuzilou com o olhar.

– Ah, pelo amor de Deus – disse ela sem dar importância. – Só teria sido perigoso se eu não soubesse nadar.

– Não me interessa se *você* sabe nadar – disparou ele. – O que me importa é que meus filhos não sabem.

Ela piscou. Várias vezes.

– Sabem, sim – falou. – Na verdade, os dois nadam muito bem. Achei que você houvesse lhes ensinado.

– Do que você está falando?

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, talvez por preocupação ou, quem sabe, curiosidade.

– Você não sabia que os dois sabem nadar?

Por um instante, Phillip sentiu como se não pudesse respirar. Seus pulmões se contraíram e sua pele começou a formigar, enquanto o corpo pareceu ficar frio e duro como uma estátua.

Aquilo era horrível.

Ele era horrível.

De alguma forma, aquele momento pareceu cristalizar todas as suas falhas. O problema não era os seus filhos saberem nadar, e sim ele *não ter conhecimento* desse fato. Como um pai pode não estar ciente desse tipo de coisa sobre os filhos?

Um pai deveria saber se os filhos andam a cavalo. Se eles leem e se contam até cem.

E, pelo amor de Deus, deveria saber se eles sabiam nadar.

– Eu… – disse Phillip, a voz falhando após uma única palavra. – Eu…

Ela deu um passo à frente e perguntou, quase num sussurro:

– Você está bem?

Ele fez que sim, ou pelo menos pensou ter feito. A voz dela ecoava em sua cabeça – *Sabem sim sabem sim sabem sim sabem sim* –, e o importante não era nem o que ela dissera, mas o tom. A surpresa, e talvez até um pouco de desdém.

E o fato de que ele *não* sabia.

Seus filhos estavam crescendo e mudando, e Phillip não os conhecia. Ele os via, mas não sabia quem eles eram.

Sentiu-se meio ofegante. Não sabia, por exemplo, quais eram suas cores preferidas.

Rosa? Azul? Verde?

Isso era importante, ou só importava o fato de ele não saber?

Phillip era, à sua maneira, um pai tão ruim quanto o seu tinha sido. omas Crane podia ter batido nos filhos até quase matá-los, mas pelo menos sabia do que eram capazes. Phillip ignorava, evitava, fingia – qualquer coisa para se manter afastado e não perder a paciência. Tudo para evitar que se tornasse como seu pai.

Só que talvez a distância nem sempre fosse uma coisa boa.

– Phillip? – sussurrou Eloise, colocando uma das mãos em seu braço. – Algum problema?

Ele olhou para ela, mas ainda se sentia ofuscado, e seus olhos pareciam não conseguir focar.

– Acho que você deveria ir para casa – sugeriu ela, devagar e com cuidado. – Não está com uma aparência nada boa.

– Eu…

Ele pretendia dizer *Eu estou bem*, mas as palavras simplesmente não saíram. Porque ele não estava bem, e naqueles últimos dias não tinha nem mesmo certeza de quem era.

Eloise mordeu o lábio inferior, então passou os braços ao redor do próprio corpo e olhou para o céu quando sentiu uma sombra passar sobre ela.

Phillip seguiu seu olhar e observou uma nuvem que encobriu o sol, fazendo a temperatura do ar cair vários graus. Depois fitou Eloise, com um nó na garganta, enquanto ela tremia.

Phillip sentiu mais frio do que jamais sentira em sua vida.

– Você precisa entrar – falou, pegando-a pelo braço e tentando puxá-la colina acima.

– Phillip! – gritou Eloise, tropeçando atrás dele. – Estou bem. Só com um pouco de frio.

Ele tocou a pele dela.

– Você não está só com um pouco de frio, está congelando. – Tirou o casaco. – Vista isto.

Eloise não discutiu, mas disse:

– É sério, estou bem. Não há razão para *correr*.

A última palavra saiu meio desafinada enquanto ele a puxava para a frente, quase tirando-a do chão.

– Phillip, *pare*! – gritou ela. – Por favor, quer me deixar andar sozinha?

Ele parou tão de repente que ela tropeçou. Então Phillip se virou e sibilou, irritado:

– Não serei responsável por você congelar até pegar uma pneumonia.

– Mas estamos na primavera.

– Nem que já fosse verão. Você não vai ficar com essas roupas molhadas.

– É claro que não – retrucou Eloise, tentando parecer razoável, já que estava claro que discutir só o faria acelerar ainda mais o passo. – Mas não há motivo para eu não poder *andar*. São só dez minutos até em casa. Eu não vou morrer.

Ela nunca havia pensado que o sangue poderia literalmente sumir do rosto de uma pessoa, mas não sabia de que outra forma poderia descrever a palidez da pele dele.

– Phillip? – chamou, ficando preocupada. – Qual é o problema?

Por um instante, Eloise achou que ele não fosse responder, mas então Phillip sussurrou, como se nem ele soubesse que estava emitindo algum som:

– Eu não sei.

Ela tocou o braço dele e olhou para seu rosto. Phillip parecia confuso, quase atordoado, como se estivesse no meio de uma peça de teatro e não soubesse a fala. Os olhos dele estavam abertos, e fixos nela, mas Eloise achava que, na verdade, ele não via nada, apenas a lembrança de algo que deveria ter sido mesmo horrível.

Eloise sentiu um aperto no peito. Entendia bem de lembranças ruins, sabia como eram capazes de sufocar o coração e assombrar os sonhos de alguém até a pessoa ficar com medo até de apagar a vela para dormir.

Aos 7 anos, Eloise vira o pai morrer. Lembrou-se de ter gritado e soluçado enquanto ele arfava em busca de ar e desabava no chão, depois batera em seu peito, implorando que ele acordasse e *dissesse* alguma coisa.

Agora para ela era óbvio que, àquela altura, ele já estava morto, o que só tornava a recordação ainda pior.

Mas Eloise, de algum jeito, conseguira deixar aquilo para trás. Não sabia como – provavelmente graças à mãe, que ficara a seu lado todas as noites e lhe garantira que ela podia falar sobre o pai quando quisesse. E que não havia nada de errado em sentir falta dele.

Eloise ainda se lembrava de tudo, mas aquilo já não a assombrava, e já fazia mais de dez anos que não tinha um pesadelo.

Mas Phillip… a história dele era diferente. O que quer que tivesse acontecido com ele no passado ainda estava muito presente em sua vida.

E, ao contrário de Eloise, ele enfrentava tudo sozinho.

– Phillip – disse ela, tocando seu rosto.

Ele não se mexeu e, se ela não tivesse sentido a respiração dele em seus dedos, poderia jurar que era uma estátua. Eloise pronunciou o nome dele de novo, aproximando-se mais.

Queria apagar aquele olhar aflito de seu rosto, queria ajudá-lo a cicatrizar suas feridas.

Queria fazer de Phillip a pessoa que sabia que ele era.

Eloise sussurrou seu nome uma última vez, oferecendo-lhe compaixão e compreensão e uma promessa de ajuda, tudo em uma única palavra. Esperava que ele ouvisse, esperava que entendesse.

E então, bem devagar, a mão dele cobriu a dela. A pele de Phillip era quente e áspera, e ele pressionou a mão dela contra seu rosto, como se tentasse gravar o toque na memória. Então moveu a mão de Eloise para sua boca e beijou a palma, intensamente, quase com reverência, antes de deslizá-la até seu peito.

Até seu coração pulsante.

– Phillip? – sussurrou Eloise, o tom de pergunta na voz, embora soubesse o que ele pretendia fazer.

Phillip levou a mão livre até as costas dela e puxou-a contra si, lenta mas firmemente, com uma determinação à qual ela não pôde resistir. Segurou-a pelo queixo e inclinou o rosto dela em direção ao dele, parando apenas para sussurrar seu nome antes de seus lábios capturarem os dela em um beijo avassalador. Phillip parecia voraz, necessitado, e a beijou como se pudesse morrer sem ela, como se ela fosse seu alimento, seu ar, seu corpo e sua alma.

Era o tipo de beijo que uma mulher jamais esqueceria, o tipo que Eloise nunca sonhara ser possível.

Ele a puxou ainda para mais perto, até todo o corpo de Eloise estar colado ao seu. Uma de suas mãos desceu das costas dela até o traseiro, envolvendo-o, trazendo-a para junto de si até deixá-la sem ar com tanta intimidade.

– Preciso de você – gemeu ele, com a voz rouca.

Seus lábios correram da boca de Eloise para a bochecha, depois para o pescoço, provocando e fazendo cócegas.

Ela sentia que estava perdendo a razão. *Ele* a estava fazendo perder a razão, até ela não saber mais quem era ou o que estava fazendo.

Tudo o que queria era ele. Mais e mais. Por inteiro.

Só que…

Só que não daquele jeito. Não sendo usada por ele como uma espécie de bálsamo para curar suas feridas.

– Phillip – disse ela, de algum jeito encontrando forças para recuar. – Não podemos. Não assim.

Por um segundo, Eloise achou que Phillip não fosse largá-la, mas, então, de repente, ele a soltou.

– Desculpe – disse ele, ofegante.

Parecia atordoado, e ela não sabia se era em razão do beijo ou apenas pelos acontecimentos turbulentos daquela manhã.

– Não se desculpe – retrucou ela, instintivamente alisando o vestido antes de perceber que estava molhado e que não havia muito como ajeitá-lo.

Mas ainda assim correu as mãos por ele, sentindo-se nervosa e desconfortável. Se não se movesse, se não se forçasse a fazer qualquer coisa, por mais sem sentido que pudesse ser, temia se atirar de volta nos braços dele.

– Você devia voltar para a casa – disse Phillip, a voz ainda baixa e rouca.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

– Você não vem também?

Ele balançou a cabeça e retrucou com uma voz estranhamente sem emoção:

– Você não vai congelar. Afinal, estamos na primavera.

– Sim, mas…

Ela parou de falar, já que não sabia bem o que dizer. Na verdade, esperava que ele a interrompesse.

Virou-se para subir a colina, então parou quando o ouviu dizer, em voz baixa e decidida, atrás dela:

– Preciso pensar.

– Sobre o quê?

Ela não devia ter perguntado, não devia ter se intrometido, mas nunca conseguira cuidar só da própria vida.

– Não sei. – Ele deu de ombros, desamparado. – Sobre tudo, eu acho.

Eloise assentiu e continuou a caminhar de volta para a casa.

Mas aquele olhar triste e perdido de Phillip a assombrou o dia inteiro.

CAPÍTULO 9

… todos nós sentimos falta do papai, principalmente nesta época do ano. Mas pense em como você foi sortudo por ter passado dezoito anos com ele. Eu me lembro de tão pouco, e queria muito que ele pudesse ter me conhecido melhor e ter visto a pessoa que me tornei.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão, o visconde de Bridgerton, no décimo aniversário da morte de seu pai

Eloise estava intencionalmente atrasada para a ceia naquela noite. Não muito – não era da sua natureza chegar tarde, sobretudo porque não tolerava isso dos outros. Mas após os acontecimentos daquela tarde, ela não fazia nem ideia se Sir Phillip apareceria para a ceia, e não conseguia pensar em ficar esperando na sala de estar, tentando não entrelaçar as mãos e girar os polegares, enquanto se perguntava se iria comer sozinha.

Então, às sete e dez, Eloise calculou que, se Phillip não a estivesse esperando, não iria se juntar a ela, e portanto ela poderia seguir direto para a sala de jantar e agir como se tivesse planejado comer sozinha desde o início.

Mas, para sua surpresa, e, na verdade, para seu grande alívio também, Phillip estava parado junto à janela quando ela entrou na sala de estar, elegantemente vestido com um terno que, se não era da última moda, tinha sido muito benfeito e costurado com perfeição. Eloise notou que as roupas dele eram todas pretas e brancas e se perguntou se ele ainda estava de luto por Marina ou se era apenas uma questão de preferência. Os seus irmãos raramente usavam trajes coloridos, tão populares entre alguns homens da alta sociedade, e Sir Phillip também não parecia fazer aquele tipo.

Eloise estava parada junto à porta, observando-o e pensando se ele já a vira, quando de repente Phillip se virou, murmurou o nome dela e atravessou a sala.

– Espero que aceite minhas desculpas por esta tarde – disse ele, e, embora sua voz soasse retraída, ela pôde ver a súplica em seus olhos e sentir

que ele desejava muito que o perdoasse.

– Não precisa se desculpar – retrucou Eloise rápida e sinceramente.

Como podia saber se ele devia se desculpar quando nem mesmo entendia o que havia acontecido?

– Preciso, sim – insistiu ele, devagar. – Reagi de forma exagerada. Eu…

Ela ficou em silêncio, limitando-se a olhar para Phillip enquanto ele pigarreava.

Ele abriu a boca, mas ainda levou vários segundos até conseguir falar.

– Marina quase se afogou naquele lago.

Eloise ficou sem ar, e só percebeu que levou a mão para cobrir a boca quando sentiu os dedos em seus lábios.

– Ela não nadava muito bem… – explicou Phillip.

– Sinto muito – sussurrou ela. – Você estava… – Como perguntar aquilo sem que parecesse uma curiosidade mórbida? Mas não havia como evitar, e ela não conseguia se conter. Precisava saber o que tinha acontecido. – Você estava lá?

Ele confirmou amargamente.

– Eu a tirei da água.

– Que sorte a dela – murmurou Eloise. – Devia estar apavorada.

Phillip não disse nada. Nem mesmo assentiu.

Eloise pensou no pai, em como ela se sentira impotente quando ele caíra no chão à sua frente. Mesmo sendo criança, ela era do tipo que precisava *fazer* alguma coisa. Nunca fora uma mera espectadora. Sempre quisera agir, dar um jeito nas coisas, e até mesmo nas pessoas. E, na única vez em que isso realmente importara, não havia nada que pudesse fazer.

– Estou feliz que tenha conseguido salvá-la – falou. – Ou teria sido terrível para você.

Phillip olhou confuso para Eloise, e ela percebeu como suas palavras tinham soado estranhas, então acrescentou:

– É muito difícil… quando alguém morre e a única coisa que você pode fazer é assistir, sem conseguir fazer nada para impedir. – E então, como o momento parecia pedir por isso e ela se sentia estranhamente ligada àquele homem ali tão silencioso e imóvel à sua frente, Eloise disse de maneira suave, e talvez um pouco melancólica também: – Eu sei.

Ele olhou para ela, a pergunta visível em seus olhos.

– Meu pai – respondeu ela, apenas.

Não era algo que ela dividisse com muita gente. Na verdade, fora da família, talvez apenas sua grande amiga Penelope soubesse que Eloise tinha sido a única testemunha da estranha e prematura morte do pai.

– Sinto muito – sussurrou ele.

– É – retrucou ela, com ar nostálgico. – Eu também.

E então ele comentou algo totalmente inusitado:

– Eu não tinha ideia de que meus filhos sabiam nadar.

Aquilo foi tão inesperado, tão sem ligação com o que estavam falando, que ela só conseguiu piscar e dizer:

– Perdão?

Ele estendeu o braço para levá-la até a sala de jantar.

– Eu não fazia ideia de que eles sabem nadar – repetiu Phillip, com a voz triste. – Não sei nem quem lhes ensinou.

– E isso importa? – perguntou Eloise, com delicadeza.

– Sim, porque *eu* deveria ter feito isso – respondeu ele, abatido.

Era difícil olhar para o rosto de Phillip. Eloise não se lembrava de já ter visto um homem com a fisionomia tão sofrida. Aquilo tocou seu coração de uma maneira estranha. Qualquer um que se importasse tanto com os filhos, mesmo que não soubesse exatamente como agir com eles, só podia ser um bom homem. Eloise sabia que tendia a ver o mundo de forma muito simplista e que às vezes se precipitava em algum julgamento porque não parava para analisar os detalhes, mas disso tinha certeza.

Sir Phillip Crane era um bom homem. Podia não ser perfeito, mas era bom, e seu coração era sincero.

– Bem, não há nada que se possa fazer quanto a isso agora – disse ela com rapidez, como era seu costume, porque preferia lidar logo com os problemas e resolvê-los de uma vez do que ficar se lamentando. – Eles não podem desaprender o que já sabem.

Ele parou e olhou para ela.

– Você está certa, é claro. – E depois, em voz mais baixa, acrescentou: – Mas não importa quem tenha lhes ensinado, eu deveria saber dessa habilidade deles.

Eloise concordava, mas Phillip estava tão claramente angustiado que censurá-lo parecia inadequado, sem falar que também seria insensível.

– Mas você ainda tem tempo, sabe?

– De quê? – indagou ele, com um tom de deboche dirigido a si mesmo. – De ensiná-los a nadar de costas para ampliarem seu repertório?

– Bem, sim – disse ela, de forma ligeiramente severa, já que nunca tivera muita paciência para autopiedade. – Mas também de aprender outras coisas a respeito deles. Seus filhos são crianças fascinantes.

Phillip olhou para ela com ar de dúvida.

Eloise pigarreou.

– Sei que eles se comportam mal às vezes…

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Está bem, eles se comportam mal quase sempre, mas, sinceramente, os dois só querem um pouco da sua atenção.

– Eles lhe disseram isso?

– É claro que não – disse ela, sorrindo diante da ingenuidade dele. – Eles só têm 8 anos. Não vão dizer isso assim, com todas as palavras. Mas está bem claro para mim.

Os dois chegaram à sala de jantar, e Eloise se sentou na cadeira que um dos criados puxou para ela. Phillip se acomodou à sua frente e levou a mão à taça de vinho, mas desistiu. Moveu os lábios bem devagar, como se tivesse algo a dizer, mas não soubesse bem como expressar. Finalmente, depois que Eloise tomou um gole do próprio vinho, ele perguntou:

– E eles gostaram? De nadar, quero dizer.

Ela sorriu.

– Muito. Você deveria nadar com eles.

Phillip fechou os olhos e assim ficou por um instante.

– Acho que eu não conseguiria – falou.

Ela assentiu. Sabia bem o poder que tinham as lembranças.

– Talvez em algum outro lugar – sugeriu ela. – Deve haver outro lago aqui perto. Ou mesmo uma lagoa.

Phillip esperou que Eloise pegasse a colher, depois mergulhou a própria na sopa.

– É uma boa ideia. Acho que… – Ele parou e pigarreou. – Acho que poderia fazer isso. Vou pensar em algum lugar.

Havia algo muito comovente em seu rosto – a incerteza, a vulnerabilidade. A consciência de que, embora não soubesse se era a coisa certa a fazer, iria tentar de qualquer forma. Eloise sentiu o coração apertar, até mesmo descompassar, e queria estender a mão sobre a mesa para tocar a dele. Mas é claro que não podia. Mesmo que a mesa não fosse pelo menos uns 30 centímetros maior que o comprimento de seu braço, ela não poderia. Então apenas sorriu, esperando parecer confortadora.

Phillip tomou um pouco da sopa, depois limpou a boca de leve com o guardanapo e disse:

– Espero que você possa ir conosco.

– É claro – afirmou Eloise, radiante. – Eu ficaria triste se não fosse convidada.

– Tenho certeza de que está exagerando – retrucou ele, contraindo os lábios de maneira irônica –, mas ficaríamos honrados, e, para ser bem sincero, *eu* ficaria aliviado em tê-la conosco. – Ao ver a expressão curiosa no rosto dela, acrescentou: – O passeio será um sucesso se você for.

– Tenho certeza que você…

Ele a interrompeu e disse, enfaticamente:

– Todos iremos nos divertir muito mais se pudermos contar com sua companhia.

Diante disso, Eloise decidiu deixar de argumentar e aceitar o elogio.

Era muito provável que Phillip estivesse certo. Ele e os filhos estavam tão pouco acostumados à companhia uns dos outros que seria bom terem Eloise por perto para tornar as coisas mais fáceis.

E ela percebeu que não se importava nem um pouco com isso.

– Talvez amanhã, se o tempo continuar bom – sugeriu.

– Acho que vai continuar, sim – disse Phillip casualmente. – Não está parecendo que irá mudar.

Eloise olhou para ele enquanto tomava sua sopa, um caldo de galinha com legumes que precisava de um pouco mais de sal.

– Então você prevê o tempo? – perguntou ela, certa de que o ceticismo transparecera em seu rosto.

Tinha um primo que estava convencido de que podia prever o tempo e, toda vez que lhe dava ouvidos, ela acabava ensopada até a alma ou completamente congelada.

– Não, de forma alguma – replicou ele –, mas é possível… – Phillip parou de falar de repente e esticou um pouco o pescoço. – O que foi isso?

– O quê? – disse Eloise, mas, enquanto as palavras saíam de sua boca, escutou o que Phillip devia ter ouvido.

Vozes alteradas, que ficavam mais altas a cada segundo. Passos pesados.

Uma enxurrada de palavras furiosas foi seguida por um grito de horror que só podia ter vindo do mordomo…

E então Eloise *se deu conta* do o que era.

– Ah, meu Deus – falou, afrouxando a mão que segurava a colher até a sopa respingar, caindo de volta no prato.

– Mas o que…? – disse Phillip, ficando de pé e claramente se preparando para defender sua casa de uma invasão.

Só que ele não tinha a mínima ideia do tipo de invasores que estava para enfrentar. Que tipo de invasores irritantes, intrometidos e diabólicos ele veria em… hã… aproximadamente dez segundos.

Mas Eloise sabia. Também sabia que *irritantes, intrometidos* e *diabólicos* não eram nada comparados a *furiosos, intempestivos* e *enormes* quando se tratava da segurança iminente de Phillip.

– Eloise? – disse ele, erguendo as sobrancelhas quando os dois ouviram alguém berrar o nome dela.

A jovem sentiu seu sangue parar de correr. Não havia como ela sobreviver a um momento como aquele, não havia como passar por aquilo sem matar alguém, de preferência alguém com quem tivesse um parentesco bem próximo.

Então se levantou, agarrando-se à mesa para não cair. Os passos, que pareciam de uma multidão raivosa, se aproximavam.

– Alguém que você conheça? – perguntou Phillip, de forma bastante tranquila para quem estava prestes a encarar a morte.

Ela fez que sim, e conseguiu dizer com dificuldade:

– Meus irmãos.

~

Ocorreu a Phillip (enquanto ele era jogado contra a parede com dois pares de mãos em volta do pescoço) que Eloise poderia tê-lo prevenido com um pouco mais de antecedência.

Ele não precisava de *dias*; sim, teria sido bom, mesmo que ainda insuficiente contra a força coletiva daqueles quatro homens enormes e furiosos.

Irmãos. Ele deveria ter pensado nisso. Provavelmente era melhor evitar cortejar uma mulher que tivesse irmãos.

Menos ainda uma que tivesse quatro.

Quatro. Era um espanto que ele continuasse vivo por tanto tempo.

– Anthony? – gritou Eloise. – Pare!

Anthony, ou pelo menos Phillip presumia que fosse Anthony – eles não tinham exatamente se preocupado em fazer as apresentações necessárias –, apertou ainda mais a mão em volta do pescoço de Phillip.

– Benedict! – implorou Eloise, voltando sua atenção para o maior deles. – Seja razoável.

O outro – bem, o outro apertando sua garganta, porque havia mais dois outros, mas eles estavam apenas parados ali perto, olhando com raiva – afrouxou um pouco a mão para se virar e fitar a irmã.

O que foi péssimo, já que, na pressa em que estavam de arrancar cada membro do corpo de Phillip, nenhum deles tinha olhado para Eloise por tempo suficiente para ver que ela estava com um hematoma horrível no rosto.

Pelo qual, é claro, pensariam que *ele* tinha sido responsável.

Benedict soltou um urro terrível e apertou tanto Phillip contra a parede que os pés dele saíram do chão.

Maravilha, pensou Phillip. *Agora é que eu vou morrer mesmo*. A primeira vez que fora jogado contra a parede tinha sido só desconfortável, mas agora…

– Pare! – berrou Eloise, atirando-se nas costas de Benedict e agarrando o cabelo dele.

Benedict gemeu quando sua cabeça foi puxada para trás, mas infelizmente Anthony não afrouxou a mão que estrangulava Phillip, mesmo Benedict tendo sido forçado a soltá-lo para tentar se livrar de Eloise.

Ela, como Phillip observou o melhor que pôde, considerando sua falta de oxigênio, lutava como uma mistura de seres míticos. Puxava o cabelo de Benedict com a mão direita e tinha passado o braço esquerdo em volta do pescoço do irmão, prendendo-o sob o queixo dele.

– Meu Deus! – bradou Benedict, girando o corpo enquanto tentava se livrar dela. – Alguém tire Eloise daqui!

Não foi surpresa o fato de nenhum dos outros Bridgertons ter corrido para ajudá-lo. Na verdade, o que estava apoiado contra a parede parecia se divertir muito com aquilo tudo.

A visão de Phillip começou a se enevoar e escurecer, mas ele não podia deixar de admirar a bravura de Eloise. Ela era uma mulher incrível, que sabia lutar para vencer.

De repente, Anthony chegou o rosto bem perto do de Phillip.

– Você… bateu… nela? – rosnou ele.

Como se ele pudesse responder, pensou Phillip, tonto.

– Não! – gritou Eloise, deixando por um instante de tentar arrancar o cabelo de Benedict. – É claro que ele não me bateu.

Anthony olhou para a irmã com uma expressão severa enquanto ela voltava a bater em Benedict.

– Nada está *claro* aqui.

– Foi um acidente – insistiu Eloise. – Ele não teve nada a ver com isso. – E então, quando viu que nenhum dos irmãos parecia acreditar nela, acrescentou: – Ah, pelo amor de Deus. Vocês acham mesmo que *eu* defenderia alguém que tivesse me batido?

Isso pareceu surtir efeito, e Anthony abruptamente soltou Phillip, que caiu no chão, arfando em busca de ar.

Quatro. Ela havia lhe dito que tinha quatro irmãos? Com certeza, não. Ele nunca teria pensado em se casar com uma mulher que tinha quatro irmãos. Só um tolo se prenderia a uma família assim.

– O que você fez com ele? – indagou Eloise, irritada, saindo de cima de Benedict e correndo para junto de Phillip.

– O que *ele* fez com *você*? – perguntou o que tinha socado seu queixo um pouco antes de os outros decidirem estrangulá-lo.

Eloise fuzilou o irmão com o olhar.

– O que *você* está fazendo aqui?

– Protegendo a honra da minha irmã – disparou ele.

– Como se eu precisasse da sua proteção. Você não tem nem 20 anos!

Ah, pensou Phillip, ele devia ser o irmão cujo nome começava com G. George? Não, não era isso. Gavin? Não…

– Tenho 23 – rebateu o jovem, com toda a irritação de um irmão mais novo.

– E eu tenho 28 – respondeu ela. – Não precisava da sua ajuda quando você usava fraldas e não preciso agora.

Gregory. Era isso. Gregory. Ela havia lhe falado sobre ele em uma das cartas. Ah, droga. Se ele sabia disso, então devia saber também sobre os outros. A culpa era só dele.

– Ele quis vir junto – explicou o que estava no canto, o único que ainda não havia tentado matá-lo.

Phillip decidiu que gostava mais desse, principalmente quando o viu segurar o braço de Gregory para impedir que ele fosse para cima de Eloise.

O que ela bem que merecia, pensou Phillip, sentindo-se bastante espirituoso ali caído no chão. Eloise precisava falar em fraldas?

– Bem, vocês deveriam tê-lo impedido – retrucou ela, alheia às críticas que Phillip lhe fazia em pensamento. – Vocês fazem ideia de como isto é humilhante?

Os irmãos olharam para Eloise – com razão, na opinião de Phillip – como se ela tivesse ficado louca.

– Você perdeu o direito de se sentir humilhada, constrangida, mortificada ou qualquer outra coisa que não totalmente idiota quando fugiu sem dizer nada a ninguém – disparou Anthony.

Eloise parecia um pouco menos exaltada, mas ainda assim murmurou:

– Como se eu fosse ouvir alguma coisa do que Gregory tem a me dizer.

– Ao contrário do que faz conosco, com quem você é sempre o retrato da mansidão e da obediência – resmungou o que provavelmente era Colin.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou Eloise baixinho, com um tom encantador e ao mesmo tempo nada digno de uma dama aos ouvidos de Phillip, que zumbiam.

Zumbiam? Alguém tinha lhe dado um tapa nas orelhas? Era difícil lembrar. Quando uma pessoa estava em desvantagem de quatro para um, sua memória podia ficar um pouco confusa.

– Nem pense em sair daí – disparou aquele que Phillip tinha quase certeza de ser Anthony, apontando o dedo na direção dele.

Como se ele pudesse sequer pensar nisso.

– E você, o que foi que achou que estava fazendo? – perguntou Anthony a Eloise, a voz ainda mais implacável, mesmo Phillip achando que isso seria impossível.

Eloise evitou a pergunta com outra:

– Por que vocês vieram aqui?

E conseguiu, porque seu irmão de fato respondeu:

– Para salvá-la da ruína! Pelo amor de Deus, Eloise, você faz ideia de como estávamos preocupados?

– E eu achando que vocês não tinham nem notado a minha partida – disse ela, tentando soar descontraída.

– Eloise, mamãe está transtornada.

Aquilo a deixou séria na mesma hora.

– Ah, não – sussurrou. – Eu não pensei…

– Não, não pensou – replicou Anthony, seu tom severo exatamente o que se esperaria de um homem que era o chefe da família havia vinte anos. – Eu devia pegar um chicote.

Phillip já ia intervir, porque jamais poderia permitir que batessem nela com um chicote, quando Anthony acrescentou:

– Ou pelo menos uma mordaça.

Nesse momento, Phillip concluiu que o irmão conhecia Eloise muito bem.

– Aonde você pensa que vai? – perguntou Benedict, e Phillip percebeu que deveria ter tentado se levantar antes de se estatelar de volta à sua impotente posição ali no chão.

Ele olhou para Eloise.

– Que tal nos apresentar agora?

– Ah, sim, é claro – disse Eloise, engolindo em seco. – Estes aqui são meus irmãos.

– Eu percebi – retrucou Phillip, em tom seco.

Eloise olhou para ele como quem pede desculpas, o que, pensou Phillip, era o mínimo que podia fazer depois de ter quase provocado sua tortura e morte, e então se virou em direção aos irmãos e indicou um de cada vez enquanto os apresentava:

– Anthony, Benedict, Colin, Gregory. Os três primeiros são meus irmãos mais velhos – acrescentou ela. – Este aqui é uma criança – continuou, indicando Gregory com desprezo.

Gregory parecia querer estrangulá-la, o que era ótimo para Phillip, uma vez que desviava as intenções assassinas *dele*.

E então Eloise finalmente virou de volta para Phillip e disse para os irmãos:

– Sir Phillip Crane, mas acredito que já saibam disso.

– Você deixou uma carta em sua escrivaninha – observou Colin.

Eloise fechou os olhos, irritada. Phillip pensou ter visto os lábios dela formarem as palavras: *Idiota, idiota, idiota*.

Colin abriu um sorriso sombrio.

– Você precisa ser mais cuidadosa no futuro, caso decida fugir de novo.

– Vou me lembrar disso – rebateu Eloise, mas seu tom já era menos ardoroso.

– Agora seria uma boa hora para me levantar? – perguntou Philip, dirigindo a questão a ninguém em particular.

– *Não*.

Era difícil saber qual dos irmãos tinha falado mais alto.

Phillip continuou no chão. Não costumava se achar um covarde, e, em sua opinião, era bastante hábil com os punhos, mas, bem, eles eram *quatro*.

Ele podia ser um boxeador, mas não era um louco suicida.

– Como você conseguiu esse olho roxo? – indagou Colin baixinho.

Eloise fez uma pausa antes de responder.

– Foi um acidente.

Colin pensou no que ela disse por um instante.

– Você poderia explicar melhor?

Eloise engoliu em seco, sentindo-se desconfortável, e olhou para Phillip, o que ele realmente preferiria que ela não tivesse feito. Isso só contribuiu para que *eles* (como começava a pensar no quarteto) ficassem ainda mais convencidos de que Phillip era o responsável por aquele machucado.

Um equívoco que poderia levar à sua morte e desmembramento. Eles não pareciam homens que deixariam alguém encostar a mão em suas irmãs, muito menos causar-lhes um olho roxo.

– Conte logo a verdade a eles, Eloise – disse Phillip, sentindo-se cansado.

– Foram os filhos dele – esclareceu ela, encolhendo-se.

Mas Phillip não se preocupou. Por mais que quase o tivessem estrangulado, não pareciam capazes de machucar crianças inocentes. E com certeza Eloise não teria dito nada se achasse que poderia colocar Oliver e Amanda em perigo.

– Ele tem filhos? – perguntou Anthony, olhando para Phillip com um pouco menos de desprezo.

Ele também devia ser pai, concluiu Phillip.

– Dois – respondeu Eloise. – Um casal de gêmeos. Eles têm 8 anos.

– Meus parabéns – resmungou Anthony.

– Obrigado – disse Phillip, sentindo-se bastante velho e cansado naquele instante. – Pêsames seriam mais apropriados.

Anthony olhou para ele com curiosidade, quase – mas não exatamente – sorrindo.

– Eles não ficaram muito felizes com minha presença aqui – explicou Eloise.

– Crianças espertas – comentou Anthony.

Ela o fuzilou com o olhar.

– Eles prenderam um fio no corredor para eu tropeçar. Da mesma forma que Colin fez comigo em 1804 – disse ela, virando-se para olhar furiosa para o irmão.

Colin fez uma expressão de incredulidade.

– Você se lembra da *data*?

– Ela se lembra de tudo – comentou Benedict.

Eloise agora olhou irritada para *esse*.

Apesar da dor no pescoço, Phillip estava começando a gostar de assistir àquela interação.

Eloise se virou para Anthony, majestosa como uma rainha.

– Eu caí – disse ela simplesmente.

– E bateu com o olho?

– Bati com o quadril, na verdade, mas não tive tempo de aparar a queda e machuquei o rosto. Acho que o hematoma se espalhou pela região do olho.

Anthony encarou Phillip com uma expressão furiosa.

– Isso é verdade?

Phillip assentiu.

– Juro pelo meu falecido irmão. Meus filhos podem confirmar isso, se achar que deve interrogá-los.

– É claro que não – resmungou Anthony. – Eu nunca… – Ele pigarreou e depois ordenou: – Levante-se.

Em seguida moderou o autoritarismo oferecendo a mão a Phillip.

Phillip aceitou, já havendo concluído que seria muito melhor ter o irmão de Eloise como aliado do que como inimigo. Assumindo uma postura defensiva, observou os quatro homens. Não teria nenhuma chance se eles decidissem atacá-lo ao mesmo tempo, e não estava convencido de que isso havia deixado de ser uma possibilidade.

No fim das contas, ele estaria morto ou casado, e não estava preparado para deixar que aqueles quatro colocassem isso em votação.

E então, após silenciar os quatro irmãos mais novos com apenas um olhar, Anthony virou-se para Phillip e disse:

– Talvez você deva me contar o que aconteceu.

Pelo canto do olho, Phillip viu Eloise abrir a boca para interromper e depois fechá-la de novo. Em seguida, sentou-se numa cadeira com uma expressão que, se não chegava a ser submissa, pelo menos era a mais branda que podia imaginar ver no rosto dela.

Phillip chegou à conclusão de que deveria aprender a fuzilar os outros com o olhar como Anthony Bridgerton. Seus filhos entrariam na linha em pouco tempo.

– Acho que Eloise não irá nos interromper agora – disse Anthony tranquilamente. – Por favor, fale.

Phillip olhou para Eloise. Ela parecia prestes a explodir. Mas, ainda assim, ficou quieta, o que parecia um feito extraordinário para alguém como ela.

Phillip contou, de forma resumida, os fatos que levaram à chegada de Eloise a Romney Hall. Ele falou sobre as cartas, começando com a mensagem de pêsames de Eloise, e como tinham iniciado uma cordial correspondência. Parou por um instante quando Colin balançou a cabeça e resmungou:

– Sempre me perguntei o que tanto ela escrevia no quarto…

Quando Phillip olhou para ele de maneira indagadora, Colin ergueu as mãos e acrescentou:

– Os dedos dela. Estavam sempre sujos de tinta, e eu nunca soube por quê.

Phillip terminou seu relato assim:

– Então, como podem ver, eu estava procurando uma esposa. Pelo tom de suas cartas, ela parecia inteligente e sensata. Meus filhos, como irão perceber se ficarem aqui para conhecê-los, podem ser bastante… hã… – ele buscou o adjetivo menos desfavorável – indisciplinados – continuou, satisfeito com a palavra escolhida. – Eu esperava que ela pudesse ser uma influência tranquilizadora.

– Eloise? – bufou Benedict, com ar de deboche, e Phillip pôde ver nas expressões dos outros três que todos concordavam com ele.

Por mais que Phillip tivesse sentido vontade de rir com o comentário de Benedict sobre Eloise se lembrar de tudo, e até mesmo *concordasse* com Anthony sobre a mordaça, achava que os homens da família Bridgerton não nutriam o merecido apreço por ela.

– Sua irmã tem sido uma ótima influência para as crianças – garantiu Phillip, a voz meio ríspida. – Eu preferiria que não depreciassem Eloise na minha presença.

Ele provavelmente tinha assinado sua sentença de morte. Afinal, eles eram quatro, e não parecia nada sensato provocá-los. Mas, ainda que

tivessem atravessado meio país para proteger a honra de Eloise, ele não podia ficar ali parado ouvindo-os bufarem e debocharem dela.

Não fariam isso com Eloise. Não na sua frente.

Mas, para sua grande surpresa, nenhum deles retrucou, e, na verdade, Anthony, que ainda estava claramente no comando, encarou-o com um olhar direto e tranquilo, analisando-o como se pudesse ver em seu interior e descobrir o que se passava em seu coração.

– Nós dois temos muito o que conversar – disse Anthony, com tranquilidade.

Phillip assentiu com a cabeça.

– Imagino que também queira conversar com sua irmã.

Eloise olhou para ele com gratidão. Phillip não ficou surpreso. Imaginava que ela jamais encararia bem o fato de ser deixada de fora de qualquer decisão relativa à própria vida. Pensando bem, ela não era do tipo que encararia bem ser deixada de fora de nada.

– Sim, quero – retrucou Anthony. – Na verdade, acho que devo conversar com ela primeiro, se você não se importar.

Como se Phillip fosse ser tolo o bastante para discutir com um Bridgerton com três outros o encarando.

– Por favor, usem meu escritório. Eloise pode lhe mostrar o caminho.

Foi a coisa errada a dizer. Nenhum dos irmãos gostou de ser lembrado de que Eloise ficara ali por tempo suficiente para conhecer toda a casa.

Anthony e ela saíram da sala sem dizer uma palavra, deixando Phillip sozinho com os outros.

– Vocês se importam que eu me sente? – perguntou Phillip, suspeitando que ficaria ali preso na sala de jantar por um bom tempo.

– Vá em frente – disse Colin, de maneira expansiva.

Benedict e Gregory continuavam a olhar irritados para ele. Phillip notou que Colin também não parecia muito interessado em começar uma amizade. Ele podia ter sido um pouco mais agradável que os irmãos, mas seus olhos revelavam uma aguda perspicácia que Phillip sabia que não deveria subestimar.

– Por favor, sirvam-se – falou Phillip, indicando a comida que ainda estava na mesa.

Benedict e Gregory fecharam a cara como se ele tivesse lhes oferecido veneno, mas Colin sentou-se à sua frente e pegou um pãozinho crocante do prato.

– Esses pães são ótimos – comentou Phillip, embora não tivesse tido a chance de prová-los naquela noite.

– Que bom – murmurou Colin, dando uma mordida. – Estou faminto.

– Como você pode pensar em comida neste momento? – perguntou Gregory, com raiva.

– Eu sempre penso em comida – retrucou Colin, correndo os olhos pela mesa até encontrar a manteiga. – Em que mais deveria pensar?

– Na sua esposa – disse Benedict.

– Ah, sim, minha esposa – falou Colin, assentindo com a cabeça. Então olhou para Phillip com ar severo e acrescentou: – Se quer saber, eu preferiria passar a noite com ela.

Phillip não conseguia pensar numa resposta que não soasse como um insulto à ausente Sra. Bridgerton, então apenas assentiu e passou manteiga num pão.

Colin deu uma grande mordida e então falou com a boca cheia, o desrespeito à etiqueta um claro insulto ao anfitrião.

– Estamos casados há apenas algumas semanas.

Phillip ergueu uma das sobrancelhas de maneira indagadora.

– Ainda somos recém-casados.

Phillip fez que sim, uma vez que parecia ser necessário algum tipo de resposta.

Colin se inclinou para a frente.

– Eu, *com certeza*, não queria ter deixado a minha esposa.

– Compreendo – murmurou Phillip, já que, sinceramente, o que mais poderia falar?

– Entendeu o que ele quis dizer? – perguntou Gregory.

Colin lançou um olhar gélido para o irmão, que claramente era jovem demais para ter dominado a arte das nuances e do discurso prudente. Phillip esperou Colin virar de volta para a mesa, ofereceu-lhe um prato de aspargos (que ele aceitou) e então retrucou:

– Entendi que você está sentindo falta de sua esposa.

Após um instante de silêncio, Colin olhou com desdém para o irmão e depois respondeu:

– Estou mesmo.

Phillip fitou Benedict, já que ele era o único que não tinha se envolvido na última discussão.

Mas foi um grande erro. Benedict flexionava as mãos, parecendo ainda se arrepender por não tê-lo estrangulado quando tivera chance.

Phillip, então, desviou o olhar para Gregory, que estava com os braços cruzados no peito com uma expressão furiosa. Seu corpo inteiro praticamente tremia de raiva, talvez direcionada a Phillip, talvez à sua família, que vinha tratando-o como um garotinho a noite toda. O olhar de Phillip não foi bem recebido. Gregory projetou o queixo para a frente, irritado, trincou os dentes e…

E Phillip já tinha visto o bastante, então virou de volta para Colin.

Ele ainda estava comendo, tendo de algum jeito convencido os criados a lhe trazerem uma tigela de sopa. Mas havia abaixado a colher e examinava a outra mão, flexionando indolentemente um dedo a cada palavra que pronunciava, esticando-o em seguida na direção de Phillip.

– Sinto. Falta. Da. Minha. Esposa.

– Mas que droga! – finalmente explodiu Phillip. – Se vocês pretendem quebrar as minhas pernas, podem fazer logo isso?

CAPÍTULO 10

… você nunca saberá como é desafortunada, querida Penelope, por só ter irmãs. Irmãos são sempre mais divertidos.

– de Eloise Bridgerton para Penelope Featherington,
após um passeio à meia-noite no Hyde Park
com os três irmãos mais velhos

– Estas são as suas opções – disse Anthony, sentado atrás da escrivaninha de Phillip como se fosse dono do lugar. – Você pode se casar com ele em uma ou duas semanas.

Eloise abriu a boca, espantada.

– Anthony!

– Você espera que eu sugira outra opção? – perguntou ele tranquilamente. – Acredito que possamos aumentar para três semanas, se tiver uma razão bastante convincente.

Eloise detestava quando ele falava assim, como se fosse prudente e sensato, e ela não passasse de uma criança teimosa. Era melhor quando Anthony gritava e esbravejava. Então, pelo menos, ela podia fingir que ele estava louco e que ela era uma pobre e maltratada inocente.

– Não vejo por que você se oporia – continuou ele. – Não veio até aqui com a intenção de se casar com ele?

– Não! Vim aqui para *descobrir* se ele era o homem certo para me casar.

– E é?

– Não sei. Só estou aqui há dois dias.

– E, ainda assim, é tempo mais do que suficiente para arruinar sua reputação – comentou Anthony, examinando as unhas à fraca luz das velas.

– Alguém sabe que eu viajei? – perguntou ela rapidamente. – Além da nossa família, é claro.

– Ainda não – admitiu ele –, mas as pessoas vão acabar descobrindo. Isso sempre acontece.

– Era para haver uma acompanhante… – disse Eloise, carrancuda.

– É mesmo? – indagou ele em um tom casual, como se estivesse perguntando se teriam carneiro para o jantar.

– Ela chegará em breve.

– Hum… Foi uma pena para ela eu ter chegado primeiro.

– Uma pena para todo mundo – resmungou Eloise.

– O que você disse? – perguntou ele, mas em um tom que deixava bem claro que tinha ouvido cada palavra.

– Anthony – disse ela, e o nome dele saiu como uma súplica, ainda que Eloise não soubesse muito bem pelo que estava implorando.

Anthony virou para ela com um olhar tão fulminante que só então Eloise percebeu que deveria ter ficado grata por ele antes estar fingindo examinar as unhas.

Ela deu um passo para trás. Qualquer um teria feito o mesmo se confrontasse Anthony Bridgerton com tanta fúria.

Mas, quando ele falou, sua voz soou calma e controlada:

– Você fez uma bela cama para si mesma. Agora terá que se deitar nela.

– Você me obrigaria a casar com um homem que não conheço? – sussurrou Eloise.

– Não conhece? – perguntou Anthony. – Você parecia conhecê-lo muito bem lá na sala de jantar. E pulou em defesa dele em cada oportunidade possível.

Anthony a estava encurralando, e isso a enlouquecia.

– Não é o suficiente para me casar com ele – insistiu ela. – Pelo menos não ainda.

Mas Anthony não era do tipo que facilitava as coisas.

– Se não agora, então quando? Em uma semana? Duas?

– Pare! – explodiu ela, querendo tapar os ouvidos. – Não consigo pensar.

– Você *não pensa* – corrigiu ele. – Se tivesse parado um minuto para pensar, para usar essa minúscula parte do seu cérebro reservada ao bom senso, nunca teria fugido.

Ela cruzou os braços e desviou o olhar. Não tinha nenhum argumento, e isso a matava.

– O que você vai fazer, Eloise? – perguntou Anthony.

– Não sei – murmurou ela, detestando como soava idiota ao dizer isso.

– Bem, isso nos deixa em uma situação difícil, não é mesmo? – continuou ele, ainda com aquela detestável voz sensata.

– Você não pode simplesmente dizer o que quer dizer? – indagou ela, cerrando os punhos. – Precisa terminar cada frase com uma pergunta?

Ele sorriu sem uma pitada de humor.

– E eu aqui achando que você gostaria que pedíssemos sua opinião.

– Você está sendo condescendente e sabe disso.

Ele se inclinou para a frente, os olhos brilhando de fúria.

– Você faz ideia de como estou me esforçando para não perder o controle?

Eloise achou melhor não arriscar um palpite.

Anthony, então, se levantou e disse:

– Você fugiu no meio da noite sem dizer uma palavra, sem nem mesmo deixar um bilhete…

– Eu deixei um bilhete!

Ele a encarou com uma clara expressão de descrença.

– Deixei! – insistiu Eloise. – Deixei na mesinha lateral do hall da frente. Ao lado do vaso chinês.

– E esse misterioso bilhete dizia…

– Dizia para não se preocuparem, que eu estava bem e entraria em contato com vocês dentro de um mês.

– Ah, *isso* teria me tranquilizado – retrucou Anthony, com deboche.

– Não sei por que vocês não acharam – murmurou ela. – O bilhete provavelmente se perdeu em meio a uma pilha de convites.

– Achamos que você tivesse sido sequestrada – continuou Anthony, dando um passo na direção dela.

Eloise ficou pálida. Nunca havia lhe passado pela cabeça que sua família pensaria uma coisa dessas. Nunca tinha lhe ocorrido que seu bilhete poderia se extraviar.

– Você sabe o que a mamãe fez? – perguntou Anthony, a voz profundamente séria. – *Depois* de quase morrer de preocupação?

Eloise balançou a cabeça em negativa, temendo a resposta.

– Ela foi ao banco – prosseguiu Anthony. – Sabe por quê?

– Você pode parar com isso e me dizer logo? – falou Eloise, cansada.

Detestava aquelas perguntas.

– Nossa mãe foi até lá – respondeu Anthony, caminhando até Eloise de maneira ameaçadora – verificar se todos os fundos dela estavam em ordem para que pudesse retirá-los *caso precisasse pagar seu resgate*!

Eloise se encolheu diante da fúria do irmão mais velho. Quis dizer de novo que tinha deixado um bilhete, mas sabia que ele interpretaria da maneira errada. Ela agira mal, tinha sido uma tola, e não queria piorar tudo tentando amenizar o que fizera.

– Foi Penelope quem enfim calculou o que você tinha feito – continuou Anthony. – Pedimos que ela procurasse alguma pista em seu quarto, já que provavelmente passou mais tempo lá do que qualquer um de nós.

Eloise assentiu. Penelope sempre fora sua melhor amiga. Ainda era, na verdade, mesmo tendo se casado com Colin. Elas haviam passado inúmeras horas juntas em seu quarto, falando sobre todos os assuntos. As cartas de Phillip eram a única coisa que Eloise mantivera em segredo.

– Onde ela encontrou o envelope? – perguntou Eloise.

Não que tivesse alguma importância, mas ela não conseguia evitar a curiosidade.

– Caído atrás da sua escrivaninha. – Anthony cruzou os braços. – Junto com uma flor prensada.

Fazia sentido.

– Ele é botânico – sussurrou ela.

– O que disse?

– Ele é botânico – repetiu ela, mais alto. – Sir Phillip. Ele se formou em Cambridge entre os primeiros da turma. E teria seguido a carreira acadêmica se o irmão não tivesse morrido em Waterloo.

Anthony assentiu, ponderando aquilo, e o fato de Eloise saber a respeito.

– Se você me disser que ele é um homem cruel, que irá bater em você, insultá-la ou humilhá-la, não a obrigarei a se casar. Mas, antes de falar, quero que pense nas minhas palavras. Você é uma Bridgerton. Não me importa com quem vá se casar ou qual será seu nome depois que disser seus votos diante de um padre. Você sempre será uma Bridgerton, e nós nos comportamos com honra e honestidade, não porque esperam isso de nós, mas porque *é assim que somos*.

Eloise concordou, engolindo em seco enquanto tentava controlar as lágrimas que ardiam em seus olhos.

– Então vou lhe perguntar agora – continuou ele. – Existe alguma razão para que você não possa se casar com Sir Phillip Crane?

– Não – sussurrou ela, sem ao menos hesitar.

Ela não estava preparada para aquilo, ainda não se sentia pronta para o casamento, mas não macularia a verdade hesitando para responder.

– Achei que não – retrucou Anthony.

Ela ficou parada, quase sem ânimo, sem saber direito o que fazer ou dizer em seguida. Virou-se, consciente de que o irmão sabia que ela estava chorando, mas sem querer que ele visse suas lágrimas.

– Eu me caso com ele – falou, engasgando-se com as palavras. – É só que… eu queria…

Anthony ficou em silêncio por um instante, respeitando a angústia da irmã, mas quando viu que ela não conseguia continuar, perguntou:

– O que você queria, Eloise?

– Eu queria um casamento por amor – respondeu ela, tão baixo que mal se ouviu.

– Entendo – retrucou Anthony, sua audição excelente como sempre. – Você deveria ter pensado nisso antes de fugir, não é mesmo?

Ela o odiou naquele momento.

– Você se casou por amor. Deveria entender.

– *Eu* – disse ele num tom de voz que indicava que não estava gostando nem um pouco de vê-la tentando mudar o foco da conversa para ele – me casei depois que eu e minha mulher fomos pegos em uma situação comprometedora pela maior fofoqueira da Inglaterra.

Eloise soltou o ar demoradamente, sentindo-se estúpida. Já fazia tantos anos que Anthony havia se casado que ela se esquecera das circunstâncias.

– Eu não a amava quando nos casamos, ou – acrescentou ele, sua voz ficando mais suave, mais rouca e nostálgica –, se amava, ainda não havia percebido.

Eloise fez que sim.

– Você teve muita sorte – falou, desejando saber se teria tanta sorte assim com Phillip.

E então Anthony a surpreendeu ao não repreendê-la nem censurá-la. Tudo o que disse foi:

– Sei disso.

– Eu me senti perdida – sussurrou ela. – Quando Penelope e Colin se casaram… – Eloise afundou numa cadeira e apoiou a cabeça nas mãos. – Sou uma pessoa horrível. Devo ser muito superficial e horrível, porque, quando eles se casaram, só conseguia pensar em mim mesma.

Anthony suspirou e foi se agachar ao lado dela.

– Você não é uma pessoa horrível, Eloise. Sabe disso.

Ela levantou o rosto para fitá-lo, perguntando-se quando aquele homem, seu irmão, tinha se tornado tão sábio. Se Anthony tivesse gritado mais uma palavra, passado mais um minuto falando com Eloise com aquela voz debochada, ela teria ficado arrasada. Ou teria se revoltado mais ainda. De um jeito ou de outro, algo entre os dois teria se quebrado.

Mas ali estava Anthony – justo ele, que era arrogante, orgulhoso e, sem dúvida alguma, o nobre astuto que nascera para ser – ajoelhado ao seu lado, com a mão sobre as dela, falando com uma ternura que quase lhe partiu o coração.

– Fiquei feliz por eles – disse Eloise. – *Estou* feliz por eles.

– Sei que está.

– Mas não deveria ter sentido nada além de alegria.

– Se fosse assim, não seria humana.

– Penelope se tornou minha *irmã* – observou ela. – Eu deveria ter ficado feliz.

– Você não disse que estava?

Ela assentiu.

– E estou. Sinceramente. Não estou falando da boca para fora.

Anthony abriu um sorriso carinhoso e esperou que Eloise continuasse.

– É que de repente me senti tão sozinha, e tão *velha*. – Ela olhou para ele, perguntando-se se o irmão conseguiria entender. – Nunca pensei que seria deixada para trás.

Ele riu.

– Eloise Bridgerton, creio que *nunca* alguém cometeria o erro de deixá-la para trás.

Ela sentiu os lábios se curvarem em um sorriso trêmulo, admirada por ver que justamente seu irmão podia lhe dizer a coisa certa.

– Acho que nunca pensei que um dia seria mesmo uma solteirona – continuou. – Ou acreditava que, se viesse a ser, pelo menos Penelope estaria na mesma situação. Não foi muito gentil de minha parte, e acho que não cheguei a pensar muito sobre isso, mas…

– Mas foi o que aconteceu – disse ele, fazendo a gentileza de concluir o pensamento dela. – Acho que nem Penelope pensou que se casaria. E, para ser sincero, duvido que Colin também tivesse previsto isso. O amor às vezes chega sem ser notado, sabe?

Eloise concordou, perguntando-se se isso poderia ocorrer com ela. Provavelmente não. Ela era do tipo de pessoa que precisaria que o amor

batesse com força em sua cabeça para que o percebesse.

– Estou feliz que eles tenham se casado – disse Eloise.

– Sei que está. Eu também estou.

– Sir Phillip… – prosseguiu ela, fazendo um gesto na direção da porta, embora ele estivesse longe dali, lá na sala de jantar. – Fazia mais de um ano que estávamos nos correspondendo. Então ele falou em casamento. Tocou no assunto de maneira bastante prática. Não pediu minha mão, só perguntou se eu gostaria de fazer uma visita para ver se nós nos daríamos bem. Disse a mim mesma que ele estava louco, que eu não poderia nem pensar numa proposta como essa. Quem se casaria com alguém que não conhece? – Ela abriu um sorriso trêmulo. – Mas então Colin e Penelope anunciaram o noivado. Foi como se meu mundo inteiro virasse de cabeça para baixo. Foi nesse momento que comecei a pensar a respeito. Toda vez que olhava para a minha escrivaninha, para a gaveta em que guardava as cartas dele, era como se elas me chamassem.

Anthony não disse nada, só apertou a mão dela, como se entendesse.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – continuou Eloise. – Não podia mais ficar sentada vendo a vida passar.

Ele deixou escapar uma risada.

– Eloise, essa é a última coisa com que eu me preocuparia se fosse você.

– Anth…

– Não, deixe-me terminar. Você é uma pessoa especial, minha irmã. A vida nunca *passa* para você. Acredite em mim. Eu a vi crescer, e tive de ser seu pai em várias vezes em que só queria ser seu irmão.

Os lábios dela se entreabriram e Eloise sentiu um aperto no peito. Ele estava certo. *Tinha* sido um pai para ela. Era um papel que nenhum dos dois queria para ele, mas que Anthony havia desempenhado durante anos, sem reclamar.

Foi a vez dela de apertar a mão dele, não porque o amava, mas porque só agora havia percebido quantas coisas ele fizera por ela.

– *Você* faz a vida acontecer, Eloise – continuou ele. – Você sempre tomou suas decisões, sempre esteve no controle. Às vezes pode não parecer, mas é verdade.

Ela fechou os olhos por um instante e balançou a cabeça enquanto dizia:

– Bem, eu estava tentando tomar minhas próprias decisões quando vim para cá. Parecia um bom plano.

– E talvez você descubra que foi mesmo um bom plano – retrucou Anthony em voz baixa. – Sir Phillip parece um bom homem.

Eloise não pôde esconder sua irritação.

– E você deduziu isso enquanto estava com as mãos em volta do pescoço dele.

Anthony olhou para ela com ar superior.

– Você ficaria surpresa com o que um homem consegue deduzir sobre outro enquanto estão lutando.

– Você chama aquilo de luta? Eram quatro contra um!

Ele deu de ombros.

– Nunca falei que era uma luta *justa*.

– Você não tem jeito.

– Engraçado ouvir isso de você, considerando o que fez.

Eloise sentiu o rosto corar.

– Muito bem – disse Anthony, o tom enérgico indicando uma mudança de assunto. – Eis o que vamos fazer.

E Eloise sabia que teria que obedecer ao que quer que fosse, de tão decidido que Anthony estava.

– Você fará as malas agora mesmo, depois vamos para a casa de Benedict e ficaremos lá por uma semana – decretou Anthony.

Eloise assentiu. A casa de Benedict ficava não muito longe de Romney Hall, em Wiltshire. Ele morava lá com a esposa, Sophie, e os três filhos. Não era particularmente grande, mas bem confortável, e com certeza havia espaço suficiente para mais alguns Bridgertons.

– Sir Phillip poderá nos visitar todos os dias – continuou Anthony, e Eloise sabia que suas palavras queriam dizer "Sir Phillip *irá* nos visitar todos os dias".

Ela concordou mais uma vez.

– Se, no fim da semana, eu decidir que ele é bom o bastante para se casar com minha irmã, é isso que você fará. Imediatamente.

– Você tem certeza de que pode julgar o caráter de um homem em uma semana?

– É raro levar mais tempo que isso – declarou Anthony. – E, se eu ainda não tiver me decidido, esperaremos mais uma semana.

– Sir Phillip pode não querer se casar comigo – observou Eloise, sentindo que devia salientar a questão.

Anthony encarou-a com firmeza.

– Ele não tem essa opção.

Ela engoliu em seco.

Anthony ergueu uma das sobrancelhas de maneira arrogante.

– Estamos entendidos?

Ela assentiu com a cabeça. O plano dele parecia razoável – mais razoável, na verdade, do que os outros irmãos teriam permitido –, e, se algo desse terrivelmente errado, se ela chegasse à conclusão de que não poderia mesmo se casar com Sir Phillip, bem, então tinha uma semana para descobrir como sair dessa. Muita coisa podia acontecer em sete dias.

Como os sete anteriores, por exemplo.

– Vamos voltar para a sala de jantar? – sugeriu Anthony. – Imagino que esteja com fome e, se demorarmos mais, Colin conseguirá acabar com toda a comida da casa do nosso anfitrião.

Eloise concordou.

– Isso se a esta altura eles já não o tiverem matado.

Anthony parou um instante para pensar.

– Isso me pouparia das despesas de um casamento.

– Anthony!

– Brincadeira, Eloise – disse, balançando a cabeça com um ar cansado. – Mas venha. Vamos ver se Sir Phillip ainda está no mundo dos vivos.

~

– E então – dizia Benedict quando Anthony e Eloise apareceram – a empregada da taberna chegou, e ela tinha os *maiores*…

– Benedict! – exclamou Eloise.

Benedict olhou para a irmã com a expressão carregada de culpa, recolheu depressa as mãos que demonstravam o tamanho dos dotes claramente exagerados da mulher e murmurou:

– Desculpe.

– Você é casado – repreendeu Eloise.

– Mas não cego – disse Colin com um sorriso malicioso.

– Você também é casado! – censurou ela.

– Mas não cego – repetiu ele.

– Eloise, é simplesmente impossível não ver certas coisas – acrescentou Gregory com um ar de condescendência mais irritante que ela já tinha

ouvido. – Sobretudo quando se é homem.

– É verdade – admitiu Anthony. – Eu também vi.

Eloise estava sem fala, olhando de irmão para irmão, em busca de um pouco de sanidade em meio àquela vergonhosa loucura. Seus olhos enfim chegaram a Phillip, que, ao que parecia, além de estar ligeiramente embriagado, tinha criado laços permanentes com seus irmãos durante o pouco tempo em que ela se ausentara com Anthony.

– Sir Phillip? – chamou ela, esperando que ele dissesse algo aceitável.

Mas Phillip apenas esboçou um sorriso ébrio e retrucou:

– Sei de quem eles estão falando. Já fui àquela taberna algumas vezes. Lucy é muito famosa por estas bandas.

– Até eu já ouvi falar dela – comentou Benedict, balançando a cabeça. – Moro a apenas uma hora daqui, a cavalo. Menos, se for a toda velocidade.

Gregory se inclinou em direção a Phillip, os olhos azuis brilhando de interesse quando perguntou:

– Então você chegou a…? Alguma vez?

– Gregory! – exclamou Eloise, quase gritando.

Aquilo já era demais. Seus irmãos nunca deveriam falar sobre tais assuntos na frente dela. Além do mais, a última coisa que queria saber era se Sir Phillip tinha se deitado com a garota da taberna que tinha seios do tamanho de melões.

Mas Sir Phillip apenas balançou a cabeça, fazendo que não.

– Ela é casada – disse ele. – Assim como eu era.

Anthony virou para Eloise e sussurrou no ouvido dela:

– Ele vai servir.

– Fico feliz que você tenha padrões tão altos para sua amada irmã – murmurou ela.

– Eu lhe disse – observou Anthony. – Eu vi Lucy. Esse é um homem que sabe se controlar.

Ela colocou as mãos nos quadris e fitou o irmão mais velho bem nos olhos.

– *Você* ficou tentado?

– É claro que não! Kate cortaria minha garganta.

– Não estou falando sobre o que Kate faria se descobrisse que você pulou a cerca, embora eu acredite que ela não fosse começar por sua garganta…

Anthony se encolheu. Ele sabia que era verdade.

– Quero saber se ficou tentado – acrescentou Eloise.

– Não – admitiu ele, balançando a cabeça. – Mas não conte a ninguém. Afinal, eu era considerado uma espécie de garanhão. Não quero que as pessoas pensem que fui completamente domado.

– Você é terrível.

Ele sorriu.

– Ainda assim, minha esposa é louca por mim, e é só isso que importa, não é?

Eloise achava que ele estava certo, e suspirou.

– O que você vai fazer com eles? – perguntou ela, indicando o quarteto sentado à mesa de jantar, cheia de pratos vazios.

Phillip, Benedict e Gregory estavam recostados, relaxando, e pareciam bem satisfeitos. Colin ainda não tinha terminado de comer.

Anthony deu de ombros.

– Não sei o que você quer fazer, mas eu vou me juntar a eles.

Eloise ficou parada junto à porta, vendo-o se sentar e se servir de um pouco de vinho. Felizmente eles tinham deixado de falar sobre Lucy e seus seios imensos, e agora conversavam sobre boxe. Ao menos ela achava que estavam falando sobre boxe. Phillip demonstrava um tipo de golpe de mão para Gregory.

Então deu um soco no rosto dele.

– Desculpe – disse Phillip, batendo de leve nas costas do jovem. Mas Eloise percebeu que ele erguia ligeiramente o canto direito da boca em um sorriso. – Não vai doer por muito tempo, tenho certeza. O *meu* queixo já está bem melhor.

Gregory grunhiu que não tinha doído, mas continuava esfregando o queixo assim mesmo.

– Sir Phillip? – chamou Eloise. – Posso falar com você um minuto?

– É claro – retrucou ele, levantando-se no mesmo instante para ir até ela. – Algum problema?

– Fiquei com medo de que eles o matassem – sibilou ela.

– Ah. – Ele abriu um sorriso ébrio. – Não mataram.

– Estou vendo que não. O que houve?

Phillip olhou para a mesa. Anthony comia o pouco que Colin deixara (sem dúvida por não ter percebido que ainda havia algo) e Benedict inclinava a cadeira para trás, tentado equilibrá-la em duas pernas. Gregory cantarolava baixinho, os olhos fechados enquanto sorria extasiado,

provavelmente pensando em Lucy, ou, mais provavelmente ainda, em certas partes grandes e macias de Lucy.

Então, Phillip se virou de volta para ela e deu de ombros.

– Quando foi que vocês se tornaram amigos de infância? – perguntou Eloise, com paciência exagerada.

– Ah – disse ele, balançando a cabeça. – Foi uma coisa engraçada, na verdade. Eu pedi a eles que quebrassem minhas pernas.

Eloise ficou olhando para ele boquiaberta. Jamais entenderia os homens. Como tinha quatro irmãos, deveria entendê-los melhor do que a maioria das mulheres. Talvez tivesse levado todos os seus 28 anos para perceber isso, mas os homens eram realmente criaturas muito estranhas.

Phillip deu de ombros de novo.

– Acho que isso quebrou o gelo.

– Claro.

Enquanto os dois se olhavam, Eloise notou que Anthony não parava de observá-los. Então, de repente, Phillip pareceu ficar sóbrio.

– Vamos ter que nos casar – falou.

– Eu sei.

– Eles vão mesmo quebrar minhas pernas se eu não fizer isso.

– Não fariam apenas isso, mas ainda assim uma dama gostaria de pensar que foi escolhida por outra razão que não a integridade óssea de alguém – resmungou ela.

Phillip piscou, sem saber o que dizer.

– É isso mesmo – murmurou ela. – Sou muito sincera.

– Certo – disse ele devagar, da maneira como os homens costumam fazer quando estão sem palavras.

– Ou, se não por *outra* razão, pelo menos por uma razão *além dessa* – completou Eloise, procurando desesperadamente algo que pudesse ser interpretado como um elogio, ainda que de forma vaga.

– Certo – repetiu ele, assentindo, mas ainda sem dizer mais nada.

Ela estreitou os olhos.

– Quantas taças de vinho você bebeu?

– Só três. – Então ele parou e pensou um pouco. – Talvez quatro.

– Taças? Ou garrafas?

Phillip não parecia saber a resposta.

Eloise olhou para a mesa. Havia quatro garrafas de vinho espalhadas em meio aos restos da ceia. Três estavam vazias.

– Eu não demorei muito – disse ela.

Ele deu de ombros.

– Ou eu bebia com eles ou deixava que quebrassem minhas pernas. Pareceu-me uma decisão bem simples.

– Anthony! – chamou ela.

Já estava farta de Phillip. Aliás, estava farta de tudo: dos homens, de casamento, de pernas quebradas e garrafas de vinho vazias. Mas, sobretudo, estava farta de si mesma, de sentir que tinha tão pouco controle sobre a própria vida.

– Quero ir embora – falou.

Anthony fez que sim e resmungou alguma coisa, ainda mastigando o único pedaço de frango que Colin deixara.

– *Agora*, Anthony.

Ele deve ter ouvido a voz dela falhar, porque se levantou imediatamente e disse:

– É claro.

Em toda a sua vida, Eloise nunca ficara tão feliz em ver o interior de uma carruagem.

CAPÍTULO 11

… não consigo suportar um homem que bebe demais. E é por isso que sei que você vai entender por que não pude aceitar o pedido de lorde Westcott.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão Benedict, quando recusou o segundo pedido de casamento

– Não! – exclamou Sophie Bridgerton, a delicada e quase etérea esposa de Benedict. – Eles não fizeram isso!

– Fizeram – disse Eloise, em um tom amargo, enquanto se reclinava na cadeira do jardim e tomava um copo de limonada. – E então todos eles ficaram bêbados!

– Mas que droga – murmurou Sophie, fazendo Eloise perceber que o que a deixara realmente farta na noite anterior fora aquele companheirismo ridículo entre os homens.

Obviamente ela só precisava de uma mulher sensata com quem pudesse falar mal deles.

Sophie fechou a cara.

– Não me diga que estavam falando daquela pobre Lucy de novo.

Eloise engasgou.

– Você sabe dela?

– Todo mundo sabe. Não dá para *deixar* de notá-la quando se cruza com ela na rua.

Eloise parou e tentou imaginá-la, mas não conseguiu.

– Verdade seja dita, sinto pena dela – sussurrou Sophie mesmo não tendo ninguém por perto que pudesse ouvir. – Toda aquela atenção não desejada… e, bem, isso não deve fazer bem para as costas dela.

Eloise tentou conter a risada, mas acabou deixando escapar.

– Posy chegou até a perguntar a ela uma vez sobre isso!

Eloise ficou boquiaberta. Posy era a meia-irmã de Sophie, que havia morado muitos anos com os Bridgertons antes de se casar com o alegre vigário que vivia a pouco menos de 10 quilômetros de Benedict e Sophie. Ela também era a pessoa mais gentil que Eloise conhecia, e, se existia alguém que faria amizade com uma funcionária casada e de seios enormes da taberna, seria ela.

– Ela é da paróquia de Hugh – explicou Sophie, referindo-se ao marido de Posy. – Então é claro que acabaram se conhecendo.

– O que ela disse? – quis saber Eloise.

– Posy?

– Não. Lucy.

– Ah, eu não sei. – Sophie amarrou a cara. – Posy não me contou, acredita? Acho que Posy nunca teve segredos para mim, mas falou que não poderia trair a confiança de uma paroquiana.

Eloise achou que era bastante nobre da parte de Posy.

– Isso não me preocupa, é claro – disse Sophie, com toda a segurança de uma mulher que sabe que é amada. – Benedict nunca me trairia.

– É claro que não – concordou Eloise rapidamente.

A história de amor de Benedict e Sophie era lendária em sua família. E tinha sido uma das muitas razões para Eloise ter recusado tantos pedidos de casamento. Ela queria aquele tipo de amor, paixão e drama. Queria mais do que "Eu tenho três casas, dezesseis cavalos e 42 cães de caça", que foi o que um de seus pretendentes lhe disse ao pedir sua mão.

– Mas não acho que seja pedir muito querer que ele fique de boca fechada quando ela passa – continuou Sophie.

Eloise estava a assentir com veemência quando viu Sir Phillip atravessar o gramado em sua direção.

– É ele? – perguntou Sophie, sorrindo.

Eloise confirmou.

– Ele é muito bonito.

– É, acho que sim – disse Eloise, devagar.

– Acha que sim? – Sophie bufou, impaciente. – Não banque a tímida comigo, Eloise Bridgerton. Já fui sua criada, e conheço você melhor do que ninguém.

Eloise se conteve e não ressaltou que Sophie só tinha sido sua criada por duas semanas antes que ela e Benedict caíssem em si e decidissem se casar.

– Está bem, ele é bonito para quem gosta do tipo rural e rústico – consentiu Eloise.

– E você gosta – disse Sophie, atrevidamente.

Eloise sentiu o rosto corar.

– Talvez – murmurou.

– E ele trouxe flores – observou Sophie, em tom de aprovação.

– Ele é botânico – retrucou Eloise.

– O que não torna o gesto menos gentil.

– Não, só mais fácil.

– Eloise, pare com isso agora mesmo – ordenou Sophie, de maneira reprovadora.

– Parar o quê?

– De tentar tirar o pobre homem do páreo antes que ele tenha alguma chance.

– Eu não estava fazendo isso – protestou Eloise, mas percebeu que mentia no instante em que as palavras saíram de seus lábios.

Detestava ver sua família decidindo sua vida, não importava quão boas fossem suas intenções, e isso a deixava mal-humorada e sem nenhum espírito cooperativo.

– Bem, acho que as flores são um gesto muito gentil – declarou Sophie, decidida. – Mesmo que ele tenha oito mil variedades disponíveis, o que conta é ter se lembrado de trazê-las.

Eloise fez que sim, odiando a si mesma. Queria se sentir melhor, queria estar toda sorridente, alegre e otimista, mas não conseguia.

– Benedict não me contou todos os detalhes – continuou Sophie, ignorando a angústia de Eloise. – Você sabe como são os homens. Eles nunca falam o que você quer saber.

– O que você quer saber?

Sophie olhou para Sir Phillip, calculando quanto tempo tinha até ele chegar aonde estavam.

– Bem, em primeiro lugar, é verdade que você não o conhecia antes de fugir?

– Pessoalmente, não – admitiu Eloise.

A história soava tão ridícula quando ela a recontava… Quem pensaria que ela, uma Bridgerton, fugiria para se encontrar com um homem que nunca tinha visto?

– Bem, se no fim tudo der certo, será uma linda história de amor – disse Sophie.

Eloise engoliu em seco, sentindo-se desconfortável. Ainda era muito cedo para saber "se no fim tudo daria certo". Ela suspeitava – não, na verdade sabia – que se casaria com Sir Phillip, mas quem poderia prever que tipo de relação teriam? Ela não o amava, ainda não, pelo menos, e ele também não a amava. Eloise chegara a pensar que isso não seria um problema, mas agora que estava ali em Wiltshire, tentando não prestar atenção na maneira como Benedict olhava para Sophie, começava a se perguntar se tinha cometido um erro terrível.

E ela queria mesmo se casar com um homem cujo principal interesse era arrumar uma mãe para os filhos?

Se alguém não encontra o amor, é melhor então que fique sozinho?

Infelizmente, o único modo de responder a essas perguntas era se casar com Sir Phillip e ver o que iria acontecer. E se as coisas não fossem bem…

Ela estaria presa a ele.

A maneira mais fácil de escapar de um casamento era a morte, isso era algo em que Eloise nem pensava.

– Srta. Bridgerton.

Phillip estava de pé à sua frente, oferecendo-lhe um buquê de orquídeas brancas.

– Para você – disse ele.

Eloise sorriu, encorajada pela tontura e o ligeiro nervosismo que sentiu ao vê-lo de perto.

– Obrigada – murmurou, pegando o buquê e cheirando as flores. – São lindas.

– Onde você encontrou orquídeas? – perguntou Sophie. – Elas são tão raras…

– Eu as cultivo – respondeu ele. – Tenho uma estufa.

– Ah, é verdade – disse Sophie. – Eloise falou que você é botânico. Eu também gosto de cultivar flores, embora deva confessar que, na maioria das vezes, não tenha a menor ideia do que estou fazendo. Tenho certeza que nossos caseiros me consideram a ruína de sua vida.

Eloise pigarreou, consciente de que ainda não tinha feito as apresentações.

– Sir Phillip, essa é a esposa de Benedict, Sophie – disse ela, com um gesto em direção à cunhada.

Ele cumprimentou-a com um beijo na mão e murmurou:

– Sra. Bridgerton.

– Estou muito feliz em conhecê-lo – falou Sophie, da maneira mais gentil possível. – E, por favor, me chame pelo primeiro nome. Sei que já chama Eloise pelo dela e, além disso, parece que você já é quase um membro da família.

Eloise corou.

– Ah! – exclamou Sophie, imediatamente constrangida. – Não quis dizer isso em relação a você, Eloise. Eu nunca presumiria… Ah, meu Deus. Falei isso porque os homens… – As bochechas de Sophie ficaram muito vermelhas e ela baixou os olhos em direção às próprias mãos. – Bem, soube que havia muito vinho no jantar – murmurou ela.

Phillip pigarreou.

– Um detalhe que prefiro não lembrar.

– Só o fato de você lembrar já é notável – comentou Eloise docemente.

Phillip olhou para ela com uma expressão que indicava que não tinha sido enganado pelo tom meloso.

– Você é muito gentil.

– Está com dor de cabeça? – quis saber Eloise.

Ele se encolheu.

– Morrendo de dor de cabeça.

Ela devia ter ficado preocupada. Devia ter sido gentil, principalmente por ele ter se dado o trabalho de lhe levar orquídeas raras. Mas não podia deixar de pensar que aquilo era mais do que merecido, então disse (em voz baixa, mas ainda assim disse):

– Que bom.

– Eloise! – reprovou Sophie.

– E Benedict, como está? – perguntou Eloise à cunhada, de forma amável.

Sophie suspirou.

– Passou a manhã toda com um mau humor terrível, e Gregory ainda nem saiu da cama.

– Pelo visto, comparado a eles eu estou muito bem – comentou Phillip.

– Exceto por Colin – atalhou Eloise. – Ele nunca sofre os efeitos posteriores do álcool. E, é claro, Anthony, que não bebeu muito.

– Um homem de sorte.

– Aceita algo para beber, Sir Phillip? – perguntou Sophie, endireitando o chapéu para que cobrisse melhor seus olhos. – Algo benigno e não intoxicante, é claro, dadas as circunstâncias. Posso pedir que alguém lhe traga uma limonada.

– Isso seria ótimo. Obrigado.

Ele observou Sophie se levantar e subir o caminho ligeiramente inclinado que levava até a casa, então se sentou no lugar dela, de frente para Eloise.

– É bom ver você – disse Phillip, pigarreando.

Ele não fazia o tipo falante, e agora não estava sendo diferente, apesar das circustâncias incomuns que os levaram àquele momento.

– É bom vê-lo também – murmurou ela.

Phillip se remexeu na cadeira. Era pequena demais para ele; a maioria era.

– Preciso me desculpar pelo meu comportamento ontem à noite – disse ele, com um ar formal.

Eloise fitou os olhos escuros de Phillip por um instante antes de desviar o olhar para o gramado ao lado dele. Ele parecia estar sendo sincero. Ela não o conhecia bem – com certeza não o suficiente para se casar, embora isso não estivesse mais em questão –, mas ele não aparentava ser do tipo que finge se desculpar. De qualquer forma, ela não estava pronta para se desmanchar em gentilezas, então, quando respondeu, foi bastante lacônica:

– Eu tenho irmãos. Estou acostumada.

– Talvez, mas eu não. Garanto a você que não tenho o hábito de beber em excesso.

Ela assentiu, aceitando as desculpas dele.

– Andei pensando – disse ele.

– Eu também.

Phillip pigarreou, então puxou a gravata, como se de repente tivesse ficado apertada demais.

– Nós teremos de nos casar, é claro.

Não era nada além do que Eloise já sabia, mas havia algo de horrível na maneira como ele disse isso. Talvez fosse a falta de emoção na voz, como se ela fosse um problema que ele tivesse de resolver. Ou talvez fosse o jeito tão prático como ele falou, como se Eloise não tivesse escolha (o que, de fato, não tinha, mas não gostava de ser lembrada disso).

O que quer que fosse, aquilo a fez se sentir estranha e inquieta, como se tivesse de fugir de seu corpo.

Tinha passado a vida adulta inteira fazendo as próprias escolhas e se considerava a mulher mais sortuda do mundo por ter uma família que lhe permitia agir assim. Talvez fosse por isso que agora parecia tão insuportável ser forçada a seguir um caminho para o qual não estava pronta.

Ou talvez fosse insuportável porque tinha sido ela quem dera início a tudo aquilo. Estava furiosa consigo mesma, e isso a fazia ser rude com todo mundo.

– Eu me empenharei ao máximo para fazê-la feliz – disse ele secamente. – E as crianças precisam de uma mãe.

Eloise abriu um sorriso desanimado. Queria que seu casamento fosse mais do que apenas pelos filhos dele.

– Tenho certeza de você será de grande ajuda – disse Phillip.

– De grande ajuda – repetiu ela, odiando como isso soava.

– Você não concorda?

Ela assentiu, mais por temer que, se abrisse a boca, pudesse gritar.

– Que bom – retrucou ele. – Então está tudo resolvido.

Está tudo resolvido. Pelo resto de sua vida, esse seria seu grande pedido de casamento. *Está tudo resolvido*. E a pior parte era que Eloise não tinha o direito de reclamar. Fora ela quem fugira de casa sem dar a Phillip tempo suficiente para arrumar uma acompanhante. Fora ela quem ansiara tanto por criar o próprio destino. Fora ela quem agira sem pensar, e agora só lhe restava…

Está tudo resolvido.

Engoliu em seco.

– Ótimo.

Phillip olhou para ela e piscou, confuso.

– Você não está feliz?

– É claro – retrucou Eloise, sem convicção.

– Você não parece feliz.

– Mas estou.

Phillip resmungou alguma coisa.

– O que disse? – perguntou ela.

– Nada.

– Você disse alguma coisa.

Ele olhou para ela com impaciência.

– Se eu quisesse que você ouvisse, teria dito em voz alta.

Eloise respirou fundo e falou:

– Então não deveria ter dito nada.

– Algumas coisas a gente simplesmente não consegue guardar – murmurou Phillip.

– O que você disse? – exigiu ela.

Phillip passou a mão pelo cabelo.

– Eloise…

– Você me insultou?

– Quer mesmo saber?

– Já que parece que vamos nos casar… sim.

– Não me lembro das palavras exatas, mas acredito que deva ter usado *mulheres* e *falta de sensatez* na mesma frase.

Ele não deveria ter dito isso. *Sabia* que não deveria. Teria sido rude sob quaisquer circunstâncias, e era especialmente errado naquele momento. Mas Eloise não parara de insistir, e pelo jeito não iria desistir. Parecia querer torturá-lo só por diversão.

E por que ela estava tão mal-humorada, afinal? Tudo o que Phillip fizera fora verbalizar o que ela já sabia. Eles *teriam mesmo* de se casar. E, sinceramente, ela deveria estar feliz, porque, já que se envolvera em uma situação comprometedora, pelo menos tinha sido com um homem disposto a fazer a coisa certa e transformá-la em sua esposa.

Phillip não esperava gratidão. Ora, aquilo era culpa sua tanto quanto dela, afinal fora ele que fizera o convite inicial. Mas seria demais esperar um sorriso e um pouco de bom humor?

– Fico feliz que tenhamos tido esta conversa – disse Eloise de repente. – Foi melhor assim.

Ele levantou o rosto, imediatamente desconfiado.

– Como?

– Foi muito proveitosa. É sempre bom conhecer a pessoa com quem vamos nos casar, e…

Phillip bufou, sabendo que aquilo não iria acabar nada bem.

– E… – continuou ela, irritada por ele ter bufado – com certeza é bom que eu saiba logo como você se sente com relação ao meu gênero.

Ele era do tipo que costumava evitar conflitos, mas aquilo já era demais.

– Se eu bem me lembro, nunca lhe disse exatamente o que eu pensava sobre as mulheres.

– Eu deduzi – retrucou ela. – Acho que as palavras "falta de sensatez" foram uma ótima pista.

– É mesmo? Bem, estou pensando de maneira diferente agora.

Eloise estreitou os olhos.

– Como assim?

– Mudei de ideia. Concluí que o problema não são as mulheres em geral. É *você* que eu acho insuportável.

Ela recuou, claramente ofendida.

– Ninguém nunca lhe disse que você é insuportável?

Ele achava difícil de acreditar.

– Ninguém que não fosse meu parente – resmungou ela.

– Você deve viver em uma sociedade muito educada. – Ele se contorceu na cadeira de novo. Sério, será que ninguém mais fazia cadeiras para homens grandes? – Ou isso ou você assusta tanto as pessoas que acaba fazendo com que se curvem a cada um dos seus caprichos.

Eloise corou, e Phillip não sabia se era porque estava envergonhada por ele ter acertado na mosca ou apenas porque estava tão irritada que ficara sem palavras.

Provavelmente os dois.

– Desculpe – murmurou ela.

Ele virou para ela, surpreso.

– O que disse?

Não podia ter ouvido direito.

– Eu pedi desculpas – falou Eloise, deixando claro que não iria dizer aquelas palavras pela terceira vez, então era melhor que ele estivesse ouvindo bem.

– Ah – disse Phillip, espantado demais para acrescentar qualquer outra coisa. – Obrigado.

– De nada.

O tom de Eloise não era nada gentil, mas ela parecia estar se esforçando muito.

Por um instante, ele ficou em silêncio. Então teve de perguntar:

– Pelo quê?

Eloise olhou para ele, obviamente irritada por aquele não ter sido o fim da conversa.

– Você tinha que perguntar? – resmungou.

– Bem, sim.

– Desculpe-me por estar com um mau humor terrível e vir agindo mal. Se me perguntar *de que maneira* venho agindo mal, juro que vou me levantar e ir embora, e você nunca mais irá me ver, porque posso lhe garantir que esse pedido de desculpas já é difícil o suficiente sem que eu tenha que explicar mais.

Phillip concluiu que não podia esperar mais do que aquilo.

– Obrigado – falou, com delicadeza.

Ele se conteve por um minuto, provavelmente o mais longo de sua vida, então decidiu que também deveria abrir o jogo:

– Se isso a faz se sentir melhor, eu achava que poderíamos nos entender mesmo antes de seus irmãos aparecerem. E já planejava pedir que fosse minha esposa. Da maneira apropriada, com um anel e tudo mais que se deva fazer e que eu nem sei direito. Já faz um bom tempo que não peço alguém em casamento, e na última vez isso não aconteceu sob circunstâncias normais.

Eloise pareceu bastante surpresa… e talvez um pouco grata também.

– Sinto muito que seus irmãos tenham chegado e feito tudo acontecer mais depressa do que você esperava, mas não sinto muito que esteja acontecendo – acrescentou ele.

– Não sente? – sussurrou ela. – Sério?

– Eu lhe darei todo o tempo que você precisar, dentro dos limites razoáveis, é claro. Mas não posso… – Ele olhou para a colina. Anthony e Colin vinham descendo lentamente, seguidos por um criado carregando uma bandeja de comida. – Não posso falar por seus irmãos. Imagino que eles não vão querer esperar pelo tempo que você desejar. E, para ser sincero, se você fosse minha irmã, eu a teria levado para a igreja ontem à noite mesmo.

Eloise olhou para o alto, em direção aos irmãos. Eles ainda levariam alguns instantes até chegarem ali. Ela abriu a boca, depois fechou de novo, obviamente pensando em alguma coisa. Por fim, após vários segundos, durante os quais Phillip quase podia ver as engrenagens do cérebro dela funcionando, disparou:

– Por que você chegou à conclusão de que poderíamos nos entender?

– O quê?

Era uma tática de protelação, é claro. Não esperava uma pergunta tão direta, embora só Deus soubesse por que não. Afinal, tratava-se de Eloise.

– Por que você chegou à conclusão de que poderíamos nos entender? – repetiu ela, a voz clara e incisiva.

Era claro que ela perguntaria assim. Eloise Bridgerton não tinha nada de sutil ou insegura. Ela nunca daria voltas quando podia ir direto ao assunto.

– Eu… hã… – disse ele, depois pigarreou.

– Você não sabe – afirmou ela, parecendo decepcionada.

– É claro que eu sei – protestou ele.

Nenhum homem gostava de ouvir que não sabia direito o que pensava.

– Não, não sabe. Se soubesse, não ficaria aí sentado se engasgando para falar.

– Meu Deus, mulher, você não consegue ser nem um pouquinho tolerante? Um homem precisa de tempo para formular uma resposta.

– Ah – disse Colin Bridgerton com sua voz sempre simpática. – Aí está o casal de pombinhos.

Em toda a sua vida, Phillip nunca ficara tão feliz em ver uma pessoa.

– Bom dia – disse ele aos dois Bridgertons que entraram, contente por ter escapado da pergunta de Eloise.

– Estão com fome? – perguntou Colin ao se sentar na cadeira ao lado da de Phillip. – Tomei a liberdade de pedir que servissem o café ao ar livre.

Phillip olhou para o criado e se perguntou se deveria oferecer ajuda. O pobre homem parecia prestes a cair com o peso da comida.

– Está tudo bem? – perguntou Anthony ao se acomodar no assento acolchoado perto de Eloise.

– Está – respondeu ela.

– Com fome?

– Não.

– Alegre?

– Não graças a você.

Anthony virou para Phillip.

– Ela costuma ser mais falante.

Phillip se perguntou se Eloise iria bater nele. Anthony bem que merecia.

A bandeja de comida bateu na mesa com um estrondo. O criado, então, se desculpou por ter sido tão desastrado. Anthony lhe garantiu que não tinha sido nada e comentou que o próprio Hércules não teria conseguido carregar comida suficiente para alimentar Colin.

Os irmãos de Eloise se serviram, depois Anthony se virou para ela e Phillip e disse:

– Parece que vocês dois estão se entendendo muito bem.

Eloise olhou para ele com uma expressão claramente hostil.

– Quando você chegou a essa conclusão?

– Só levou um instante – disse Anthony, dando de ombros. Então olhou para Phillip. – Foi a discussão, na verdade. Todos os melhores casais fazem isso.

– Fico feliz em saber – murmurou Phillip.

– Minha esposa e eu costumamos ter o mesmo tipo de conversa até ela cair em si e concordar comigo – continuou Anthony, com uma voz amigável.

Eloise olhou para ele profundamente irritada.

– É claro que minha mulher pode ver as coisas de uma maneira diferente – acrescentou Anthony, dando de ombros. – Eu *deixo* que ela pense que acabo concordando com ela. – Então se virou para Phillip e sorriu. – É mais fácil assim.

Phillip deu um olhar rápido para Eloise e viu que ela parecia se segurar para não dizer nada.

– Quando você chegou? – perguntou Anthony.

– Há alguns minutos – respondeu Phillip.

– Isso – disse Eloise. – E me pediu em casamento, como sei que ficará feliz em saber.

Phillip tossiu, surpreso com aquele súbito anúncio.

– Hã?

Eloise continuou, dirigindo-se a Anthony:

– Ele disse "Nós teremos de nos casar".

– Bem, ele está certo – retrucou Anthony, olhando tranquilamente nos olhos dela. – Vocês terão mesmo de se casar. E gostaria de felicitá-lo por não tentar fugir do assunto. Achei que você, mais do que qualquer outra pessoa, apreciaria uma conversa direta.

– Alguém quer um bolinho? – perguntou Colin. – Não? Bem, sobra mais para mim.

Então Anthony se virou para Phillip e falou:

– Eloise só está um pouco irritada porque detesta que lhe digam o que fazer. Ela vai ficar bem em alguns dias.

– Estou bem agora – resmungou Eloise.

– Claro, você parece bem – murmurou Anthony.

– Não tem mais nenhum outro lugar onde você deveria *estar*? – indagou Eloise, entre dentes.

– Uma pergunta interessante – replicou o irmão. – Poderíamos dizer que eu deveria *estar* em Londres, com minha esposa e meus filhos. Na verdade, se houvesse algum outro lugar em que eu devesse *estar*, acredito que seria lá. Mas, por estranho que pareça, estou aqui. Em Wiltshire. Quando acordei em minha cama confortável, *em Londres*, há três dias, eu jamais poderia imaginar que estaria aqui hoje. – Ele sorriu tranquilamente. – Mais alguma pergunta?

Depois dessa, ela não tinha o que dizer.

Anthony entregou um envelope a Eloise.

– Chegou para você.

Phillip pôde ver que no mesmo instante ela reconheceu a caligrafia.

– É da nossa mãe – falou Anthony, mesmo estando claro que ela já sabia disso.

– Você quer ler? – perguntou Phillip.

Eloise balançou a cabeça.

– Agora não.

O que queria dizer, ele percebeu, não na frente dos irmãos dela.

E então lhe ocorreu o que deveria fazer.

– Lorde Bridgerton, eu poderia lhe pedir um instante a sós com sua irmã? – perguntou ele a Anthony, levantando-se.

– Você acabou de ter um instante a sós com ela – observou Colin, comendo um pedaço de bacon.

Phillip o ignorou e continuou olhando para o mais velho dos Bridgertons.

– É claro, se ela estiver de acordo – respondeu Anthony.

Phillip puxou a mão de Eloise para que ela se levantasse.

– Ela está de acordo – afirmou.

– Hum – observou Colin. – Ela parece estar mesmo de acordo.

Phillip concluiu naquele instante que *todos* os Bridgertons deveriam usar mordaças.

– Venha comigo – disse ele a Eloise, antes que ela tivesse chance de discutir.

O que era claro que ela iria fazer, já que nunca conseguia simplesmente sorrir de maneira educada e seguir sem dizer nada quando havia a chance de discutir.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela, arfando, quando já estavam longe de sua família e ele caminhava apressado pela grama, sem se preocupar com o esforço que Eloise precisava fazer para acompanhá-lo.

– Não sei.

– Não *sabe*?

Phillip parou tão de repente que ela trombou com ele. O que foi muito bom, na verdade, porque lhe deu a chance de sentir o corpo todo de Eloise, dos seios às coxas, embora ela tenha se recobrado rapidamente e se afastado antes que ele pudesse aproveitar o momento.

– Nunca vim aqui antes – disse Phillip. – Eu teria de ser um vidente para saber aonde estou indo.

– Ah – retrucou ela. – Bem, vá em frente, então.

Ele a puxou de volta para a casa, dirigindo-se a uma porta lateral.

– Aonde isso vai dar? – perguntou Phillip.

– Lá dentro.

Ele olhou para ela com ar sarcástico.

– No escritório de Sophie, que dá acesso ao corredor – acrescentou Eloise.

– Sophie está no escritório?

– Duvido que esteja. Ela não foi pedir uma limonada para você?

– Ótimo.

Ele abriu a porta, agradecendo baixinho por estar destrancada, e colocou a cabeça para dentro. Não havia ninguém, mas a porta para o corredor estava aberta, então ele atravessou rapidamente o cômodo e a fechou. Quando virou de volta, Eloise continuava parada junto à porta que dava para o lado de fora, observando-o, curiosa, e divertindo-se com a cena.

– Feche a porta – ordenou ele.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Hã?

– Feche a porta.

Não era um tom de voz que usasse com frequência, mas, após um ano seguindo ao sabor da maré e se sentindo perdido em meios às correntes da vida, ele enfim assumia o controle.

Agora Phillip sabia exatamente o que queria.

– Feche a porta, Eloise – disse ele em voz baixa, caminhando devagar até ela.

Ela arregalou os olhos.

– Phillip? Eu…

– Não fale nada – pediu ele. – Só feche a porta.

Mas ela estava paralisada, olhando fixamente para ele como se não o conhecesse. E, na verdade, não conhecia mesmo. Mas que droga, ela não tinha mais tanta certeza de que sabia quem ele era.

– Phillip, você…

Ele estendeu a mão e fechou a porta, trancando-a com um sonoro e ameaçador clique.

– O que você está fazendo? – perguntou Eloise.

– Você estava preocupada com a possibilidade de não nos entendermos – disse Phillip.

Eloise entreabriu os lábios.

Ele deu um passo à frente.

– Acho que já está na hora de eu lhe mostrar que vamos nos entender.

CAPÍTULO 12

… e como sabia que você e Simon combinavam perfeitamente para serem marido e mulher? Pois eu juro que nunca conheci um homem de quem pudesse dizer o mesmo, e isso após três longas temporadas à procura de alguém para casar.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a duquesa de Hastings, quando recusou o terceiro pedido de casamento

Eloise mal teve tempo de respirar antes que a boca de Phillip encontrasse a sua. Ainda bem que conseguiu, porque parecia que ele não tinha planos de soltá-la antes do, hã, próximo milênio.

Mas então, abruptamente, ele recuou, as mãos grandes envolvendo o rosto dela. E a fitou.

Só fitou.

– O que foi? – perguntou ela, desconfortável com aquele olhar atento.

Eloise sabia que era considerada atraente, mas também que não era dotada de nenhuma beleza fora do comum, e ele a observava como se quisesse memorizar cada um de seus traços.

– Eu queria vê-la – sussurrou Phillip. Então tocou o rosto dela, depois passou o polegar pela linha do maxilar. – Você está sempre agitada. Nunca consigo só *ver* você.

Eloise sentiu as pernas bambas e os lábios se entreabrirem. Parecia não ter controle sobre o próprio corpo, parecia não conseguir fazer nada além de olhar bem fundo nos olhos escuros dele.

– Você é tão linda… – murmurou Phillip. – Sabe o que pensei quando a vi pela primeira vez?

Ela fez que não, ansiosa pelas palavras dele.

– Que poderia me afogar nos seus olhos. Pensei… – ele se aproximou, as palavras agora praticamente um sussurro – que poderia me afogar em *você*.

Ela sentiu que se inclinava na direção dele.

Phillip tocou os lábios dela, fazendo cócegas na pele macia com o dedo indicador. O movimento provocou ondas de prazer por todo o corpo de Eloise, chegando ao centro do seu ser, alcançando lugares proibidos até para ela.

Eloise percebeu que nunca tinha entendido o poder do desejo até aquele momento. Nunca tinha entendido realmente o que era.

– Me beije – sussurrou.

Ele sorriu.

– Você sempre me diz o que fazer.

– Me beije.

– Tem certeza? – murmurou ele, a boca repuxada em um sorriso provocador. – Porque, quando eu começar, posso não conseguir…

Ela agarrou a nuca dele e o puxou para si.

Phillip sorriu contra os lábios de Eloise enquanto a abraçava com força e determinação. Ela abriu a boca e acolheu a invasão de Phillip, gemendo de prazer enquanto a língua dele percorria e explorava seu calor. Ele mordiscava a boca de Eloise, atiçando lentamente o fogo dentro dela, o tempo todo trazendo-a cada vez mais para junto dele até a própria quentura chegar ao corpo dela, envolvendo-a num torpor de desejo.

Phillip correu as mãos pelas costas de Eloise, depois desceu até o traseiro dela, segurando e apertando, puxando-a para cima até…

Eloise arfou. Tinha 28 anos, idade suficiente para já ter ouvido sussurros indiscretos. Sabia o que a rigidez dele significava. Só não esperava que fosse assim tão quente, tão insistente.

Ela tentou recuar, mais por instinto do que por qualquer outra coisa, mas ele não deixou que se afastasse; em vez disso, puxou-a para mais perto e gemeu, roçando o corpo contra o dela.

– Quero me sentir dentro de você – disse Phillip, suspirando no ouvido de Eloise.

As pernas dela cederam.

Mas isso não era problema, é claro. Phillip a segurou ainda mais firme, então colocou-a no sofá, deitando-se por cima até que todo o seu corpo pressionava-a contra as almofadas macias, cor de creme. Ele era pesado, mas seu peso era excitante, e Eloise não teve forças para nada além de inclinar a cabeça para trás quando os lábios dele se afastaram dos dela para percorrerem seu pescoço.

– Phillip – gemeu ela, e depois repetiu, como se o nome dele fosse a única coisa que lhe restasse.

– Sim… sim – grunhiu Phillip.

Essas palavras saíram roucas da boca dele, e ela não fazia ideia do que ele estava falando. Mas, fosse lá o que fosse, se ele queria, ela com certeza também. Eloise queria tudo. Qualquer coisa que ele quisesse, qualquer coisa possível.

Na verdade, ela queria tudo o que fosse impossível também. Não havia mais razão, apenas sensações. Somente necessidade, desejo e aquela percepção avassaladora do *agora*.

Não se tratava do ontem nem do amanhã. Apenas o agora importava, e ela queria tudo.

Eloise sentiu a mão dele, áspera e calejada, subir de seu tornozelo para sua perna até chegar à beirada de sua meia fina. Ele não parou, nem fez nada para implicitamente pedir sua permissão, mas ela a concedeu assim mesmo, abrindo as pernas até ele se posicionar com mais firmeza entre elas, dando-lhe acesso a mais lugares para acariciar.

Phillip continuou a subir a mão, cada vez mais, parando de vez em quando para apertar um pouco, e ela achou que poderia morrer de ansiedade. Eloise estava em chamas, ardendo por ele, sentindo-se estranha, úmida e tão diferente do que era que chegou a pensar que poderia se dissolver em uma poça de nada.

Ou evaporar completamente. Ou até mesmo explodir.

E então, quando ela estava convencida de que nada poderia ser mais estranho, nada poderia fazê-la se contorcer ainda mais, ele a tocou.

Tocou-a onde ninguém jamais a tocara, onde nem mesmo ela ousava tocar. Tocou-a de forma tão íntima e terna que ela teve de morder o lábio para não gritar o nome dele.

E quando o dedo dele deslizou para dentro, ela soube que, naquele momento, não mais pertencia a si mesma.

Ela era dele.

Mais tarde, bem mais tarde, voltaria a ser ela de novo e estaria mais uma vez no controle da situação, de posse de sua força e de suas faculdades, mas por ora ela era dele. Naquele momento, naqueles segundos, Eloise vivia para ele, por tudo o que ele a fazia sentir, por cada sussurro de prazer, cada gemido de desejo.

– Ah, Phillip – arfou ela, dizendo o nome dele como uma súplica, uma promessa, qualquer coisa para garantir que ele não iria parar.

Eloise não fazia ideia de para onde aquilo tudo levava, e se ainda seria a mesma pessoa quando acontecesse, mas tinha de chegar a *algum* lugar. Não poderia continuar naquele estado para sempre. Sentia seu corpo tão tenso que parecia que iria se quebrar.

Estava próxima do fim. Tinha de estar.

Ela precisava de alguma coisa. Precisava relaxar, e sabia que só ele poderia conseguir isso.

Então Eloise se arqueou em direção a Phillip, impulsionada por uma força que nunca imaginou possuir, erguendo os dois do sofá com seu desejo. Agarrou os ombros de Phillip com força, depois correu as mãos para as costas dele, num esforço para trazê-lo ainda mais para junto de si.

– Eloise – gemeu Phillip, deslizando a outra mão pela saia dela até encontrar seu traseiro. – Você faz ideia…

E então Eloise não entendeu bem o que Phillip fez – ele provavelmente também não –, mas o corpo todo dela ficou completamente retesado. Ela não conseguia falar, não conseguia nem respirar. Sua boca se abriu em um grito silencioso de surpresa e prazer e uma centena de outras coisas, todas juntas em uma só. E então, quando achou que não conseguiria sobreviver por mais nem um segundo, Eloise estremeceu e desabou sob ele, ofegante de cansaço, tão exausta e sem energia que não conseguiria mover nem um dedo.

– Ah, meu Deus – disse ela por fim. – Ah, meu Deus.

Ele segurou o traseiro dela com ainda mais força.

– Ah, meu Deus.

Então Phillip subiu a mão para acariciar o cabelo de Eloise. Foi gentil, extremamente gentil, embora o corpo dele ainda estivesse rígido e tenso.

Eloise ficou só deitada, perguntando-se se algum dia conseguiria se mexer de novo, respirando contra o corpo de Phillip, enquanto sentia a respiração dele em sua testa. Depois de algum tempo, ele acabou se movendo e saindo de cima dela, murmurando alguma coisa sobre ser muito pesado, e, quando ela olhou para o lado, ele estava ajoelhado junto ao sofá, alisando e arrumando seu vestido.

Parecia um gesto particularmente carinhoso e cavalheiresco, dada a luxúria recente que Eloise experimentara.

Ela olhou para ele, sabendo que devia estar com o sorriso mais bobo do mundo.

– Ah, Phillip… – falou, suspirando.

– Onde eu encontro um lavabo? – perguntou ele com a voz rouca.

Ela piscou, percebendo pela primeira vez que ele parecia bem cansado.

– Um lavabo? – ecoou ela.

Ele assentiu, tenso.

Eloise apontou para a porta que levava ao corredor.

– Saia por ali e siga para a direita – falou.

Era difícil de acreditar que ele precisava ir ao banheiro logo depois de um momento tão excitante, mas quem era ela para entender o funcionamento do corpo masculino?

Phillip caminhou até a porta, levou a mão à maçaneta, depois se virou.

– Você acredita em mim agora? – perguntou, uma das sobrancelhas erguidas em um arco incrivelmente insolente.

Ela entreabriu os lábios, confusa.

– Com relação a quê?

Ele abriu um sorriso bem lentamente. E tudo o que disse foi:

– Nós vamos nos entender.

~

Phillip não tinha ideia de quanto tempo Eloise precisaria para recuperar a compostura e se recompor. Ela estava encantadoramente desalinhada quando ele a deixara no sofá do pequeno escritório de Sophie Bridgerton. Ele nunca pôde entender a complexidade da toalete feminina, e tinha quase certeza de que nunca iria, mas sabia que, no mínimo, ela teria de arrumar o cabelo.

Quanto a ele, precisou de menos de um minuto no lavabo para encontrar seu alívio. Estava excitado demais depois de seu encontro com Eloise.

Por Deus, ela era incrível.

Já fazia tanto tempo desde a última vez que estivera com uma mulher que ele sabia que, quando finalmente encontrasse uma que gostaria de levar para a cama, seu corpo reagiria com toda aquela intensidade. Passara mais

anos do que se lembrava contando apenas com a mão para satisfazer suas necessidades. Ter um corpo de mulher para saciá-lo era o mais puro êxtase.

E Deus sabia que ele o imaginara várias vezes.

Mas aquilo não era nem um pouco parecido com o que tinha em mente. Ele ficara louco por ela. Por *ela*. Pelos sons que escapavam da boca de Eloise, pelo cheiro de sua pele, pela maneira como seu corpo parecia se encaixar com perfeição nas curvas do dela. Mesmo que tivesse precisado terminar sozinho, ainda assim tinha sentido tudo muito mais intensamente do que jamais acreditara ser possível.

Phillip costumava pensar que qualquer corpo feminino serviria, mas agora estava bem claro que havia uma razão para ele nunca ter se beneficiado dos serviços das prostitutas e atendentes de bar que se mostravam dispostas. Havia uma razão para ele nunca ter arrumado uma viúva discreta.

Ele precisava de mais.

Precisava de Eloise.

Queria poder mergulhar nela e nunca mais sair.

Queria tê-la, possuí-la, e depois deitar-se e deixá-la torturá-lo até ele gritar.

Já tivera fantasias antes. Ora, todo homem tem. Mas agora sua fantasia tinha um rosto, e ele temia andar por aí com uma ereção constante se não aprendesse a controlar seus pensamentos.

Ele precisava se casar. Bem rápido.

Gemeu enquanto lavava rapidamente as mãos na bacia. Eloise não fazia ideia do estado em que o deixara. Nem mesmo percebeu. Só olhou para ele com aquele sorriso feliz, perdida demais nas próprias sensações para notar que ele estava prestes a explodir.

Phillip abriu a porta e caminhou rápido pelo piso de mármore em direção ao gramado. Teria muito tempo para voltar a explodir em breve. E, quando acontecesse, ela estaria lá com ele.

O pensamento levou um sorriso aos seus lábios e quase o obrigou a voltar ao lavabo.

~

– Ah, aí está ele – disse Benedict Bridgerton enquanto Phillip seguia em sua direção pelo gramado.

Phillip viu a arma na mão dele e parou na hora, perguntando-se se devia se preocupar. Benedict não tinha como saber o que acabara de acontecer no escritório de sua esposa, não é mesmo?

Engoliu em seco, pensando. Não, não havia como. E, além disso, Benedict estava sorrindo.

É claro que ele poderia ser do tipo que se divertiria acabando com a vida do homem que corrompera a inocência da irmã…

– Hã, bom dia – falou Phillip, olhando para todos em volta para avaliar a situação.

Benedict cumprimentou-o com um aceno de cabeça e perguntou:

– Você sabe atirar?

– É claro – respondeu Phillip.

– Que bom. – Benedict então indicou um alvo com a cabeça. – Junte-se a nós.

Phillip notou, aliviado, que o alvo parecia firmemente preso no lugar, o que indicava que *ele* não teria que fazer esse papel.

– Não trouxe uma pistola.

– É claro que não – retrucou Benedict. – Por que traria? Somos todos amigos aqui. – Depois ergueu as sobracelhas e perguntou: – Não somos?

– Espero que sim.

Os lábios de Benedict se curvaram para cima, mas não era o tipo de sorriso que inspirava confiança sobre o bem-estar de alguém.

– Não se preocupe com a pistola – disse ele. – Vamos providenciar uma.

Phillip assentiu. Se era assim que teria de provar a sua virilidade para os irmãos de Eloise, então tudo bem. Ele sabia atirar tão bem quanto o melhor deles. Essa era uma das atividades masculinas que seu pai tanto insistira que ele aprendesse. Passara inúmeras horas na propriedade da família com o braço esticado até os músculos arderem, prendendo a respiração enquanto mirava em qualquer coisa que seu pai quisesse que ele destruísse. Cada tiro era acompanhado por uma oração fervorosa para que sua mira fosse certeira.

Quando ele acertava o alvo, seu pai não lhe batia. Era simples – e desesperador – assim.

Ele foi até uma mesa com várias pistolas, cumprimentando Anthony, Colin e Gregory no caminho. Sophie estava sentada a uns 10 metros, o nariz

enfiado em um livro.

– Vamos logo com isso antes que Eloise volte – disse Anthony. – Cadê ela?

– Foi ler a carta que recebeu da mãe – mentiu Phillip.

– Sei. Bem, isso não vai demorar muito – falou Anthony, franzindo a testa. – É melhor nos apressarmos.

– Talvez ela queira responder – observou Colin, pegando uma arma e examinando-a. – Isso nos daria mais alguns minutos. Você conhece Eloise. Está sempre escrevendo uma carta para alguém.

– É verdade – retrucou Anthony. – Foi isso que nos colocou nesta confusão, não é mesmo?

Phillip apenas o encarou com um sorriso inescrutável. Estava satisfeito demais para morder qualquer isca que o irmão mais velho de Eloise lhe jogasse.

Gregory escolheu uma arma.

– Mesmo que ela responda, logo estará de volta. Ela é extremamente rápida.

– Escrevendo? – indagou Phillip.

– Em tudo – disse Gregory, com a voz amarga. – Vamos começar a atirar.

– Por que vocês estão tão ansiosos para começar sem Eloise? – quis saber Phillip.

– Hã… por nada. – retrucou Benedict.

No mesmo instante em que dizia isso, Anthony murmurou:

– Quem falou isso?

Todos eles tinham falado, mas Phillip decidiu não lhes relembrar.

– Os mais velhos primeiro, mano – falou Colin, dando um tapinha nas costas de Anthony.

– Você é tão gentil… – murmurou Anthony, aproximando-se de uma linha de giz que alguém havia traçado na grama.

Levantou o braço, mirou e disparou.

– Muito bom – observou Phillip, quando o criado trouxe o alvo para a frente.

Anthony não tinha acertado a mosca, mas por apenas 2 centímetros.

– Obrigado. – Ele abaixou a pistola. – Quantos anos você tem?

Phillip piscou diante da pergunta inesperada, então respondeu:

– Trinta.

Anthony balançou a cabeça em direção a Colin.

– Você vai depois de Colin, então.

– De acordo – disse Phillip, então observou Benedict e Colin atirarem, um de cada vez.

Foram dois tiros bons, que não acertaram na mosca mas que seriam capazes de matar um homem, se esse fosse o objetivo deles.

O que, felizmente, não parecia ser o caso, pelo menos não naquela manhã.

Phillip escolheu uma pistola, testou o peso dela na mão, então aproximou-se do risco de giz. Fazia muito pouco tempo que ele deixara de pensar no pai toda vez que mirava em um alvo. Levara anos, mas ele enfim conseguira perceber que, na verdade, gostava de atirar, e que aquilo não tinha de ser uma obrigação. E então a voz de seu pai, que ele ouvira tantas vezes no fundo da mente, sempre gritando, sempre criticando, se fora.

Phillip ergueu o braço, os músculos firmes como uma rocha, e disparou.

Ele estreitou os olhos. Parecia ter sido um bom tiro. O criado aproximou o alvo. O tiro ficara a um centímetro, no máximo, do centro. O mais perto de todos até o momento.

O alvo foi levado de volta para o lugar e então chegou a vez de Gregory, que empatou com Phillip.

– Vamos fazer cinco rodadas – explicou Anthony a Phillip. – Se houver empate, faremos mais uma.

– Como pode ver, levamos nossas competições muito a sério – acrescentou Colin, olhando para ele com ar grave.

– Estou vendo – comentou Phillip.

– Você pratica esgrima?

– Não muito bem – disse Phillip.

Colin ergueu um dos cantos da boca num meio sorriso.

– Ótimo.

– Fique quieto – esbravejou Anthony, olhando com irritação para eles. – Estou me concentrando na mira.

– Essa necessidade de silêncio não será muito boa para você nos momentos de crise – observou Colin.

– Cale a boca – disparou Anthony.

Então Colin continuou, gesticulando com uma das mãos enquanto construía sua narrativa:

– Se fôssemos atacados, seria bem barulhento e, sinceramente, acho preocupante pensar…

– Colin! – berrou Anthony.

– Não preste atenção em mim – disse Colin.

– Eu vou matar você – ameaçou Anthony. – Alguém se importa se eu matá-lo?

Ninguém parecia se importar, embora Sophie tenha levantado os olhos e falado alguma coisa sobre sangue e sujeira e não querer ter de limpar tudo.

– Seria um excelente fertilizante – observou Phillip, prestativo, uma vez que era especialista no assunto.

– Ah. – Sophie assentiu e voltou a atenção para o livro. – Pode matá-lo, então.

– O que está achando do livro, querida? – perguntou Benedict.

– Estou gostando muito.

– Será que vocês todos podem *calar a boca*? – explodiu Anthony. Então, com o rosto começando a ficar vermelho, virou-se para a cunhada e murmurou: – Não você, é claro, Sophie.

– Fico feliz por ter sido deixada de fora – disse ela, jovialmente.

– Tente não ameaçar a minha esposa – pediu Benedict.

Anthony virou-se para o irmão e fuzilou-o com o olhar.

– Vocês todos deveriam ser esquartejados – resmungou.

– Menos Sophie – lembrou Colin.

Anthony virou-se para ele com uma expressão mortal.

– Você sabe que esta arma está carregada, não é?

– Sorte minha que o fratricídio é algo inaceitável.

Anthony fechou a boca e se virou em direção ao alvo.

– Segunda rodada – gritou ele, mirando.

– *Espeeeeeerem!*

Todos os quatro homens da família Bridgerton se viraram, gemendo ao verem Eloise descendo depressa a colina.

– Vocês estão atirando? – perguntou ela, percorrendo vacilante o restante do caminho.

Ninguém respondeu. Não era preciso. Estava bem óbvio.

– Sem mim?

– Não estamos atirando – disse Gregory. – Só estamos parados aqui com algumas armas.

– Perto de um alvo – acrescentou Colin, prestativo.

– Vocês estão atirando.

– É claro que estamos atirando – falou Anthony. Então inclinou a cabeça para a direita e continuou: – Sophie está lá sozinha. Você devia lhe fazer companhia.

Eloise colocou as mãos na cintura.

– Sophie está lendo.

– Um livro muito bom, por sinal – interveio Sophie.

– Você também deveria ler um livro, Eloise – sugeriu Benedict. – São ótimos para o aprimoramento da mente.

– Não preciso de nenhum aprimoramento – rebateu ela. – Me dê uma arma.

– Não vou lhe dar arma nenhuma – retorquiu Benedict. – Não temos o suficiente para distribuir.

– Podemos compartilhar – disse Eloise, irritada. – Já tentou? É ótimo para o aprimoramento da mente.

Benedict fechou a cara.

– Acho que o que Benedict está tentando dizer é que ele já se aprimorou o máximo que podia – opinou Colin.

– Com certeza – confirmou Sophie, sem nem levantar os olhos do livro.

– Aqui, fique com a minha – disse Phillip de maneira magnânima, entregando sua arma a Eloise.

Os quatro irmãos gemeram, mas ele concluiu que havia sido bom irritá-los.

– Obrigada – disse Eloise graciosamente. – Como ouvi Anthony gritar "Segunda rodada", imagino que cada um de vocês já tenha dado um tiro.

– Isso – confirmou Phillip. Ele olhou para os homens e todos eles pareciam desanimados. – Qual é o problema?

Anthony só balançou a cabeça.

Phillip olhou para Benedict.

– Ela é uma aberração da natureza – murmurou Benedict.

Phillip olhou para Eloise com interesse renovado. Ela não parecia uma aberração para ele.

– Estou saindo da competição – murmurou Gregory. – Ainda nem tomei o café da manhã.

– Você vai ter de pedir mais – avisou Colin. – Acabei com tudo.

Gregory suspirou, irritado.

– É um espanto que, sendo o mais novo, eu não tenha morrido de fome – resmungou.

Colin deu de ombros.

– Se quiser comer, você tem que correr.

Anthony olhou para os dois com ar de desgosto.

– Quantos anos vocês têm? Três? – perguntou.

Phillip mordeu o lábio para conter o sorriso.

– Nós vamos atirar ou não? – indagou Eloise, contrariada.

– *Você* com certeza vai – retrucou Gregory, recostando-se em uma árvore. – Eu vou comer.

Mas ele ficou, observando aborrecido a irmã erguer o braço e atirar sem nem mirar.

Phillip piscou, surpreso, quando o criado trouxe o alvo.

Na mosca.

– Onde você aprendeu a fazer isso? – perguntou ele, tentando não demonstrar seu espanto.

Ela deu de ombros.

– Não sei. Acho que já nasci sabendo.

– Aberração da natureza – murmurou Colin. – Obviamente.

– Acho isso incrível – disse Phillip.

Eloise virou-se para ele com os olhos brilhando.

– Acha mesmo?

– É claro. Se algum dia eu precisar defender minha casa, já sei quem mandar na frente.

Ela se iluminou.

– Onde está o próximo alvo?

Gregory jogou os braços para o alto, indignado.

– Eu desisto. Vou pegar alguma coisa para comer.

– Traga um pouco para mim também – gritou Colin.

– Claro – resmungou o mais novo.

Eloise, então, perguntou a Anthony:

– É sua vez agora?

Ele pegou a arma das mãos dela e colocou-a na mesa para ser recarregada.

– Como se isso fizesse alguma diferença.

– São cinco rodadas ao todo – lembrou ela. – Foi você quem criou as regras.

– Eu sei – disse ele, mal-humorado.

Então ergueu o braço e atirou, claramente sem se concentrar, e errou o alvo por uns 10 centímetros.

– Você não está nem tentando! – reclamou Eloise.

Anthony só se virou em direção a Benedict e comentou:

– Detesto competir com ela.

– Sua vez – disse Eloise para Benedict.

Ele atirou, seguido de Colin, os dois se empenhando um pouco mais do que Anthony, mas ainda assim errando o alvo.

Phillip se aproximou da linha de giz, parando apenas para ouvir Eloise dizer:

– Nem pense em desistir.

– Não mesmo – murmurou ele.

– Que bom. Não tem a menor graça competir com *maus desportistas* – disse ela, dirigindo as duas últimas palavras de forma veemente aos irmãos.

– Essa é a questão – disse Benedict.

– Eles sempre fazem isso – informou Eloise a Phillip. – Atiram mal até eu desistir da competição, e *então* todos se divertem.

– Silêncio – pediu Phillip, contraindo os lábios. – Estou mirando.

– Ah. – Ela se calou, animada, observando com interesse Phillip se concentrar no alvo.

Então ele atirou e abriu um sorriso lento e satisfeito quando o alvo foi trazido para a frente.

– Perfeito! – exclamou Eloise, batendo palmas. – Phillip, foi maravilhoso!

Anthony resmungou alguma coisa em voz baixa que provavelmente não deveria ter dito na presença da irmã, depois acrescentou, dirigindo-se a Phillip:

– Você vai se casar com ela, não vai? Pelo amor de Deus, se levá-la embora e deixar que ela atire com você para que não nos amole mais, eu juro que dobro o dote dela.

Àquela altura, Phillip tinha certeza de que não precisava de nada para se casar com Eloise, mas apenas sorriu e disse:

– Combinado.

CAPÍTULO 13

… e, como você deve imaginar, todos tinham um péssimo temperamento. Eu tenho culpa de ser tão melhor que eles? Acho que não, assim como acho que não é culpa deles terem nascido homens e, por isso, não terem um pingo de bom senso ou boas maneiras.

– de Eloise Bridgerton para Penelope Featherington, após derrotar seis homens (três dos quais não eram seus parentes) em uma competição de tiro

No dia seguinte, Eloise viajou com Anthony, Benedict e Sophie até Romney Hall, para almoçar. Colin e Gregory decidiram que o restante da família tinha a situação perfeitamente sob controle e que poderiam retornar a Londres: Colin de volta para a esposa, com quem se casara havia pouco, e Gregory para o que quer que os jovens solteiros da alta sociedade faziam para preencher suas vidas.

Eloise estava feliz por vê-los ir embora. Amava os irmãos, mas, sinceramente, lidar com os quatro ao mesmo tempo era mais do que se deveria esperar que qualquer mulher aguentasse.

Estava otimista quando desceu da carruagem. O dia anterior tinha sido muito melhor do que ela poderia ter imaginado. Mesmo se Phillip não a tivesse levado ao escritório de Sophie para lhe provar que eles "poderiam se entender" (Eloise agora só conseguia pensar nessas palavras entre aspas), o dia teria sido um sucesso. Phillip tinha feito muito mais do que se manter firme contra a força coletiva dos irmãos Bridgertons, o que a deixara bastante feliz e orgulhosa.

Engraçado como não tinha lhe ocorrido até então que ela nunca poderia se casar com um homem que não fosse capaz de confrontar seus irmãos e sair ileso.

E Phillip enfrentara os quatro ao mesmo tempo. Impressionante.

Eloise ainda tinha reservas com relação ao casamento, claro. Como poderia não ter? Ela e Phillip tinham desenvolvido um respeito mútuo, talvez até mesmo afeição, mas não estavam apaixonados, e Eloise não tinha como saber se isso iria acontecer um dia.

Ainda assim, estava convencida de que faria a coisa certa ao se casar com ele. Era verdade que não tinha muita escolha: ou se casava ou encarava a ruína completa e uma vida de solidão. Mas mesmo assim achava que ele daria um bom companheiro. Era honesto e honrado, e, se às vezes era quieto demais, pelo menos tinha senso de humor, o que Eloise considerava essencial em qualquer possível marido.

E quando ele a beijava…

Bem, estava bem claro que ele sabia exatamente como fazer seus joelhos perderem a firmeza.

E todo o resto também.

Mas Eloise era pragmática. Sempre fora, e sabia que a paixão não era suficiente para sustentar um casamento.

No entanto, também sabia que não faria mal, pensou ela com um sorriso travesso.

~

Phillip conferiu o relógio em cima da lareira pela 15ª vez nos últimos quinze minutos. O horário combinado com os Bridgertons era meio-dia e meia, e já eram quase 12h35. Não que cinco minutos fossem razão para se preocupar quando se tinha de viajar pelas estradas do campo, mas ainda assim era incrivelmente difícil manter Oliver e Amanda limpos, arrumados e, acima de tudo, comportados, enquanto esperavam com ele na sala de estar.

– Odeio este paletó – resmungou Oliver, puxando o casaco.

– Está muito pequeno – opinou Amanda.

– *Eu sei* – retrucou ele, com claro desdém. – Se não estivesse pequeno, eu não teria reclamado.

Phillip achava que ele teria arrumado outro motivo para reclamar, mas não havia por que expressar sua opinião.

– E, além disso, seu vestido também está muito curto – continuou Oliver. – Dá para ver seus tornozelos.

– Mas é para ser assim mesmo – disse Amanda, olhando as pernas com as sobrancelhas franzidas.

– Não tanto assim.

Ela olhou para baixo de novo, dessa vez parecendo preocupada.

– Você só tem 8 anos – observou Phillip, com a voz cansada. – Seu vestido está mais do que apropriado.

Ou pelo menos ele esperava que sim, pois não entendia muito dessas coisas.

Eloise, pensou Phillip, o nome ecoando em sua cabeça como a resposta às suas orações. Ela devia saber essas coisas. Saberia se o vestido de uma criança está curto demais e quando uma garota precisa começar a usar o cabelo preso no alto, e até mesmo se um menino deve estudar em Eton ou Harrow.

Eloise saberia todas essas coisas.

Graças a Deus.

– Acho que eles estão atrasados – observou Oliver.

– Eles não estão atrasados – disse Phillip de forma automática.

– Acho que estão atrasados, *sim* – rebateu o menino. – Você sabe que já sei ver as horas.

Phillip nem imaginava, o que o deixou deprimido. Era mais ou menos como a história de saberem nadar. Na verdade, era exatamente igual.

Eloise, procurou se lembrar. Quaisquer que fossem seus defeitos como pai, ele iria compensá-los por tudo casando-se com a mãe perfeita para eles. Sabia que estava, pela primeira vez desde que os filhos tinham nascido, fazendo a coisa certa para os dois, e a sensação de alívio era quase avassaladora.

Eloise. Ele não via a hora de ela chegar.

Não via a hora de se casar com ela. Como poderia conseguir uma licença especial? Jamais pensara que um dia precisaria saber isso, mas a última coisa que queria era esperar várias semanas para que os proclamas fossem lidos.

Os casamentos não deviam ser realizados nas manhãs de sábado? Será que não conseguiriam marcar a cerimônia para aquele sábado? Só faltavam dois dias, mas se arrumassem essa licença especial…

Phillip pegou Oliver pelo colarinho quando ele tentou sair correndo pela porta.

– Não! – exclamou, com firmeza. – Você vai esperar a Srta. Bridgerton aqui. E fará isso em silêncio, sem nenhum incidente, com um sorriso no

rosto.

Oliver até que tentou ficar quieto ao ouvir o nome de Eloise, mas seu "sorriso" (seguindo obedientemente à ordem do pai) estava mais para um repuxo medonho dos lábios que deu a Phillip a impressão de que o filho havia acabado de se deparar com uma medusa anêmica.

– Isso não foi um sorriso – comentou Amanda no mesmo instante.

– Foi, sim.

– Não foi, não. Seus lábios nem se curvaram para cima…

Phillip suspirou enquanto tentava bloquear a audição sem tapar os ouvidos. Tinha falado com Anthony sobre a licença especial naquela tarde. Parecia o tipo de coisa que o visconde saberia.

Não via a hora de o sábado chegar. Poderia, então, deixar que Eloise cuidasse dos gêmeos durante o dia e…

Ele sorriu. À noite, ela poderia cuidar *dele*.

– Por que você está rindo? – perguntou Amanda.

– Não estou rindo – disse Phillip, sentindo que começava… *Deus do céu*… a corar.

– Você *está* rindo – acusou ela. – E agora suas bochechas estão ficando vermelhas.

– Não seja tola – murmurou ele.

– Não sou tola. Oliver, preste atenção, as bochechas do papai não estão vermelhas?

– Mais uma palavra sobre as minhas bochechas e eu vou… eu vou… – ameaçou Phillip. Mas que droga, ele ia dizer *bater em vocês com o chicote*, mas os três sabiam que ele nunca faria isso – … fazer alguma coisa – concluiu, em uma tentativa ridícula de intimidá-los.

Mas, por incrível que pareça, funcionou, e os dois ficaram quietos por alguns instantes.

Então Amanda balançou as pernas no sofá e derrubou um escabelo.

Phillip olhou para o relógio.

– Opa – disse ela, pulando do sofá e depois se curvando para endireitar o banquinho. – Oliver! – gritou.

Phillip desviou os olhos do ponteiro dos minutos, que inexplicavelmente ainda não havia chegado ao oito.

Amanda estava esparramada no chão, encarando o irmão, furiosa.

– Ele me empurrou – acusou ela.

– Não empurrei, não.

– Empurrou, sim.

– Não…

– Oliver – interrompeu Phillip. – *Alguém* a empurrou e tenho certeza de que não fui eu.

O menino mordeu o lábio inferior quando se deu conta de que não havia pensado que sua culpa estaria bem óbvia.

– Talvez ela tenha caído sozinha – sugeriu.

Phillip olhou para ele, esperando que sua cara fechada fosse suficiente para cortar aquela ideia pela raiz.

– Está bem – admitiu Oliver. – Eu a empurrei. Desculpe.

Phillip piscou, surpreso. Talvez estivesse melhorando como pai. Não conseguia se lembrar da última vez que ouvira um pedido espontâneo de desculpas.

– Você pode me empurrar também – disse Oliver à irmã.

– Ah, não – interrompeu Phillip rapidamente. – Má ideia. Péssima ideia.

– Está bem – concordou Amanda, radiante.

– Não, Amanda! – exclamou Phillip, levantando-se de um pulo. – Não…

Mas ela já tinha colocado as duas maõzinhas no peito do irmão e empurrado.

Oliver tropeçou para trás com uma gargalhada.

– Agora é minha vez de empurrar *você*! – gritou ele, alegremente.

– Você *não* vai empurrar sua irmã! – esbravejou Phillip, pulando uma otomana.

– Ela me empurrou! – argumentou Oliver.

– Porque você mandou, seu patifezinho.

Phillip esticou o braço para agarrar a manga do filho antes que ele escapasse, mas o tratante era escorregadio como um sabonete.

– Me empurra! – provocava Amanda. – Me empurra!

– Não empurre sua irmã! – gritava Phillip.

Visões de sua sala de estar cheia de móveis quebrados e abajures derrubados invadiram ameaçadoramente seu cérebro.

Deus do céu, e os Bridgertons deviam chegar a qualquer instante.

Ele alcançou Oliver na mesma hora em que o menino alcançou Amanda e os três acabaram caindo, levando junto duas almofadas do sofá. Phillip agradeceu a Deus pela ajuda. Pelo menos as almofadas não quebravam.

Crec!

– Mas o que…?

– Acho que foi o relógio – sugeriu Oliver, engolindo em seco.

Como eles tinham conseguido derrubar o relógio de cima da lareira, Phillip nunca iria saber.

– Os dois vão ficar de castigo no quarto até os 68 anos – sibilou ele.

– A culpa foi do Oliver – disse Amanda, rapidamente.

– Não me importa quem seja o culpado – rebateu Phillip. – Vocês *sabem* que a Srta. Bridgerton está para chegar a qualquer…

– *Cof, cof*.

Phillip virou-se devagar para a porta, horrorizado, mas não surpreso, ao ver Anthony Bridgerton ali parado, com Benedict, Sophie e Eloise logo atrás de si.

– Meu caro – disse Phillip simplesmente.

Com certeza deveria ter sido mais cortês – não era culpa do visconde que seus filhos estivessem a um passo de serem completos monstros –, mas Phillip não conseguiu ser mais esfuziante naquele momento.

– Estamos interrompendo algo? – indagou Anthony.

– De forma alguma – retrucou Phillip. – Como podem ver, estamos apenas… hã… rearrumando os móveis.

– E estão fazendo um excelente trabalho – disse Sophie, alegremente.

Phillip sorriu para ela em agradecimento. Ela parecia o tipo de mulher que sempre se esforça para fazer os outros se sentirem mais confortáveis, e, naquele momento, ele poderia tê-la beijado por isso.

Ele se levantou, parando para endireitar a otomana virada, depois agarrou os filhos pelos braços e os colocou de pé. A pequena gravata de Oliver agora estava completamente fora do lugar, e o prendedor de cabelo de Amanda, pendurado perto da orelha.

– Permitam-me apresentar os meus filhos, Oliver e Amanda Crane – disse ele com toda a dignidade que conseguiu reunir.

As duas crianças murmuraram seus cumprimentos, parecendo bastante desconfortáveis ao serem apresentadas a tantos adultos de uma vez. Ou talvez estivessem mesmo envergonhadas por seu comportamento horrível, por mais incrível que isso pudesse ser.

– Muito bem – disse Phillip, depois que os gêmeos cumpriram seu dever. – Agora vocês já podem ir.

Os dois olharam para ele parecendo bem tristes.

– O que foi agora?

– Podemos ficar? – perguntou Amanda, baixinho.

– Não – respondeu Phillip.

Convidara os Bridgertons para o almoço e uma visita à estufa, e precisava que as crianças ficassem quietas no quarto se quisesse que tudo desse certo.

– Por favor! – implorou a menina.

Phillip evitou deliberadamente olhar para os convidados, sabendo que todos testemunhavam sua completa falta de autoridade sobre os filhos.

– A babá está à espera de vocês no corredor – disse ele.

– Não gostamos dela – retrucou Oliver.

Amanda assentiu com a cabeça, concordando com ele.

– É claro que gostam – falou Phillip, com impaciência. – Ela já é babá de vocês há meses.

– Mas nós *não* gostamos dela.

Phillip olhou para os Bridgertons.

– Queiram me perdoar – disse ele. – Peço desculpas pela interrupção.

– Não é problema algum – atalhou Sophie com rapidez, seu rosto adquirindo um ar maternal enquanto avaliava a situação.

Phillip levou os gêmeos até o canto mais distante da sala, então cruzou os braços e encarou os dois com o semblante sério.

– Crianças, eu pedi a Srta. Bridgerton em casamento – disse ele.

Os olhos dos dois se iluminaram.

– Que bom – grunhiu Phillip. – Vejo que concordam comigo que é uma excelente ideia.

– Ela vai…?

– Não me interrompam – atalhou Phillip, impaciente demais naquele instante para lidar com qualquer pergunta. – Quero que me ouçam. Eu ainda tenho que conseguir a aprovação da família dela, e para isso preciso recebê-los bem, oferecer um almoço, e tudo isso sem nenhuma criança em volta.

Bom, era quase toda a verdade. Os gêmeos não precisavam saber que Anthony tinha praticamente ordenado que se casassem e que a aprovação já não era um problema.

Mas o lábio inferior de Amanda começou a tremer, e até Oliver parecia chateado.

– O que foi? – perguntou Phillip, cansado.

– Você tem vergonha de nós? – quis saber Amanda.

Phillip suspirou, sentindo-se muito mal. Por Deus, como tinham chegado àquele ponto?

– Eu não tenho…

– Posso ajudar?

Ele olhou para Eloise como se ela fosse sua salvadora. Observou em silêncio quando ela se ajoelhou perto de seus filhos, falando com eles com uma voz tão suave que Phillip não conseguia entender as palavras, apenas perceber o tom doce e gentil delas.

Os gêmeos disseram alguma coisa que foi obviamente um protesto, mas Eloise os interrompeu, gesticulando com as mãos enquanto falava. Então, para seu total e completo espanto, os dois se despediram de todos e saíram para o corredor. Não pareciam felizes, mas ainda assim obedeceram.

– Que bom que vou me casar com você – comentou Phillip em voz baixa.

– É mesmo – murmurou Eloise, passando por ele com um sorriso misterioso enquanto voltava para junto de sua família.

Phillip a seguiu e imediatamente se desculpou com Anthony, Benedict e Sophie pelo comportamento dos filhos.

– Vem sendo difícil lidar com eles desde que perderam a mãe – explicou ele, tentando justificar a situação.

– Não há nada mais difícil do que a morte de um dos pais – comentou Anthony, baixinho. – Por favor, não se sinta obrigado a se desculpar por eles.

Phillip acenou com a cabeça, grato pela compreensão.

– Venham, vamos almoçar – disse ao grupo.

Mas, enquanto ele os levava à sala de jantar, os rostos de Oliver e Amanda surgiram em sua mente. Os olhos dos dois pareciam bem tristes quando saíram.

Ela já vira os filhos obstinados, insuportáveis, e até mesmo tendo ataques de raiva, mas não os via tristes desde que a mãe deles morrera.

Isso era muito preocupante.

~

Depois do almoço e de um passeio pela estufa, o quinteto dividiu-se em dois grupos. Benedict tinha levado um bloco, então ele e Sophie ficaram perto da casa, conversando alegremente enquanto ele desenhava a fachada. Anthony,

Eloise e Phillip decidiram dar uma volta pela propriedade, mas Anthony, de maneira muito discreta, deixou os dois caminharem vários metros atrás, dando ao casal de noivos a chance de conversar com alguma privacidade.

– O que você disse às crianças? – perguntou Phillip.

– Não sei – respondeu Eloise, com sinceridade. – Só tentei agir como a minha mãe. – Ela deu de ombros. – Pareceu funcionar.

Ele pensou um pouco.

– Deve ser bom ter pais que se possa imitar.

Eloise olhou para ele, curiosa.

– Você não teve?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

Eloise esperava que Phillip contasse mais, e até lhe deu tempo para isso, mas ele não falou mais nada. Por fim, ela decidiu insistir e perguntou:

– Sua mãe ou seu pai?

– O que você quer dizer?

– Qual dos dois foi tão difícil?

Ele olhou para ela por um bom tempo, os olhos escuros inescrutáveis, enquanto franzia ligeiramente as sobrancelhas.

– Minha mãe morreu no meu parto.

Eloise assentiu.

– Entendo.

– Duvido que possa entender, mas fico feliz que você tente – retrucou ele, com uma voz baixa e triste.

Eles seguiram em frente, mantendo os passos lentos, sem querer chegar perto demais de Anthony para que ele não pudesse ouvi-los, embora nenhum dos dois tenha dito nada por vários minutos. Finalmente, quando pegaram o caminho que levava aos fundos da casa, Eloise formulou a pergunta que estivera ansiosa por fazer o dia todo:

– Por que você me levou ao escritório de Sophie ontem?

Ele gaguejou e tropeçou.

– Achei que tinha ficado bem óbvio – murmurou, as bochechas ficando vermelhas.

– Bem, sim – retrucou Eloise, corando ao perceber exatamente o que havia perguntado. – Mas com certeza você não achou que *aquilo* fosse acontecer.

– Um homem sempre pode ter esperanças.

– Você não está falando sério!

– É claro que estou. – Então acrescentou, parecendo não acreditar que estava tendo aquela conversa: – Mas não do jeito como aconteceu. Nunca passou pela minha cabeça que as coisas pudessem sair tanto de controle. – Ele olhou de soslaio para ela, com ar travesso, e concluiu: – Embora eu não lamente que tenha sido assim.

Ela sentiu o rosto ficar quente.

– Você ainda não respondeu à minha pergunta.

– Não?

– Não. – Ela sabia que estava sendo insistente, e até mesmo inconveniente, mas aquela parecia ser uma questão na qual valia a pena persistir. – Por que me levou até lá?

Phillip a encarou por uns bons dez segundos, provavelmente para avaliar se ela era louca, depois olhou rápido para Anthony, para ter certeza de que ele não poderia ouvi-lo, antes de responder:

– Bem, se quer mesmo saber, sim, eu pretendia beijá-la. Você não parava de tagarelar sobre o casamento e de me fazer todo tipo de perguntas ridículas. – Ele colocou as mãos nos quadris e deu de ombros. – Pareceu-me uma boa maneira de provar a você de uma vez por todas que podemos nos entender.

Eloise decidiu ignorar o fato de ele a ter chamado de tagarela.

– Mas a paixão com certeza não é suficiente para sustentar um casamento – insistiu ela.

– Já é um bom começo – retrucou ele. – Podemos falar de outra coisa?

– Não. O que estou tentando dizer…

Ele bufou e revirou os olhos.

– Você está sempre tentando dizer alguma coisa.

– É o que me torna fascinante – falou ela, irritada.

Ele olhou para ela com paciência forçada.

– Eloise. Nós nos damos bem e teremos um casamento perfeitamente feliz e agradável. Não sei mais o que fazer para provar isso.

– Mas você não me ama – observou ela, com a voz suave.

Aquilo o atingiu como um soco no estômago e Phillip ficou ali parado, encarando-a surpreso por um bom tempo.

– Por que você faz questão de dizer esse tipo de coisa? – perguntou ele.

Ela deu de ombros.

– Porque é importante.

Por um instante ele não fez nada além de olhar para ela.

– Nunca lhe ocorreu que você não necessariamente deva colocar em palavras tudo o que pensa ou sente?

– Já – respondeu Eloise, uma vida inteira de arrependimentos naquela única sílaba. – O tempo todo. – Ela desviou o olhar, desconfortável com a estranha sensação de vazio que experimentou. – Mas não consigo evitar.

Phillip balançou a cabeça, claramente perplexo, o que não a surpreendeu. Na metade do tempo, Eloise ficava perplexa consigo mesma. *Por que* insistira no assunto? Por que nunca podia ser sutil, reservada? Sua mãe lhe dissera uma vez que é mais fácil atrair moscas com mel do que com uma marreta, mas Eloise nunca aprendera a guardar os pensamentos para si mesma.

Tinha praticamente perguntado a Sir Phillip se ele a amava, e seu silêncio tinha o peso de um *não*. Ela sentiu um aperto no peito. Na verdade, não chegara a pensar que ele diria o contrário, mas sua decepção provava que uma pequena parte dela esperava que ele caísse de joelhos e gritasse que a amava, que a adorava e que tinha certeza de que morreria sem ela.

O que era uma grande besteira, e Eloise não sabia nem por que desejara isso se também não o amava.

Mas poderia vir a amá-lo. Tinha aquela sensação de que, se desse tempo ao tempo, seria capaz de amar aquele homem. E talvez só quisesse que ele dissesse o mesmo.

– Você amava Marina? – perguntou, as palavras escapando de seus lábios antes mesmo que tivesse a chance de pensar.

Eloise se encolheu. Já estava de novo querendo saber coisas pessoais demais.

Era um milagre que Phillip não tivesse jogado os braços para cima e saído correndo e gritando na direção oposta.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Os dois só ali parados, olhando um para o outro, tentando ignorar Anthony, que examinava atentamente uma árvore a uns 30 metros de distância. Por fim, Phillip respondeu em voz baixa:

– Não.

Eloise não ficou exultante, mas também não lamentou. Não sentiu nada quando ouviu a resposta dele, o que a surpreendeu. Mas soltou o ar demoradamente, embora nem tivesse notado que prendia a respiração. E agora estava feliz por saber a resposta.

Detestava a sensação de não saber. Qualquer coisa.

Então não deveria ter ficado espantada quando sussurrou:

– Por que se casou com ela?

Depois de um tempo encarando o nada com o olhar vazio e perdido, Phillip enfim deu de ombros e respondeu:

– Não sei. Parecia a coisa certa a fazer.

Eloise assentiu. Fazia sentido. Era exatamente o tipo de atitude que ele tomaria. Phillip estava sempre fazendo a coisa certa, seguindo o caminho mais honrado, desculpando-se por suas transgressões, carregando nos ombros o fardo de todo mundo…

Honrando as promessas do irmão.

Mas Eloise ainda tinha uma dúvida.

– Você… – sussurrou ela, quase perdendo a coragem. – Você a desejava?

Sabia que não deveria perguntar isso, mas, depois daquela outra tarde, precisava saber. A resposta não importava… ou pelo menos ela dizia a si mesma que não.

Só precisava saber.

– Não.

Ele virou para o outro lado e começou a andar, os passos largos forçando-a a acordar de seus devaneios e segui-lo. Mas, então, quando ela já andava rápido o bastante para acompanhá-lo, Phillip parou, fazendo com que ela tropeçasse e tivesse de se apoiar no braço dele para se equilibrar.

– Tenho uma pergunta para você – disse ele de maneira abrupta.

– Tudo bem – murmurou ela, surpresa pela repentina mudança de comportamento.

Ainda assim, era mais do que justo. Ela praticamente interrogara o pobre homem.

– Por que você saiu de Londres?

Eloise piscou, surpresa. Não esperava algo tão fácil de responder.

– Para conhecer você, é claro.

– Mentira.

Ela ficou boquiaberta diante do palpável desdém dele.

– Isso foi o que a fez vir para cá, não ter saído de Londres.

Não tinha ocorrido a Eloise até aquele minuto que havia uma diferença, mas ele estava certo. Phillip não tivera nada a ver com seu motivo para sair de Londres. Ele só lhe dera um meio fácil de escapar, uma maneira de ir embora sem sentir que estava fugindo.

Ele lhe fornecera uma explicação razoável. Dizer que estava *indo para* algum lugar era muito mais fácil de justificar do que *fugindo de* alguma coisa.

– Você tinha um amante? – perguntou Phillip, a voz baixa.

– Não! – exclamou Eloise, alto o bastante para fazer Anthony se virar, o que a forçou a sorrir e acenar para ele, assegurando-lhe que estava tudo bem. – Foi só uma abelha – gritou.

Anthony arregalou os olhos e começou a andar depressa na direção deles.

– A abelha já foi embora! – falou ela rapidamente, para fazê-lo parar. – Não há com que se preocupar! – Então virou-se para Phillip e explicou: – Ele tem um pavor mórbido de abelhas. – Eloise fez uma careta. – Eu esqueci. Devia ter dito que era um rato.

Phillip olhou para Anthony, curioso. Eloise não estranhou. Era difícil imaginar que um homem como seu irmão pudesse ter medo de abelhas, mas fazia sentido quando se levava em consideração que seu pai tinha morrido após ser picado por uma.

– Você não respondeu à minha pergunta.

Droga. Ela achava que tinha conseguido fugir do assunto.

– Como você pode me perguntar uma coisa dessas? – disse ela.

Phillip deu de ombros.

– Como poderia não perguntar? Você fugiu de casa, sem se preocupar em contar à sua família aonde ia…

– Eu deixei um bilhete – interrompeu ela.

– Sim, é claro, o bilhete.

Eloise ficou espantada.

– Você não acredita em mim?

– Na verdade, acredito – respondeu Phillip, balançando a cabeça. – Você é organizada demais para ir embora sem verificar se havia deixado alguma coisa mal resolvida.

– Não é culpa minha se ele se perdeu em meio aos convites da minha mãe – murmurou ela.

– A questão não é o bilhete – retrucou Phillip, cruzando os braços.

Cruzando os braços? Ela trincou os dentes. Aquilo fazia Eloise se sentir como uma criança, e não havia nada que pudesse dizer a respeito, pois tinha a impressão de que não importava o que Phillip estivesse para falar com relação ao seu comportamento recente, ele estaria certo.

Por mais que lhe doesse ter de admitir isso.

– A questão é que você fugiu de Londres no meio da noite como uma criminosa – continuou ele. – E me ocorreu que pudesse ter acontecido algo que… hã… tivesse prejudicado sua reputação. – Quando viu que ela o encarava com irritação, acrescentou: – Não é nenhuma conclusão absurda.

Phillip estava certo. Não com relação à sua reputação… que ainda era pura como a neve. Mas com certeza tudo aquilo parecia estranho e, na verdade, era um espanto que ele ainda não tivesse perguntado nada.

– Mesmo que você tenha tido um amante, isso não mudará minhas intenções – disse ele baixinho.

– Não é nada disso – retorquiu Eloise rapidamente, para fazê-lo parar de falar daquilo. – É que… – Sua voz falhou e ela deu um suspiro. – É que…

E então ela lhe contou tudo: sobre os pedidos de casamento que recebera e os que Penelope não recebera, sobre os planos que as duas faziam, de brincadeira, de envelhecerem juntas, ambas solteironas. Também falou sobre como se sentira culpada quando Penelope e Colin se casaram e ela não conseguia parar de pensar em si mesma, em como estava sozinha.

Ela lhe disse tudo isso e ainda mais: desvendou tudo o que havia em sua mente e em seu coração, coisas que nunca contara a mais ninguém. E então Eloise pensou que, para uma mulher que falava sem parar, era incrível a quantidade de coisas guardadas dentro dela que nunca havia compartilhado.

Então, quando terminou (e, para falar a verdade, ela nem percebeu que tinha acabado, só foi ficando sem energia até cair em silêncio), Phillip estendeu o braço e pegou sua mão.

– Está tudo bem – disse ele.

E estava, ela percebeu. Estava mesmo.

CAPÍTULO 14

… sei que o rosto do Sr. Wilson lembra ligeiramente o de um anfíbio, mas queria muito que você aprendesse a ser um pouco mais prudente com relação ao que diz. Por mais que eu nunca vá considerá-lo um pretendente razoável para me casar, ele certamente não é um sapo, e não convém que minha irmã caçula o chame assim, ainda mais na frente dele.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã Hyacinth,
quando recusou o quarto pedido de casamento

Quatro dias depois, eles estavam casados. Phillip não tinha ideia de como Anthony Bridgerton fizera aquilo, mas ele conseguira uma licença especial, permitindo que os dois se casassem sem proclamas e em uma segunda-feira, o que, Eloise assegurou-o, não era pior do que numa terça ou numa quarta, só que não seria num sábado, como era apropriado.

A família toda de Eloise – com exceção de sua irmã viúva que morava na Escócia e não tivera tempo de fazer a viagem – fora em peso até o campo para o casamento. Normalmente a cerimônia teria sido realizada em Kent, onde ficava a principal residência dos Bridgertons, ou em Londres, onde a família frequentava com regularidade a igreja St. George, na Praça Hanover, mas não seria possível fazer os arranjos necessários em tão pouco tempo e de qualquer maneira aquele não era um casamento comum. Benedict e Sophie ofereceram a casa deles para a recepção, mas Eloise achou que os gêmeos se sentiriam mais à vontade em Romney Hall, então a cerimônia foi realizada na igreja mais próxima de lá, seguida de uma recepção íntima no gramado em frente à estufa de Phillip.

No mesmo dia, mais tarde, quando o sol começava a se pôr, Eloise estava em seu novo quarto com a mãe, que fingia arrumar o enxoval da filha, feito às pressas. Na verdade tudo já tinha sido guardado mais cedo, naquela manhã, pela criada pessoal de Eloise, que viera de Londres com a família

dela, mas Eloise não falou nada sobre o trabalho sem propósito da mãe. Parecia que Violet precisava ter algo para fazer enquanto falava.

Eloise, mais do que qualquer um, entendia perfeitamente aquela necessidade.

– Eu devia reclamar por não ter tido meu momento de glória apropriado como mãe da noiva, mas na verdade estou feliz só por vê-la se casar – disse Violet à filha, enquanto dobrava o véu de renda e o guardava com cuidado no alto da cômoda.

Eloise deu um sorriso delicado para a mãe.

– A senhora já estava perdendo as esperanças, não é mesmo?

– Estava. – Mas então ela inclinou a cabeça de lado e acrescentou: – Na verdade, não. Eu achava que, no final, você iria nos surpreender. Como sempre.

Eloise pensou em todos os anos desde sua apresentação à sociedade, todos os pedidos de casamento recusados. Todas as cerimônias de casamento a que tinham ido, em que Violet assistira a uma amiga após a outra casar as filhas com cavalheiros perfeitamente adequados.

Cavalheiro esses que já não poderiam mais pedir a mão de Eloise Bridgerton.

– Me desculpe se a decepcionei – sussurrou Eloise.

Violet olhou para ela com um ar sábio.

– Meus filhos nunca me decepcionam. Eles só… me surpreendem. Acho que gosto das coisas assim.

Eloise se curvou para abraçar a mãe. Sentiu-se estranha ao fazer isso, embora não soubesse bem por quê, já que sua família nunca desencorajara essas demonstrações de afeto na privacidade do lar. Talvez fosse por estar à beira das lágrimas, talvez por sentir que a mãe era a mesma, mas que ela, Eloise, parecia ter voltado a ser uma menina desajeitada, com braços e pernas desengonçados, cotovelos proeminentes e uma boca que sempre se abria quando devia ficar fechada.

E essa menininha queria sua mãe.

– Calma, calma – disse Violet, no mesmo tom de vários anos atrás, quando cuidava de um joelho esfolado ou sentimentos feridos. – Vamos – continuou ela, o rosto ficando vermelho. – Vamos, acalme-se.

– Mãe? – murmurou Eloise.

Estava com um ar bem estranho, como se tivesse comido algo estragado.

– Eu temia isso – falou Violet, baixinho.

– *Mãe?*

Pelo jeito, ela não tinha ouvido direito.

Violet respirou fundo, procurando criar coragem.

– Precisamos ter uma conversinha. – Então se afastou um pouco, olhou nos olhos da filha e acrescentou: – Não *precisamos*?

Eloise não sabia direito se sua mãe estava lhe perguntando se ela já tinha ouvido falar sobre os detalhes da intimidade ou se os conhecia… intimamente.

– Mãe… eu não… hã… Se a senhora quer dizer… Eu ainda sou…

– Ótimo – disse Violet com um suspiro aliviado. – Mas você… quer dizer, você sabe…?

– Sei – respondeu Eloise bem rápido, ansiosa por livrar as duas daquele constrangimento. – Acho que não preciso de nenhuma explicação.

– Ótimo – disse Violet de novo, o suspiro ainda mais aliviado. – Confesso que detesto essa parte da maternidade. Não consigo nem lembrar o que falei a Daphne, só que passei o tempo todo corando e gaguejando e, para ser sincera, não sei se ela saiu da conversa mais bem informada do que antes. – Os cantos de sua boca se curvaram para baixo. – Provavelmente não, eu receio.

– Ela parece ter se adaptado muito bem à vida de casada – murmurou Eloise.

– Parece que sim, não é mesmo? – retrucou Violet, animada. – Quatro filhos e um marido que é louco por ela. Com certeza ninguém poderia desejar mais que isso.

– E o que a senhora disse para Francesca? – perguntou Eloise.

– Hã?

– Francesca – repetiu Eloise, referindo-se à irmã mais nova, que se casara havia seis anos e tragicamente ficara viúva em dois anos. – O que a senhora disse quando ela se casou? A senhora falou de Daphne, mas não de Francesca.

Os olhos azuis de Violet se anuviaram, como sempre acontecia quando pensava na terceira filha, que ficara viúva tão jovem.

– Você conhece a Francesca. Acredito que *ela* poderia ter me ensinado uma ou outra coisa.

Eloise se engasgou.

– Não estou querendo dizer que ela sabia de algo por experiência própria, é claro – apressou-se Violet em acrescentar. – Francesca era tão

inocente quanto… bem, tão inocente quanto você, imagino.

Eloise sentiu o rosto ficar mais quente e agradeceu aos céus pelo dia nublado, que deixara o quarto meio escuro. Isso e o fato de sua mãe estar ocupada examinando um pedaço de bainha desfeita no vestido. Eloise ainda era *tecnicamente* intocada, é claro, e com certeza passaria pela inspeção se fosse examinada por um médico, mas já não se sentia mais tão inocente.

– Mas você conhece a Francesca – continuou Violet, dando de ombros e voltando a olhar para a filha quando percebeu que não havia nada que pudesse fazer com relação à bainha. – Ela é tão esperta e inteligente… Imagino que tenha subornado alguma pobre criada para lhe explicar tudo anos antes.

Eloise assentiu. Não queria contar à mãe que ela e Francesca tinham juntado dinheiro para subornar a criada. Mas valera cada centavo. A explicação de Annie Mavel fora bem detalhada e, como Francesca lhe informara depois, absolutamente correta.

Violet sorriu, pensativa, depois estendeu o braço e tocou o rosto da filha, perto do canto do olho. A pele ainda estava um pouco descorada, mas o roxo tinha desbotado, passando pelo azul e pelo verde, para um tom mais pálido (mas sem dúvida menos feio) de amarelo.

– Você tem certeza de que será feliz?

Eloise deu um sorriso melancólico.

– É meio tarde para pensar nisso, não acha?

– Pode ser tarde demais para fazer alguma coisa, mas nunca é tarde demais para pensar.

– Acho que serei feliz – disse Eloise.

Espero que sim, acrescentou, ainda que só mentalmente.

– Ele parece ser um bom homem.

– Ele é um homem muito bom.

– Honrado.

– Sim.

Violet assentiu.

– Acho que você será feliz. Pode levar algum tempo até perceber isso, e talvez a princípio duvide, mas vai ser feliz. Apenas lembre-se… – Ela parou, mordendo o lábio.

– De quê, mãe?

– Apenas lembre-se de que leva tempo – continuou Violet devagar, como se estivesse escolhendo cada palavra com muito cuidado. – Só isso.

O que leva tempo?, queria gritar Eloise.

Mas Violet já tinha se levantado e agora ajeitava o vestido.

– Acho que terei de expulsar a família, ou eles não irão embora nunca.

Ela ajeitou um laço de sua roupa enquanto se virava com rapidez. Levou uma das mãos ao rosto e Eloise tentou fingir que não a viu enxugar uma lágrima.

– Você é muito impaciente – observou Violet, olhando para a porta. – Sempre foi.

– Eu sei – disse Eloise, pensando se aquilo era uma repreensão, e, se fosse, *por que* sua mãe escolhera fazer isso naquele momento.

– Sempre adorei isso em você. Sempre adorei tudo em você, é claro, mas por algum motivo sempre achei sua impaciência especialmente encantadora. Nunca era porque você queria *mais*, mas porque queria *tudo*.

Eloise não tinha certeza se aquilo era uma boa característica.

– Você queria tudo para todo mundo, e queria saber tudo, aprender tudo, e…

Por um instante, Eloise achou que sua mãe tinha acabado, mas então Violet se virou e acrescentou:

– Você nunca ficou satisfeita com o que não fosse o melhor, e isso é bom, Eloise. Fico feliz que não tenha se casado com nenhum daqueles homens que pediram sua mão em Londres. Nenhum deles a teria feito feliz. Contente, talvez, mas não feliz.

Eloise sentiu os olhos se arregalarem de surpresa.

– Mas não deixe sua impaciência tomar conta de você – disse Violet com delicadeza. – Porque você é muito mais do que isso, mas às vezes se esquece. – Então, ela abriu o sorriso doce e sábio de uma mãe que se despede da filha. – Dê tempo ao tempo, Eloise. Seja gentil. Não pressione demais.

Eloise abriu a boca, mas se viu incapaz de falar.

– Seja paciente – disse Violet. – Não pressione.

– Eu…

Eloise pensou em dizer *Eu não vou*, mas as palavras se perderam e tudo o que ela conseguiu fazer foi olhar para o rosto da mãe, só agora percebendo o que realmente significava estar casada. Concentrara-se tanto em Phillip que não pensara em sua família.

Ela estava deixando todos eles. Sempre os teria de todas as formas que importavam, mas, ainda assim, estava deixando todo mundo.

E Eloise não percebera até aquele momento quantas vezes se sentara com a mãe só para conversar. Ou como esses momentos eram preciosos. Violet sempre pareceu saber exatamente do que os filhos precisavam, o que era mesmo incrível, já que eles eram oito – oito personalidades muito diferentes, cada uma com esperanças e sonhos únicos.

Até a carta de Violet – aquela que ela escrevera e pedira a Anthony que entregasse a Eloise em Romney Hall – tinha sido perfeita, exatamente o que Eloise precisava ouvir. Violet poderia ter repreendido, poderia ter feito acusações. Estaria completamente em seu direito fazer qualquer uma das duas coisas, ou até mais.

Mas tudo o que escrevera foi: "Espero que esteja bem. Por favor, lembre-se de que você é minha filha e sempre será. Eu amo você."

Eloise chorara ao ler as palavras da mãe. Ainda bem que só se lembrara de ler a carta bem tarde naquela noite, na privacidade de seu quarto na casa de Benedict.

Violet nunca precisara de nada, e sua verdadeira riqueza residia em sua sabedoria e seu amor, e Eloise percebia agora, enquanto via a mãe virar de novo em direção à porta, que ela era mais do que só sua progenitora… ela era tudo o que Eloise desejava ser.

E Eloise não podia acreditar que levara tanto tempo para perceber isso.

– Imagino que você e Sir Phillip devam querer um pouco de privacidade – disse Violet, colocando a mão na maçaneta.

Eloise assentiu, mesmo que Violet não pudesse ver.

– Sentirei falta de todos vocês.

– É claro que sentirá – disse Violet rapidamente, procurando se recompor. – E nós sentiremos a sua. Mas você não estará longe. E vai morar perto de Benedict e Sophie. E de Posy, também. Eu espero vir mais vezes para cá, agora que tenho outros dois netos para mimar.

Eloise enxugou as lágrimas. Sua família aceitara os filhos de Phillip imediatamente, de forma incondicional. Não esperava menos, mas ainda assim isso tocara seu coração mais do que poderia imaginar. Os gêmeos já estavam brincando ruidosamente com as crianças Bridgertons, e Violet insistira que a chamassem de vovó. Eles concordaram com entusiasmo, sobretudo depois que Violet lhes deu um saco inteiro de balas de hortelã que alegara ter caído dentro de sua bolsa, em Londres.

Eloise já se despedira da família, então, quando a mãe saiu, sentiu que de fato se tornara Lady Crane. A Srta. Bridgerton teria voltado para Londres

com o restante da família, mas Lady Crane, esposa de um proprietário de terras e baronete, ficaria ali, em Romney Hall. Sentia-se estranha e diferente, e repreendeu-se por isso. Talvez, aos 28 anos, o casamento não devesse parecer um passo tão importante. Afinal de contas, ela não era mais tão novinha, e isso já havia algum tempo.

Ainda assim, disse a si mesma, tinha todo o direito de sentir que sua vida tinha mudado para sempre. Ora, agora era uma mulher casada e senhora do próprio lar. Sem falar que já era mãe de dois filhos. Nenhum de seus irmãos tivera de enfrentar as responsabilidades de ser pai tão de repente.

Mas ela estava pronta para a tarefa. Tinha de estar. Endireitou os ombros, olhando determinadamente para seu reflexo no espelho enquanto escovava os cabelos. Ela era uma Bridgerton, ainda que esse não fosse mais seu sobrenome legal, e estava pronta para qualquer coisa. E, como não era do tipo que poderia suportar uma vida infeliz, teria de cuidar para que a sua não fosse assim.

Ouviu, então, uma batida na porta e, quando se virou, Phillip já havia entrado no quarto. Ele fechou a porta, mas ficou onde estava, provavelmente para dar a ela algum tempo para se recompor.

– Você não quer que sua criada a ajude? – perguntou ele, indicando a escova de cabelo.

– Disse a ela para tirar a noite de folga – respondeu Eloise. Então deu de ombros. – Parecia estranho tê-la por aqui, quase uma intrusão, eu acho.

Phillip pigarreou enquanto puxava a gravata, um gesto que tinha se tornado ternamente familiar. Ele nunca se sentia muito à vontade em trajes formais, percebeu ela, estava sempre puxando alguma coisa ou se remexendo e desejando estar com suas roupas de trabalho, mais confortáveis.

Como era estranho ter um marido com uma profissão de verdade. Eloise nunca pensara em se casar com um homem assim. Não que Phillip tivesse exatamente um emprego, mas seu trabalho na estufa com certeza era muito mais do que a maioria dos jovens ociosos que conhecia tinha para preencherem suas vidas.

Ela percebeu, então, que gostava disso. Gostava que ele tivesse um propósito, que fosse inteligente e tivesse a mente voltada para a pesquisa, em vez de só pensar em cavalos e apostas.

Ela gostava *dele*.

Isso era um alívio. Estaria em uma situação muito difícil se não fosse assim.

– Você precisa de mais alguns minutos? – perguntou Phillip.

Ela fez que não. Estava pronta.

Uma lufada de ar saiu dos lábios dele. Eloise pensou ter ouvido as palavras "Graças a Deus", e de repente estava em seus braços, e ele a beijava, e qualquer outra coisa que passasse pela cabeça dela desapareceu.

~

Phillip imaginava que deveria ter dedicado um pouco mais de atenção ao seu casamento, mas a verdade era que ele não conseguia se concentrar nos eventos do dia, não quando os eventos da noite se aproximavam de maneira tão tentadora. Toda vez que olhava para Eloise, toda vez que sentia o cheiro dela – que parecia estar em toda parte, destacando-se em meio aos perfumes delicados das mulheres da família Bridgerton –, percebia uma rigidez denunciadora em seu corpo, um tremor de expectativa quando se lembrava de como era tê-la em seus braços.

Falta pouco, ele dizia a si mesmo, obrigando o corpo a relaxar e depois agradecendo a Deus por seu esforço estar sendo bem-sucedido. *Falta pouco*.

Então finalmente chegou o momento e os dois se encontraram sozinhos, e ele não podia acreditar em como ela estava linda com seus longos cabelos castanhos caindo em cascata pelas costas. Percebeu naquela hora que nunca vira o cabelo dela solto, nunca imaginara seu comprimento enquanto ele permanecia preso em um pequeno coque bem-arrumado em sua nuca.

– Sempre me perguntei por que as mulheres usam os cabelos presos – murmurou Phillip, depois do sétimo beijo.

– É o costume, é claro – disse Eloise, sem entender bem o comentário dele.

– Não acho que seja por isso – retrucou Phillip. Então tocou o cabelo dela, passou os dedos pelos fios e depois os levou ao rosto para sentir o cheiro. – É para proteger os outros homens.

Eloise o fitou com um misto de surpresa e confusão.

– Sem dúvida você quis dizer para proteger *as mulheres* do olhar de outros homens.

Ele balançou a cabeça devagar.

– Eu teria que matar qualquer um que a visse assim.

– Phillip.

Ele estava quase certo de que o tom de Eloise deveria ter sido de repreensão, mas ela corou e parecia incrivelmente feliz com a declaração.

– Ninguém que a visse assim poderia resistir – continuou Phillip, enroscando uma mecha sedosa nos dedos. – Sei disso.

– Vários homens resistiram muito bem – comentou Eloise, oferecendo-lhe um sorriso autodepreciativo. – Muitos mesmo, para falar a verdade.

– São uns tolos – disse ele simplesmente. – Além do mais, isso só prova o que eu falei, não é mesmo? Isto – acrescentou, segurando uma mecha longa e grossa entre os rostos dos dois, depois roçando-a nos lábios, sentindo seu cheiro estonteante – esteve escondido em um coque por anos.

– Desde que eu tinha 16.

Phillip a puxou para junto de seu corpo, delicada mas resolutamente.

– Ainda bem. Você nunca teria sido minha se tivesse tirado os grampos do cabelo antes. Alguém já a teria agarrado há muitos anos.

– É só cabelo – sussurrou Eloise, a voz um pouco trêmula.

– Você tem razão – concordou Phillip. – Deve ter, porque em qualquer outra pessoa, acho que não seria nem um pouco inebriante. Deve ser você – murmurou ele, deixando os fios caírem de seus dedos. – Só você.

Então envolveu o rosto dela com as mãos, inclinando-o ligeiramente para o lado para poder beijá-la com mais facilidade. Sabia o gosto dos lábios de Eloise, já os beijara antes – inclusive apenas alguns minutos antes. Mas ainda assim ficou surpreso com sua doçura, com o calor de seu hálito e com a maneira como o corpo dele se incendiou com um simples beijo.

Só que, na verdade, nunca seria um simples beijo. Não com ela.

Phillip levou os dedos aos pequenos botões forrados que desciam pelas costas do vestido dela.

– Vire-se – ordenou, interrompendo o beijo.

Não tinha tanta experiência na arte da sedução para conseguir soltá-los de suas casas sem ver.

Além disso, gostou muito de poder despi-la lentamente, cada botão revelando mais um centímetro de pele macia.

Eloise era sua, percebia então, deslizando um dedo pelas costas dela antes de soltar o antepenúltimo botão. Sua, para sempre. Era difícil imaginar como tivera tanta sorte, mas decidiu não questionar o destino e apenas aproveitar.

Outro botão. Dessa vez uma pequena área perto da base da coluna foi revelada.

Phillip a tocou. Ela estremeceu.

Os dedos dele chegaram ao último botão. Não precisava de fato desabotoá-lo; o vestido dela já estava solto o bastante para deslizar pelos ombros. Mas sentia que tinha que fazer aquilo direito, despi-la corretamente, saborear o momento.

Além disso, o último botão revelava a curva do traseiro dela.

Ele queria beijá-la. Queria beijá-la bem ali. Bem no alto daquela fenda, enquanto ela estava virada para o outro lado, tremendo não de frio, mas de excitação.

Phillip se inclinou para a frente e tocou a nuca de Eloise com os lábios enquanto levava as mãos aos ombros dela. Algumas coisas eram maliciosas demais para uma garota inocente como ela.

Mas ela era sua. Sua esposa. E era fogo, energia e paixão, tudo em uma só pessoa. Phillip precisava lembrar que ela não era Marina, frágil e delicada, incapaz de expressar uma emoção que não fosse tristeza.

Eloise não era Marina. Tinha mesmo que se lembrar disso, não apenas naquele momento, mas sempre, o dia inteiro, cada vez que olhava para ela. Não havia a necessidade de se conter perto dela, se preocupar com as palavras que usaria, com suas expressões faciais, com qualquer coisa que pudesse fazê-la mergulhar dentro de si mesma, em seu desespero.

Aquela ali era Eloise. *Eloise*. A forte e magnífica Eloise.

Incapaz de controlar seu impulso, ajoelhou-se e segurou os quadris da esposa com firmeza quando ela emitiu um suave murmúrio de surpresa e tentou se virar.

Então ele a beijou. Bem ali, na base da coluna, no ponto que o tentara tanto. Em seguida, sem saber muito bem por quê – sua experiência com as mulheres era limitada, mas sua imaginação claramente compensava isso –, passou a língua pela linha central, descendo pela coluna até chegar ao começo da fenda, provando a doce salinidade da pele dela, e parando, sem afastar os lábios, sempre que ela gemia. Quando Eloise já não conseguia mais ficar de pé, colocou as mãos dela na parede para apoiá-la.

– Phillip – arfou ela.

Ele se levantou e virou-a, inclinando-se para a frente até ficar com o rosto junto ao dela.

– Estava bem ali – disse ele desamparadamente, como se isso explicasse tudo.

E, na verdade, era toda a explicação que havia. Aquele pedaço tentador de pele macia e rosada estava bem ali, esperando um beijo.

Ela estava bem ali, e ele precisava possuí-la.

Phillip beijou de novo sua boca, enquanto deixava o vestido deslizar pelo corpo dela. Eloise se casara de azul, um tom claro que fazia os olhos dela parecerem mais profundos e tempestuosos do que nunca, como um céu nublado pouco antes de uma pancada de chuva.

Era um vestido celestial. Ele ouvira Daphne dizer isso a ela mais cedo naquele dia. Mas era ainda mais celestial libertá-la dele.

Eloise não usava uma combinação por baixo, e Phillip sabia que ela estava nua para ele. Pôde ouvi-la prender a respiração quando os bicos de seus seios roçaram o linho fino da blusa dele. Mas, em vez de olhar, Phillip correu a mão pelo lado do seio dela, os nós de seus dedos passando suavemente por aquele volume. Então, enquanto continuava a beijá-la, sua mão se curvou até envolver o seio dela por baixo, sentindo o delicado peso em seus dedos.

– Phillip – gemeu Eloise, a palavra se perdendo na boca dele como uma bênção.

Ele moveu a mão novamente até cobrir o seio dela, o bico atrevido escorregando por entre seus dedos. E, quando apertou – com delicadeza, reverência –, mal podia acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo.

E então Phillip já não podia mais esperar. Tinha de ver cada pedacinho de Eloise e olhar para o rosto dela enquanto fazia isso. Afastou-se, interrompendo o beijo com uma promessa sussurrada de que continuaria depois.

Ele ficou sem ar ao observá-la. Ainda não havia escurecido, e os últimos vestígios da luz do sol entravam pelas janelas, conferindo à pele de Eloise um brilho dourado. Os seios dela eram maiores do que ele imaginara, volumosos e arredondados, e teve de se controlar para não atirá-la na cama naquele mesmo instante. Ele poderia se banquetear para sempre naqueles seios, adorá-los e venerá-los até…

Deus do céu, quem ele estava tentando enganar? Até seu desejo ser forte demais e ele ser obrigado a possuí-la, mergulhar nela, devorá-la.

Phillip começou a desabotoar a própria roupa com os dedos trêmulos, vendo que ela o observava tirar a blusa. E então ele se esqueceu e virou…

E Eloise arfou, nervosa.

Ele ficou imóvel.

– O que aconteceu? – sussurrou ela.

Phillip não entendeu por que ficou tão surpreso com aquele momento, com o fato de ter de lhe explicar. Eloise era sua esposa e iria vê-lo nu todos os dias, pelo resto de sua vida. Se alguém ficaria sabendo sobre a origem de suas cicatrizes, seria ela.

Ele podia evitá-las, já que ficavam nas costas, fora do alcance de sua vista, mas Eloise não teria tanta sorte.

– São marcas de chicote – disse Phillip, sem se virar.

Provavelmente deveria poupá-la daquela visão, mas ela acabaria tendo de se acostumar.

– Quem fez isso com você? – perguntou Eloise, a voz baixa e irritada, e sua indignação tocou o coração dele.

– Meu pai.

Ele se lembrava bem do dia. Tinha 12 anos, acabara de voltar da escola e seu pai o forçara a acompanhá-lo em uma caçada. Phillip cavalgava bem, mas não o bastante para conseguir saltar como o pai fizera mais à frente. Ainda assim, ele tentara, pois sabia que, caso contrário, seria chamado de covarde.

Mas acabara caindo. Fora jogado do cavalo, na verdade. Por um milagre, conseguira sair ileso, mas seu pai tinha ficado furioso. omas Crane tinha uma visão muito limitada sobre a masculinidade, que não incluía cair de um cavalo. Seus filhos deviam saber cavalgar, atirar, esgrimir e lutar boxe com perfeição. Sempre.

E que Deus os ajudasse se não conseguissem.

George conseguira pular, é claro. O irmão sempre se saía um pouco melhor quando se tratava de atividades esportivas. E, além disso, ele era dois anos mais velho do que Phillip, dois anos mais alto, dois anos mais forte. Ainda tentara interceder e salvar o caçula do castigo, mas então omas também o chicoteara, repreendendo-o por se intrometer. Phillip precisava aprender a ser um homem, e omas não admitiria que ninguém interferisse, nem mesmo George.

Phillip não sabia direito por que o castigo tinha sido diferente naquele dia. Geralmente o pai usava um cinto, que, sobre a camisa, não deixava marcas. Mas eles já estavam perto dos estábulos, o chicote, bem à mão, e seu pai ficara furioso, mais até do que o normal.

omas não parou nem mesmo quando o chicote cortou a camisa de Phillip.

Fora a única vez em que uma das surras de seu pai deixara cicatrizes visíveis.

E Phillip ficara preso àquela lembrança pelo resto da vida.

Ele olhou para Eloise, que o observava com um olhar estranhamente intenso.

– Sinto muito – disse ele, embora não fosse verdade.

Não havia nada a lamentar, a não ser tê-la feito conhecer o horror de sua infância.

– Eu não – murmurou Eloise.

Phillip arregalou os olhos, surpreso.

– Estou furiosa.

E então ele não conseguiu evitar e começou a rir. Atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Ela estava absolutamente perfeita, nua e irritada, pronta para ir até o inferno e trazer o pai dele de lá para repreendê-lo.

Eloise pareceu um pouco assustada com a gargalhada fora de hora dele, mas depois sorriu também, como se percebesse a importância do momento.

Ansioso por sentir o toque dela, Phillip pegou sua mão e levou-a ao seu peito, pressionando até os dedos de Eloise se abrirem e mergulharem nos pelos macios.

– Você é tão forte… – sussurrou ela, a mão deslizando suavemente pela pele dele. – Eu não fazia ideia de que o trabalho na estufa era tão pesado.

Ele se sentiu como um garoto de 16 anos de tão satisfeito que ficou com o elogio. E a lembrança do pai acabou indo embora.

– Eu também trabalho fora da estufa – rebateu Phillip em um tom de voz mal-humorado, incapaz de simplesmente agradecer.

– Com os trabalhadores braçais? – murmurou Eloise.

Phillip olhou para ela achando graça.

– Eloise Bridgerton…

– Crane – corrigiu ela.

Phillip foi invadido por uma sensação de prazer ao ouvir isso.

– Crane – repetiu. – Não me diga que você vem alimentando fantasias secretas sobre os trabalhadores braçais da fazenda.

– É claro que não, embora…

Não havia como ele deixar que Eloise ficasse sem terminar aquela frase.

– Embora…? – insistiu.

Ela parecia um pouco envergonhada.

– Sabe, eles parecem bem… *rústicos*… trabalhando lá fora, sob o sol.

Ele sorriu. Lentamente, como um homem prestes a se regalar com seu sonho que se tornou realidade.

– Ah, Eloise… – falou, levando os lábios ao pescoço dela e depois descendo, descendo, descendo. – Você não tem ideia do que é rústico. Não tem mesmo.

E então ele fez aquilo com que vinha sonhando havia dias – bem, uma das coisas com que vinha sonhando – e tomou o mamilo dela na boca, passando a língua em volta dele antes de fechar os lábios para sugá-lo.

– Phillip! – exclamou ela, quase gritando, desmanchando-se.

Ele a pegou nos braços e a levou para a cama, já arrumada à espera dos recém-casados. Deitou-a sobre os lençóis, parando um pouco para se deleitar com a visão de sua mulher ali, antes de tirar a meia fina, que era a única peça de roupa que ela ainda usava. As mãos de Eloise correram instintivamente para cobrir o sexo, e ele lhe permitiu o recato, sabendo que sua vez logo chegaria.

Phillip prendeu o dedo sob a beirada de uma das meias, acariciando Eloise sobre a finíssima seda, antes de tirá-la, deslizando-a pela perna. Eloise gemeu quando a peça passou pelo joelho dela, e Phillip não pôde deixar de olhar para cima e perguntar:

– Cócegas?

Ela fez que sim.

– E mais.

E mais. Ele adorou isso. Adorou que ela tivesse sentido mais, que quisesse mais.

A outra meia foi descartada mais rápido, e então Phillip ficou de pé ao lado dela e levou os dedos ao fecho da calça. Parou por um instante e olhou para Eloise, esperando que ela lhe dissesse com os olhos que estava pronta.

Depois, com uma rapidez e uma agilidade que nunca sonhou possuir, ele tirou as roupas que restavam e se deitou ao lado dela. Eloise ficou um pouco tensa a princípio, mas depois relaxou quando Phillip começou a acariciá-la, fazendo sons para acalmá-la enquanto beijava sua testa e sua boca.

– Não precisa ter medo – murmurou ele.

– Não estou com medo.

Phillip se afastou um pouco e olhou para o rosto dela.

– Não?

– Estou nervosa, mas não com medo.

Ele balançou a cabeça, maravilhado.

– Você é incrível.

– É o que eu sempre digo às pessoas, mas você parece ser o único que acredita em mim – afirmou ela, dando de ombros com ar displicente.

Phillip mal podia acreditar que estava ali, rindo, em sua noite de núpcias. Já era a segunda vez que ela o fazia rir, e ele estava começando a acreditar que era uma dádiva. Uma incrível e inestimável dádiva, que ele era verdadeiramente abençoado por receber.

O sexo, para ele, sempre estivera relacionado à necessidade, ao seu corpo e seu desejo e ao que quer que fizesse dele um homem. Nunca tivera nada a ver com aquela alegria, aquele fascínio em descobrir outra pessoa.

Ele tomou o rosto de Eloise nas mãos e beijou-a de novo, dessa vez sentindo toda aquela emoção tomar conta de si. Beijou sua boca, depois as bochechas e o pescoço. Então continuou descendo, explorando o corpo dela, dos ombros à barriga e, em seguida, aos quadris.

Excluiu apenas um lugar, um lugar que adoraria ter explorado, mas achou que era melhor esperar mais um pouco, até que ela estivesse pronta.

Até que *ele* estivesse pronto. Marina nunca o deixara beijá-la ali. Na verdade, ele nunca nem mesmo pedira. Sempre parecera tão errado tentar alguma coisa enquanto ela ficava ali deitada embaixo dele, parada e em silêncio, como se estivesse cumprindo uma obrigação… Phillip até estivera com outras mulheres antes do casamento, mas elas eram do tipo experiente, e ele nunca quisera muita intimidade.

Mais tarde, prometeu a si mesmo quando parou, brevemente, para cheirar as ondas do cabelo dela.

Logo. Com certeza, logo.

Segurou as panturrilhas de Eloise com suas mãos enormes e levantou-as, afastando as pernas dela para poder se posicionar ali no meio. Estava rígido, *muito* rígido, com medo de que pudesse se colocar em uma situação embaraçosa, então respirou fundo várias vezes enquanto tocava a abertura dela, tentando se acalmar para conseguir prolongar aquilo por tempo suficiente para que ela sentisse prazer.

– Ah, Eloise… – disse Phillip, embora, na verdade, fosse mais um grunhido.

Ele a queria mais do que tudo, mais até do que a própria vida, e não sabia como iria aguentar.

– Phillip? – falou ela, a voz vagamente alarmada.

Ele se afastou um pouco para poder ver o rosto de Eloise.

– Você é muito grande.

Ele sorriu.

– Você sabia que isso é *exatamente* o que um homem deseja ouvir?

– Tenho certeza que sim – disse ela, mordendo o lábio inferior. – Parece mesmo o tipo de coisa de que vocês se gabariam enquanto andam a cavalo, jogam cartas ou estão competindo entre si sem nenhuma razão em particular.

Phillip não sabia bem se os tremores que tomaram seu corpo foram em função de uma risada ou de espanto.

– Eloise, eu lhe garanto…

– Vai doer muito? – disparou ela.

– Não sei – respondeu ele francamente. – Nunca estive em seu lugar. Um pouco, eu acho. Espero que não muito.

Eloise assentiu, parecendo apreciar a sinceridade dele.

– Às vezes… – Ela interrompeu o que dizia.

– Fale – pediu ele.

Por vários segundos ela não fez nada além de piscar, mas depois disse:

– Às vezes me sinto dominada por algumas sensações, como naquele dia, mas então vejo você, ou sinto você, e não consigo *imaginar* como isso vai funcionar. Tenho medo de me machucar, e então acabo perdendo… a sensação de magia. Sinto que se perde a magia.

Ele, então, se decidiu… para o inferno com tudo aquilo. Por que deveria esperar? Por que *ela* deveria esperar? Phillip se curvou e beijou-a rapidamente na boca.

– Espere bem aqui – falou. – Não vá a lugar algum.

Antes que ela pudesse fazer alguma pergunta – e era Eloise, então é claro que tinha perguntas a fazer –, Phillip se abaixou e abriu bem as pernas dela, da maneira como já passara noites acordado pensando, e a beijou.

Ela gemeu alto.

– Que bom – murmurou Phillip, as palavras sumindo para dentro dela.

Segurava-a firmemente com as mãos. Não tinha escolha, porque ela se contorcia toda. Ele lambia e beijava, e provou cada centímetro, cada fenda tentadora. Sentia um apetite voraz, e a devorava, pensando que aquela devia ser a *melhor* coisa que já fizera em toda a vida. E, *Deus do céu*, estava feliz por ser um homem casado e poder fazer aquilo sempre que quisesse.

Já ouvira outros homens falarem a respeito, claro, mas nunca sonhara que pudesse ser tão bom. Estava prestes a perder completamente o controle, e ela ainda nem o tocara. Não que ele quisesse isso naquele momento – pela maneira como ela agarrava os lençóis, os nós dos dedos tensos e brancos… ela acabaria rasgando-o ao meio.

Phillip deveria ter deixado que ela terminasse, deveria tê-la beijado até que ela explodisse em sua boca, mas, àquela altura, suas próprias necessidades assumiram o comando, e ele simplesmente não teve escolha. Aquela era sua noite de núpcias e, quando ele extravasasse, seria dentro dela, não nos lençóis, e, por Deus, se não sentisse logo o corpo dela apertando o seu, enlouqueceria.

Então ele levantou a cabeça, ignorando o gemido aflito dela quando afastou os lábios, e chegou o corpo mais para cima, posicionando seu membro contra ela mais uma vez, usando os dedos para abri-la enquanto fazia força para entrar.

Ela estava muito, muito molhada, um misto dela e dele, e era diferente de tudo o que ele já tinha sentido. Phillip deslizou para dentro, a passagem dela complacente e apertada ao mesmo tempo.

Eloise arfou o nome dele, e ele o dela, e então, sem conseguir mais manter o ritmo lento, Phillip arremeteu para a frente, rompendo a última barreira, até estar todo dentro dela. Talvez devesse ter parado, perguntado se ela estava bem, se sentia alguma dor, mas simplesmente não conseguiu. Já fazia tanto tempo, e precisava tanto dela, que, quando seu corpo começou a se mover, não havia nada que pudesse fazer para impedir.

Phillip se mexia de maneira violenta e rápida, mas ela parecia estar gostando, porque também se movia da mesma forma embaixo dele, os quadris dos dois roçando um no outro com força e urgência, enquanto Eloise cravava as unhas nas costas dele.

Quando ela gemeu, não foi para dizer o nome dele, e sim:

– Mais!

Phillip deslizou a mão por baixo dela, agarrando-a pelas nádegas, apertando com força enquanto a arqueava para cima para penetrá-la melhor, e a mudança de posição alterou de alguma forma a maneira como seus corpos se atritavam, ou talvez ela tivesse apenas atingido seu limite, porque curvou o corpo e ficou tão retesada que estremeceu, e então o grito dela rasgou o ar e ele sentiu os músculos de Eloise convulsionarem embaixo dele.

Phillip não podia mais aguentar. Com um último grito, arremeteu com força, seu corpo se sacudindo em espasmos até esvaziar, declarando-a completa e indelevelmente sua.

CAPÍTULO 15

… não acredito que você não vai me contar mais nada. Como sua irmã mais velha (um ano inteiro, espero não precisar lembrá-la disso), mereço um pouco de respeito, e, embora aprecie que tenha me falado que a descrição de Annie Mavel sobre o amor conjugal estava correta, gostaria que tivesse me dado mais alguns detalhes além desse breve relato. Com certeza você não está tão extasiada por sua alegria que não possa perder algum tempo para escrever algumas palavras (adjetivos, principalmente, serão muito úteis) para sua amada irmã.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a condessa de Kilmartin, duas semanas depois do casamento de Francesca

Uma semana depois, Eloise estava sentada na pequena sala de visitas que tinha sido recentemente convertida em um escritório para ela, mordendo a ponta do lápis enquanto examinava as contas da casa. Devia estar contabilizando fundos, sacos de farinha, os salários dos empregados e coisas do tipo, mas tudo o que conseguira contar fora o número de vezes que ela e Phillip fizeram amor.

Treze, pensou ela. Não, catorze. Bem, quinze, na verdade, se contasse com aquela vez em que ele não chegara a penetrá-la, mas os dois…

Eloise corou, ainda que não houvesse mais ninguém na sala. De qualquer forma, mesmo que houvesse, ninguém teria como saber no que ela estava pensando mesmo.

Mas, por Deus, ela fizera mesmo *aquilo*? Tinha beijado Phillip *lá*?

Ela nem sabia que tal coisa era possível. Annie Mavel com certeza não descrevera nada assim quando dera aquela pequena lição a Eloise e Francesca tantos anos atrás.

Eloise franziu a testa enquanto lembrava. Então se perguntou se Annie Mavel conhecia aquela possibilidade. Era difícil imaginá-la fazendo algo

assim, mas na verdade era difícil imaginar *qualquer um* fazendo aquilo, principalmente ela mesma.

Era incrível, pensou Eloise, absolutamente incrível e mais do que maravilhoso ter um marido que era louco por ela. Eles não se viam muito durante o dia, afinal Phillip trabalhava, e ela também tinha o que fazer. Mas à noite, depois que ele lhe concedia cinco minutos para a toalete… Haviam começado com vinte minutos, mas o tempo parecia vir sendo reduzido cada vez mais, e ela chegava a ouvir os passos impacientes dele em frente à porta durante os poucos minutos que agora lhe dava.

Depois desse tempo, quando Eloise aparecia, ele se lançava para cima dela como um homem possuído. Faminto. A energia de Phillip parecia inesgotável, e ele estava sempre tentando coisas novas, posicionando-a de maneiras diferentes, provocando-a e atormentando-a até ela gritar e implorar, sem nunca saber direito se era para ele parar ou continuar.

Phillip lhe dissera que não desejava Marina, mas Eloise achava difícil de acreditar. Ele era um homem de apetite *vigoroso* (era uma palavra tola, mas ela não conseguia pensar em nenhuma outra forma de descrevê-lo), e as coisas que fazia com as mãos…

E com a boca…

E com os dentes…

E com a língua…

Eloise corou de novo. As coisas que ele fazia… bem, uma mulher teria de estar praticamente morta para não corresponder.

Olhou de novo para as colunas de seu livro-razão. Os números pareciam ter ido parar ali por milagre enquanto ela divagava, e toda vez que Eloise tentava se concentrar eles começavam a dançar diante de seus olhos. Ela olhou pela janela. De seu lugar não conseguia ver a estufa, mas sabia que ficava ali perto e que ele estava lá, trabalhando, podando folhas, plantando sementes e ocupado com aquelas atividades todas que fazia lá o dia inteiro.

O dia inteiro.

Ela franziu a testa. Aquela, na verdade, era uma observação muito apropriada. Phillip passava mesmo o dia inteiro na estufa e muitas vezes até pedia que lhe levassem o almoço até lá numa bandeja. Eloise sabia que não era tão incomum assim o marido e a mulher levarem vidas separadas durante o dia (e, para muitos casais, também à noite), mas eles só estavam casados havia uma semana.

E, na realidade, de muitas maneiras, ela ainda estava aprendendo como seu novo marido era. O casamento tinha acontecido muito de repente. Ela sabia muito pouco sobre ele. Sabia que era honesto e honrado, que a tratava bem, e agora também sabia que ele tinha um lado carnal que ela nunca imaginara que pudesse se esconder sob aquela aparência reservada.

Mas, fora o que havia descoberto sobre o pai dele, não sabia pelo que Phillip havia passado, quais eram suas opiniões e o que acontecera em sua vida para fazer dele o homem que era. Às vezes ela procurava puxar uma conversa e chegava a ter algum sucesso, mas em geral suas tentativas não davam em nada.

Porque Phillip nunca parecia querer falar quando podia beijar. E isso, inevitavelmente, levava os dois para o quarto, onde as palavras eram esquecidas.

E, nas poucas ocasiões em que ela conseguia dar início a uma conversa, o resultado era bastante frustrante. Se perguntava a opinião dele sobre algo relacionado à casa, ele apenas dava de ombros e dizia que ela podia resolver como achasse melhor. Às vezes, Eloise imaginava se Phillip não tinha se casado com ela apenas para ganhar uma governanta.

E, é claro, um corpo quente em sua cama.

Mas um casamento não se resumia àquilo. Eloise sabia que podia esperar mais, que podia haver mais em um matrimônio. Ela não conseguia se lembrar muito bem da relação entre seus pais, mas já vira os irmãos com os cônjuges e acreditava que ela e Phillip podiam encontrar a mesma felicidade se passassem um pouco mais de tempo juntos fora do quarto.

Eloise se levantou de forma abrupta e foi até a porta. Deveria falar com ele. Não havia razão para não ir à estufa conversar. Talvez Phillip até fosse gostar que ela lhe perguntasse sobre seu trabalho.

Não iria interrogá-lo, não exatamente, mas com certeza não haveria mal em fazer uma ou duas perguntas no meio do assunto. E se ele desse a entender que ela estava incomodando ou atrapalhando, iria embora no mesmo instante.

Mas então ouviu a voz da mãe ecoando em sua cabeça.

Não pressione, Eloise. Não pressione.

Ela precisou usar toda a força de vontade para se conter, uma vez que isso ia contra sua inclinação natural, mas enfim conseguiu parar, virar de volta e tornar a se sentar.

Sua mãe não costumava se enganar quanto às coisas realmente importantes, e, se Violet achara apropriado lhe dar aquele conselho em sua noite de núpcias, Eloise suspeitava que deveria levá-lo muito a sério.

Então fechou a cara, irritada, e pensou que devia ser isso o que Violet tinha em mente quando lhe dissera que desse tempo ao tempo.

Eloise enfiou as mãos embaixo do corpo, como se para evitar que se estendessem em direção à porta. Olhou pela janela, mas então teve de desviar o olhar, porque, mesmo que não conseguisse ver a estufa, sabia que estava bem ali pertinho.

Aquela não era sua natureza, pensou, trincando os dentes. Nunca fora do tipo que gostava de ficar parada. Precisava se mexer, agir, explorar, questionar. E, para ser sincera, incomodar, importunar e manifestar sua opinião para qualquer um que pudesse ouvir.

Eloise franziu a testa e suspirou. Visto dessa forma, ela não parecia uma pessoa assim tão atraente.

Então, tentou se lembrar do discurso da mãe na noite do seu casamento. Com certeza também havia algo de positivo ali. Afinal, Violet a amava. Provavelmente dissera alguma coisa boa. Não falara algo sobre ela ser encantadora?

Eloise suspirou. Se estava lembrando bem, a mãe dissera que achava sua *impaciência* encantadora, o que não era exatamente um elogio.

Como isso era horrível. Por Deus, já tinha 28 anos. Passara a vida inteira perfeitamente feliz com quem era e com o modo como levava a vida.

Bom, quase perfeitamente feliz. Sabia que falava muito, que talvez fosse um pouco direta demais às vezes e, bem, nem todo mundo gostava dela, mas a maioria das pessoas sim, e já havia chegado à conclusão, muito tempo antes, de que estava tudo bem para ela desse jeito.

Então por que agora tinha ficado tão insegura de repente, com tanto medo de fazer ou dizer a coisa errada?

Levantou-se. Não podia suportar aquilo – a indecisão, a falta de ação. Ela seguiria o conselho da mãe e daria a Phillip um pouco de privacidade, mas não podia ficar ali sentada sem fazer nada por nem mais um segundo.

Olhou para os livros-razão incompletos. Ah, céus. Se ela continuasse fazendo o que *deveria* estar fazendo, estaria *fazendo* alguma coisa, não é mesmo?

Então bufou, irritada, e fechou os livros com força. Não adiantava tentar ficar ali cuidando da contabilidade, porque se conhecia bem o suficiente

para saber que *não* completaria a tarefa ainda que ficasse ali sentada, então era melhor sair e procurar outra coisa com que se ocupar.

As crianças. Isso mesmo. Havia assumido o papel de esposa uma semana atrás, mas também se tornara mãe. E se alguém precisava de interferência em suas vidas, eram Oliver e Amanda.

Animada com seu recém-descoberto senso de propósito, saiu apressada pela porta, sentindo-se ela mesma de novo. Precisava checar as lições deles, ver se estavam aprendendo adequadamente. Oliver tinha de se preparar para sua entrada em Eton no próximo outono.

E Eloise também precisava cuidar das roupas dos dois. Quase tudo o que havia no armário estava pequeno neles, e Amanda merecia peças mais bonitas e…

Eloise suspirou de alegria enquanto subia a escada depressa. No caminho, já ia contando nos dedos os novos projetos, planejando mentalmente chamar a costureira e o alfaiate, pensando no texto do anúncio que pretendia colocar no jornal para contratar mais alguns professores. As crianças precisavam desesperadamente aprender francês e piano, e, é claro, fazer contas, e será que eram novos demais para aprender a divisão longa?

Entusiasmada, ela abriu a porta do quarto das crianças e…

Parou de repente, tentando entender o que estava acontecendo.

Os olhos de Oliver estavam vermelhos, como se ele tivesse chorado, e Amanda fungava, limpando o nariz com as costas da mão. Os dois arfavam, claramente chateados.

– Algum problema? – perguntou Eloise, olhando primeiro para os dois e depois para a babá.

Os gêmeos não falaram nada, mas viraram para ela com os olhos arregalados e suplicantes.

– Srta. Edwards? – disse Eloise.

A babá contraiu os lábios numa expressão de desagrado.

– Eles estão só aborrecidos porque foram castigados.

Eloise assentiu lentamente. Não era de surpreender que Oliver e Amanda tivessem feito algo que exigisse castigo, mas, apesar disso, havia algo errado ali. Talvez fosse o brilho estranho no olhar deles, como se tivessem tentado desafiar a babá, mas depois desistido.

Não que Eloise os encorajasse a desafiar alguém, sobretudo a babá, que precisava manter sua posição de autoridade durante as aulas, mas também não queria vê-los daquele modo… tão abatidos, tão submissos e tristes.

– Por que eles foram castigados? – perguntou Eloise.

– Discurso desrespeitoso – respondeu a babá, de imediato.

– Sei – disse Eloise, com um suspiro.

Os gêmeos provavelmente tinham merecido o castigo. De fato, costumavam faltar com o respeito aos mais velhos e ela mesma já os repreendera várias vezes por isso.

– E qual foi o castigo?

– Bati com a régua de madeira nos dedos deles – disse a babá, as costas bem empertigadas.

Eloise se forçou a relaxar o maxilar. Não era a favor de castigos físicos, mas bater nos dedos de crianças com uma régua era algo que se via em todas as melhores escolas. Tinha quase certeza de que os seus irmãos haviam passado por isso várias vezes em Eton, afinal, ela não podia imaginar que tivessem ficado todos aqueles anos lá sem cometer inúmeras transgressões disciplinares.

Ainda assim, não gostava nem um pouco do olhar das crianças, então levou a babá para um canto e disse em voz baixa:

– Sei que eles precisam de disciplina, mas, se tiver que fazer isso de novo, peço-lhe que seja mais delicada.

– Se eu for mais delicada, eles não vão aprender a lição – respondeu ela, rispidamente.

– Quem irá julgar se aprenderam ou não a lição serei eu – rebateu Eloise, furiosa com o tom da mulher. – E não estou mais pedindo, estou lhe *dizendo* que eles são crianças e que você deve ser mais delicada.

A babá franziu os lábios, mas assentiu. Apenas uma vez, rápido, para mostrar que faria o que tinha sido ordenado, mas discordava. E também que não aprovava a interferência dela.

Eloise se virou de volta para as crianças e disse:

– Tenho certeza de que eles já estudaram o suficiente por hoje. Acho melhor fazerem um pequeno intervalo comigo.

– Estamos praticando caligrafia – retrucou a mulher. – Não podemos perder tempo. Principalmente porque estou sendo obrigada a desempenhar o papel de babá e o de professora.

– Posso lhe garantir que pretendo cuidar desse problema o mais rápido possível – afirmou Eloise. – E quanto a hoje, ficarei feliz em praticar caligrafia com eles. Pode ficar tranquila que eles não vão se atrasar nos estudos.

– Eu não acho…

Eloise fuzilou-a com o olhar. Ela era uma Bridgerton, e sabia muito bem como lidar com criados teimosos.

– Você só precisa me passar seu planejamento de aula.

A babá parecia furiosa, mas informou a Eloise que eles estavam praticando as letras m, n e o.

– Maiúsculas *e* minúsculas – acrescentou ela.

– Certo – respondeu Eloise, em um tom arrogante. – Tenho certeza de que estou qualificada para trabalhar com eles essa área específica dos estudos acadêmicos.

O rosto da babá ficou vermelho diante do sarcasmo de Eloise.

– É só isso? – disparou ela.

Eloise assentiu.

– Sim. Está dispensada. Aproveite sua folga. Sem dúvida você não tem muito tempo livre, já que precisa cumprir a jornada dupla de babá e professora. E, por favor, volte para cuidar do almoço deles.

Com a cabeça erguida, a babá deixou o quarto das crianças.

– Muito bem – falou Eloise, voltando a atenção para os gêmeos, que estavam sentados à sua pequena mesa, encarando-a como se ela fosse uma divindade que viera à Terra com o único propósito de salvar as crianças de bruxas más. – Devemos…?

Mas não conseguiu concluir a pergunta, porque Amanda se atirou para cima dela e passou os braços por sua cintura com tanta força que Eloise bateu as costas na parede. Logo em seguida, Oliver fez a mesma coisa.

– Calma, calma – disse Eloise, acariciando o cabelo deles, confusa. – O que houve?

– Nada – respondeu Amanda com a voz abafada.

Oliver se afastou e se aprumou como o rapazinho que as pessoas estavam sempre lhe dizendo para ser. Mas estragou o efeito ao limpar o nariz com as costas da mão.

Eloise lhe deu um lenço.

Ele usou, assentiu com a cabeça para agradecer e disse:

– Gostamos mais de você do que da babá Edwards.

Eloise não podia imaginar gostar de ninguém *menos* do que daquela mulher, e prometeu a si mesma que iria arrumar uma substituta assim que possível. Mas não iria falar nada a respeito disso com as crianças. Elas provavelmente dariam com a língua nos dentes e a babá ou iria pedir

demissão de imediato, deixando todos eles numa situação difícil, ou descontaria sua frustração e raiva nas crianças, o que também não seria nada bom.

– Vamos nos sentar – disse Eloise, levando-os até a mesa. – Não sei quanto a vocês, mas *eu* não quero ter de encarar a Srta. Edwards sem termos praticado as letras que ela mandou.

Então pensou que precisava mesmo conversar com Phillip sobre aquilo.

Olhou para as mãos de Oliver. Não pareciam muito machucadas, mas um dos dedos estava um pouco vermelho. Podia ser só sua imaginação, mas ainda assim…

Ela precisava conversar com Phillip. Assim que pudesse.

~

Phillip cantarolava baixinho enquanto transplantava cuidadosamente uma muda, dando-se conta de que, antes do casamento, sempre trabalhava no mais completo silêncio.

Percebeu, então, que nunca antes sentira vontade de assoviar, nunca quisera cantar. Mas agora… bem, agora parecia que a música estava no ar, em todos os lugares. Ele também se sentia mais relaxado, e os nós de tensão comuns em seus ombros tinham começado a se dissolver.

Casar-se com Eloise era simplesmente a melhor coisa que poderia ter feito. Mas que droga, ele poderia até dizer que era a melhor coisa que faria na vida.

Pela primeira vez, desde que conseguia se lembrar, ele estava feliz.

Parecia uma coisa tão simples agora… estar feliz. E ele nem ao menos estava certo se antes tinha a consciência de que não era feliz. É claro que sorrira e se divertira algumas vezes – diferente de Marina, ele não havia sido infeliz por completo, em todos os momentos.

Mas também não fora *feliz*. Não como agora, em que acordava todos os dias com a sensação de que o mundo era mesmo um lugar maravilhoso e que ainda seria assim quando fosse para a cama à noite e quando acordasse na manhã seguinte.

Ele não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira dessa maneira. Provavelmente tinha sido na época da faculdade, quando experimentara pela primeira vez a emoção da descoberta intelectual – e

estava longe o bastante do pai para não se preocupar com a ameaça constante do castigo.

Eloise tornara sua vida melhor de tantas maneiras que era difícil se lembrar de todas. Havia, é claro, o tempo que passavam no quarto, que estava muito além de tudo o que ele poderia ter imaginado. Se algum dia tivesse sonhado que o sexo pudesse ser tão esplêndido, não teria mantido o celibato por tanto tempo. Na verdade, se sua libido era um indicativo, ele jamais teria conseguido.

Mas ele simplesmente não sabia. Fazer amor com Marina sem dúvida não era assim. Nem com qualquer das mulheres com quem tinha estado quando era um jovem universitário, antes do casamento.

Porém, se fosse honesto consigo mesmo – e era uma tarefa difícil, considerando quão inebriado seu corpo estava pelo de Eloise –, o sexo não era a razão principal para seu estado de felicidade atual. Era a sensação – a certeza, na verdade – de que ele enfim tinha feito, pela primeira vez desde que se tornara pai, o que era absolutamente certo para os gêmeos.

Nunca fora um pai perfeito. Sabia disso e aceitava o fato, ainda que a contragosto. Mas finalmente fizera a melhor coisa que estava ao seu alcance e arrumara a mãe perfeita para eles.

Era como se tirasse dos ombros o enorme peso da culpa.

Não era de espantar que seus músculos enfim parecessem relaxados e livres de tensão.

Ele podia ir para a estufa de manhã *sem se preocupar*. Não conseguia lembrar a última vez que fora trabalhar lá e não se encolhera cada vez que ouvira um barulho alto ou um grito. Ou em que pudera se concentrar nas tarefas que fazia sem que sua mente se distraísse com a culpa, incapaz de focar em qualquer coisa que não fossem suas falhas como pai.

Mas agora ele entrava lá e esquecia todas as preocupações. Ora, ele *não tinha* mais preocupações.

Era esplêndido. Mágico.

Um alívio.

E se às vezes sua esposa o olhava como se quisesse que ele dissesse ou fizesse algo diferente… bem, Phillip achava que isso se devia ao simples fato de que ele era um homem, e ela, uma mulher, e um nunca entenderia o outro por completo. E, na verdade, ele deveria agradecer por Eloise quase sempre dizer exatamente o que pensava, assim não tinha de ficar tentando adivinhar o que esperava dele.

O que seu irmão dizia mesmo? Cuidado com as mulheres que fazem muitas perguntas. Você nunca irá responder a todas da forma correta.

Phillip sorriu sozinho com aquela lembrança. Pensando assim, não havia razão para se preocupar se o assunto entre eles às vezes acabava simplesmente morrendo. Na maior parte do tempo, isso acontecia na cama, o que ele achava ótimo.

Olhou para a saliência que se formava em sua calça. Droga. Tinha que parar de pensar na esposa no meio do dia. Ou, pelo menos, descobrir uma forma de voltar com discrição para casa naquelas condições e encontrá-la bem rápido.

Mas então, como se Eloise soubesse que ele estava ali pensando em como era perfeita e quisesse lhe provar isso mais uma vez, ela abriu a porta da estufa e pôs a cabeça para dentro.

Phillip olhou em volta e se perguntou por que tinha construído a estrutura toda de vidro. Precisava instalar algum tipo de proteção que lhe desse privacidade se ela passasse a visitá-lo com regularidade.

– Estou atrapalhando?

Ele pensou na pergunta. Na verdade, sim, estava ocupado. Mas percebeu que não ligava, o que era estranho e bom ao mesmo tempo. Ele geralmente se irritava muito com interrupções. Mesmo quando era alguém de quem gostava, depois de alguns minutos começava a querer que a pessoa fosse logo embora para poder retomar o que estava fazendo antes.

– De forma alguma, desde que não se importe com a minha aparência.

Eloise olhou para ele, sujo de terra e lama e com uma mancha na bochecha esquerda, e balançou a cabeça.

– Não me importo nem um pouco.

– Qual é o problema?

– É a babá das crianças – disse ela, sem preâmbulos. – Eu não gosto dela.

Aquilo não era o que ele esperava. Abaixou a pá.

– Não? O que há de errado com ela?

– Não sei exatamente. Eu só não gosto dela.

– Bem, isso não chega a ser um motivo concreto para mandá-la embora.

Eloise estendeu os lábios em uma linha fina, um sinal claro, pelo que ele veio a perceber, de que estava irritada.

– Ela bateu com uma régua nos dedos das crianças.

Ele suspirou. Não gostava da ideia de saber que alguém havia batido em seus filhos, mas não tinha sido nada grave. Nada que não acontecesse em

todas as salas de aula do país. E Oliver e Amanda não eram exatamente modelos de bom comportamento, pensou, resignado. Então, suspirando mais uma vez, perguntou:

– Eles mereceram?

– Não sei – admitiu Eloise. – Eu não estava lá. A babá disse que eles falaram com ela de maneira desrespeitosa.

Phillip sentiu os ombros se curvarem um pouco.

– Infelizmente, não acho difícil de acreditar.

– Não, é claro que não – retrucou Eloise. – Tenho certeza de que eles foram terríveis. Mas ainda assim algo não parecia certo.

Phillip se recostou na bancada, depois puxou-a pela mão até Eloise se encostar por inteiro nele.

– Então investigue melhor.

Ela entreabriu os lábios, surpresa.

– *Você* não quer investigar melhor?

Ele deu de ombros.

– Não sou eu que estou preocupado. Nunca tive motivos para duvidar da babá Edwards antes, mas, se você se sente desconfortável com ela, sem dúvida deveria investigar. Além disso, você é melhor nessas coisas do que eu.

– Mas você é o pai deles – retrucou Eloise, contorcendo-se um pouco quando ele roçou o nariz no pescoço dela.

– E você é a mãe deles – disse Phillip, as palavras saindo quentes contra a pele dela.

Eloise era inebriante, e ele estava ardendo de desejo. Se ao menos conseguisse fazê-la parar de falar, talvez pudesse levá-la para o quarto, onde se divertiriam bem mais.

– Confio no seu julgamento – continuou Phillip, achando que isso a acalmaria, além de ser mesmo verdade. – Foi por isso que me casei com você.

A resposta dele claramente a surpreendeu.

– Foi por isso que você… *o quê*?

– Bem, por isso também – murmurou ele, tentando pensar em que carícias conseguiria fazer com tantas roupas entre os dois.

– Phillip, pare! – gritou ela, esforçando-se para se soltar dele.

Mas que droga…?

– Eloise, qual é o problema? – perguntou ele cautelosamente, já que sua experiência, ainda que limitada, lhe dizia que sempre se deve ter muito

cuidado com uma mulher irritada.

– Qual é o *problema*? – repetiu ela, os olhos brilhando de fúria. – Como você pode perguntar isso?

– Bem, talvez porque eu realmente não saiba qual é o problema – disse ele devagar e só com um pouco de sarcasmo.

– Phillip, não é hora para isso.

– Para lhe perguntar qual é o problema?

– Não! – respondeu ela, quase gritando.

Phillip deu um passo para trás. Por uma questão de sobrevivência, pensou com ironia. Sem dúvida era disso que o lado masculino tratava nas brigas de casal. Sobrevivência, e nada mais.

Ela começou a gesticular com os braços de maneira bizarra.

– De fazer isso.

Ele olhou em volta. Ela acenava em direção à bancada, aos vasos de plantas, ao céu que cintilava através do teto de vidro.

– Eloise, sou um homem inteligente, mas não faço ideia do que esteja falando – disse ele, a voz deliberadamente tranquila.

Ela estava boquiaberta, e ele percebeu que estava em apuros.

– Você não *sabe*?

Era provável que Phillip devesse ter seguido os próprios conselhos sobre sobrevivência, mas algum diabinho – um diabinho do sexo masculino irritado, ele tinha certeza – forçou-o a dizer:

– Não sei ler mentes, Eloise.

– Não é hora para intimidades – disparou ela, finalmente.

– Bem, é claro que não – concordou Phillip. – Não temos nenhuma privacidade aqui. Mas nós poderíamos voltar para casa e… Sei que estamos no meio do dia, mas…

– Não foi isso que eu quis dizer!

– Muito bem – retrucou Phillip, cruzando os braços. – Desisto. O que você quer dizer, Eloise? Porque eu lhe garanto que não tenho a mínima ideia.

– Homens… – resmungou ela.

– Vou interpretar isso como um elogio.

O olhar dela poderia ter congelado o Tâmisa. E quase esfriou o desejo de Phillip, o que o deixou bastante irritado, já que estava ansioso por resolver aquilo de uma maneira bem diferente.

– Mas não era para ser – disse ela.

Ele se recostou na bancada de maneira propositalmente casual, para irritá-la.

– Eloise, tente respeitar um pouco a minha inteligência.

– É difícil, quando você mostra tão pouca – rebateu ela.

Chega.

– Não sei nem por que estamos discutindo! – explodiu ele. – Em um minuto você está cheia de desejo em meus braços, e, no outro, gritando como uma maluca!

Eloise balançou a cabeça.

– Nunca estive cheia de desejo em seus braços.

Foi como se ele tivesse perdido o chão de repente.

Ao perceber o choque no rosto de Phillip, ela acrescentou rapidamente:

– Hoje. Estava falando só de hoje. De agora, na verdade.

Phillip sentiu o corpo relaxar de alívio, embora continuasse fervendo de raiva.

– Eu estava tentando falar com você – explicou ela.

– Você está sempre tentando falar comigo – observou ele. – É só o que você faz. Falar, falar, falar.

Eloise se afastou um pouco.

– Se não gosta, não deveria ter se casado comigo – retrucou, irritada.

– Até parece que eu tive escolha – disparou ele. – Seus irmãos estavam prontos para me castrar. E para que você não me pinte pior do que eu sou, não *me importo* que você fale. Mas, pelo amor de Deus, não precisa ser o tempo todo.

Eloise parecia estar buscando na mente um comentário inteligente e afiado, mas tudo o que conseguiu fazer foi ficar com a boca aberta como um peixe, emitindo sons de contrariedade.

– Às vezes você poderia pensar em calar a boca e usá-la para outro propósito – disse ele, sentindo-se superior.

– Você é insuportável – respondeu ela, fumegando de raiva.

Phillip ergueu as sobrancelhas, sabendo que isso a irritaria.

– Sinto muito que você ache minha propensão a falar tão ofensiva – continuou Eloise –, mas eu estava querendo conversar sobre algo importante e você tentou me beijar.

Ele deu de ombros.

– Sempre tento beijá-la. Você é minha esposa. O que mais eu deveria fazer?

– Às vezes não é o momento certo – disse Eloise. – Phillip, se queremos ter um bom casamento…

– Nós temos um bom casamento – interrompeu ele, a voz defensiva e amarga.

– Sim, é claro – concordou ela, rápido. – Mas um matrimônio não pode se resumir a… você sabe.

– Não – respondeu ele, se fazendo de desentendido. – Não sei.

Eloise rangeu os dentes.

– Phillip, não seja assim.

Ele não disse nada, só cruzou ainda mais os braços e encarou-a fixamente.

Eloise fechou os olhos e seu queixo se projetou um pouco para a frente enquanto os lábios se moviam. Então ele percebeu que ela estava falando. Não emitia nenhum som, mas ainda assim estava falando.

Meu Deus, a mulher não parava nunca. Até naquele momento ela estava falando consigo mesma.

– O que você está fazendo? – perguntou ele, por fim.

Ainda de olhos fechados, ela disse:

– Estou tentando me convencer de que posso ignorar o conselho da minha mãe.

Ele balançou a cabeça. Nunca entenderia as mulheres.

– Phillip – continuou ela, quando ele tinha acabado de resolver que ia sair e deixá-la falando sozinha. – Gosto muito do que fazemos na cama…

– É bom ouvir isso – retrucou ele rispidamente, ainda muito irritado para ser gentil.

Eloise ignorou sua falta de cortesia.

– Mas não pode se resumir a isso.

– O que não pode se resumir a isso?

– Nosso casamento. – Ela corou, claramente desconfortável com todo aquele discurso sincero. – Não pode se resumir a fazer amor.

– Mas sem dúvida pode representar uma boa parte – resmungou ele.

– Phillip, por que você não fala comigo sobre isso? Nós temos um problema, e precisamos conversar.

Aquilo o atingiu de repente como um choque. Ele estava convencido de que seu casamento era perfeito e ela se atrevia a *reclamar*? E ele andara tão certo de que acertara dessa vez…

– Estamos casados há uma semana, Eloise – resmungou ele. – Uma semana. O que você espera de mim?

– Eu não sei. Eu…

– Eu sou só um homem.

– E eu sou só uma mulher – disse ela, serenamente.

Por alguma razão, aquelas palavras pronunciadas em voz baixa só o irritaram ainda mais. Ele se inclinou para a frente, usando seu tamanho para intimidá-la.

– Você sabe há quanto tempo eu não me deitava com uma mulher? – sibilou Phillip. – Faz alguma ideia?

Ela arregalou os olhos e balançou a cabeça em negativa.

– Oito anos – disparou ele. – Oito longos anos sem nada além da minha própria mão para me confortar. Então, na próxima vez em que parecer que estou tendo prazer enquanto penetro seu corpo, por favor, perdoe minha imaturidade e minha *virilidade*… – Ele falou a palavra cheio de raiva e sarcasmo. – Estou simplesmente tendo dias incríveis após um longo período de seca.

E então, incapaz de suportá-la por mais um instante…

Não, não era verdade. Phillip não podia suportar a si mesmo.

Fosse como fosse, ele saiu.

CAPÍTULO 16

… você tem mesmo o direito, cara Kate. Os homens são tão fáceis de levar… Não consigo imaginar um dia perder uma discussão para um deles. É claro que se eu tivesse aceitado o pedido de lorde Lacye, não teria nem mesmo a oportunidade. Ele raramente fala, o que eu acho muito estranho.

– de Eloise Bridgerton para sua cunhada, a viscondessa de Bridgerton, quando recusou o quinto pedido de casamento

Eloise ficou na estufa por quase uma hora, sem conseguir fazer qualquer coisa além de olhar para o nada se perguntando o que tinha acontecido.

Num minuto eles estavam conversando – tudo bem, discutindo, mas de maneira relativamente razoável e civilizada – e no outro ele havia perdido a cabeça, o rosto tomado pela fúria.

E então Phillip fora embora. Saíra de repente, no meio da discussão, deixando-a ali sozinha na estufa, de boca aberta e com o orgulho mais do que ferido.

Ele fora embora. Na verdade, isso era o que mais a incomodava. Como alguém pode sair no meio de uma briga?

Tudo bem que tinha sido ela quem instigara a discussão – ou melhor, o desentendimento –, mas ainda assim não havia acontecido nada que pudesse provocar aquela saída repentina e furiosa dele.

E o pior é que ela não sabia o que fazer.

Durante toda a sua vida, Eloise sempre soubera o que fazer. Nem sempre dava certo, mas pelo menos tinha segurança ao tomar as decisões. Agora, sentada ali junto à bancada de Phillip, sentindo-se completamente confusa e despreparada, percebeu que, ao menos em sua opinião, era muito melhor agir e descobrir que estava errada do que se sentir impotente e desamparada.

E, como se tudo isso não fosse o bastante, não conseguia tirar a voz de sua mãe da cabeça. *Não pressione, Eloise. Não pressione.*

Mas ela não achava que havia pressionado. Por Deus, o que ela havia feito além de procurá-lo preocupada com os filhos dele? Era tão errado querer *falar* em vez de correr para o quarto? Achava que até poderia ser errado se o casal em questão nunca tivesse nenhum momento de intimidade, mas eles tinham… eram íntimos…

Esse desencontro só tinha acontecido naquela manhã!

Ninguém poderia dizer que eles tinham qualquer problema na cama. Ninguém.

Eloise suspirou e deixou os ombros caírem, desanimada. Nunca se sentira tão sozinha na vida. O que era engraçado. Quem diria que ela teria que se casar – unir sua vida à de outra pessoa pela *eternidade* – para se sentir só?

Queria sua mãe.

Não, não queria Violet. Com certeza, não. Sua mãe seria gentil, compreensiva e tudo o que uma mãe deve ser, mas falar com ela só faria com que se sentisse uma criança, não a adulta que deveria ser.

Queria as irmãs. Não Hyacinth, que só tinha 21 anos e não sabia nada sobre os homens. Preferia falar com uma das irmãs casadas. Daphne, por exemplo, que sempre sabia o que dizer, ou Francesca, que nunca falava o que se queria ouvir, mas mesmo assim conseguia sempre arrancar um sorriso da pessoa.

Mas elas estavam muito distantes, em Londres e na Escócia, respectivamente, e Eloise *não ia* fugir. Tinha se colocado naquela situação quando se casara, e de fato suas noites com Phillip eram muito felizes. Só os dias é que eram um pouco estranhos.

Ela não iria bancar a covarde e fugir, mesmo que fosse só por alguns dias.

No entanto, Sophie morava ali perto, a apenas uma hora de distância. E ainda que elas não fossem irmãs de sangue, bem, eram irmãs de coração.

Eloise olhou para fora pela porta. O dia estava muito nublado para saber a posição do sol, mas ela tinha quase certeza de que não havia passado muito do meio-dia. Mesmo com o tempo de viagem, ela poderia passar o resto da tarde com Sophie e estar de volta para o jantar.

Seu orgulho a fazia não querer que ninguém soubesse que estava triste, mas seu coração pedia um ombro para chorar.

O coração venceu.

~

Depois da discussão dos dois, Phillip passou várias horas andando irritado por sua propriedade, arrancando ervas daninhas do chão furiosamente.

A tarefa o manteve bem ocupado, já que não estava em uma área cultivada e isso significava que, se alguém desejasse, praticamente todas as plantas por ali poderiam ser consideradas ervas daninhas.

E ele queria *tanto*… Mais do que queria. Se pudesse, arrancaria cada maldita planta da Terra.

Logo ele, um botânico.

O fato era que Phillip não sentia vontade de plantar nada naquele momento, não queria fazer nada brotar ou florescer. Só queria chutar, arrancar, destruir. Estava nervoso e frustrado, irritado consigo mesmo e com Eloise, pronto para se aborrecer com qualquer um que cruzasse seu caminho.

Mas depois de uma tarde assim, chutando, pisando duro, arrancando flores selvagens e rasgando folhas, sentou-se em uma pedra e apoiou a cabeça nas mãos.

Que droga!

E a ironia maior era que ele… tinha achado que eles eram felizes.

Achara que seu casamento era perfeito, e durante todo aquele tempo… bem, só tinha se passado uma semana, mas, em sua opinião, tinha sido uma semana perfeita. Só que ela estava infeliz.

Ou, se não infeliz, não estava completamente satisfeita.

Ou talvez estivesse um pouco satisfeita, mas com certeza não extasiada de alegria, como ele.

E agora ele teria de *fazer* algo, o que era a última coisa de que gostaria. Teria de conversar com Eloise, fazer perguntas para tentar entender o que havia de errado, sem falar em procurar descobrir como consertar tudo…. Ah, esse era o tipo de coisa que ele nunca fazia bem.

Mas Phillip não tinha muita opção, não é? Tinha se casado com Eloise em parte – bem, na realidade esse era praticamente o único motivo – porque queria que ela assumisse o controle de tudo, que se encarregasse de todas as pequenas tarefas maçantes de sua vida, liberando-o para as coisas que importavam de verdade. O fato de ele começar a gostar dela havia sido um bônus inesperado.

Mas suspeitava que o casamento não contava como uma dessas pequenas tarefas maçantes, e que ele não podia simplesmente deixá-lo por conta de Eloise. E, por mais difícil que uma conversa franca pudesse ser, ele teria de fazer o sacrifício e tentar.

Tinha quase certeza de que só pioraria as coisas, mas pelo menos poderia dizer que havia tentado.

Phillip soltou um gemido, aborrecido. Eloise provavelmente iria lhe perguntar sobre seus *sentimentos*. Será que não havia uma mulher na face da Terra capaz de entender que os homens não conversavam sobre sentimentos? Mas que droga, metade deles nem mesmo tinha algum.

Ou talvez ele pudesse escolher o caminho mais simples e pedir desculpas. Não tinha muita certeza do motivo pelo qual estaria se desculpando, mas isso a acalmaria e a deixaria feliz, e era só o que importava.

Ele não queria que Eloise fosse infeliz. Não queria que ela se arrependesse do casamento nem por um instante. Queria que seu casamento voltasse a ser como ele achava que era – fácil e confortável durante o dia, ardente e fogoso à noite.

Phillip subiu a penosa caminhada de volta a Romney Hall, ensaiando mentalmente o que diria e fechando a cara quando pensava como aquilo tudo soava estúpido.

Mas todo aquele esforço foi irrelevante, porque, ao chegar em casa e encontrar Gunning, o mordomo foi logo falando:

– Ela não está aqui.

– Como assim, não está? – perguntou Phillip.

– Ela saiu, senhor. Foi para a casa do irmão.

Phillip sentiu um embrulho no estômago.

– Que irmão?

– Acho que é o que mora aqui perto.

– Você *acha*?

– Tenho quase certeza – corrigiu-se Gunning.

– Ela disse quando pretendia voltar?

– Não, senhor.

Irritado, Phillip resmungou algo, baixinho. Com certeza, Eloise não o *deixara*. Ela não era do tipo que abandonava um navio afundando, pelo menos não até que soubesse que todos os passageiros tinham saído em segurança antes.

– Ela não levou nenhuma bagagem, senhor – informou Gunning.

Ah, *aquilo* o fez se sentir bem melhor. Seu mordomo achara bom assegurá-lo de que não tinha sido abandonado pela esposa.

– Pode se retirar, Gunning – disse Phillip, entre dentes.

– Está bem, senhor – retrucou o mordomo.

Então curvou a cabeça, como sempre fazia quando pedia licença, e deixou a sala.

Phillip ficou completamente imóvel no corredor por vários minutos, os punhos fechados com raiva. Mas que raios ele deveria fazer agora? Não iria sair correndo atrás de Eloise. Se ela precisava tão desesperadamente ficar longe dele, então, por Deus, que ficasse à vontade.

Começou a caminhar em direção ao escritório, onde podia espumar de ódio sozinho, mas então, quando estava a poucos passos da porta, parou e olhou para o grande relógio de pêndulo no fim do corredor. Passava um pouco das três, que era a hora em que os gêmeos costumavam fazer o lanche da tarde. Antes de se casarem, Eloise o acusara de não se preocupar muito com o bem-estar deles.

Colocou as mãos nos quadris e girou ligeiramente o pé como se não soubesse direito para que lado ir. Ele bem que poderia ir até o quarto dos filhos e surpreendê-los passando alguns minutos com eles. Na verdade, nem tinha muita coisa melhor a fazer enquanto esperava sua mulher errante retornar. E quando Eloise voltasse… bem, ela não teria do que reclamar depois de ele ter se espremido todo em uma daquelas cadeiras minúsculas para tomar leite com biscoitos com os gêmeos.

Virou-se, então, de maneira decidida e subiu para o quarto das crianças, que ficava no último andar da casa, sob o beiral do telhado. Era o mesmo cômodo em que ele tinha crescido, com a mesma mobília e os mesmos brinquedos, e provavelmente a mesma fenda no teto sobre as pequenas camas – uma que parecia um pato.

Phillip franziu a testa, pensativo, quando saiu da escada no corredor do terceiro andar. Devia ver se aquela fenda ainda estava lá e, se estivesse, perguntar aos filhos se achavam que parecia alguma coisa. George, seu irmão, sempre jurara que tinha a forma de um porco, mas Phillip nunca entendera como ele podia confundir o bico com um focinho.

Balançou a cabeça, pensativo, até que de repente…

Ele parou a apenas duas portas do quarto dos filhos. Tinha ouvido alguma coisa e não sabia bem o que era, só que não havia gostado nem um

pouco. Era…

Prestou atenção de novo.

Era um choramingo.

Seu primeiro impulso foi irromper pelo cômodo, mas se segurou quando percebeu que a porta estava entreaberta, então se aproximou em silêncio e espiou pelo vão o mais discretamente possível.

Só precisou de meio segundo para entender o que estava acontecendo lá dentro.

Oliver estava curvado no chão, o corpo trêmulo e soluçante, e Amanda encontrava-se de pé, de frente para uma parede, choramingando enquanto a babá batia nas costas dela com um livro grande e pesado.

Phillip escancarou a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças.

– Mas o que você pensa que está fazendo?! – gritou.

A babá Edwards se virou, surpresa, mas, antes que pudesse abrir a boca para falar, Phillip agarrou o livro e atirou-o contra a parede atrás de si.

– Sir Phillip! – gritou a mulher, em choque.

– Como você se atreve a bater nessas crianças? – indagou ele, a voz vibrando de fúria. – E com um livro!

– As minhas instruções…

– E escolheu um lugar que ninguém veria facilmente. – Phillip sentiu o rosto esquentar. Ele estava agitado, prestes a partir para o ataque. – Em quantas crianças você já bateu, cuidando para deixar as marcas onde ninguém as veja?

– Eles falaram comigo de maneira desrespeitosa – explicou a babá. – Tinham de ser punidos.

Phillip deu um passo à frente, aproximando-se o bastante para fazer a mulher recuar.

– Quero você fora da minha casa.

– O senhor me deu instruções de disciplinar seus filhos como achasse mais adequado – protestou ele.

– E é isso que você acha adequado? – sibilou ele, usando todo o seu autocontrole para manter os braços junto ao corpo.

Sua vontade era agitá-los furiosamente, pegar um livro, partir para cima dela e lhe bater como ela fizera com as crianças.

Mas procurou aguentar firme. Não fazia ideia de como, mas conseguiu se conter.

– Você bateu neles com um livro? – perguntou, ríspido.

Olhou para os filhos. Os dois estavam encolhidos em um canto, provavelmente com tanto medo do pai naquele estado quanto da babá. Sentia-se mal por deixar que o vissem assim, tão perto de perder a cabeça, mas não havia mais nada que pudesse fazer para se controlar.

– Não havia nenhuma vara – explicou a babá, com arrogância.

Ela não deveria ter dito isso. Phillip sentiu o corpo ficar ainda mais quente e tentou lutar contra o ódio que começava a lhe embotar a razão. Já *houvera* uma vara no quarto das crianças um dia. O gancho em que ficava pendurada ainda estava lá, perto da janela.

Phillip a queimara no dia do enterro do pai. Ficara de pé junto ao fogo, vendo a vara virar cinzas. Jogá-la fora não seria suficiente. Era preciso vê-la completamente destruída, para sempre.

Então, agora, ele pensou naquele instrumento de tortura e em todas as centenas de vezes em que fora usado contra ele. Lembrou-se da dor, da indignidade, de todo o esforço que fazia para não chorar.

Seu pai detestava crianças choronas. As lágrimas de Phillip só faziam com que ele apanhasse mais ainda. Com a vara. Ou com o cinto. Ou com o chicote. Ou, quando não havia mais nada disponível, a mão do pai.

Mas nunca com um livro, pensou ele com um estranho distanciamento. Provavelmente seu pai nunca havia pensado nisso.

– Saia – ordenou ele, a voz quase inaudível. E então, quando viu que a babá não se movia, urrou: – Saia! Saia desta casa!

– Sir Phillip – protestou ela, afastando-se dele para ficar fora do alcance de seus braços longos e fortes.

– Saia! Saia! Saia!

Phillip já não sabia de onde vinha toda aquela raiva. De algum lugar bem lá no fundo, nunca domado, apenas mantido sob controle por pura força de vontade.

– Preciso recolher as minhas coisas! – exclamou ela.

– Você tem meia hora – disse Phillip, a voz baixa, mas ainda trêmula em consequência de sua explosão. – Trinta minutos. Se não tiver ido embora até lá, eu mesmo vou colocá-la para fora.

A babá Edwards hesitou junto à porta, começou a andar e depois virou de volta.

– Você está estragando essas crianças – sibilou.

– São meus filhos e eu faço o que bem entender com eles.

– Faça como quiser, então. Eles não passam de uns monstrinhos geniosos, malcomportados…

Será que ela não se preocupava nem um pouco com sua segurança? O controle de Phillip estava por um fio, e ele estava prestes a pegar a mulher pelo braço e atirá-la porta afora.

– Saia já daqui! – rosnou ele, pelo que esperava que fosse a última vez.

Não conseguiria se conter por muito mais tempo. Deu um passo à frente, pontuando as palavras com seu movimento, e finalmente… *finalmente*… ela saiu correndo do quarto.

Por um instante Phillip ficou apenas parado, tentando se tranquilizar, normalizar a respiração e os batimentos cardíacos. Estava de costas para os gêmeos e temia se virar. Estava morrendo por dentro, devastado pela culpa por ter contratado aquela mulher, aquele monstro, para cuidar de seus filhos. E por estar sempre muito ocupado tentando evitá-los para perceber seu sofrimento.

O mesmo sofrimento que ele tivera um dia.

Phillip virou lentamente, com medo do que veria nos olhos deles.

Mas quando levantou a cabeça e os fitou, os dois se atiraram para cima dele com tanta força que quase o derrubaram.

– Ah, papai! – exclamou Amanda, com uma ternura que ele não ouvia há muito tempo.

Fazia anos que era apenas "pai" e esquecera como aquela palavra soava doce.

Oliver também o abraçava, os braços pequenos e finos apertados em volta da cintura de Phillip, o rosto enterrado na camisa do pai para que ele não o visse chorar.

Mas Phillip podia sentir. As lágrimas do filho encharcavam sua camisa, e sua barriga vibrava toda vez que ele fungava.

Então, envolveu os dois num abraço apertado, protetor.

– Shhh – sussurrou. – Está tudo bem. Estou aqui agora. – Eram palavras que nunca pronunciara, palavras que nunca imaginara que diria. Nunca pensara que sua presença pudesse fazer tudo ficar bem. – Me desculpem – desabafou. – Sinto muito mesmo.

Os filhos já tinham lhe dito que não gostavam da babá, mas ele não lhes dera ouvidos.

– Não é culpa sua, papai – disse Amanda.

Era, sim, mas não havia razão para insistir. Não naquele momento, não quando era a hora perfeita para um recomeço.

– Vamos encontrar outra babá para vocês – garantiu ele.

– Alguém como a babá Millsby? – perguntou Oliver, fungando, já que as lágrimas enfim haviam deixado de cair.

Phillip confirmou com a cabeça.

– Exatamente como ela.

Oliver olhou para ele com muita intensidade.

– A Srta… A mamãe pode ajudar?

– É claro – retrucou Phillip, desgrenhando o cabelo dele. – Acredito que ela vá mesmo querer dar sua opinião. Afinal, é uma mulher que tem sempre muito a dizer.

As crianças riram.

Phillip também se permitiu rir.

– Vejo que vocês a conhecem bem.

– Ela gosta mesmo de falar – concordou Oliver, hesitantemente.

– Mas é muito inteligente! – interveio Amanda.

– É mesmo – murmurou Phillip.

– Eu gosto dela – disse o menino.

– Eu também – acrescentou sua irmã.

– Fico feliz em ouvir isso – falou Phillip. – Porque acredito que ela esteja aqui para ficar.

E eu também, acrescentou ele em pensamento. Passara anos evitando os filhos, temendo cometer algum erro ou perder a calma. Acreditara que estava fazendo o que era melhor para eles mantendo os dois a distância, mas se enganara. Redondamente.

– Eu amo vocês – disse ele, a voz rouca de tanta emoção. – Vocês sabem disso, não sabem?

Eles fizeram que sim, os olhos brilhando.

– Sempre vou amar vocês – sussurrou Phillip, agachando-se até ficar da altura dos dois. Então puxou-os para perto, feliz em sentir seu calor. – Sempre vou amar vocês.

CAPÍTULO 17

… apesar de tudo, Daphne, não acho que você deveria ter fugido.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a duquesa de Hastings,
durante a breve separação de Daphne do marido,
poucas semanas após o casamento

O caminho para a casa de Benedict era acidentado, e a viagem tinha sido cheia de solavancos, então, quando Eloise chegou aos degraus da frente da casa do irmão, seu humor havia passado de ruim para péssimo. Para piorar, quando o mordomo abriu a porta, olhou para ela como se fosse louca.

– Graves? – chamou Eloise, quando ficou claro que ele estava sem palavras.

– Eles estão esperando você? – perguntou o homem, ainda de boca aberta.

– Bem, não – retrucou ela, olhando para dentro da casa.

Havia começado a chuviscar, e ela não estava usando uma roupa apropriada para isso.

– Mas dificilmente acho… – começou Eloise.

Graves enfim percebeu que estava no caminho e se afastou, permitindo a entrada dela.

– É que o pequeno Charles… – disse o mordomo, referindo-se ao filho mais velho de Benedict e Sophie, de apenas cinco anos e meio. – Ele está bem doente. E…

Eloise sentiu um gosto ácido horrível lhe subir à garganta.

– O que houve? – perguntou, aflita. – Ele está…

Por Deus, como se pergunta se uma criança pequena está morrendo?

– Vou chamar a Sra. Bridgerton – disse Graves, engolindo convulsivamente.

Então se virou e subiu depressa a escada.

– Espere! – exclamou Eloise, querendo saber mais, mas ele já tinha ido.

Ela desabou na cadeira, sentindo-se mal de tanta preocupação, e, como se não fosse o bastante, aborrecida consigo mesma por ter ficado insatisfeita – ainda que só um pouco – com a própria vida. Seus problemas com Phillip, que na verdade nem chegavam a ser problemas, e sim pequenos contratempos… bem, tudo parecia insignificante perto *daquilo*.

– Eloise!

Era Benedict, e não Sophie, que vinha descendo a escada. Ele parecia cansado, os olhos vermelhos, a pele pálida. Eloise sabia que era melhor não perguntar quanto tempo fazia que ele não dormia. Seria inconveniente. Além do mais, a resposta estava bem ali no rosto do irmão. Era claro que ele não pregava o olho havia dias.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Vim fazer uma visita – explicou ela. – Eu não fazia ideia… O que houve? Como Charles está? Eu o vi na semana passada e ele parecia bem. Ele… O que aconteceu?

Benedict precisou de vários segundos para reunir forças e responder.

– Ele está com febre. Não sei por quê. No sábado ele acordou bem, mas na hora do almoço estava… – Benedict se apoiou na parede e fechou os olhos, em desespero. – Estava queimando de febre – sussurrou. – Não sei o que fazer.

– O que o médico disse? – perguntou Eloise.

– Nada – retrucou Benedict. – Nada de útil, pelo menos.

– Posso vê-lo?

Ele assentiu, os olhos ainda fechados.

– Você precisa descansar – disse ela.

– Não posso.

– Mas deve. Você não tem como ajudar ninguém nesse estado, e aposto que Sophie está assim também.

– Eu falei para ela ir dormir há uma hora – falou Benedict. – Estava péssima.

– Bem, você não está nem um pouco melhor – afirmou Eloise, usando um tom enérgico e prático.

Às vezes as pessoas precisam de alguém que lhes dê uma ordem, que lhes diga o que fazer. Compaixão só faria seu irmão chorar, e nenhum dos dois queria que isso acontecesse.

– Você precisa ir para a cama – ordenou ela. – *Agora*. Eu cuidarei de Charles. Mesmo que você durma apenas uma hora, já irá se sentir bem

melhor.

Ele não respondeu. Havia praticamente dormido em pé.

Então Eloise logo assumiu o controle. Disse a Graves que levasse Benedict até a cama e foi para o quarto em que estava o sobrinho doente, tentando não demonstrar sua surpresa ao vê-lo.

Ele parecia pequeno e frágil naquela cama enorme. Benedict e Sophie tinham levado o filho para o quarto deles, onde havia mais espaço para as pessoas cuidarem de Charles. Eloise notou o rubor em sua pele e, quando ele abriu os olhos, pôde ver que estavam opacos e desfocados. Além disso, quando não estava estranhamente imóvel, o menino se agitava e balbuciava coisas incoerentes sobre pôneis, casas na árvore e balas de marzipã.

Isso fez Eloise pensar no que ela murmuraria, fora de si, se um dia fosse acometida por uma febre daquela gravidade.

Ela enxugou a testa dele, depois o virou e ajudou as empregadas a mudarem os lençóis da cama. Nem notou quando o sol começou a se pôr no horizonte. Só agradeceu a Deus por Charles não ter piorado sob seus cuidados, porque, de acordo com os criados, Benedict e Sophie tinham ficado ao lado dele por dois dias inteiros, e ela não queria ter de acordar nenhum dos dois com más notícias.

Eloise se sentou na cadeira junto à cama, leu para ele histórias de seu livrinho preferido e lhe falou sobre quando seu pai era jovem. Duvidava que ele tivesse ouvido uma palavra, mas tudo aquilo a fez se sentir melhor, porque não podia ficar ali sentada sem fazer nada.

Só lá pelas oito da noite, quando Sophie por fim acordou de seu estupor e perguntou por Phillip, foi que lhe ocorreu que precisava mandar uma mensagem – ele já devia estar preocupado.

Então Eloise rabiscou um bilhete apressado e retomou sua vigília. Phillip iria entender.

~

Às oito da noite, Phillip pensou que das duas, uma: ou sua esposa havia morrido em um acidente de carruagem ou o deixara.

Nenhuma das possibilidades era boa.

Ele não *achava* que Eloise o tinha abandonado. Ela parecia bem feliz com o casamento, apesar da briga daquela tarde. E, além do mais, não tinha

levado nenhum de seus pertences, embora isso não quisesse dizer muita coisa. A maioria das coisas dela ainda estava para chegar de sua casa em Londres. Ela não estaria exatamente deixando muito para trás ali em Romney Hall.

Apenas um marido e dois filhos.

E ele tinha acabado de dizer aos dois, naquela tarde, que acreditava que ela estava ali para ficar…

Não, pensou Phillip, decidido. Eloise não o deixaria. Nunca faria uma coisa dessa. Ela não era nem um pouco covarde, e não iria simplesmente fugir, desistindo do casamento deles. Se estivesse insatisfeita com alguma coisa, ela diria, bem na cara e sem meias palavras.

Mas isso significava, então, que estava morta em alguma vala na estrada para Wiltshire, pensou ele, pegando o casaco enquanto praticamente saía correndo porta afora. Chovia sem parar, e as estradas entre sua casa e a de Benedict não eram bem conservadas, isso para dizer o mínimo.

Droga, ele quase preferiu que ela o tivesse deixado.

Mas, enquanto seguia pela estrada até a casa do cunhado, completamente ensopado e com um humor terrível, Phillip começou a achar mais provável que Eloise tivesse desistido do casamento.

Porque ela não estava caída em nenhuma vala à margem da estrada, não havia qualquer sinal de acidente de carruagem, e ela também não estava entocada em nenhuma das duas pousadas ao longo do caminho.

E como só existia uma estrada para chegar à casa de Benedict, não havia a possibilidade de sua esposa estar em alguma pousada em outro lugar e tudo aquilo não passar de um grande mal-entendido.

– Calma – disse a si mesmo enquanto subia a escada da frente pisando duro. – Calma.

Porque nunca estivera tão perto de perder a cabeça antes.

Talvez houvesse uma explicação lógica. Talvez ela só não quisesse ter feito o caminho de volta na chuva. Não estava chovendo *tanto*, mas já era mais do que um chuvisco, e ele imaginou que Eloise poderia ter preferido não fazer a viagem.

Phillip ergueu a aldrava e então bateu. Com força.

Talvez uma roda da carruagem pudesse ter quebrado.

Bateu de novo.

Não, isso não explicaria. Afinal, Benedict poderia ter mandado Eloise de volta na carruagem dele.

Talvez…

Talvez…

Sua mente procurava em vão por algum outro motivo para ela estar ali com o irmão, e não em casa com o marido. Mas não conseguia pensar em nada.

Praguejou.

Levou a mão à aldrava de novo, dessa vez preparado para arrancar aquela maldita coisa e atirá-la longe, quando a porta enfim se abriu e ele se viu diante de Graves, que conhecera menos de duas semanas antes, durante sua corte a Eloise.

– Minha esposa? – perguntou ele, praticamente rosnando.

– Sir Phillip! – disse o mordomo, num arquejo.

Phillip não se mexeu, embora a chuva escorresse pelo seu rosto. Maldita casa que não tinha um pórtico. Quem é que já tinha ouvido falar de uma coisa dessas, ainda mais na Inglaterra?

– Minha esposa – repetiu ele, irritado.

– Ela está aqui – tranquilizou-o Graves. – Entre.

Phillip entrou.

– Quero ver minha esposa – exigiu de novo. – Agora.

– Deixe-me pegar seu casaco – falou o mordomo.

– Não dou a mínima para o meu casaco – disparou Phillip. – Quero falar com minha esposa.

Graves ficou paralisado, as mãos ainda estendidas para pegar o casaco de Phillip.

– O senhor não recebeu o bilhete de Lady Crane?

– Não, não recebi nenhum bilhete.

– Bem que achei que o senhor chegou rápido demais – murmurou Graves. – Deve ter passado pelo mensageiro no caminho. É melhor entrar.

– Já estou aqui dentro – lembrou Phillip, impaciente.

Graves soltou o ar demoradamente, quase como um suspiro, o que era incomum para um mordomo que havia sido educado para não demonstrar nenhuma emoção.

– Acho que ficará aqui por algum tempo – disse ele com delicadeza. – Tire o casaco. É melhor se secar um pouco e ficar confortável.

A raiva de Phillip de repente se transformou no mais profundo pavor. Será que havia acontecido alguma coisa com Eloise? Deus do céu, se algo…

– O que está havendo? – sussurrou ele.

Tinha acabado de se entender com os filhos. Não estava pronto para perder a mulher.

O mordomo apenas virou em direção à escada com os olhos tristes.

– Venha comigo – falou, em voz baixa.

Phillip o seguiu, sentindo o medo aumentar a cada passo.

~

Sim, Eloise tinha ido à igreja quase todos os domingos de sua vida. Era o esperado e o que as pessoas boas e honestas faziam, mas, na verdade, ela nunca fora do tipo religioso ou temente a Deus. Seus pensamentos vagavam durante os sermões, e ela cantava os hinos não em razão de alguma elevação espiritual, mas porque gostava das músicas, e a igreja era o único lugar aceitável para uma pessoa desafinada como ela erguer a voz e cantar.

Mas ali, naquela noite, enquanto velava o sobrinho, ela rezou.

Charles não havia piorado, mas também não melhorara, e o médico, que o vira pela segunda vez naquele dia, dissera que a saúde dele "estava nas mãos de Deus".

Eloise detestava essa frase, odiava que os médicos recorressem a ela quando uma doença estava além de suas habilidades, mas se ele estivesse certo e a situação se encontrasse mesmo nas mãos de Deus, então ela suplicaria por Sua ajuda.

Bem, pelo menos enquanto não estivesse colocando um pano frio na testa de Charles ou lhe dando na boca colheradas de caldo morno. Mas não havia muito a fazer, e passava a maior parte do tempo ali no quarto sentindo-se impotente, em vigília.

Então agora ela sussurrava, com as mãos no colo:

– Por favor. *Por favor*.

E de repente, como se a oração errada tivesse sido atendida, ela ouviu um barulho na entrada. Embora só tivesse enviado o mensageiro uma hora antes, de alguma forma Phillip já estava ali. Encontrava-se ensopado da chuva, o cabelo grudado de maneira deselegante na testa, mas era a visão mais linda de sua vida, e, antes que pudesse perceber o que estava fazendo, ela cruzou o quarto e se atirou nos braços dele.

– Ah, Phillip – falou, soluçando, finalmente se permitindo chorar.

Tinha sido muito valente o dia todo, obrigando-se a ser a rocha de que seu irmão e sua cunhada precisavam. Mas agora o marido estava ali, e, quando a envolveu com os braços, sua presença era tão sólida e tão tranquilizadora que ela deixou que alguém fosse forte por ela.

– Achei que fosse você – sussurrou Phillip.

– O quê? – perguntou ela, confusa.

– O mordomo… ele não explicou até subirmos a escada. Achei que fosse… – Ele balançou a cabeça em negativa. – Deixe para lá.

Eloise não disse nada, só olhou para ele, com um sorriso triste e discreto nos lábios.

– Como ele está?

– Nada bem – disse ela, balançando a cabeça.

Phillip olhou para Benedict e Sophie, que tinham se levantado para cumprimentá-lo. Os dois também não pareciam "nada bem".

– Há quanto tempo ele está assim? – perguntou Phillip.

– Dois dias – respondeu Benedict.

– Dois dias e meio – corrigiu Sophie. – Desde sábado de manhã.

– Você precisa se secar – disse Eloise, afastando-se dele. – E, agora, eu também. – Ela olhou pesarosamente para o vestido, que estava ensopado em razão da roupa molhada de Phillip. – Ou vai ficar igual a Charles.

– Estou bem – retrucou Phillip, passando por ela enquanto se aproximava da cabeceira do pequeno. Ele tocou a testa de Charles, depois balançou a cabeça e olhou para os pais. – Não consigo sentir. Meu corpo está muito frio por causa da chuva.

– Ele está com febre – falou Benedict com a voz amarga.

– Que providências vocês tomaram? – perguntou Phillip.

– Você entende alguma coisa de medicina? – indagou Sophie, os olhos se enchendo de ansiedade e esperança.

– O médico fez uma sangria – respondeu Benedict. – Não pareceu ajudar.

– Estamos lhe dando caldos mornos e tentando resfriar seu corpo quando fica quente demais – explicou Sophie.

– E aquecê-lo quando está muito frio – completou Eloise, arrasada.

– Nada parece dar certo – sussurrou Sophie.

E então, ela simplesmente desmoronou. Deixou-se desabar com o rosto apoiado na cama e começou a soluçar.

– Sophie – disse Benedict, emocionado.

Então caiu de joelhos ao lado da esposa e abraçou-a enquanto ela chorava.

Phillip e Eloise desviaram o olhar quando perceberam que ele também estava chorando.

– Ele chegou a tomar chá de casca de salgueiro? – perguntou Phillip a Eloise.

– Acho que não. Por quê?

– Aprendi isso em Cambridge. Esse chá costumava ser usado como analgésico, antes de o láudano se tornar tão popular. Um dos meus professores insistia que também ajudava a baixar a febre.

– Você deu esse chá para Marina? – perguntou Eloise.

Phillip olhou para ela, surpreso, depois lembrou que ela ainda achava que Marina tinha morrido de pneumonia, o que era quase toda a verdade.

– Eu tentei, mas não consegui fazer com que ela bebesse muito – respondeu Phillip. – E, além disso, ela estava muito mais doente do que Charles. – Ele engoliu em seco, lembrando. – Em vários sentidos.

Eloise olhou para o rosto dele com atenção, depois se virou rapidamente para Benedict e Sophie, que estavam em silêncio, unidos em seu sofrimento.

Mas Eloise, sendo Eloise, não se preocupava muito em respeitar momentos íntimos em situações como aquela, então agarrou o ombro do irmão e o virou.

– Vocês têm casca de salgueiro? – perguntou.

Benedict só olhou para ela, piscando sem entender bem, e finalmente respondeu:

– Não sei.

– A Sra. Crabtree deve ter – atalhou Sophie. Os Crabtrees eram um velho casal que cuidava da casa de Benedict quando ela não passava de um lugar onde ele se hospedava de vez em quando, antes de se casar. – Ela sempre tem coisas assim. Mas ela e o marido foram visitar a filha e só voltarão daqui a alguns dias.

– Você tem as chaves da casa deles? – indagou Phillip. – Podemos ver se ela tem. Então faremos o chá, que pode ajudar a baixar a febre.

– Casca de salgueiro? – retrucou Sophie, não muito confiante. – Você pretende curar meu filho com a casca de uma *árvore*?

– Com certeza não fará mal a esta altura – disse Benedict, em tom áspero, caminhando a passos largos até a porta. – Venha comigo, Crane. Temos a chave da cabana deles. Eu mesmo o levarei até lá. – Mas, quando

chegou junto à porta, ele virou para Phillip e perguntou: – Você sabe se isso vai dar certo?

Phillip respondeu da única maneira que podia:

– Não tenho certeza. Mas espero que sim.

Benedict observou-o atentamente, e Phillip sabia que o irmão de Eloise o estava avaliando. Uma coisa era Benedict permitir que ele se casasse com sua irmã. Outra bem diferente era deixá-lo enfiar poções estranhas pela goela do filho.

Mas Phillip entendia. Também era pai.

– Muito bem – disse Benedict. – Vamos lá.

E, enquanto Phillip saía depressa da casa, só rezava poder honrar a confiança que Benedict Bridgerton estava depositando nele.

~

No fim das contas, foi difícil dizer se o que deu resultado foi a casca de salgueiro, as orações sussurradas de Eloise ou pura e simples sorte, mas, na manhã seguinte, a febre de Charles tinha cedido, e, embora o menino ainda parecesse fraco e apático, sem dúvida estava se recuperando. Por volta de meio-dia, Eloise e Phillip perceberam que já não eram mais necessários e que, na verdade, estavam até atrapalhando um pouco. Então pegaram sua carruagem e seguiram para casa, ansiosos para desabar na cama e, dessa vez, não fazerem nada além de dormir.

Durante os primeiros dez minutos da viagem, os dois permaneceram em silêncio. Surpreendentemente, Eloise estava cansada demais para falar. Mas, mesmo exausta, também se sentia agitada demais, tensa demais em razão do estresse e da preocupação da noite anterior, para dormir. Então se contentou em ficar olhando a paisagem pela janela. Havia parado de chover mais ou menos na hora em que a febre de Charles cedera, o que sugeria uma intervenção divina que poderia indicar as orações de Eloise como salvadoras do menino. Mas quando ela deu uma olhada furtiva em Phillip, sentado a seu lado na carruagem, de olhos fechados (embora Eloise tivesse quase certeza de que ele não estava dormindo), de alguma forma soube que o milagre tinha operado por meio da casca de salgueiro.

Eloise não podia explicar como tinha tanta certeza, e estava ciente de que nunca teria como provar, mas a vida de seu sobrinho tinha sido salva

por uma xícara de chá.

Então pensou em como era improvável que Phillip tivesse ido parar na casa de seu irmão naquela noite. Fora uma sequência de acontecimentos bastante singular. Se ela não tivesse ido ver os gêmeos, se não tivesse ido contar a Phillip que não gostava da babá, se eles não tivessem brigado…

Visto dessa forma, o pequeno Charles Bridgerton era o menino mais sortudo da Inglaterra.

– Obrigada – disse ela, sem perceber que estava falando até as palavras saírem de seus lábios.

– Pelo quê? – murmurou Phillip, sonolento, sem abrir os olhos.

– Charles – retrucou ela, simplesmente.

Phillip abriu os olhos e virou-se para ela.

– Nunca saberemos se foi a casca de salgueiro.

– Eu sei – disse ela, convicta.

Ele abriu um sorriso.

– Você sempre sabe.

E então ela pensou… Era por aquilo que vinha esperando a vida inteira? Não a paixão, não a respiração ofegante de prazer quando ele se juntava a ela na cama, mas *aquilo*.

Aquela sensação de conforto, bem-estar, companheirismo, de se sentar ao lado de alguém em uma carruagem e saber com cada fibra de seu ser que aquele era o seu lugar.

Eloise colocou a mão na dele.

– Foi tão terrível… – falou, surpresa ao perceber que seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Acho que nunca tive tanto medo na vida. Não consigo imaginar como foi para Benedict e Sophie.

– Nem eu – concordou Phillip, baixinho.

– Se tivesse sido um de nossos filhos… – disse ela, e percebeu então que era a primeira vez que falava assim.

Nossos filhos.

Phillip ficou em silêncio por um longo tempo. Quando falou, foi olhando pela janela.

– Durante todo o tempo que fiquei ali com Charles, só conseguia pensar que graças a Deus não eram Oliver e Amanda – confessou ele, a voz rouca. Depois virou de volta para ela, o rosto atormentado pela culpa. – Mas não deveria acontecer com o filho de ninguém.

Eloise apertou a mão dele.

– Não vejo nada de errado com o que sentiu. Você não é um santo. É apenas um pai. E um pai muito bom, na minha opinião.

Phillip olhou para ela com uma expressão estranha, e depois balançou a cabeça.

– Não, não sou. Mas espero me tornar um.

Ela inclinou a cabeça para o lado com um ar de indagação.

– Você estava certa – continuou ele. – Sobre a babá. Eu não queria que houvesse nada errado, então não dei atenção ao assunto, mas você estava certa. Ela estava batendo neles.

– *O quê?*

– Com um livro. Eu entrei e ela estava batendo em Amanda com um livro. E já tinha batido em Oliver antes.

– Ah, não… – disse Eloise, enquanto lágrimas de aflição e raiva enchiam seus olhos. – Nunca imaginei. Eu não gostava dela, e sabia que havia batido nos dedos deles com uma régua, mas… já bateram nos *meus* dedos desse jeito. Todo mundo já passou por isso. – Eloise se deixou afundar no banco, a culpa pesando em seus ombros. – Eu devia ter percebido. Devia ter visto.

Phillip bufou.

– Você só está lá em casa há umas duas semanas. Eu convivi com aquela mulher monstruosa durante meses. Se eu não percebi, por que você deveria ter visto?

Eloise não tinha o que responder, pelo menos nada que não fosse fazer seu marido já sentindo tanta culpa ficar ainda pior.

– Imagino que você tenha mandado a babá embora – conseguiu dizer ela, depois de algum tempo.

Phillip confirmou.

– Falei com as crianças que você me ajudaria a encontrar uma substituta.

– É claro – concordou ela rapidamente.

– E eu… – Ele parou, pigarreou e olhou pela janela antes de continuar. – Eu…

– O quê? – perguntou Eloise com delicadeza.

Ele não a encarou quando disse:

– Eu vou procurar melhorar como pai. Mantive os dois afastados por muito tempo. Tinha tanto medo de me tornar o meu pai, de ser como ele, que…

– Phillip, você não é como o seu pai – afirmou Eloise, colocando a mão sobre a dele. – Nunca poderia ser.

– Não, mas achei que isso pudesse acontecer. Peguei um chicote uma vez. Fui até o estábulo e peguei um chicote. – Ele apoiou a cabeça nas mãos e continuou: – Eu estava tão irritado… Furioso, na verdade.

– Mas você não o usou – sussurrou ela, sabendo que o que dizia era verdade. Tinha de ser.

– Mas quis usar.

– Mas não usou – repetiu Eloise, a voz o mais firme possível.

– Eu estava tão irritado… – repetiu Phillip, e ela não sabia nem se ele a ouvira, de tão perdido que estava em suas lembranças. Mas então ele virou para ela e olhou fundo em seus olhos. – Você sabe o que é ficar apavorado com sua própria raiva?

Ela balançou a cabeça.

– Não sou um homem pequeno, Eloise – disse ele. – Eu poderia machucar alguém.

– Eu também – retrucou ela. E então, ao notar o olhar incrédulo dele, acrescentou: – Bem, talvez não você, mas com certeza sou grande o bastante para machucar uma criança.

– Você nunca faria isso – grunhiu ele, virando-se para o outro lado.

– Nem *você* – reafirmou ela.

Phillip ficou em silêncio.

E então, de repente, Eloise entendeu.

– Phillip, você disse que estava irritado, mas… com *quem* você estava irritado? – perguntou ela delicadamente.

Ele a fitou, sem entender.

– Eles colaram o cabelo da professora nos lençóis, Eloise.

– Eu sei – disse ela, acenando com a mão num gesto de quem não dava muito importância àquilo. – Sem dúvida eu teria sentido vontade de estrangular os dois se estivesse no seu lugar. Mas não foi isso que eu perguntei. – Ela esperou alguma reação dele, mas, quando viu que continuou impassível, acrescentou: – Você estava irritado com eles por causa da cola ou consigo mesmo por não conseguir fazê-los obedecer e se comportar?

Phillip não disse nada, mas os dois sabiam a resposta.

Eloise estendeu o braço e tocou a mão dele.

– Você não é nada parecido com seu pai, Phillip. Nada.

– Agora eu sei disso – retrucou ele em voz baixa. – Você não faz ideia da vontade que tive de destroçar aquela maldita babá.

– Posso imaginar – disse Eloise, bufando enquanto se ajeitava no banco.

Phillip sentiu os lábios se repuxarem. Não sabia por que, mas havia algo quase engraçado no tom de sua mulher, algo até mesmo reconfortante. De alguma forma eles tinham encontrado humor naquela situação. E a sensação era boa.

– Era o que ela merecia – acrescentou Eloise, dando de ombros. Então ela o encarou. – Mas você não tocou nela, certo?

Phillip balançou a cabeça em negativa.

– Não. E, se consegui manter a calma com ela, tenho certeza que nunca vou perder o controle com meus filhos.

– É claro que não – disse Eloise, como se aquilo nunca tivesse sido uma questão.

Deu um tapinha de leve na mão dele e depois olhou pela janela, claramente despreocupada.

Eloise tinha tanta fé nele, percebeu Phillip. Tanta fé em sua bondade, na natureza de sua alma, e ele vivera tão devastado pela dúvida por todos aqueles anos…

Então ele sentiu que devia ser honesto, que devia se abrir, e, antes que percebesse, disparou:

– Achei que você tinha me deixado.

– Ontem à noite? – Ela olhou para ele, espantada. – Mas por que você pensaria isso?

Ele deu de ombros.

– Ah, não sei. Talvez porque você tenha ido para a casa do seu irmão e ficado por lá.

Ela bufou, contrariada.

– Agora já está claro por que eu não pude voltar. Além disso, eu nunca o abandonaria. Você devia saber disso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Devia?

– É claro – retrucou Eloise, irritada. – Fiz meus votos naquela igreja, e posso lhe garantir que levo essas coisas muito a sério. Além disso, assumi um compromisso com Oliver e Amanda de que seria mãe deles, e nunca daria as costas para isso.

Phillip olhou para ela atentamente, depois murmurou:

– Sim, eu sei. Fui um tolo por não pensar nisso antes.

Ela se recostou e cruzou os braços.

– Bem, devia ter pensado mesmo. Você sabe que não sou assim. – E então, como ele não disse nada, acrescentou: – Aquelas pobres crianças já perderam a mãe uma vez. Eu nunca iria embora e faria os dois passarem por tudo aquilo de novo. Não posso acreditar que você pensou isso de mim.

Phillip começava a achar o mesmo. Ele só conhecia Eloise havia… Deus do céu, era mesmo possível que só tivessem se passado duas semanas? Em vários aspectos, parecia uma vida inteira. Porque ele sentia mesmo que a conhecia, por dentro e por fora. Ela sempre teria alguns segredos, é claro, como todo mundo, e ele estava quase certo de que nunca a *entenderia*, uma vez que acreditava que nunca entenderia mulher alguma.

Mas Phillip a conhecia. Não tinha dúvidas de que a conhecia. E devia saber que não precisava ter medo de que ela o abandonasse.

Ele provavelmente tinha sido tomado pelo pânico. E isso porque era melhor pensar que ela o havia deixado do que imaginá-la morta em uma vala à beira da estrada. No primeiro caso, Phillip ao menos poderia entrar furioso na casa do irmão dela e arrastá-la de volta.

Mas se ela estivesse morta…

Ele não estava preparado para a dor que sentiu só de pensar nisso.

Quando Eloise passara a ser tão importante para ele? E o que ele iria fazer para mantê-la feliz?

Porque Phillip precisava que ela fosse feliz. Não só porque, desse jeito, como vinha dizendo a si mesmo, sua vida continuaria a correr tranquilamente. Ele precisava vê-la feliz porque só de pensar o contrário sentia uma punhalada no coração.

O que, de fato, era uma grande ironia. Ele afirmara para si mesmo, várias vezes, que se casaria com ela para ter uma mãe para seus filhos, mas agora, quando Eloise dissera que nunca o deixaria, que o compromisso que assumira com os gêmeos era muito forte…

Ele sentira ciúme.

Sentira mesmo ciúme dos próprios filhos. Queria que ela tivesse usado a palavra *esposa*, mas tudo o que ouvira tinha sido mãe.

Phillip a queria para ele. Só para ele. Não apenas por causa dos votos que Eloise fizera em uma igreja, mas por ela ter certeza de que não viveria sem ele. Talvez até porque ela o amasse.

Porque ela o amasse.

Deus do céu, quando isso tinha acontecido? Quando ele passara a querer tanto do matrimônio? Ele se casara com ela apenas para dar uma mãe para

seus filhos. Os dois sabiam disso.

E então descobrira a paixão. Ora, ele era homem, afinal, e não se deitava com uma mulher havia oito anos. Como poderia não se inebriar com a pele de Eloise junto à sua, com o som dos gemidos dela quando explodia em volta dele?

Com a força de seu próprio prazer toda vez que a penetrava?

Phillip encontrara tudo com o que sempre sonhara em um casamento. Eloise administrava sua vida com perfeição durante o dia e esquentava sua cama com a habilidade de uma cortesã à noite. Ela preenchia tudo o que ele sempre desejara de forma tão maravilhosa que Phillip não percebera que Eloise fizera algo mais.

Ela tocara e mudara seu coração. Ela *o* mudara.

Ele a amava. Não tinha procurado o amor, nem se preocupara com isso, mas ali estava ele, e era a coisa mais preciosa que Phillip podia imaginar.

Ele vivia a aurora de um novo dia, a primeira página de um novo capítulo da vida. Era emocionante. E assustador. Porque Phillip não queria fracassar. Não agora, não quando finalmente descobrira tudo de que precisava. Eloise. Seus filhos. Ele mesmo.

Havia anos que não se sentia em paz, que não confiava em seus instintos. Havia anos que não ficava de frente para um espelho sem evitar seu olhar.

A carruagem começou a desacelerar e Phillip observou, pela janela, que haviam chegado a Romney Hall. Tudo parecia cinza – o céu, a fachada da casa, as janelas, que refletiam as nuvens. Até a grama parecia um pouco menos verde sem o sol para avivar sua cor.

E tudo isso combinava perfeitamente com seu estado de espírito contemplativo.

Um criado apareceu para ajudar Eloise a descer e, quando Phillip saltou do seu lado, ela se virou para ele e disse:

– Estou exausta, e parece que você também. Vamos dormir um pouco?

Ele já ia concordar, porque realmente estava muito cansado, mas quando as palavras estavam prestes a sair de seus lábios, Phillip balançou a cabeça e disse:

– Pode ir na frente.

Eloise abriu a boca para falar algo, mas ele a silenciou apertando de leve seu ombro.

– Eu subirei logo, mas agora quero abraçar meus filhos.

CAPÍTULO 18

… eu não lhe digo isso sempre, minha querida mãe, mas sou muito grata por ser sua filha. É raro um pai ou uma mãe que ofereça ao filho tanta liberdade e compreensão. E mais raro ainda que trate a filha como amiga. Eu a amo muito, mamãe querida.

– de Eloise Bridgerton para sua mãe,
quando recusou o sexto pedido de casamento

Quando Eloise acordou de seu cochilo, ficou surpresa ao ver que os lençóis a seu lado da cama estavam limpos e arrumados. Phillip estava tão cansado quanto ela, provavelmente até mais, uma vez que fizera toda a viagem até a casa de Benedict na noite anterior, e em meio ao vento e à chuva, ainda por cima.

Depois de se arrumar, ela começou a procurá-lo, mas não o achou em lugar algum. Disse a si mesma para não se preocupar, que eles tinham passado por alguns dias difíceis e que ele só devia estar precisando ficar um pouco sozinho, para pensar.

Só porque ela geralmente não gostava de ficar só não significava que todos tinham de pensar do mesmo jeito.

Sorriu, pensativa. Essa era uma lição que vinha tentando aprender a vida inteira, ainda que sem sucesso.

Então se forçou a parar de procurar por ele. Estava casada agora, e de repente compreendeu o que sua mãe tanto tentara lhe fazer entender em sua noite de núpcias. Num casamento, é preciso ceder, abrir mão, e ela e Phillip eram pessoas muito diferentes. Eles podiam ser perfeitos um para o outro, mas isso não queria dizer que fossem iguais. E se ela queria que ele mudasse um pouco por ela, bem, então teria de fazer o mesmo por ele.

Ela não o viu pelo resto do dia, nem quando tomou chá à tarde, nem quando foi dar boa-noite aos gêmeos, nem durante o jantar, que foi obrigada a comer sozinha, sentindo-se muito pequena e solitária sentada àquela

enorme mesa de mogno. Jantou em silêncio, ciente dos olhares atentos dos dois criados, que sorriam compreensivamente para ela enquanto traziam a comida.

Eloise retribuía os sorrisos, porque acreditava que devia ser educada sempre, mas por dentro ela suspirava resignada. Era bem triste perceber que os criados (*homens*, Deus do céu, que normalmente nem notavam a aflição dos outros) estavam sentindo pena de você.

Mas, por outro lado, ali estava ela, casada havia apenas uma semana, jantando sozinha. Quem não teria pena?

Além disso, até onde os criados sabiam, Sir Phillip tinha saído de casa furioso para buscar a mulher, que provavelmente fugira para a casa do irmão depois de uma briga terrível.

Visto dessa forma, pensou Eloise, não era de surpreender que Phillip tivesse pensado que ela o deixara.

Ela comeu pouco, sem querer prolongar a refeição mais do que o necessário, e, quando terminou as duas colheradas obrigatórias de sobremesa, levantou-se, decidida a ir direto para a cama, onde achava que passaria a noite da mesma forma que tinha passado o dia inteiro – sozinha.

Mas, quando chegou ao corredor, percebeu que estava se sentindo inquieta e que ainda não estava pronta para se recolher. Então começou a andar sem destino pela casa. Era uma noite bem fria, e ela ficou feliz por estar com um xale. Eloise já se hospedara em diversas casas de campo, e em todas elas as lareiras ficavam acesas à noite, deixando o lugar todo quente e iluminado, mas Romney Hall, apesar de muito confortável, não era nada requintada, então a maioria dos cômodos ficava fechada à noite e as lareiras só eram acesas quando necessário.

E, droga, estava *frio* ali.

Eloise puxou o xale para proteger melhor os ombros enquanto caminhava, achando agradável ter apenas a luz fraca do luar para guiá-la. Mas, ao se aproximar da galeria de retratos, viu a luz inconfundível de um lampião.

Havia alguém ali, e ela sabia que era Phillip mesmo antes de dar mais um passo.

Eloise se aproximou em silêncio, feliz por estar usando seus chinelos de solado macio, e espiou pela abertura da porta.

O que ela viu quase partiu seu coração.

Phillip estava ali de pé, completamente imóvel, em frente ao retrato de Marina. O único movimento que fazia era piscar de vez em quando. Sua expressão era tão triste e desoladora que Eloise quase ficou sem ar.

Será que ele havia mentido quando lhe dissera que não amara a falecida esposa? Quando garantira que não a desejava?

E isso importava? Marina estava morta, então não chegava a ser uma rival de fato. E, mesmo que fosse, que diferença fazia? Porque ele também não amava Eloise, e ela não…

Ou talvez, como percebeu em um daqueles lampejos de consciência que nos deixam sem ar, ela o amasse.

Era difícil saber quando isso havia acontecido, ou como, mas a afeição e o respeito que nutria por ele haviam se tornado algo maior e mais profundo.

E, nossa, como ela queria que ele sentisse o mesmo.

Phillip precisava dela. Disso, tinha certeza. Ele precisava dela talvez até mais do que ela dele, mas não era essa a questão. Ela adorava se sentir necessária, indispensável, até, mas seus sentimentos eram maiores do que isso.

Eloise adorava o sorriso dele, meio torto, meio infantil, com um toque de surpresa, como se não pudesse acreditar na própria felicidade.

Adorava a maneira como ele a olhava, como se ela fosse a mulher mais bonita do mundo, ainda que soubesse muito bem que não era.

Adorava a maneira como ele ouvia o que tinha a dizer, e como não se deixava intimidar por ela. Adorava até o modo como Phillip dizia que ela falava demais, porque ele quase sempre fazia isso com um sorriso e, é claro, porque era verdade.

E adorava a maneira como ele ainda a ouvia com atenção, mesmo depois de ter dito que ela falava demais.

Ela adorava ver como ele amava os filhos.

Adorava sua honra, sua honestidade e seu senso de humor travesso.

E adorava a maneira como ela se encaixava em sua vida, e ele na dela.

Era confortável. Parecia o certo.

Eloise, então, finalmente percebeu que aquele era o seu lugar.

Mas ele estava ali parado, olhando para o retrato da esposa morta, e pelo modo como se encontrava tão quieto… bem, só Deus sabia quanto tempo fazia que ele estava ali. E se Phillip ainda a amava…

Eloise reprimiu uma onda de culpa. Quem era ela para sentir algo além de tristeza pela história de Marina? Sua prima tinha morrido tão jovem, de

forma tão inesperada… E ela perdera o que Eloise considerava ser o direito divino de toda mãe: ver os filhos crescerem.

Sentir ciúme de uma mulher como aquela era irracional.

E ainda assim…

Ainda assim Eloise podia não ser uma pessoa tão boa quanto deveria, porque não conseguia observar aquela cena sem que a inveja apertasse seu coração. Havia acabado de se dar conta de que amava aquele homem, e que o amaria até o fim de seus dias. *Ela* precisava dele, não uma mulher morta.

Não, pensou ela ardentemente. Phillip não amava Marina. Talvez nunca tivesse amado. Ainda na noite anterior ele lhe dissera que não se deitava com uma mulher havia oito anos.

Oito anos?

Aquelas palavras por fim penetraram em sua mente.

Deus do céu…

Ela passara os últimos dois dias em um turbilhão de emoções tão intenso que ainda não tinha parado para pensar no que ele dissera.

Oito anos.

Não era o que ela teria esperado. Não de um homem como Phillip, que claramente gostava – não, *precisava* – dos aspectos físicos do amor conjugal.

Marina havia falecido quinze meses antes. Se Phillip tinha ficado sem se deitar com uma mulher por oito anos, isso significava que os dois não dormiam juntos desde que os gêmeos tinham sido concebidos.

Não…

Eloise fez alguns cálculos mentais. Na verdade, desde um pouco depois do nascimento dos gêmeos.

É claro que Phillip podia estar confundindo um pouco as datas, ou talvez exagerando, mas alguma coisa fazia Eloise acreditar que não. Ela achava que ele sabia exatamente quando Marina e ele tinham dormido juntos pela última vez, e suspeitava, sobretudo agora que identificara quando isso havia acontecido, que tinha sido uma ocasião terrível.

Mas ele não traíra Marina. Permanecera fiel a uma mulher de cuja cama havia sido banido. Eloise não estava surpresa, dado o seu senso inato de honra e dignidade, mas achava que não o consideraria menos se ele tivesse procurado consolo em outro lugar.

E o fato de que ele não tinha feito isso…

Só a levou a amá-lo ainda mais.

Mas se esse tempo que vivera com Marina tinha sido tão difícil e perturbador, por que ele fora até a galeria naquela noite? Por que estava encarando o retrato dela, como se não conseguisse sair do lugar? Olhando para ela como se lhe suplicasse alguma coisa?

Implorando algo de uma mulher morta.

Eloise não podia mais suportar aquilo. Deu um passo à frente e pigarreou.

Phillip a surpreendeu ao se virar imediatamente. Ela achava que ele estava tão perdido em seu próprio mundo que não a ouviria. Ele não disse nada, nem mesmo o nome dela, mas então…

Estendeu-lhe a mão.

Eloise se aproximou e pegou a mão dele, sem saber bem o que fazer, sem saber nem mesmo – por mais estranho que pudesse parecer – o que dizer. Então ficou só ali parada ao lado dele, olhando para o retrato de Marina.

– Você a amava? – indagou ela, mesmo já tendo lhe perguntado isso antes.

– Não – disse Phillip, e Eloise percebeu que, bem no fundo, ainda devia estar preocupada, porque a onda de alívio que sentiu com a resposta dele foi surpreendentemente forte.

– Sente falta dela?

Dessa vez ele retrucou com a voz mais baixa, mas ainda segura:

– Não.

– Você a odiava? – sussurrou ela.

Ele balançou a cabeça, e parecia muito triste quando disse:

– Não.

Eloise não sabia mais o que perguntar, nem o que *devia* perguntar, então ficou em silêncio, esperando que Phillip falasse alguma coisa.

Após um bom tempo, ele disse:

– Ela era triste. Estava sempre triste.

Ela o fitou, mas ele não retribuiu o olhar. Continuava focado no retrato de Marina, como se precisasse encará-la enquanto falava dela. Como se lhe devesse isso.

– Ela sempre foi melancólica, sempre serena demais, se é que isso faz algum sentido, mas piorou depois que os gêmeos nasceram – continuou ele. – Não sei o que houve. A parteira disse que era normal as mulheres ficarem mais sensibilizadas após darem à luz e que eu não devia me preocupar, porque passaria em algumas semanas.

– Mas não passou – disse Eloise.

Phillip fez que não com a cabeça, então afastou bruscamente uma mecha de cabelo escuro que lhe caiu na testa.

– Só piorou. Não sei bem explicar. Era quase como se… – Ele deu de ombros, desamparado, enquanto procurava as palavras, e, quando continuou, foi em um sussurro: – Era quase como se ela tivesse sumido… Quase nunca saía da cama… Eu nunca a via sorrir… Ela chorava muito. Muito mesmo.

As frases saíam de sua boca lentamente, à medida que ele extraía cada informação de suas lembranças. Eloise não disse nada. Não parecia certo interrompê-lo ou tentar tirar suas conclusões sobre um assunto do qual nada sabia.

E então, por fim, ele se virou para ela e olhou bem dentro de seus olhos.

– Tentei de tudo para fazê-la feliz. Tudo o que estava ao meu alcance. Tudo o que eu sabia. Mas não foi suficiente.

Eloise abriu a boca, começou a emitir um som, o início de um murmúrio com o qual pretendia garantir que Phillip fizera o melhor possível, mas ele a interrompeu.

– Você entende, Eloise? – perguntou, a voz ficando mais alta, mais urgente. – Não foi suficiente.

– Você não teve culpa – disse ela gentilmente, porque mesmo que não tivesse tido contato com Marina depois de adulta, conhecia Phillip e sabia que devia ser verdade.

– Com o tempo, acabei desisitindo – prosseguiu ele, a voz apática. – Então eu parei de tentar ajudá-la. Estava tão cansado de insistir… Depois disso, tudo o que tentei fazer foi proteger as crianças, mantê-las afastadas quando a mãe delas passava por dias mais difíceis. Porque os dois a amavam tanto… – Phillip fitou Eloise com olhos suplicantes, talvez por compreensão, talvez por alguma outra coisa que ela não entendeu. – Ela era mãe deles.

– Eu sei – disse Eloise.

– Ela era mãe deles e não… ela não podia…

– Mas *você* estava lá – interrompeu Eloise fervorosamente. – Você estava lá.

Phillip deu uma risada amarga.

– É, e isso fez muito bem a eles… Já é horrível ter um pai ou uma mãe ruim, mas os dois? Eu nunca desejaria isso aos meus filhos, e ainda assim… aqui estamos nós.

– Você não é um pai ruim – afirmou Eloise, incapaz de disfarçar o tom de repreensão em sua voz.

Ele apenas deu de ombros e virou de volta para o retrato, claramente sem conseguir acreditar nas palavras dela.

– Você sabe como isso dói? – sussurrou ele. – Tem alguma ideia?

Ela balançou a cabeça, embora ele estivesse virado para o outro lado e não pudesse ver.

– Você tentar, se matar de tentar e nunca conseguir? Mas que droga… – Ele riu, um som curto e amargo, cheio de desprezo por si mesmo. – Mas que droga, eu nem gostava dela e doía tanto…

– Você não gostava dela? – perguntou Eloise, a surpresa mudando o tom da sua voz.

Phillip repuxou os lábios de maneira irônica.

– É possível gostar de alguém que você nem conhece? – Ele olhou de volta para ela. – Eu não a conhecia, Eloise. Fui casado com ela por oito anos e nunca a conheci.

– Talvez ela não tenha deixado você conhecê-la.

– Talvez eu devesse ter tentado mais.

– Talvez não houvesse mais nada que você pudesse fazer – argumentou Eloise, dotando a voz de toda a certeza e convicção que pôde. – Algumas pessoas nascem depressivas, Phillip. Não sei por quê, e duvido que alguém saiba, mas elas simplesmente são assim.

Phillip olhou para Eloise com uma expressão cínica, claramente discordando de sua opinião. Então ela insistiu:

– Não esqueça que eu também a conheci. Quando éramos crianças, muito antes de você saber que ela existia.

Depois disso o semblante dele mudou, e ele olhou para Eloise com tanta intensidade que ela quase se encolheu.

– Eu nunca a vi dar uma gargalhada – continuou ela, com delicadeza. – Nem mesmo uma vez. Venho tentando me lembrar melhor de Marina desde que conheci você, procurando entender por que as minhas recordações sempre parecem tão estranhas, e acho que é isso. Ela nunca gargalhava. Quem já ouviu falar de uma criança que não dá gargalhadas?

Phillip ficou em silêncio por alguns instantes, depois disse:

– Acho que também nunca ouvi Marina dar nenhuma gargalhada. Às vezes ela sorria, normalmente quando as crianças iam vê-la, mas nunca ria alto.

Eloise fez que sim.

– Eu não sou a Marina, Phillip.

– Eu sei – retrucou ele. – Pode acreditar que eu sei. Foi por isso que a pedi em casamento, você sabe disso.

Não foi bem o que Eloise queria ouvir, mas ela procurou conter a decepção e deixou que ele continuasse.

As rugas na testa de Phillip tinham se salientado, e ele as esfregava com força. Parecia tão sobrecarregado, tão cansado de suas responsabilidades…

– Eu só queria alguém que não fosse triste – disse ele. – Alguém que fosse estar presente na vida das crianças, alguém que não fosse…

Ele parou de falar e virou de costas.

– Alguém que não fosse o quê? – perguntou Eloise com urgência, sentindo que aquilo era importante.

Durante um bom tempo, ela achou que Phillip não fosse responder, mas então, quando havia praticamente desistido, ele disse:

– Ela morreu de pneumonia. Você sabe disso, não é?

– Sei.

– Foi isso que dissemos a todos – falou Phillip.

Eloise de repente teve uma sensação horrível, porque sabia, sabia *mesmo* o que ele iria dizer.

– Bem, não foi mentira – continuou ele amargamente, surpreendendo-a com essa declaração.

Eloise estava certa de que ele diria que haviam mentido o tempo todo.

– Falamos a verdade – reafirmou Phillip. – Mas não toda a verdade. Ela morreu mesmo de pneumonia, mas nunca contamos a ninguém por que ela ficou doente.

– O lago – sussurrou Eloise, as palavras saindo sem que ela sentisse.

Ela nem havia percebido que estava pensando naquilo até dizer.

Phillip confirmou, arrasado.

– Não foi um acidente.

Eloise levou a mão à boca. Não era de espantar que Phillip tivesse ficado tão chateado por ela ter ido com seus filhos até o lago. Ela se sentiu péssima. É claro que não sabia, não tinha como saber, mas ainda assim…

– Eu cheguei bem na hora – prosseguiu ele. – Quer dizer, bem a tempo de salvá-la do afogamento. Não a tempo de evitar que morresse de pneumonia três dias depois. – Ele reprimiu uma risada amarga. – Nem mesmo meu famoso chá de casca de salgueiro conseguiu ajudá-la.

– Sinto muito – sussurrou Eloise, e estava sendo sincera, ainda que a morte de Marina tivesse, de tantas maneiras, tornado sua felicidade possível.

– Você não entende – falou Phillip, sem olhar para ela. – Não tem como entender.

– Nunca conheci ninguém que tivesse tirado a própria vida – comentou ela com cautela, sem saber direito se essas eram as palavras que deveria pronunciar numa situação como aquela.

– Não foi o que eu quis dizer – replicou ele bruscamente. – Você não sabe como é se sentir aprisionado em uma armadilha, sem esperanças. Tentar tanto e nunca, *nunca*… – Ele se virou para ela, e seus olhos faiscavam – conseguir nem uma brecha. Eu tentei. Tentei todos os dias. Fiz isso por mim, por Marina e, acima de tudo, por Oliver e Amanda. Fiz tudo o que sabia, tudo o que todos me diziam para fazer, e nada, nada mesmo deu certo. Eu tentava e ela chorava, então tentava de novo, e de novo, e de novo, e tudo o que ela fazia era se afundar ainda mais naquela cama e puxar as cobertas até a cabeça. Ela vivia na escuridão, com as cortinas fechadas, e escolheu o único maldito dia ensolarado para se matar.

Eloise arregalou os olhos.

– Um dia ensolarado – repetiu Phillip. – Tivemos um mês horrível de dias nublados, e quando o sol finalmente apareceu, Marina tinha de se matar. – Ele riu, mas o som foi ressentido e breve. – Depois de tudo o que ela fez, ainda tinha que acabar com a alegria que os dias ensolarados me traziam.

– Phillip – disse Eloise, colocando a mão no braço dele.

Mas ele evitou o toque dela.

– E, como se isso não bastasse, ela nem conseguiu se matar direito. Bem, na verdade não, acredito que isso tenha sido culpa minha. Ela teria morrido logo se eu não tivesse aparecido para forçá-la a torturar todos nós por mais três dias, que eu passei me perguntando se ela sobreviveria. – Ele cruzou os braços e bufou de desgosto. – Mas é claro que ela morreu. Nem sei por que tivemos esperança. Ela nem sequer lutou, não usou um pingo de energia para resistir à doença. Só ficou lá deitada, deixando que a pneumonia a levasse. Achei até que ela fosse morrer sorrindo, feliz por ter conseguido a única coisa que queria.

– Ah, meu Deus… – sussurou Eloise, sentindo-se mal com a imagem. – E ela sorriu?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Não teve energia nem para isso. Morreu com a mesma expressão que sempre teve. Vazia.

– Sinto muito – disse Eloise, mesmo sabendo que suas palavras nunca seriam suficientes. – Ninguém deveria passar por algo assim.

Ele olhou para Eloise por um bom tempo, seus olhos buscando alguma coisa nos dela, uma resposta que ela não sabia se tinha. Então ele se virou de repente, caminhou até a janela, observou a noite escura lá fora e disse, com a voz baixa de resignação e tristeza:

– Tentei tanto, e, ainda assim, todo dia eu desejava ter me casado com outra pessoa. – A cabeça dele pendeu para a frente, até a testa encostar no vidro. – Qualquer outra pessoa.

Phillip ficou em silêncio por um longo tempo. Tempo demais, na opinião de Eloise, então ela se aproximou e murmurou o nome dele, só para ver qual seria sua reação. Só para saber se ele estava bem.

– Ontem você falou que nós tínhamos um problema – disse Phillip abruptamente.

– Não – interrompeu ela, o mais rápido que pôde. – Eu não quis dizer…

– Você falou que tínhamos um problema – repetiu ele, a voz tão enérgica que ela achou que ele nem a ouviria se ela tentasse interrompê-lo mais uma vez. – Mas até você viver o que eu vivi, até se ver presa a um casamento sem esperança, a uma pessoa que não lhe dá nenhum alento, até ir para a cama sozinha por anos desejando nada além do toque de outro ser humano…

Ele se virou, caminhou até ela, os olhos brilhando com um fogo que a mortificava.

– Até você passar por tudo isso, *nunca* reclame do que temos – continuou Phillip. – Porque para mim… para mim… – Ele se engasgou com as palavras, mas prosseguiu rapidamente: – Isto… nós… é o paraíso. E não vou suportar ouvi-la dizer o contrário.

– Ah, Phillip… – disse Eloise, e então fez a única coisa que podia. Aproximou-se, passou os braços em volta dele e abraçou-o com força. – Me desculpe – murmurou, as lágrimas ensopando a blusa dele. – Sinto muito mesmo.

– Não quero fracassar de novo – desabafou ele, enterrando o rosto na curva do pescoço dela. – Eu não posso… não poderia…

– E não vai – prometeu ela. – *Nós* não vamos.

– Você tem de ser feliz – falou ele, soando como se as palavras saíssem rasgando sua garganta. – Tem de ser. Por favor, diga…

– Eu *sou* feliz – garantiu ela. – Eu sou. Juro a você.

Phillip se afastou um pouco e tomou o rosto dela nas mãos, forçando-a a encará-lo. Ele parecia procurar algo desesperadamente na expressão dela: uma confirmação ou talvez absolvição ou quem sabe uma simples promessa.

– Eu *sou* feliz – sussurrou Eloise, cobrindo as mãos dele com as suas. – Mais do que um dia sonhei ser possível. E tenho orgulho de ser sua esposa.

O rosto dele pareceu se contrair e o lábio inferior começou a tremer. Eloise ficou sem ar. Nunca tinha visto um homem chorar antes, a não ser seus irmãos, nunca nem chegara a pensar que era possível, mas então uma lágrima rolou lentamente pela bochecha de Phillip e parou no canto de sua boca. Ela estendeu a mão e secou-a.

– Eu amo você – disse ele, com a voz embargada. – Não me importa se você não sentir o mesmo. Amo você e… e…

– Ah, Phillip – sussurrou ela, estendendo de novo a mão para tocar as lágrimas em seu rosto. – Eu amo você também.

Ele moveu os lábios como se tentando formar palavras, mas então desistiu de falar e envolveu-a em um abraço, que a impressionou por toda sua força e intensidade. Phillip enterrou o rosto no pescoço de Eloise, sussurrou o nome dela repetidas vezes e então começou a beijar a pele dela até chegar à boca.

Eloise não soube dizer quanto tempo eles ficaram ali, beijando-se como se o mundo fosse acabar naquela noite. Então ele a tomou nos braços e a carregou para fora da galeria e pelas escadas. Antes que ela se desse conta, já estava em sua cama, e ele, em cima dela.

Depois disso os lábios dele não se afastaram mais dos seus.

– Preciso de você – disse Phillip com a voz rouca enquanto tirava o vestido dela com dedos trêmulos. – Preciso de você como preciso do ar que eu respiro. Como preciso de comida, de água.

Eloise tentou dizer que precisava dele também, mas não conseguiu, porque Phillip fechou a boca em torno de seu mamilo e começou a sugá-lo, fazendo com que uma onda de calor se espalhasse por todo o seu corpo, tornando-a refém, e Eloise não conseguiu fazer mais nada além de agarrar aquele homem, seu marido, e se entregar a ele por inteiro.

Phillip se levantou apenas por tempo suficiente para tirar a roupa e se juntou de novo a ela, dessa vez deitando-se ao seu lado. Puxou-a para junto dele até ficarem colados, acariciou o cabelo dela com delicadeza com uma das mãos enquanto a outra repousava em suas costas.

– Eu amo você – sussurrou ele. – O que mais quero na vida é agarrá-la e… – Ele engoliu em seco. – Você não faz ideia de como a desejo agora.

Eloise sorriu abertamente.

– Acho que tenho alguma ideia.

Isso o fez sorrir também.

– Meu corpo todo está ardendo de desejo. Nunca senti nada assim antes, mas… – Ele se curvou para mais perto de Eloise e roçou os lábios nos dela. – Eu tinha que parar. Tinha de lhe dizer.

Ela não conseguia falar; mal podia respirar. Sentiu as lágrimas chegarem, ardendo em seus olhos até se derramarem e correrem pelas mãos dele.

– Não chore – sussurrou Phillip.

– Não consigo evitar – disse Eloise, a voz trêmula. – Eu amo tanto você… Nunca pensei que… Sempre tive esperanças, mas acho que nunca pensei…

– Eu também nunca pensei – interrompeu ele, e os dois sabiam do que estavam falando…

Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo.

– Tenho tanta sorte… – falou Phillip, deslizando as mãos pelas costelas dela, depois pela barriga, contornado o corpo até as nádegas. – Acho que esperei você a vida inteira.

– Eu tenho certeza que estava esperando você – retrucou Eloise.

Então ele apertou o traseiro dela, puxando-a para mais perto de seu corpo, que ardia de paixão.

– Sei que não conseguirei ir devagar – disse Phillip, nervoso. – Usei toda a minha força de vontade para me controlar até agora.

– Não vá devagar – falou Eloise, deitando de costas e puxando Phillip para cima dela. Abriu as pernas até que ele se acomodasse ali no meio, com o membro pousando bem na abertura de sua feminilidade, depois mergulhou as mãos no cabelo dele e puxou-lhe a cabeça até suas bocas ficarem bem próximas. – Não quero que você vá devagar.

E então, em um único movimento fluido, tão rápido que a deixou sem ar, ele estava todo dentro dela, arremetendo com tanta força que arrancou um "Ah" surpreso de seus lábios.

Phillip abriu um sorriso travesso.

– Você disse que queria que fosse rápido.

Em resposta, ela enroscou as pernas em volta dele, prendendo-o. Arqueou os quadris, puxando-o ainda mais para dentro, e retribuiu o

sorriso.

– Você não está fazendo nada – disse.

E então ele fez.

Todas as palavras se perderam em meio à movimentação deles. Não estavam sendo graciosos, e não se moviam em harmonia, como se fossem um. Seus corpos não estavam em sintonia, e os sons que emitiam não eram melodiosos, nem bonitos.

Eles apenas se moviam, com paixão, fogo e total abandono, em busca um do outro, em busca do clímax. A espera não foi longa. Eloise tentou fazer durar mais, tentou resistir, mas não havia como. A cada estocada, Phillip despertava um calor dentro dela que não podia ser negado. E então, finalmente, quando não podia mais conter o que sentia, Eloise soltou um grito e arqueou o corpo embaixo dele, levantando os dois da cama com a força de seu prazer. Seu corpo tremia e ela arfava em busca de ar quando agarrou com força as costas de Phillip, deixando marcas de unha em sua pele.

E então, antes mesmo que ela pudesse entender o que estava acontecendo, Phillip urrou e arremeteu com força várias vezes, explodindo dentro dela, até desabar, prendendo-a no colchão com todo o seu peso.

Mas ela não se importava. Adorava senti-lo em cima dela, amava o peso dele, o cheiro e o sabor de seu suor.

Ela *o* amava.

Era simples assim.

Ela o amava, ele a amava e nada mais no mundo importava. Não ali, não naquela hora.

– Eu amo você – sussurrou Phillip, quando enfim saiu de cima de Eloise e permitiu que os pulmões dela se enchessem de ar.

Eu amo você.

Ela não precisava de mais nada.

CAPÍTULO 19

… meus dias são cheios de diversão. Faço compras, vou a almoços e faço visitas (e também as recebo). À noite, em geral frequento bailes, saraus ou pequenas reuniões. Às vezes fico em casa sozinha, lendo um livro. Tenho realmente uma vida plena e animada, não posso reclamar. E sempre me pergunto: o que mais uma dama pode querer?

– de Eloise Bridgerton para Sir Phillip Crane, seis meses após terem iniciado sua incomum correspondência

Pelo restante de seus dias, Eloise se lembraria da semana seguinte como uma das mais mágicas de sua vida. Não houve nenhum acontecimento extraordinário, nenhum dia de clima surpreendentemente bom, nenhum aniversário, nenhum presente extravagante nem visitas inesperadas.

Mas ainda assim, por mais que tudo parecesse bem comum…

Tudo havia mudado.

Não tinha sido o tipo de coisa que atinge alguém como um raio, ou até mesmo, pensou Eloise com um sorriso torto, como uma porta que se bate ou um dó de peito em uma ópera. Tinha sido uma mudança lenta, do tipo que chega sem ser notado e termina antes mesmo que alguém se dê conta de que teve início.

Tudo começou alguns dias depois que ela encontrou Phillip na galeria. Quando Eloise acordou, ele estava sentado aos pés da cama, completamente vestido, olhando para ela com um sorriso indulgente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Eloise, com o lençol embolado embaixo dos braços enquanto procurava se sentar depressa.

– Estou observando você.

Ela entreabriu os lábios, surpresa, e não pôde deixar de sorrir.

– Não deve ser algo muito interessante de se ver.

– Pelo contrário. Eu não conseguiria pensar em nenhuma outra coisa que pudesse prender a minha atenção por tanto tempo.

Eloise corou, murmurando algo sobre ele estar sendo tolo, mas, na verdade, aquelas palavras fizeram com que quisesse puxá-lo de volta para a cama. Tinha a sensação de que Phillip não iria resistir – ele nunca resistia –, mas procurou controlar seu desejo, afinal de contas ele devia ter se vestido por algum motivo.

– Trouxe um bolinho para você – disse ele, estendendo-lhe um prato.

Eloise agradeceu e pegou o prato. Enquanto ela mastigava (e pensava que teria sido bom se ele tivesse trazido algo para beber também), Phillip disse:

– Acho que poderíamos fazer um passeio hoje.

– Nós dois?

– Na verdade, pensei que pudéssemos ir nós quatro.

Eloise congelou, os dentes cravados no bolinho, e olhou para ele. Aquela era a primeira vez que ele sugeria algo assim. A primeira vez, pelo menos que ela soubesse, que ele propunha um programa com os filhos, em vez de deixá-los de lado, esperando que outra pessoa cuidasse deles.

– Acho que é uma ótima ideia – disse ela carinhosamente.

– Que bom – falou Phillip, levantando-se. – Vou deixá-la à vontade para cuidar de sua rotina matinal. Enquanto isso, vou avisar àquela pobre criada que você coagiu a assumir o papel de babá que iremos sair com eles hoje.

– Tenho certeza que ela ficará aliviada – retrucou Eloise.

Mary não queria exatamente assumir o cargo de babá, mesmo que fosse só algo temporário. Nenhuma das criadas queria. Todas conheciam muito bem os gêmeos. E a pobre Mary, com seus cabelos compridos, se lembrava muito bem de ter de queimar os lençóis depois que não conseguiram tirar deles o cabelo colado da última professora.

Mas não havia nenhuma opção, e Eloise fizera as crianças prometerem que tratariam Mary como se fosse, digamos, a própria rainha, e até o momento elas estavam honrando sua palavra. Eloise estava torcendo para que Mary acabasse cedendo e concordasse em assumir a função permanentemente. Afinal, o salário era melhor do que o das criadas que faziam a limpeza.

Eloise olhou para a porta e ficou surpresa ao ver Phillip parado, franzindo a testa.

– O que houve? – perguntou ela.

Ele piscou, depois a fitou pensativo, as sobrancelhas ainda franzidas.

– Não sei bem o que fazer.

– É só girar a maçaneta para o lado – provocou Eloise.

Ele só olhou para ela por um momento e logo disse:

– Não há nenhuma feira ou outro evento na cidade. O que podemos fazer com eles?

– Qualquer coisa – falou Eloise, sorrindo para ele com todo o amor que tinha em seu coração. – Ou nada. Na verdade, não importa. Tudo o que eles querem é você, Phillip. Eles só querem você.

~

Duas horas depois, Phillip e Oliver estavam parados em frente à Larkin's, uma loja de artigos finos na vila de Tetbury, esperando impacientemente Eloise e Amanda terminarem suas compras.

– Nós tínhamos de vir *fazer compras*? – gemeu Oliver, como se tivessem pedido que ele usasse maria-chiquinhas e um vestido.

Phillip deu de ombros.

– Era o que a sua mãe queria fazer.

– Na próxima vez, os homens escolhem – resmungou o menino. – Se eu soubesse que ter uma mãe daria *nisso*…

Phillip teve de se conter para não dar uma gargalhada.

– Os homens devem fazer sacrifícios pelas mulheres que amam – disse ele, em tom sério, batendo de leve no ombro do filho. – Receio que seja assim que o mundo funciona.

Oliver soltou um suspiro resignado, como se tivesse de fazer sacrifícios assim diariamente.

Phillip olhou pela vitrine. Eloise e Amanda não pareciam nem perto de acabar.

– Mas, no que diz respeito à questão das compras e a quem irá decidir nossa próxima atividade em família, eu concordo com você.

Bem nessa hora, Eloise colocou a cabeça para fora da loja e disse:

– Oliver? Você gostaria de entrar?

– Não – retrucou o garoto, balançando a cabeça enfaticamente.

Eloise franziu os lábios.

– Deixe-me colocar de outra forma: Oliver, eu gostaria que você entrasse.

O menino olhou para o pai com ar suplicante.

– Acho melhor você obedecer – disse Phillip.

– Tantos sacrifícios… – resmungou Oliver, balançando a cabeça, enquanto subia os degraus de má vontade.

Phillip tossiu para disfarçar uma risada.

– Você vem também? – perguntou o garoto.

É claro que não, quase disse Phillip, mas conseguiu se controlar a tempo de mudar para:

– Preciso ficar aqui fora para cuidar da carruagem.

Oliver estreitou os olhos.

– Por que a carruagem precisa ser vigiada?

– Hã… por causa do peso nas rodas – murmurou Phillip. – Todos esses pacotes, você sabe…

Ele não conseguiu ouvir o que Eloise falou baixinho, mas o tom não era nada cortês.

– Ande logo, Oliver – disse ele, dando um tapinha nas costas do filho. – Sua mãe precisa de você.

– E de você também – atalhou Eloise de forma doce, só para torturá-lo, ele tinha certeza. – Você precisa de camisas novas.

Phillip gemeu.

– Não podemos pedir que o alfaiate vá até a nossa casa?

– Você não quer escolher o tecido?

Ele balançou a cabeça e disse de maneira solene:

– Confio totalmente em você.

– Acho que ele precisa cuidar da carruagem – comentou Oliver, ainda parado na soleira da porta.

– Ele vai ter é que *se* cuidar, se não… – murmurou Eloise.

– Ah, está bem – concordou Phillip. – Eu vou entrar. Mas só por um instante. – Ele se viu, então, no lado feminino da loja, um lugar cheio de fru-frus e babados, e estremeceu. – Mais do que isso e posso até morrer de claustrofobia.

– Um homem grande e forte como você? – retrucou Eloise com a voz gentil. – Que bobagem…

Então olhou para o marido e fez um sinal com o queixo para que ele se aproximasse.

– Sim? – disse ele, tentando entender o que ela queria.

– Amanda – sussurrou Eloise, indicando com a cabeça uma porta nos fundos da loja. – Quando ela sair, faça-lhe muitos elogios.

Ele deu uma olhada na loja, inseguro e desconfiado. Sentia-se tão deslocado quanto se estivesse na China.

– Não sou muito bom em fazer grandes elogios.

– Aprenda – ordenou ela, depois voltou a atenção para Oliver e disse: – Agora é a sua vez, rapazinho. Sra. Larkin…

O menino gemeu como um moribundo.

– Quero que o Sr. Larkin me atenda – protestou ele. – Como o papai.

– Você quer ver o alfaiate? – perguntou Eloise.

Oliver confirmou energicamente.

– Sério? – insistiu Eloise.

Ele assentiu de novo, embora já sem tanta convicção.

Eloise, então, prosseguiu com uma entonação tão teatral que poderia estar no palco das maiores produções:

– Isso embora você tenha jurado, há menos de uma hora, que nem cavalos selvagens poderiam arrastá-lo para dentro de uma loja a menos que houvesse armas ou soldados de brinquedo na vitrine?

Oliver não sabia o que dizer, mas fez que sim. Quase imperceptivelmente.

– Você é boa – sussurrou Phillip no ouvido dela enquanto via o filho se arrastar pelo portal que separava a parte masculina da parte feminina da loja.

– É tudo uma questão de mostrar a eles como a alternativa pode ser pior – disse Eloise. – Deixar que o Sr. Larkin ajuste as roupas para ele pode ser tedioso, mas ser atendido pela *Sra. Larkin*… ah, isso seria terrível.

Um gemido indignado rasgou o ar e Oliver voltou correndo… direto para Eloise, o que deixou Phillip um pouco desolado e o fez perceber que gostaria que os filhos corressem para ele.

– Ele me espetou com um alfinete! – exclamou o menino.

– Você estava se mexendo? – perguntou Eloise, sem pestanejar.

– Não!

– Nem um pouquinho?

– Só um pouquinho de nada.

– Então – retrucou Eloise. – Da próxima vez, não se mexa. Posso lhe garantir que o Sr. Larkin é muito bom no que faz. Se você ficar quieto, ele não o espetará. É simples assim.

Oliver pensou sobre isso por um instante, depois se virou para Phillip com olhos suplicantes. Era muito bom ser visto como um aliado, mas Phillip

não iria contestar o que Eloise dissera e, assim, questionar sua autoridade. Sobretudo porque concordava plenamente com ela.

Mas então Oliver o surpreendeu. Ele não implorou para que o livrassem das garras do Sr. Larkin nem disse nada horrível sobre Eloise, o que Phillip tinha certeza que ele teria feito algumas semanas antes com relação a qualquer adulto que contrariasse seus desejos.

O menino só olhou para ele e pediu:

– Você pode vir comigo, pai? Por favor.

Phillip abriu a boca para responder, mas então, inexplicavelmente, teve de parar. Seus olhos começaram a arder, cheios de lágrimas não derramadas, e ele percebeu que estava tomado pela emoção.

Não era apenas aquele momento, o fato de o filho querer sua companhia para um rito de passagem masculino. Oliver já tinha implorado para estar junto dele antes.

O fato era que aquela era a primeira vez que Phillip se sentia realmente preparado para dizer sim, confiante de que, se fosse, faria e diria a coisa certa.

E de que, mesmo que errasse, não haveria problema. Ele não era seu pai, nunca seria… nunca *poderia* ser como ele. Não devia bancar o covarde e continuar empurrando os filhos para outras pessoas, tudo porque tinha medo de cometer erros.

Ele *cometeria* erros. Era inevitável. Mas nenhum erro grave, e, com Eloise ao seu lado, estava certo de que poderia fazer qualquer coisa.

Até mesmo conseguir lidar bem com os gêmeos.

Em seguida colocou a mão no ombro de Oliver e disse:

– Eu ficaria muito feliz em acompanhá-lo, filho. – Então pigarreou, porque a última palavra havia saído meio rouca, curvou-se e sussurrou: – A última coisa que queremos é uma mulher lá no lado masculino.

Oliver assentiu vigorosamente com a cabeça.

Phillip se empertigou, preparando-se para seguir o filho. Então ouviu Eloise pigarrear atrás dele. Virou-se e viu que ela indicava os fundos da loja com um gesto de cabeça.

Amanda.

Ela parecia uma moça em seu vestido lilás novo, um vislumbre da mulher que seria um dia.

Pela segunda vez em poucos minutos, os olhos de Phillip começaram a lacrimejar.

Era aquilo que vinha perdendo. Em meio aos seus medos e inseguranças, ele vinha perdendo tudo aquilo.

Os filhos estavam crescendo sem ele.

Phillip bateu de leve no ombro de Oliver para dizer que voltaria em um instante, então atravessou a sala em direção à filha. Sem dizer uma palavra, ele beijou a mão dela.

– Você, Srta. Amanda Crane, é a garota mais bonita que eu já vi – disse ele, a emoção latente nos olhos, na voz, no sorriso.

A menina arregalou os olhos e formou um pequeno *O* com os lábios, de pura alegria.

– Mas e a Srta… a mamãe? – sussurrou ela.

Phillip olhou para a esposa, que também parecia prestes a chorar, depois virou de volta para Amanda e curvou-se para falar baixinho em seu ouvido:

– Vamos combinar uma coisa. Você pode achar sua mãe a mulher mais bonita do mundo. Mas eu acho que é você.

Mais tarde naquela noite, enquanto saía do quarto dos filhos depois de tê-los colocado na cama e beijado os dois na testa, ouviu a menina dizer baixinho:

– Pai?

Ele voltou.

– Amanda?

– Hoje foi o melhor dia da minha vida, pai.

– O melhor – concordou Oliver.

Phillip assentiu.

– Da minha também – disse ele, carinhosamente. – Para mim também.

~

Tudo começou com um bilhete.

Mais tarde naquela noite, quando terminou o jantar e seu prato foi retirado, Eloise notou que havia um papel embaixo dele, dobrado duas vezes.

Seu marido tinha pedido licença para sair, dizendo que precisava encontrar um livro com um poema sobre o qual conversavam enquanto comiam a sobremesa. Então, sem ninguém para observá-la, nem mesmo o

empregado que estava ocupado levando os pratos para a cozinha, Eloise abriu o papel.

Eu nunca fui bom com as palavras,

Assim começava o bilhete, escrito na caligrafia inconfundível de Phillip. E então, com uma letra menor, no cantinho:

Vá até o seu escritório.

Curiosa, ela se levantou e saiu da sala de jantar. Um minuto depois, entrou no escritório.

Lá, em cima de sua escrivaninha, havia outro pedaço de papel.

Mas tudo começou com uma carta, não é mesmo?

Em seguida, havia instruções para que ela seguisse até a sala de estar. Eloise obedeceu, tendo de usar toda a sua força de vontade para evitar que seus passos apressados se transformassem em uma corrida desabalada.

Um pequeno pedaço de papel, também dobrado duas vezes, estava sobre uma almofada vermelha bem no meio do sofá.

E, já que começou com palavras, então deve continuar assim.

Dessa vez ela devia se dirigir ao saguão de entrada.

Mas não existem palavras suficientes para lhe agradecer por tudo o que me deu, então usarei as únicas em que consigo pensar e lhe direi da única maneira que conheço.

E, no canto inferior do bilhete, Phillip dizia que ela fosse até o quarto.

Eloise subiu a escada lentamente, o coração batendo rápido de tanta expectativa. Aquele era seu destino final, tinha certeza. Phillip estaria esperando por ela, então pegaria sua mão e a conduziria ao futuro que os dois viveriam juntos.

Tudo havia começado mesmo com uma carta, percebeu ela. Algo tão inocente, tão inofensivo, e tinha se transformado naquilo, um amor tão rico e tão completo que ela mal podia conter.

Eloise chegou ao andar de cima e, sem fazer barulho, caminhou até o quarto. A porta estava ligeiramente aberta, e, com a mão trêmula, ela a empurrou…

E ficou sem ar.

Pois ali, na cama, havia flores. Centenas e centenas de flores, algumas claramente fora de época, tiradas da seleção especial que Phillip mantinha na estufa. E Eloise encontrou ali mais três palavras, escritas com flores vermelhas, contra o fundo de pétalas brancas e rosa:

EU AMO VOCÊ.

– Palavras não são o bastante – disse Phillip suavemente, saindo das sombras atrás dela.

Eloise virou-se na direção dele, mal percebendo as lágrimas que corriam pelo seu rosto.

– Quando você fez isso?

Phillip sorriu.

– Acho que você não vai se importar se eu tiver os meus segredos.

– Eu… eu…

Ele pegou a mão dela e puxou-a para perto.

– Está sem palavras? – murmurou Phillip. – Você? Devo ser melhor nisso do que eu pensei.

– Eu amo você – disse ela, a voz embargada de emoção. – Muito.

Phillip a envolveu nos braços e, quando Eloise apoiou o rosto em seu peito, ele pousou o queixo delicadamente na cabeça dela.

– Antes de dormir os gêmeos me falaram que este foi o melhor dia da vida deles – disse ele, baixinho. – E eu percebi que estavam certos.

Eloise fez que sim, ainda sem palavras.

– Mas depois pensei melhor e concluí que estavam errados.

Ela ergueu os olhos para ele, sem entender.

– Eu não poderia escolher um dia só. Qualquer dia com você é perfeito, Eloise. Qualquer um.

Então ele segurou o queixo da esposa e levou os lábios ao encontro dos dela.

– Qualquer semana, qualquer mês, qualquer hora – murmurou.

Então a beijou, suavemente mas com todo o amor de sua alma, e sussurrou:

– Qualquer momento, desde que eu esteja com você.

Epílogo

Tenho tanta coisa para lhe ensinar, minha pequena. Espero poder fazer isso servindo-lhe de exemplo, mas sinto necessidade de escrever algumas coisas também. Essa é uma peculiaridade minha, que eu espero que você descubra e considere divertida quando ler esta carta.

Seja forte.

Seja cuidadosa.

Seja conscienciosa. Nunca se ganha nada quando se escolhe o caminho fácil. (A não ser, é claro, que o caminho já seja fácil para início de conversa. Isso às vezes acontece. Se for o caso, não invente um caminho novo e mais difícil. Só os mártires saem por aí procurando problemas.)

Ame os seus irmãos. Você já tem dois e, se Deus quiser, terá outros um dia. Ame-os muito, porque eles são sangue do seu sangue, e, quando se sentir insegura ou os tempos forem difíceis, serão eles que ficarão ao seu lado.

Ria. Ria alto, e sempre. E, quando as circunstâncias pedirem silêncio, transforme sua gargalhada em um sorriso.

Não se acomode. Saiba o que quer e corra atrás. Se não souber o que quer, seja paciente. As respostas chegarão no tempo devido, e pode ser que você venha a descobrir que o que o seu coração deseja estava bem debaixo do seu nariz o tempo todo.

E lembre-se, lembre-se sempre de que você tem uma mãe e um pai que se amam e que amam você.

Sinto que você está ficando inquieta. Seu pai está fazendo sons estranhos e, com certeza, vai perder a calma se eu não sair logo do escritório e for para a cama.

Seja bem-vinda ao mundo, minha pequena. Estamos todos muito felizes com a sua chegada.

– de Eloise, Lady Crane, para sua filha Penelope,
quando ela nasceu

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

O conde enfeitiçado

CAPÍTULO 1

Março de 1820
Londres, Inglaterra

~

… Eu não diria que está sendo divertidíssimo, mas tampouco tem sido desagradável. Afinal, há mulheres e, onde há mulheres, eu tendo a me alegrar.

– de Michael Stirling para o primo, John, conde de Kilmartin, postada da 52ª Unidade de Infantaria durante as Guerras Napoleônicas

Na vida de qualquer pessoa há um momento de decisão em que, num instante extraordinário, claro e nítido, somos golpeados no peito e deixados sem fôlego, conscientes de que, sem a menor sombra de dúvida, nossa vida jamais será a mesma.

Para Michael Stirling, esse momento veio ao pôr os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida inteira correndo atrás de mulheres, sorrindo maliciosamente enquanto elas o perseguiam e permitindo ser apanhado apenas para virar a mesa e se tornar o conquistador, acariciando-as, roubando-lhes beijos e fazendo amor com elas sem jamais permitir que o

coração se envolvesse, ele conheceu Francesca Bridgerton e se apaixonou tão rápida e profundamente que ficou surpreso de conseguir permanecer de pé.

Para sua tristeza, no entanto, o sobrenome de Francesca só haveria de continuar a ser Bridgerton por outras meras 36 horas, já que a ocasião do encontro foi o jantar de comemoração pelo iminente casamento com seu primo.

A vida era mesmo irônica, Michael gostava de pensar quando se sentia educado e polido. Seu ânimo desde que se apaixonara pela esposa do primo de primeiro grau, porém, não andava dos mais polidos. Assim, lançava mão de um adjetivo inteiramente diferente de "irônica" ao debater consigo mesmo.

Ora, mas ele disfarçava bem. Não seria de bom-tom mostrar-se amuado. Dessa forma, alguma alma irritantemente perceptiva poderia notar e, Deus o livre, *perguntar* como vinha passando. E muito embora Michael Stirling tivesse um orgulho deveras saudável de sua capacidade de dissimular e disfarçar (ele havia, afinal, seduzido mais mulheres do que qualquer um se daria ao trabalho de contar e, de alguma forma, o fizera sem jamais ser desafiado para um duelo)… bem, a lamentável verdade era que jamais se apaixonara, e se havia uma ocasião em que um homem talvez perdesse a capacidade de manter uma fachada sob questionamento direto devia ser essa.

Assim, ele ria, mostrava-se muito alegre e continuava a seduzir as mulheres, tentando não notar que tendia a fechar os olhos quando as tinha na cama. Ele também parou de frequentar a igreja, pois não lhe pareceu haver motivo para contemplar uma prece em louvor de sua alma. Além do mais, a igreja da paróquia próxima a Kilmartin, datada de 1432, com pedras prestes a tombar, certamente não aguentaria ser atingida em cheio por um raio.

E se Deus algum dia desejou castigar um pecador, não podia fazer escolha melhor do que Michael Stirling.

Michael Stirling, pecador.

Podia vê-lo escrito num cartão de visitas. Ele até mesmo o teria mandado fazer se não estivesse convencido de que isso mataria sua mãe. Ele podia ser um devasso e seu humor era negro, sem dúvida, mas não via necessidade de torturar a mulher que o dera à luz.

Engraçado como nunca encarara todas aquelas mulheres como pecado. E continuava a não fazê-lo. Todas tinham agido de acordo com a própria

vontade; não se podia seduzir uma mulher que não desejasse ser seduzida, pelo menos não se se levasse a sedução ao pé da letra, tomando todo o cuidado para não confundi-la com estupro. Era necessário que elas, de fato, desejassem aquilo. Se Michael sentisse qualquer indicação de desconforto, dava meia-volta e partia. Suas paixões nunca fugiam tanto ao controle que ele não pudesse lançar mão de uma fuga rápida e decisiva.

Além do mais, jamais seduzira uma virgem ou dormira com uma mulher casada. Não, sejamos francos. É preciso ser coerente até mesmo ao se viver uma mentira… Dormira, sim, com mulheres casadas. Muitas delas, aliás, mas apenas aquelas cujos maridos eram seres profundamente desagradáveis e, ainda assim, não sem antes já terem produzido dois varões; três, se um dos meninos parecesse ser um pouco adoentado.

Um homem precisava ter regras de conduta, não?

Mas isto… isto passava do limite. Era completamente inaceitável. Era a única transgressão (e ele cometera muitas) que enfim enegreceria a sua alma ou que, pelo menos – e isso supondo que ele se mantivesse forte o bastante para jamais agir controlado pelos seus desejos – a transformaria num tom razoavelmente escuro de carvão. Porque isto… isto…

Estava cobiçando a mulher do primo.

Cobiçando a mulher de John.

John.

John – maldito seja – era mais seu irmão do que qualquer um de seus irmãos de sangue. John, cuja família o acolheu quando o pai morrera. John, cujo pai o criara e lhe ensinara a ser homem. John, com quem…

Ora, mas que diabos! Será que realmente precisava fazer aquilo consigo mesmo? Poderia passar uma semana inteira catalogando os motivos pelos quais iria direto para o inferno por ter escolhido se apaixonar pela esposa de John. E nada disso jamais mudaria um único fato.

Não podia tê-la.

Jamais poderia ter Francesca Bridgerton Stirling.

Mas posso ter outra dose de uma boa bebida, pensou ele com uma risada escarninha, deixando-se despencar sobre o sofá, apoiando o tornozelo sobre o joelho e observando os dois do outro lado da sala de estar da casa deles, rindo, sorrindo e se olhando com um carinho de dar enjoo.

– Por que não? – disse, virando a bebida com um único gole.

– O que disse, Michael? – indagou John, cuja audição sempre fora excelente.

Michael produziu uma excelente falsificação de sorriso e ergueu o copo no ar.

– Só estou com sede – disse, mantendo a imagem perfeita de *bon vivant*.

Estavam na Casa Kilmartin, em Londres, e não em Kilmartin (nada de Casa, nada de Castelo, Kilmartin apenas), na Escócia, onde os meninos tinham passado a infância, ou na outra Casa Kilmartin, de Edimburgo. Era evidente que não havia uma única alma criativa entre seus antepassados, refletira Michael com frequência. Também existia a Cabana Kilmartin (se alguém achasse cabível chamar 22 cômodos de cabana), a Abadia Kilmartin e, é claro, o Palácio Kilmartin. Michael não tinha a menor ideia do motivo pelo qual ninguém pensara em dar o nome da família para uma das residências. "Casa Stirling" soava perfeitamente respeitável, na sua opinião. Supunha que os ambiciosos – e pouco originais – Stirlings de outrora, ficaram tão abobalhados com o condado recém-conferido que não conseguiram nem pensar em colocar qualquer outro nome em mais nada.

Resfolegou para dentro do uísque. Era surpreendente que ele próprio não tomasse chá Kilmartin ou se sentasse em cadeiras de estilo Kilmartin. Provavelmente faria isso se a avó tivesse encontrado uma forma de consegui-lo sem que a família precisasse entrar para o ramo do comércio. A velha, dona de uma disciplina rígida, fora tão orgulhosa, que era de pensar que tivesse nascido Stirling em vez de ter se tornado uma pelo casamento. Na opinião dela, a condessa de Kilmartin (ela própria) era tão importante quanto qualquer personagem de maior nobreza e, mais de uma vez, torceu o nariz ao ser conduzida para jantar depois de uma marquesa ou duquesa advindas de fortunas recentes.

Supunha que a avó tivesse se ajoelhado diante da rainha, mas não conseguia imaginá-la sendo deferente a qualquer outra mulher.

Teria aprovado Francesca Bridgerton. Vovó Stirling certamente teria torcido o nariz ao saber que o pai de Francesca não passava de um mero visconde, mas os Bridgertons eram uma família antiga, bastante popular e, quando assim desejava, poderosa. Além do mais, Francesca andava com a espinha ereta e seus modos irradiavam orgulho; tinha um senso de humor malicioso e subversivo. Se fosse cinquenta anos mais velha e não fosse tão atraente, teria sido uma excelente companheira para a vovó Stirling.

E, agora, Francesca era a condessa de Kilmartin, casada com seu primo John, que, embora fosse um ano mais novo do que ele, sempre fora tratado com a deferência reservada ao mais velho na família Stirling; afinal, era o

herdeiro. Seus pais haviam sido gêmeos, mas o de John chegara ao mundo sete minutos antes do de Michael.

Os sete minutos mais críticos da vida de Michael e ele não estivera vivo para testemunhá-los.

– O que devemos fazer para comemorar nosso segundo aniversário de casamento? – indagou Francesca, atravessando a sala para se sentar ao piano.

– O que quiser – respondeu John.

Francesca se virou para Michael, os olhos de um azul estonteante até mesmo à luz de velas. Ou talvez fosse apenas o fato de ele saber o quanto eram azuis. Parecia sonhar em azul hoje em dia. Azul-Francesca, era como devia ser chamada a cor.

– Michael? – indagou ela, o tom uma indicação de que a palavra estava sendo repetida.

– Eu sinto muito – disse ele, oferecendo-lhe o sorriso torto que, com frequência, colava no rosto. Ninguém o levava a sério quando sorria daquela forma, o que era, é claro, o objetivo. – Não estava prestando atenção.

– Tem alguma ideia? – perguntou ela.

– Para o quê?

– Para nosso aniversário de casamento.

Se ela tivesse uma flecha, não teria conseguido cravá-la com mais força em seu coração. Mas ele, simplesmente, deu de ombros, já que era, espantosamente bom em esconder as coisas.

– O aniversário de casamento não é meu – lembrou-lhe ele.

– Eu sei – disse ela. Ele não a estava olhando, mas ela soou como estivesse revirando os olhos.

Embora não estivesse. E Michael tinha certeza disso. Aprendera a conhecer Francesca dolorosamente bem nos últimos dois anos e sabia que ela não revirava os olhos. Quando se sentia sarcástica, irônica ou maliciosa, carregava tudo na voz e formava um peculiar bico com a boca. Não precisava revirar os olhos. Limitava-se a encará-lo com um olhar direto, os lábios se curvando de leve e…

Michael engoliu enquanto refletia sobre aquilo, então encobriu o gesto tomando um gole de bebida. Realmente, não ficava bem passar tanto tempo analisando a curva dos lábios da mulher do primo.

– Eu posso lhe garantir – continuou Francesca, roçando as pontas dos dedos, preguiçosamente, na superfície das teclas do piano sem, na verdade,

emitir som algum –, que sei com quem me casei.

– Tenho certeza que sim – murmurou ele.

– Como disse?

– Continue – pediu ele.

Ela franziu os lábios numa expressão contrariada. Ele já observara a expressão com alguma frequência, normalmente quando ela lidava com os irmãos.

– Estou pedindo a sua opinião, porque você está sempre tão alegre.

– Eu estou sempre tão alegre? – repetiu ele, sabendo que era assim que o mundo o enxergava (afinal, o chamavam de Devasso Alegre), mas odiando a palavra nos lábios dela, que o fez sentir-se frívolo, sem substância.

Então, sentiu-se ainda pior porque devia ser verdade.

– Você discorda? – indagou ela.

– É claro que não – murmurou ele. – É que eu, simplesmente, não estou acostumado a me pedirem conselhos com relação a comemorações de aniversários de casamento, pois é nítido que não tenho o menor talento para o casamento.

– Não acho isso nem um pouco nítido – contrapôs ela.

– Agora você se complicou – avisou John, com uma risadinha, acomodando-se outra vez em sua poltrona com uma cópia do *Times* daquela manhã.

– Você nunca experimentou o casamento – observou Francesca. – Como haveria de saber que não tem o menor talento para ele?

Michael conseguiu afetar um sorrisinho presunçoso:

– Acho que está bastante claro para qualquer um que me conhece. Além do mais, que necessidade tenho disso? Não tenho título, não possuo propriedades…

– Você possui propriedades, sim – interveio John, demonstrando ainda estar escutando mesmo por detrás do jornal.

– Apenas uma pequena propriedade – corrigiu Michael –, que ficarei mais do que satisfeito em deixar para seus filhos, uma vez que me foi dada por John, de qualquer forma.

Francesca olhou para o marido e Michael soube exatamente no que ela estava pensando. John lhe dera a propriedade por desejar que ele se sentisse dono de alguma coisa, que tivesse algum objetivo. Michael estivera um tanto perdido desde que dera baixa do exército vários anos atrás. E, muito embora John jamais o tivesse dito, Michael sabia que se sentia culpado por não ter

lutado pela Inglaterra no continente, por ter ficado em casa enquanto Michael enfrentava perigos sozinho.

Mas John herdara um condado. Tinha o dever de se casar e ter muitos filhos. Ninguém tivera a expectativa de que partisse para a guerra.

Com frequência, Michael se perguntara se a propriedade – uma adorável e confortável quinta com 8 hectares – era a penitência de John. E suspeitava que Francesca se perguntasse a mesma coisa.

Mas ela jamais o faria. Francesca compreendia os homens com surpreendente clareza, provavelmente por ter crescido com um número tão grande de irmãos. Sabia bem o que não perguntar a um homem.

O que sempre deixava Michael um pouco preocupado. Achava que escondia bem seus sentimentos, mas e se ela já *soubesse*? Jamais diria coisa alguma, é claro, nem mesmo faria alusão ao assunto. Na verdade, suspeitava que, por alguma ironia, fossem parecidos nesse quesito. Se Francesca suspeitasse de sua paixão por ela, *jamais* mudaria a forma de agir em nenhum aspecto.

– Acho que deveriam ir para Kilmartin – disse Martin, abruptamente.

– Para a Escócia? – perguntou Francesca, apertando o si bemol, suavemente, no piano. – Com a temporada tão próxima?

Michael se levantou, de repente sentindo-se ansioso por partir. Não deveria ter vindo mesmo.

– Por que não? – perguntou, usando um tom imprudente. – Você adora aquele lugar. John adora aquele lugar. Não é uma jornada tão longa assim numa boa carruagem.

– Você virá? – perguntou John.

– Não creio – disse Michael, um tanto bruscamente. Não gostaria de ser testemunha da comemoração do aniversário de casamento dos dois. Só serviria para lhe lembrar do que jamais poderia ter e da culpa que sentia. Certos lembretes são desnecessários quando se vivem com eles todos os dias.

Não cobiçarás a mulher do teu primo. Moisés devia ter se esquecido de anotar esse daí.

– Tenho coisas demais para fazer por aqui – explicou-se.

– Tem mesmo? – indagou Francesca, os olhos se iluminando com interesse. – O quê?

– Ora, você sabe – começou ele, em tom de ironia –, todas aquelas coisas que preciso fazer para me preparar para uma vida de libertinagem e divagação.

Francesca se levantou.

Oh, Deus. Ela se levantou e caminhava em sua direção. Aquela era a pior parte… quando ela o tocava.

– Eu gostaria que você não falasse dessa maneira – disse ela.

Michael olhou por cima de seu ombro para John, que ergueu o jornal apenas o suficiente para fingir que não estava escutando.

– Pretende, então, que eu me torne seu projeto? – perguntou Michael, indelicado.

Ela se retraiu.

– Nós nos preocupamos com você.

Nós. *Nós*. Não *eu*, não *John*. Um sutil lembrete de que eram uma unidade. John e Francesca. Lorde e Lady Kilmartin. Não fora sua intenção soar daquela forma, é claro, mas fora assim que ele a escutara.

– E eu com vocês – devolveu Michael, esperando que uma praga de gafanhotos invadisse a sala.

– Eu sei – disse ela, ignorando seu sofrimento por completo. – Eu jamais poderia ter pedido um primo melhor. Mas quero que você seja feliz.

Michael olhou para John com uma expressão que dizia claramente: *Salve-me*.

John desistiu de fingir que estava lendo e baixou o jornal.

– Francesca, meu anjo, Michael já é adulto. Encontrará a felicidade como e *quando* lhe convier.

Francesca franziu os lábios e Michael percebeu que ela estava irritada. Não gostava de ser contrariada e sem dúvida não gostava de admitir que talvez não pudesse arrumar seu mundo – e as pessoas que nele habitavam – de acordo com seu gosto.

– Eu devia apresentá-lo à minha irmã – disse.

Meu bom Deus.

– Eu conheço sua irmã – disse Michael, rapidamente. – Na verdade, todas suas irmãs. Até mesmo a que ainda está engatinhando.

– Ela não está… – Ela própria se deteve, rangendo os dentes. – Eu lhe garanto que Hyacinth não é apropriada, mas Eloise é…

– Eu não vou me casar com Eloise – avisou Michael, em tom áspero.

– Eu não disse que vai se casar com ela – devolveu Francesca. – É só dançar com ela uma ou duas vezes.

– Eu já fiz isso… e não quero nada além.

– Mas…

– Francesca – disse John. A voz saiu doce, mas o sentido era claro: *Pare*.

Michael poderia tê-lo beijado pela interferência. John, é claro, apenas acreditava estar salvando o primo da desnecessária amofinação feminina; não havia como ele saber a verdade: Michael tentava computar o nível de culpa que um ser humano poderia sentir se estivesse apaixonado pela esposa do primo *e* pela irmã dela.

Meu Deus, casado com Eloise Bridgerton. Estaria Francesca tentando *matá-lo*?

– Devíamos sair para uma caminhada – sugeriu Francesca, subitamente.

Michael olhou pela janela. Qualquer vestígio de dia já deixara o céu.

– Não está um pouco tarde para isso? – perguntou.

– Não com dois homens fortes como acompanhantes – disse ela. – Além do mais, as ruas de Mayfair são bem iluminadas. Estaremos em perfeita segurança. – Ela se virou para o marido: – O que acha, meu bem?

– Tenho um compromisso esta noite – disse John, consultando o relógio de bolso –, mas devia ir com Michael.

Mais uma prova de que John não tinha a menor ideia quanto aos sentimentos do primo.

– Vocês dois sempre se divertem tanto juntos – acrescentou John.

Francesca se virou para Michael e sorriu, ganhando mais um centímetro de seu coração.

– Você vem? – perguntou ela. – Estou desesperada por um pouco de ar puro agora que a chuva parou. E eu devo confessar que passei o dia todo me sentindo um pouco estranha.

– É claro – respondeu Michael, pois todos sabiam que ele não tinha compromisso algum. A sua era uma vida de libertinagem cuidadosamente cultivada.

Além disso, não conseguia resisti-la. Sabia que devia se manter longe e jamais se permitir estar a sós em sua companhia. Jamais agiria influenciado pelos seus desejos, mas que necessidade tinha de se sujeitar àquele tipo de agonia? Apenas terminaria o dia sozinho na cama, destroçado de culpa e desejo em doses quase iguais.

Mas quando ela sorria, ele não conseguia dizer não. E, certamente, não era forte o bastante para se negar uma hora em sua presença.

Pois a presença dela era a única coisa que jamais teria. Jamais haveria um beijo, um olhar ou um toque de maior significado. Jamais haveria palavras de amor sussurradas ou gemidos de paixão.

As únicas coisas que podia ter eram seu sorriso e sua companhia e, idiota patético que era, ele se dispunha a aceitá-los.

– Dê-me um momento, apenas – pediu ela, detendo-se no vão da porta. – Preciso pegar o casaco.

– Seja rápida – disse John. – Já passam das sete.

– Estarei segura o bastante com Michael para me proteger – disse ela, com um sorriso alegre. – Mas não se preocupe, serei rápida. – Em seguida, lançou um sorriso atrevido para o marido. – Eu sempre sou rápida.

Michael desviou os olhos e o primo chegou a ruborizar. Deus misericordioso, ele *de fato* não queria saber o significado por trás de "Serei rápida". Podia ser um bom número de coisas, todas elas deliciosamente sexuais. E era provável que ele passasse a hora seguinte a catalogá-las na mente, imaginando-as, todas, sendo feitas com ele.

Puxou a gravata. Talvez conseguisse se desvencilhar desse passeio com Francesca. Talvez pudesse ir para casa e tomar um banho gelado. Ou, melhor ainda, encontrar uma mulher bem-disposta com longos cabelos castanho-avermelhados. E, se estivesse com sorte, olhos azuis.

– Eu sinto muito com relação a isso – disse John, uma vez que Francesca se fora.

Os olhos de Michael saltaram para o rosto do primo. John, certamente, jamais mencionaria a insinuação de Francesca.

– Essa importunação de Francesca – acrescentou John. – Você é jovem. Não é preciso que já esteja casado.

– Você é mais jovem do que eu – retorquiu Michael, em grande parte para ser teimoso.

– Sim, mas conheci Francesca.

John encolheu os ombros num gesto de impotência, como se isso devesse ser explicação o bastante. E é claro que era.

– Não ligo para a importunação dela – declarou Michael.

– É claro que liga. Percebo em seus olhos.

E aí estava o problema. John, *de fato*, podia percebê-lo em seus olhos. Não havia ninguém no mundo que o conhecesse melhor. Se algo o estivesse incomodando, John sempre perceberia. O milagre era que John não se dava conta do *porquê* de Michael estar aflito.

– Vou dizer a ela que o deixe em paz, embora você precise saber que ela só o importuna por amá-lo.

Michael conseguiu forçar um sorriso. Certamente não era capaz de falar.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e *Eternidade por um fio*,
de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.


www.editoraarqueiro.com.br


facebook.com/editora.arqueiro


twitter.com/editoraarqueiro


instagram.com/editoraarqueiro


skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 8 milhões de exemplares vendidos, sendo 3,5 milhões da série *Os Bridgertons*.
O visconde que me amava, segundo título da coleção, foi finalista do prêmio RITA.

É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus romances já entraram na lista de mais vendidos do *The New York Times* e foram traduzidos para 26 idiomas.

Julia foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

SUMÁRIO

Créditos

Prólogo

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

Epílogo

Conheça o próximo livro da série

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro

Sobre a autora